

# NEOCOLONIALISMO — Último Estágio do Imperialismo

é uma autêntica radiografia da África e também corajosa denúncia dos males que afligem o Continente Negro e impedem o seu pleno desenvolvimento.

Seu autor,

**KWAME N'KRUMAH,**

Presidente deposto de Gana, fundamentado em farta e irretorquível documentação — e nomeando expressamente os trustes, seus representantes e ramificações — mostra ao mundo como funciona a máquina neocolonialista e de que maneira vencê-la.



# Kwame N'Krumah NEOCOLONIALISMO Último Estágio do Imperialismo



## Denúncia do Neocolonialismo

Em fevereiro de 1966, quando Kwame N'krumah se achava em visita à China, êle foi deposto da presidência de Gana, através de um golpe de Estado ocorrido em Acra e articulado ao longo de cinco anos por alguns chefes militares e por alguns funcionários graduados da polícia ganense.

A esposa de N'krumah foi obrigada a refugiar-se, com seus dois filhos, na embaixada da República Árabe Unida, onde se asilou. O próprio N'krumah, proibido de regressar ao seu país, foi para a Guiné, onde o Presidente Sekou Touré lhe deu todo o apoio. Em Acra, falando pelo rádio em nome dos sublevados vitoriosos, o coronel E. Kotoka anunciou a dissolução do Parlamento e a suspensão das garantias constitucionais.

Foram três as principais razões apresentadas ao povo ganense para o golpe de Estado: 1) N'krumah era um ditador; 2) era um corrupto; 3) fomentava a subversão na África. A primeira acusação fica bastante prejudicada em virtude de ser formulada por militares que acabavam de implantar um regime francamente ditatorial em Gana. Quanto às acusações de corrupção e de subversão, sabemos hoje muito bem que elas servem freqüentemente a interesses antiprogressistas, às forças da alienação, que exploram o moralismo ingênuo e os anseios de ordem de certos setores minoritários porém influentes das populações dos países subdesenvolvidos.

## NEOCOLONIALISMO — ÚLTIMO ESTÁGIO DO IMPERIALISMO

ÊSTE LIVRO  
É DEDICADO AOS  
LUTADORES PELA LIBERDADE DA ÁFRICA,  
VIVOS E MORTOS

*Titulo do original em inglês.*  
NEO-COLONIALISM  
THE LAST STAGE OF IMPERIALISM

Editado por Thomas Nelson and Sons Ltd.  
*Copyright* de Kwame N'krumah 1965

Desenho de capa:  
MARIUS LAURITZEN BERN

Direitos para a língua portuguesa adquiridos pela  
EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.  
Rua 7 de Setembro, 97  
RIO DE JANEIRO  
que se reserva a propriedade desta tradução

1967

Impresso nos Estados Unidos do Brasil  
*Printed in the United States of Brazil*

*“As enormes dimensões do capital financeiro concentrado na mão de uns poucos e criando uma rede extremamente extensa de laços íntimos e relações que envolve não apenas os capitalistas pequenos e médios como também mesmo os muito pequenos; isso, por um lado, e pelo outro a luta penosa contra grupos de financistas de outros Estados nacionais pela partilha do mundo e o direito de dominar outras nações — esses dois fatores, tomados em conjunto, causam a conversão completa de tôdas as classes possuidoras para o lado do imperialismo. O sinal dos tempos é um entusiasmo “geral” quanto às suas perspectivas, uma defesa apaixonada do imperialismo, e de tôda a camuflagem possível de sua natureza real”. — Lênin, Imperialismo.*



## ÍNDICE

### INTRODUÇÃO XIII

1. *Recursos da África* 1
2. *Obstáculos ao Progresso Econômico* 17
3. *Finança Imperialista* 43
4. *Capitalismo Monopolista e o Dólar Norte-Americano* 61
5. *A Verdade por Trás das Manchetes* 81
6. *Recursos Primários e Interesses Estrangeiros* 99
7. *O Império Oppenheimer* 129
8. *Investimento Estrangeiro na Mineração Sul-Africana* 141
9. *Anglo American Corporation Limited* 149
10. *Os Grupos do Diamante*
11. *Interesses Mineradores na África Central* 179
12. *Companhias e Combinados* 189
13. *Os Gigantes do Estanho, Alumínio e Níquel* 209
14. *Union Minière du Haut Katanga* 229
15. *Pressões Econômicas na República do Congo* 247
16. *Zonas Monetárias e Bancos Estrangeiros* 257
17. *Novas Indústrias: Os Efeitos sobre Nações Produtoras de Materiais Primários* 267
18. *O Mecanismo do Neocolonialismo* 281

CONCLUSÃO 301

BIBLIOGRAFIA 307

## Introdução

O NEOCOLONIALISMO de hoje representa o imperialismo no seu estágio final e talvez o mais perigoso. No passado, era possível converter uma nação à qual tivesse sido imposto um regime neocolonial — o Egito do século XIX é um exemplo — em um território colonial. Hoje, êsse processo não é mais viável. O colonialismo de velho estilo não está, de modo algum, abolido. Constitui ainda um problema africano, mas está em retirada, por tôda parte. Uma vez um território se tornando nominalmente independente, não é mais possível, como no século passado, inverter o processo. As colônias existentes podem continuar por mais tempo, mas não serão criadas novas colônias. Em lugar do colonialismo, como principal instrumento do capitalismo, temos hoje o neocolonialismo.

A essência do neocolonialismo é de que o Estado que a êle está sujeito é, teòricamente, independente e tem todos os adornos exteriores da soberania internacional. Na realidade, seu sistema econômico e portanto seu sistema político é dirigido do exterior.

Os métodos e a forma de direção podem tomar vários aspectos: Por exemplo, num caso extremo as tropas de uma potência imperialista podem guarnecer o território de um Estado neocolonial e controlar o seu



Governo. Mais comumente, no entanto, o controle neocolonialista é exercido através de meios econômicos ou monetários. O Estado neocolonial pode ser obrigado a aceitar os produtos manufaturados da potência imperialista, com a exclusão dos produtos competidores de outra origem. O controle sobre a política governamental do Estado neocolonial pode ser assegurado através de pagamentos para fazer frente ao custo da administração do Estado, pelo fornecimento de funcionários administrativos, em posições que lhes permitam ditar a orientação, e por controle monetário do câmbio exterior através da imposição de um sistema bancário controlado pela potência imperialista.

Onde o neocolonialismo existe, a potência que exerce o controle é frequentemente o Estado que governou anteriormente o território em questão, mas isso não acontece necessariamente. Por exemplo, no caso do Vietnã do Sul, essa antiga potência imperial era a França, mas o controle neocolonial do Estado passou agora aos Estados Unidos. É possível que o controle neocolonial seja exercido por um consórcio de interesses financeiros que não são especificamente identificáveis com qualquer Estado particular. O controle do Congo por grandes interesses financeiros internacionais é um caso desse tipo.

O resultado do neocolonialismo é que o capital estrangeiro é utilizado para a exploração, em lugar de ser para o desenvolvimento das partes menos desenvolvidas do mundo. O investimento, sob o neocolonialismo, aumenta, em lugar de diminuir, a brecha entre as nações ricas e pobres do mundo.

A luta contra o neocolonialismo não tem por objetivo a exclusão do capital do mundo desenvolvido das operações em nações menos desenvolvidas. Tem por objetivo impedir que a força financeira das nações desenvolvidas seja utilizada de tal maneira a empobrecer os menos desenvolvidos.

O não-alinhamento, como é praticado por Gana e muitas outras nações, é baseado na cooperação com todos os Estados, quer sejam eles capitalistas, socialistas ou tenham uma economia mista. Tal orientação, por-

tanto, envolve o investimento externo de nações capitalistas, mas este deve ser investido de acordo com um plano nacional organizado pelo Governo do Estado não-alinhado, com seus próprios interesses em mira. A questão não é qual o retorno que o investidor estrangeiro obtém sobre os seus investimentos. Ele pode, de fato, alcançar melhores resultados se investir num país não-alinhado do que num país neocolonial. A questão é de poder. Um Estado nas garras do neocolonialismo não é senhor do próprio destino. É esse fator que torna o neocolonialismo uma ameaça tão séria à paz mundial. O crescimento das armas nucleares tornou ultrapassada a antiquada balança de forças, que se apoiava em uma guerra em grande escala, como sanção maior. A certeza de destruição maciça mútua impede efetivamente qualquer dos grandes blocos de potências de ameaçar o outro com a possibilidade de uma guerra de âmbito mundial e o conflito militar ficou assim confinado a "guerras limitadas". Para essas, o neocolonialismo é o caldo de cultura.

Essas guerras podem, naturalmente, ocorrer em nações que não são controladas por neocolonialistas. Seu objetivo pode mesmo ser o de criar em uma nação pequena mas independente um regime neocolonialista. O mal do neocolonialismo é que ele impede a formação dessas grandes unidades que tornariam impossível a "guerra limitada". Para dar um exemplo: se a África se unisse, nenhum bloco de grandes potências iria tentar subjugar-la através de uma guerra limitada, porque pela própria natureza da guerra limitada o que pode ser conseguido através dela é, em si, limitado. É apenas onde existem pequenos Estados que se torna possível, desembarcando alguns milhares de fuzileiros ou financiando uma força mercenária, assegurar um resultado decisivo.

A restrição à ação militar nas "guerras limitadas", no entanto, não é uma garantia da paz mundial e será provavelmente o fator que finalmente envolverá os grandes blocos de potências em uma guerra mundial, por mais que estejam ambos decididos a evitá-la.



A guerra limitada, uma vez iniciada, adquire um impulso próprio. A guerra do Vietnã do Sul é apenas um dos exemplos disso. A escalada ocorre apesar do desejo dos grandes blocos de potências de mantê-la limitada. Embora essa determinada guerra possa ser impedida de conduzir a um conflito mundial, a multiplicação de guerras limitadas semelhantes só pode ter um final: a guerra mundial e as terríveis conseqüências de conflito nuclear.

O neocolonialismo é também a pior forma de imperialismo. Para aqueles que o exercem, significa o poder sem a responsabilidade e para aqueles que o sofrem, significa a exploração sem alívio. Nos dias do antigo colonialismo, a potência imperial tinha pelo menos que explicar e justificar, internamente, as ações que realizava no exterior. Na colônia, aqueles que serviam à potência imperial dominante podiam pelo menos esperar a sua proteção contra qualquer ação violenta dos seus opositores. Com o neocolonialismo, nenhum dos dois casos acontece.

Acima de tudo, o neocolonialismo, como antes dele o colonialismo, adia o embate de questões sociais que terão de ser enfrentadas pelo setor plenamente desenvolvido do mundo, para que o perigo de guerra mundial possa ser eliminado ou o problema da pobreza mundial resolvido.

O neocolonialismo, como o colonialismo, é uma tentativa de exportar os conflitos sociais das nações capitalistas. O êxito temporário dessa política pode ser visto na brecha cada vez mais larga entre as nações mais ricas e mais pobres do mundo. Mas as contradições e conflitos internos do neocolonialismo trazem a certeza de que ele não pode perdurar como uma política mundial permanente. Como deve ser eliminado, é um problema que deveria ser estudado, acima de tudo, pelas nações desenvolvidas do mundo, porque são elas que vão sentir o impacto total do seu fracasso final. Quanto mais perdurar, mais certo é que o seu inevitável colapso destruirá o sistema social do qual o transformaram em fundamento.

A razão do seu desenvolvimento no período de pós-guerra pode ser rapidamente resumida. O problema que enfrentavam as nações ricas do mundo ao fim da Segunda Guerra Mundial era a impossibilidade de retornar à situação anterior à guerra, na qual havia uma grande distância entre os poucos ricos e os muitos pobres. Não importa que partido, particularmente, estivesse no Poder, as pressões internas nas nações ricas do mundo eram tais que nenhuma nação capitalista do pós-guerra poderia sobreviver a não ser que se tornasse um *Welfare State*, uma nação de prosperidade geral. Podia haver diferenças de grau na extensão dos benefícios sociais concedidos aos trabalhadores industriais e agrícolas, mas o que era impossível em toda parte era um retorno ao desemprego em massa e ao baixo nível de vida dos anos anteriores à guerra.

Do final do século XIX em diante, as colônias haviam sido consideradas como uma fonte de riqueza que podia ser usada para mitigar conflitos de classe nos Estados capitalistas e, como será explicado adiante, essa política obteve algum êxito. Mas falhou em seu objetivo final, porque os Estados capitalistas de antes da guerra estavam internamente organizados de tal maneira que o grosso do lucro obtido das possessões coloniais ia parar nos bolsos da classe capitalista, e não nos dos operários. Longe de atingir o objetivo, os partidos da classe operária, às vezes, tendiam a identificar seus interesses com os dos povos coloniais e as potências imperialistas viram-se engajadas num conflito em duas frentes, internamente com seus próprios trabalhadores e no exterior contra as forças crescentes de libertação colonial.

O período do pós-guerra inaugurou uma política colonial muito diferente. Foi feita uma deliberada tentativa de desviar os rendimentos coloniais da classe rica e em lugar disso usá-los para financiar de uma maneira geral o *Welfare State*. Como se verá nos exemplos dados adiante, foi êsse o método conscientemente adotado mesmo por aqueles líderes da classe trabalhadora que antes da guerra haviam considerado os povos colo-



niais como seus aliados naturais contra os inimigos capitalistas em seu país.

A princípio, presumiu-se que êsse objetivo poderia ser alcançado mantendo o sistema colonial anterior à guerra. A experiência logo demonstrou que as tentativas de fazer isso seriam desastrosas e somente provocariam guerras coloniais, dissipando assim os ganhos esperados pela continuação do regime colonial. A Grã-Bretanha, particularmente, compreendeu isso num estágio inicial e a justeza do raciocínio britânico de então foi subsequente demonstrada pela derrota do colonialismo francês no Extremo Oriente e na Argélia e pelo fracasso dos holandeses em reter qualquer parte do seu antigo império colonial.

O sistema do neocolonialismo foi assim instituído e a curto prazo serviu admiravelmente às nações desenvolvidas. A longo prazo, suas conseqüências lhes serão provavelmente catastróficas.

O neocolonialismo está baseado no princípio de dispersar grandes territórios coloniais, anteriormente unidos, em numerosos pequenos Estados inviáveis, que são incapazes de desenvolvimento independente e precisam depender da antiga potência imperial para a defesa e mesmo para a segurança interna. Seus sistemas econômico e financeiro são ligados, como nos dias coloniais, aos do antigo dominador colonial.

A primeira vista, pareceria que o sistema traz muitas vantagens para as nações desenvolvidas do mundo. Todos os lucros do neocolonialismo podem ser garantidos se, em qualquer área determinada, uma razoável proporção dos Estados tiver um sistema neocolonialista. Não é necessário que *todos* o tenham. A não ser que os Estados pequenos possam se combinar, são necessariamente forçados a vender suas matérias-primas a preços ditados pelas nações desenvolvidas e a comprar-lhes seus produtos manufaturados ao preço por elas fixado. Enquanto o neocolonialismo puder evitar as condições políticas e econômicas para o desenvolvimento ótimo, as nações em desenvolvimento, quer estejam ou não sob o controle neocolonialista, serão incapazes de criar

um mercado suficientemente amplo para sustentar a industrialização. Do mesmo modo, lhes faltará a força financeira para forçar as nações desenvolvidas a aceitarem suas matérias-primas a um preço justo.

Nos territórios neocolonialistas, uma vez que a antiga potência colonial teoricamente cedeu o controle político, se as condições sociais provocadas pelo neocolonialismo causarem uma revolta, o governo neocolonialista local pode ser sacrificado e outro, igualmente subserviente, pôsto em seu lugar. Por outro lado, em qualquer continente onde o neocolonialismo existe em escala ampla, as mesmas pressões sociais que podem produzir revoltas em territórios neocoloniais afetarão também os Estados que se recusaram a aceitar o sistema e conseqüentemente as nações neocolonialistas têm uma arma já preparada com que podem ameaçar os oponentes, se parecerem estar desafiando o sistema com êxito.

Essas vantagens, que à primeira vista parecem tão óbvias, são no entanto, ao serem analisadas, ilusórias, porque deixam de levar em conta os fatos do mundo de hoje.

A introdução do neocolonialismo aumenta a rivalidade entre as grandes potências que foi provocada pelo colonialismo do velho estilo. Por menor que seja o poder real que um Estado neocolonialista possa ter, deve possuir, pelo próprio fato de sua independência nominal, uma certa área de manobra. Pode não ser capaz de existir sem um senhor colonialista, mas pode, mesmo assim, ter a capacidade de trocar de senhor.

O Estado neocolonialista ideal seria o que fôsse inteiramente subserviente aos interesses neocolonialistas, mas a existência das nações socialistas torna impossível aplicar o rigor total do sistema neocolonialista. A existência de um sistema alternativo é, em si, um desafio ao regime neocolonialista. As advertências a respeito dos "perigos da subversão comunista" são provavelmente uma faca de dois gumes, porque chamam a atenção dos que vivem sob um sistema neocolonialista para a possibilidade de uma mudança de regime. De fato,



o neocolonialismo é a vítima de suas próprias contradições. Para torná-lo atraente às vistas daqueles sobre os quais é praticado, precisa ser apresentado como capaz de elevar os seus níveis de vida, mas o objetivo econômico do neocolonialismo é manter esses níveis reprimidos, no interesse das nações desenvolvidas. É somente quando essa contradição é entendida que o fracasso de inúmeros programas de "ajuda", muitos deles bem intencionados, pode ser explicado.

Em primeiro lugar, os governantes dos Estados neocolonialistas recebem sua autoridade para governar, não da vontade do povo, mas do apoio que obtêm dos seus senhores neocolonialistas. Têm, portanto, pouco interesse em desenvolver a educação, aumentar o poder de negociação de seus trabalhadores empregados em firmas estrangeiras, ou, na verdade, em tomar qualquer medida que possa contrariar a trama colonial de comércio e indústria, cuja preservação é o objetivo do neocolonialismo. "Ajuda", portanto, para um Estado neocolonialista, é meramente um crédito rotativo, pago pelo senhor neocolonial, passando pelo Estado neocolonial e retornando ao senhor neocolonial sob a forma de lucros aumentados.

Em segundo lugar, é no campo da "ajuda" que a rivalidade entre os Estados desenvolvidos individuais primeiro se manifesta. Enquanto existir o neocolonialismo, persistirão as esferas de influência e isso torna a ajuda multilateral — que é na realidade a única forma eficiente de ajuda — impossível.

Uma vez iniciada a ajuda multilateral, os senhores neocolonialistas vêem-se enfrentados pela hostilidade dos interesses investidos, em sua própria terra. Seus industriais naturalmente fazem objeção a qualquer tentativa de elevar o preço das matérias-primas que obtêm do território neocolonialista em questão, ou ao estabelecimento, ali, de quaisquer indústrias manufatureiras que possam competir direta ou indiretamente com suas exportações para o território. Mesmo a educação é vista com suspeita, como passível de produzir um movimento estudantil e é, naturalmente, verdade que em muitas

nações menos desenvolvidas os estudantes têm sido a vanguarda da luta contra o neocolonialismo.

No final, acaba acontecendo que o único tipo de ajuda que os senhores neocolonialistas consideram seguro é a "ajuda militar".

Quando um território neocolonialista é levado a tal estado de caos econômico e miséria que a revolta chega a se desencadear, então, e somente então, não há limite para a generosidade do dominador neocolonial, desde que, evidentemente, os fundos fornecidos sejam utilizados exclusivamente para fins militares.

A ajuda militar na realidade marca o último estágio do neocolonialismo e seu efeito é autodestruidor. Mais cedo ou mais tarde, as armas fornecidas passam às mãos dos oponentes do regime neocolonialista e a própria guerra agrava a miséria social que a provocou originalmente.

O neocolonialismo é uma pedra amarrada ao pescoço das nações desenvolvidas que o praticam. A menos que possam livrar-se dele, serão afogadas. Anteriormente, as potências desenvolvidas podiam fugir às contradições do neocolonialismo, substituindo-o pelo colonialismo direto. Tal solução não é mais possível e os motivos disso já foram bem explicados por Mr. Owen Lattimore, o perito dos Estados Unidos no Extremo Oriente e conselheiro de Chiang Kai-shek no período imediatamente posterior à guerra. Lattimore escreveu:

"A Ásia, que foi tão fácil e rapidamente subjugada por conquistadores nos séculos XVIII e XIX, demonstra uma impressionante capacidade para resistir aos exércitos modernos, equipados com aeroplanos, tanques, veículos motorizados e artilharia móvel.

Antigamente, grandes territórios eram conquistados, na Índia, com pequenos contingentes. Os rendimentos, inicialmente pelo saque, depois por impostos diretos e finalmente através do comércio, inversão de capitais e exploração a longo prazo, cobriam com incrível rapidez os gastos com operações militares. Essa aritmética representava uma grande tentação para as nações fortes. Agora têm pela frente uma nova aritmética, que os desencoraja".



Essa mesma aritmética, provavelmente, se aplica por todo o mundo menos desenvolvido.

Este livro é, portanto, uma tentativa de examinar o neocolonialismo, não apenas dentro do contexto africano e suas relações com a unidade africana, mas em perspectiva mundial. O neocolonialismo não é, de modo algum, uma questão exclusivamente africana. Muito antes de ser praticado em larga escala na África, era um sistema estabelecido em outras partes do mundo. Em nenhum lugar obteve êxito quer em elevar os níveis de vida, quer, em última análise, em trazer benefício aos países que a ele se entregaram.

Marx predisse que a crescente distância entre a riqueza das classes possuidoras e os trabalhadores que elas empregam acarretaria finalmente um conflito fatal ao capitalismo, em cada Estado capitalista isolado.

Esse conflito entre os ricos e os pobres foi agora transferido para o cenário internacional, mas para provar o que se reconhece estar acontecendo não é mais necessário consultar os autores marxistas. A situação é exposta com a máxima clareza nos principais órgãos da opinião capitalista. Tomemos, por exemplo, os seguintes trechos do *The Wall Street Journal*, o jornal que talvez reflita melhor o pensamento capitalista norte-americano.

No número de 12 de maio de 1965, sob o cabeçalho "A Situação das Nações Pobres", o jornal analisa, em primeiro lugar, "que nações são consideradas industriais e quais as atrasadas". Não há, explica, "um método rígido de classificação". Apesar disso, afirma:

"Um critério de separação geralmente usado, no entanto, foi recentemente mantido pelo Fundo Monetário Internacional porque, nas palavras de um funcionário do FMI, "a demarcação econômica no mundo está se tornando cada vez mais evidente". A separação, diz o funcionário, "está baseada no simples bom senso".

"Do ponto de vista do FMI, as nações industriais são os Estados Unidos, o Reino Unido, a maioria das nações da Europa Ocidental, Canadá e Japão. Uma categoria especial denominada 'outras áreas desenvolvi-

das' inclui outros países europeus, tais como Finlândia, Grécia e Irlanda, e ainda a Austrália, Nova Zelândia e África do Sul. A categoria dos "menos desenvolvidos", para o FMI, inclui toda a América Latina e praticamente todo o Oriente Médio, Ásia não comunista e África.

Em outras palavras, as nações "atrasadas" são as situadas nas áreas neocoloniais.

Depois de citar números em apoio aos seus argumentos, o *Wall Street Journal* comenta a situação:

"As nações industriais acrescentaram quase dois bilhões às suas reservas, que agora se aproximam dos 52 bilhões (de dólares). Ao mesmo tempo, as reservas do grupo menos desenvolvido não somente pararam de crescer como declinaram em cerca de 200 milhões. Para analistas como Miss Ward, britânica, o significado dessas estatísticas é claro: a disparidade econômica está rapidamente aumentando, entre uma elite muito pequena do Atlântico Norte, branca, condescendente, altamente burguesa, muito rica, e todos os demais, e isso não é uma herança muito confortável para deixar aos nossos filhos".

"Todos os demais" inclui aproximadamente dois terços da população da terra, espalhados por cerca de cem países".

Esse problema não é novo. No parágrafo inicial do seu livro *A Guerra Contra a Pobreza Mundial*, escrito em 1953, o atual líder trabalhista, Harold Wilson, resumiu o mais importante problema do mundo como então o via:

"Para a grande maioria da humanidade o problema de maior urgência não é a guerra, ou o comunismo, ou o custo de vida, ou os impostos. É a fome. Mais de um bilhão e meio de pessoas, algo como dois terços da população mundial, vivem em condições de fome aguda, definida em termos de doença nutricional identificada. Essa fome é ao mesmo tempo o efeito e a causa da pobreza, sordidez e miséria em que vivem".

Suas conseqüências são da mesma maneira compreendidas. O correspondente do *The Wall Street Journal*, anteriormente citado, ressalta-as:



“... muitos diplomatas e economistas encaram as implicações como preponderantemente — e perigosamente — políticas. A menos que o atual declínio possa ser invertido, temem êsses analistas, os Estados Unidos e outras potências ricas industriais do Ocidente têm pela frente a possibilidade óbvia, nas palavras da economista britânica Bárbara Ward, de uma espécie de guerra internacional de classes”.

O que está faltando são propostas positivas para enfrentar a situação. Tudo o que o correspondente do *The Wall Street Journal* pode fazer é frisar que os métodos tradicionais recomendados para curar os males provavelmente só serviriam para agravar a situação.

Já foi dito que as nações desenvolvidas deveriam assistir efetivamente as partes mais pobres do mundo e que o mundo inteiro devia ser transformado em um *Welfare State*. Parece haver muito poucas perspectivas, no entanto, de que qualquer coisa dessa espécie possa ser alcançada. Os chamados programas de “ajuda” para auxiliar as economias atrasadas representam, segundo uma estimativa aproximada das Nações Unidas, apenas meio por cento da renda total das nações industriais. Mas, quanto à perspectiva de incrementar essa ajuda, a disposição é pessimista:

“Uma ampla corrente de pensamento afirma que os esquemas de repartir a riqueza são idealistas e pouco práticos. Essa corrente argumenta que o clima, a habilidade humana não desenvolvida, a falta de recursos naturais e outros fatores — não apenas a falta de dinheiro — retardam o progresso econômico em muitos desses países, e que as nações não têm pessoal com o treinamento ou determinação para usar efetivamente uma ajuda grandemente expandida. Os esquemas de repartir a riqueza, segundo êsse ponto de vista, equivaleriam a verter dinheiro num poço sem fundo, enfraquecendo as nações doadoras sem curar efetivamente os males das receptoras”.

O absurdo dêsse argumento é demonstrado pelo fato de que cada uma das razões citadas para provar por que as partes menos desenvolvidas do mundo não

podem ser desenvolvidas, aplicava-se com a mesma exatidão às atuais nações desenvolvidas, no período anterior ao seu desenvolvimento. O argumento só é válido nesse sentido: o mundo menos desenvolvido não se tornará desenvolvido através da boa vontade ou generosidade das potências desenvolvidas. Só pode se desenvolver através de uma luta contra as forças externas que têm interesse investido em conservá-lo subdesenvolvido.

Dessas forças, o neocolonialismo é, neste estágio da história, o principal.

Pretendo analisar o neocolonialismo, primeiro, examinando o estado do continente africano e demonstrando como o neocolonialismo, no momento, o mantém artificialmente pobre. Em seguida, pretendo demonstrar como na prática a Unidade Africana, que só pode, em si, ser criada pela derrota do neocolonialismo, poderia elevar imensamente os níveis de vida africanos. Partindo dêsse início, pretendo examinar o neocolonialismo em geral, primeiro historicamente e depois através de uma consideração dos grandes monopólios internacionais, cujo contínuo estrangulamento dos setores neocoloniais do mundo asseguram a continuação do sistema.



## 1. Recursos da África

A ÁFRICA é um paradoxo que ilustra e coloca em evidência o colonialismo. Sua terra é rica e no entanto os produtos que vêm do seu solo e do seu subsolo continuam a enriquecer, não predominantemente os africanos, mas grupos e indivíduos que trabalham para o empobrecimento da África. Com uma população estimada em cerca de 280 milhões, perto de oito por cento da população mundial, a África responde por dois por cento, apenas, da produção total do mundo. No entanto, mesmo os atuais levantamentos, muito inadequados, dos recursos naturais da África, mostram que o continente tem uma riqueza imensa e não explorada. Sabemos que as reservas de ferro são consideradas como o duplo das da América, e dois terços das da União Soviética, na base de uma estimativa de dois bilhões de toneladas métricas. As reservas calculadas de carvão são consideradas suficientes para durar 300 anos. Novos campos petrolíferos estão sendo descobertos e postos em produção por todo o continente. E no entanto a produção de minérios e minerais primários, embora aparentemente considerável, apenas tocou de leve no existente.

A África possui mais de 40 por cento do potencial de energia elétrica mundial, uma porção maior do que a de qualquer outro continente. No entanto, menos de



cinco por cento dêsse volume foram utilizados. Mesmo levando em conta as vastas áreas desertas do Saara, há ainda mais terreno arável e de pastagens do que existe seja nos Estados Unidos seja na União Soviética. Há mesmo mais do que na Ásia. Nossas áreas de florestas são duas vezes maiores do que as dos Estados Unidos.

Se os múltiplos recursos da África fossem usados em seu próprio desenvolvimento, poderiam colocá-la entre os continentes modernizados do mundo. Mas seus recursos têm sido e ainda estão sendo usados para o maior desenvolvimento de interesses do ultramar. A África forneceu à Grã-Bretanha em 1957 as seguintes proporções de matérias-primas utilizadas em suas indústrias:

minério de estanho e concentrados	19%
minério de ferro	29%
manganês	80%
cobre	46%
bauxita	47%
minério de cromo	50%
amianto	66%
cobalto	82%
antimônio	91%

A importação francesa de produtos africanos inclui:

algodão	32%
minério de ferro	36%
minério de zinco	51%
chumbo	85%
fosfatos	100%

A Alemanha, a África forneceu:

artigos de cobre importados	8%
minério de ferro	10%
minério de chumbo	12%
minério de manganês	20%
minério de cromo	22%
fosforitos	71%

No entanto, em nenhuma das novas nações africanas há uma só indústria baseada em qualquer um desses recursos.

Embora possuindo 53 dos mais importantes minerais e metais industriais básicos do mundo, o continente africano fica muito atrás dos outros em desenvolvimento industrial. Aferidos pelo volume de produção de matérias-primas em relação à atividade econômica total, em comparação com a nação de produção mais avançada, os Estados Unidos, os fatos podem ser apreciados de um relance.

Nação	Ano	Agricultura Florestas Pesca	Mineração	Indústria e Manufatura	Construção	Transporte e Comunicações	Comércio	Administração Pública e Defesa	Outros
Argélia	1958	21	3	11	6	6	19	22	12
Congo (L.)	1958	26	16	12	6	9	7	14	16
Quênia	1958	42	1	10	4	9	13	10	11
Marrocos	1958	34	6	18	4	+	15	10	13
Nigéria	1956	63	1	2	11	1	4	6	3
Rodésia e e Niasalândia	1958	20	14	11	8	9	10	4	24
Tanganica	1958	59	4	7	6	7	5	7	5
África do Sul	1958	12	13	2	5	8	12	10	20
E.U.A.	1959	4	1	30	5	8	17	13	22

Do United Nations Statistical Yearbook, 1960 (percentagens).



Note-se que nos Estados Unidos a agricultura, a silvicultura e a pesca representam meramente quatro por cento da atividade total nacional e a mineração a insignificância de um por cento. Por outro lado, indústria, manufatura e comércio representam 47 por cento. Nas nações africanas incluídas no quadro, que são, à exceção da Nigéria, as de maiores comunidades de colonos e portanto as mais exploradas, a agricultura é predominante. A indústria, a manufatura e o comércio ficam muito para trás. Mesmo no caso da África do Sul, o mais altamente industrializado setor do continente africano, a contribuição da agricultura (12 por cento) e da mineração (13 por cento) são iguais às da indústria, manufatura e construção somadas.

No entanto, de um modo geral, a mineração demonstrou ser um risco muito lucrativo para o investimento de capital estrangeiro na África. Seus benefícios para os africanos de modo algum foram na mesma escala. A produção das minas, em diversas nações africanas tem um valor de menos de dois dólares por cabeça da população. Como diz *Europe (France) Outremer*, "é bem certo que a produção mineira de um ou dois dólares por habitante não pode afetar apreciavelmente o nível de vida de uma nação". Afirmando corretamente que "nas zonas de exploração a indústria de mineração introduziu um nível de vida mais alto", o jornal é forçado à conclusão de que as explorações mineiras são, no entanto, ilhas relativamente privilegiadas em uma economia total muito pobre.

O motivo disso se vê na ausência de indústria e manufatura, devido ao fato de que a produção mineira é destinada fundamentalmente à exportação, principalmente em forma primária. Vai alimentar as indústrias e fábricas da Europa e da América, empobrecendo as nações de origem.

*Europe (France) Outremer* nota, também, que cerca de 50 por cento da produção das minas da África permanecem no país de origem, sob a forma de salários. Mesmo o relance mais superficial aos balanços anuais das companhias mineradoras refuta essa afirma-

ção. O excesso de ganhos sobre a despesa, em muitos casos, prova conclusivamente, pelo seu volume, que os salários recebidos pela mão-de-obra não constituem, de modo algum, uma proporção tão exagerada quanto 50 por cento do valor produzido. As somas consideráveis pagas, em altos salários, ao pessoal europeu nas categorias especializada e administrativa, parte das quais é devolvida aos seus próprios países, deve em muitos casos equivaler ao total recebido pela mão-de-obra africana, para não falar das grandes somas que avolumam os rendimentos anuais dos diretores ricos, residentes nas cidades metropolitanas do Oeste.

Essa suposição ignora também outro importante fato, qual seja o de que os salários dos trabalhadores braçais, embora baixos, são parcialmente gastos em produtos manufaturados no estrangeiro e importados, retirando das nações produtoras de matérias-primas uma boa parte dos salários dos trabalhadores. Em muitos casos, os bens importados são produtos das companhias associadas aos grupos mineradores. Frequentemente são vendidos nos próprios armazéns das companhias, nos centros mineradores, ou pelos seus agentes, e os trabalhadores têm que pagar o preço fixado pelas companhias.

A pobreza do povo da África é demonstrada pelo simples fato de que sua renda *per capita* está entre as mais baixas do mundo. (V. Quadro à pág. 6.)

Em alguns países, Gabão e Zâmbia, por exemplo, até a metade do produto doméstico é paga a expatriados residentes e firmas do além-mar que possuem as plantações e as minas. Na Guiné de São, Angola, Líbia, Suazilândia, África Sul-Occidental e Zimbábue (Rodésia), os lucros das firmas estrangeiras e os rendimentos de colonos ou expatriados excedem de um terço do produto doméstico. A Argélia, Congo e Quênia estavam nesse grupo antes da independência.

Ao alcançar a independência, praticamente todas as novas nações africanas desenvolveram planos para a industrialização e crescimento econômico, a fim de aumentar a capacidade de produção e conseqüente-



mente elevar o nível de vida dos seus povos. Mas enquanto a África continuar dividida, o progresso terá que ser penosamente lento. O desenvolvimento econômico depende não apenas da existência de recursos naturais e do tamanho e população de um país, mas do tamanho econômico, que leva em conta tanto a população como a renda *per capita*. Em muitos Estados africanos, a população e a produção *per capita* são extremamente pequenas, dando uma unidade econômica que não é maior do que uma firma de tamanho médio de uma nação capitalista ocidental, ou do que uma única empresa estatal de uma economia socialista européia.

RENDA PER CAPITA EM DÓLARES, 1960-63

Abaixo de 80	81 a 125	126 a 200	200 a 250	Mais de 400
Basutolândia Bechuanalândia Burundi Chad Congo (B.) Daomé Etiópia Guiné de Sao Malavi Nigéria Niger Ruanda Somália Tanganica - Zanzibar Uganda República do Volta	Angola República dos Camarões Congo (L.) Gâmbia Guiné Quênia República Malgaxe Mauritânia Serra Leoa Sudão Togo República Ar. Unida	Libéria Líbia Suazilândia Tunísia	Argélia Costa do Marfim Gabão Gana Mauritius Senegal África Sul-Occidental Zâmbia Rodésia (Zimbabue)	África do Sul

A África está tendo que pagar um preço enorme, mais uma vez, pelo acidente histórico segundo o qual

este vasto e compacto continente trouxe lucros fabulosos ao capitalismo ocidental, primeiro através do comércio do seu povo e depois através da exploração capitalista. Este enriquecimento de um lado do mundo pela exploração do outro deixou a economia africana sem meios para se industrializar. A época em que a Europa ingressou na sua revolução industrial, havia uma diferença consideravelmente menor, no desenvolvimento, entre os continentes. Mas a cada passo da evolução dos métodos de produção e dos lucros crescentes, tirados do investimento cada vez mais astuto em equipamento manufatureiro e produção de metais básicos, a brecha mais velozmente se alargava.

O Relatório da Comissão Econômica das Nações Unidas para a África, publicado em dezembro de 1962 sob o título de *Crescimento Industrial na África*, declarou que a brecha entre "os continentes separados pelo Mediterrâneo" se alargou mais durante o Século Vinte do que jamais acontecera antes. É verdade que a produção *per capita* aumentou na África, particularmente nas duas últimas décadas, em que houve uma elevação de cerca de dez a vinte por cento. Já bem à frente, as nações industriais alcançaram um avanço *per capita*, no mesmo período, de 60 por cento e sua produção industrial *per capita* pode ser estimada em até 25 vezes maior do que a africana, em conjunto. A diferença para a maior parte da África, no entanto, é ainda mais nítida, uma vez que a indústria neste continente tende a se concentrar em pequenas áreas do Norte e do Sul. Uma transformação real da economia africana significaria não apenas duplicar a produção agrícola mas aumentar cerca de 25 vezes a produção industrial. O Relatório evidencia que a indústria, e não a agricultura, constitui o meio pelo qual é possível a melhoria rápida dos níveis de vida na África.

Há, no entanto, especialistas e apologistas do imperialismo que exortam as nações menos desenvolvidas a se concentrarem na agricultura e deixarem a industrialização para uma época futura, quando suas populações estiverem bem alimentadas. O desenvolvimento



econômico mundial, porém, demonstra que só com a industrialização avançada tem sido possível elevar o nível nutricional do povo, através da elevação dos seus níveis de rendimentos. A agricultura é importante por muitos motivos e os governos de países africanos preocupados com elevar os níveis de seus povos estão devotando maiores investimentos à agricultura. Mas mesmo para fazer com que a agricultura produza mais, é necessária a ajuda da produção industrial; e o mundo subdesenvolvido não pode ficar eternamente colocado à mercê dos mais industrializados. Essa dependência forçosamente diminui a razão de crescimento da nossa agricultura e a torna subserviente às exigências dos produtores industriais. É por isso que não podemos aceitar afirmações tão radicais como as que fez o Professor Leopold G. Scheidl, da Escola de Economia de Viena, em recente reunião do Congresso Geográfico Internacional, em Londres. Comentou o Professor Scheidl: "Os povos das nações em desenvolvimento parecem pensar que tudo o que lhes é necessário para se tornarem tão ricos quanto o Ocidente é construir fábricas. A maioria dos peritos concorda em que é mais sábio e muito mais promissor desenvolver a agricultura para que atinja a auto-suficiência e em seguida o nível de uma economia de mercado" (*The Times*, 24 de julho de 1964). Essa linha de pensamento liga-se diretamente à do presidente de Booker Brothers, *Sir Jock Campbell*, cuja associação de companhias está atarefada monopolizando a indústria de açúcar e subprodutos de açúcar na Guiana Britânica, a navegação e o comércio nos Caraíbas e África Oriental e penetra agora no Oeste do continente africano. *Sir Jock Campbell* afirmou no discurso anual do Escritório Africano em Londres, no dia 29 de novembro de 1962 que "a agricultura é a base do desenvolvimento da África e que as plantações são um método efetivo de aumentar o potencial econômico". *Sir Jock Campbell* comentou que "enquanto a agricultura industrializada empregar homens com liberdade de movimentação, é preferível, em termos tanto de eficiência como de liberdade, às fazendas coletivas comu-

nizadas cujos resultados ficaram aquém da expectativa tanto na Rússia como na China" (*The Times*, 30 de novembro de 1962). O autor não parece ter convencido os trabalhadores do açúcar na Guiana Britânica e é um ponto discutível se ele conseguiu convencer os beneficiários da sua filosofia de agricultura "com liberdade de movimentação" os trabalhadores de suas companhias na Niasalândia, Rodésia e África do Sul. Mesmo os defensores científicos do esquema imperialista têm ciência das falhas em suas diretrizes, mas astuciosamente atribuem a ambições políticas e não à necessidade econômica e social a ênfase que os países em desenvolvimento dão à industrialização. Um representante europeu da Universidade de Malaia, Sr. D. W. Fryer, falando durante a reunião da Conferência Geográfica Internacional a que foi feita uma referência anterior, disse que "um aumento da eficiência das tradições industriais exportadoras nas nações subdesenvolvidas era uma medida óbvia, mas politicamente pouco atraente. Sugeriu então continuar aceitando a antiga economia colonial... O industrialismo era uma parte integral do movimento nacionalista. Sua inspiração não era econômica, mas política, e os resultados políticos freqüentemente eram mais importantes do que a eficiência econômica, na locação de uma indústria nova".

O aumento de eficiência administrativa na produção de matérias-primas e o aperfeiçoamento na produção de mercadorias representam um lucro para a preços correntes de mercado representam um lucro para o imperialismo e uma perda para nós. Isso foi bem esclarecido por um personagem da categoria do presidente do Banco de Londres e América do Sul, *Sir George Bilton*. Este foi citado, no *The Financial Times* de 6 de março de 1964, como estando certo de haver um aumento nos preços das utilidades, que teria considerável efeito sobre o câmbio. Em benefício de quem? *Sir George* forneceu a resposta. "Deve fortalecer as moedas de reserva, a libra esterlina e o dólar", afirmou. Por quê? Porque estando presas a essas moedas "os produtores de matéria-prima estarão acumulando suas sobras de matérias em saldos em dólares e libras". Isso parece ser não menos do que



a confissão direta do grande interesse do mundo bancário e financeiro na exploração das nações em desenvolvimento. É interessante, portanto, notar que os agentes de transferência do Banco em Londres são Patiño Mines & Enterprises Consolidated, a associação de firmas, controlada por norte-americanos, que opera minas na América Latina e no Canadá, intimamente associada com os grupos dedicados a explorar os recursos naturais da África.

Não somos, certamente, contra o mercado e o comércio. Pelo contrário, somos a favor do alargamento de nossas possibilidades nessas esferas e estamos convencidos de que seremos capazes de ajustar a balança a nosso favor, simplesmente desenvolvendo uma agricultura adequada às nossas necessidades e apoiando-a com uma industrialização rapidamente crescente que romperá o padrão neocolonialista atualmente em vigor.

Um continente como a África, por mais que aumente sua produção agrícola, não lucrará com isso a não ser que esteja politicamente e economicamente unido para forçar o mundo desenvolvido a pagar um preço justo pelas suas colheitas primordiais.

Tanto Gana como a Nigéria, por exemplo, desenvolveram enormemente sua produção de cacau no período de independência do pós-guerra, como demonstra o Quadro à pág. 11.

Esse resultado não foi atingido por acaso. É consequência de inversões internas elevadas, no controle da doença e das pestes, no subsídio a inseticidas e máquinas pulverizadoras fornecidas aos fazendeiros e na importação de sementes de novas variedades do cacau que são resistentes às doenças endêmicas contraídas pelos antigos cacauzeiros. Por meios como esses, a África, em seu conjunto, aumentou grandemente a produção de cacau, enquanto a da América Latina permanecia estacionária.

Que vantagem Nigéria e Gana tiveram desse estuendo aumento de produtividade agrícola? Em 1954/55, quando a produção de Gana era de 210 mil toneladas, o rendimento obtido com sua safra de cacau foi de 85

e meio milhões de libras. No ano de 1964/65, com uma safra estimada em 590 mil toneladas, a estimativa de recebimento do exterior é de cerca de 77 milhões. A Nigéria atravessou uma experiência semelhante. Em 1954/55 produziu 89 mil toneladas de frutos e recebeu pela safra 39 milhões e 250 mil libras. Em 1965, estima-se que a Nigéria produzirá 310 mil toneladas e provavelmente receberá por isso cerca de 40 milhões. Em outras palavras, Gana e Nigéria triplicaram sua produção desse determinado produto agrícola, mas os recebimentos brutos obtidos dele caíram de 125 milhões de libras para 117 milhões.

#### PRODUÇÃO DE CACAU

	Toneladas longas		Index 1949/50 = 100		
	Gana	Nigéria	Gana	Nigéria	
1949 / 50	248.000	99.000	100	100	1950
1950 / 51	262.000	110.000	106	111	1951
1951 / 52	211.000	108.000	85	109	1952
1952 / 53	247.000	109.000	100	110	1953
1953 / 54	211.000	97.000	85	98	1954
1954 / 55	220.000	89.000	89	90	1955
1955 / 56	237.000	114.000	96	155	1956
1956 / 57	264.000	135.000	106	136	1957
1957 / 58	207.000	81.000	83	82	1958
1958 / 59	255.000	140.000	103	141	1959
1959 / 60	317.000	155.000	128	157	1960
1960 / 61	432.000	195.000	174	197	1961
1961 / 62	410.000	191.000	165	193	1962
1962 / 63	422.000	176.000	170	170	1963
1963 / 64	421.000	217.000	170	219	1964
1964 / 65	590.000	310.000	238	313	1965

(estimativa)

Um estudo detalhado de produção e preço mostra que é o país desenvolvido consumidor que tira a vantagem do aumento da produção do menos desenvolvido.



Enquanto os produtores agrícolas africanos estiverem desunidos, serão incapazes de controlar o preço dos seus produtos primários no mercado.

Como demonstrou a Aliança dos Produtores de Cacau, qualquer organização que esteja baseada num mero acôrdo comercial entre produtores primários é insuficiente para garantir um preço mundial justo. Isso só pode ser obtido quando o poder unificado das nações produtoras é controlado por uma orientação comum, política e econômica, e tem por trás de si os recursos financeiros unidos dos Estados interessados.

Enquanto a África continuar dividida, serão portanto as ricas nações consumidoras que vão ditar o preço das colheitas e de exportação. Ainda assim, mesmo que a África pudesse ditar o preço de suas colheitas no mercado, isso por si só não criaria o equilíbrio econômico necessário ao desenvolvimento. A solução tem que ser a industrialização.

O continente africano, no entanto, não pode esperar se industrializar efetivamente ao acaso, no sistema *laissez-faire* da Europa. Em primeiro lugar, há o fator tempo. Em segundo, os métodos socializados de produção e tremendos investimentos humanos e de capitais implicados exigem o planejamento coeso e integrado. A África precisará trazer em sua ajuda todo o seu engenho e talento latentes, a fim de enfrentar o desafio que a independência e as exigências de melhores condições de vida para seus povos ergueram. O desafio não pode ser enfrentado aos pedaços, mas somente através da mobilização total dos recursos do continente dentro do quadro de planejamento e desdobramento socialistas compreensivos.

Já chamamos a atenção para o fato de que nos países que têm o maior número de colonos estrangeiros — e conseqüentemente os mais explorados até o presente, na África — Argélia, Congo, Quênia, Marrocos, Rodésia, Malawi, África do Sul, Tanganica, a agricultura é predominante. No caso da África do Sul, a área mais altamente desenvolvida do continente africano, a contribuição da agricultura e da mineração, so-

madas, iguala a da indústria, manufatura e construção. A economia da África do Sul é consideravelmente reforçada pela exportação do produto de suas minas. O ouro contribui com até 70 por cento da exportação total, o que torna a economia, apesar de sua aparente prosperidade e do investimento estrangeiro fortemente crescente, basicamente quase tão insegura quanto a das nações menos desenvolvidas do continente. Não obstante tôdas as suas indústrias secundárias ativas, sua manufatura de produtos químicos, produção militar, fabricação de aço, e do resto, a África do Sul não conseguiu até agora criar a base de uma sólida industrialização. G. E. Menell, presidente da Anglo-Transvaal Consolidated Investment Company, que controla ouro, diamantes e urânio, fez uma declaração muito reveladora no seu discurso anual de 6 de dezembro de 1963 à assembléia de acionistas. "A economia da nação está baseada, num grau significativo, em bens que se esgotam — as minas de ouro do Transvaal e de Orange e de Orange. Certificamo-nos disso, claramente, nos últimos anos, à medida que novas minas se aproximam do final de suas vidas e sinais de novos campos auríferos grandes, apesar dos muitos milhões que estão sendo aplicados na pesquisa."

O investimento na economia da África do Sul provém principalmente de capital ocidental, ao qual os meios financeiros locais, que não têm forças suficientes para se manterem por si mesmos, estão fortemente ligados. Lucros rápidos são incentivo, de modo que embora o presidente da Anglo-Transvaal veja o perigo para a economia, ainda assim ficou satisfeito por poder anunciar que em 1963 foram outra vez alcançados lucros sem precedentes.

O conjunto da economia está subordinado aos interesses do capital estrangeiro que a domina. As estimativas bancárias sul-africanas, que a maioria das casas bancárias e financeiras do Ocidente, são ramos da maioria das casas bancárias do Sul é do-



minada pelo monopólio ocidental ainda mais do que qualquer outro setor do continente, porque os investimentos são muitas vezes maiores e a dependência do ouro e outros produtos de mineração como centro da economia liga-a firmemente às engrenagens desse monopólio. Sua vulnerabilidade é agravada pelo fato de ser um fornecedor de matérias-primas e produtos semi-acabados às fábricas do Ocidente em maior escala do que o restante da África, obtendo maiores lucros para seus financiadores.

A Nigéria revela, em algumas cifras fundamentais, uma história diversa de desajustamento econômico. Em 1960, a agricultura, silvicultura e pesca respondiam por 63 por cento da atividade econômica, e a mineração por um por cento. O desequilíbrio é ressaltado pelo índice extremamente baixo de dois por cento para a indústria e manufatura, eliminando de imediato qualquer comparação com a contribuição de um por cento da mineração e de quatro por cento da agricultura para o produto econômico total dos Estados Unidos. No caso dos Estados Unidos, essa proporção baixa sustenta uma vasta superestrutura de indústria e manufatura. Na Nigéria, revela simplesmente um desprezo total, sob o colonialismo, das potencialidades nigerianas. A razão para isso não está no fato de que a Nigéria esteja desprovida de recursos industriais naturais, como confirmam as recentes descobertas de petróleo e ferro. Está em que a agricultura na Nigéria acarretava maior lucro ao investimento europeu do que os riscos acarretados pelos maiores fornecimentos de capital exigidos pela prospecção e exploração das minas.

Em 1962, o petróleo e os produtos de petróleo contribuíram com 9,9 por cento para as exportações da Nigéria, mas é a Shell-BP que espera colhêr a maior parte dos benefícios. O grosso dessa exportação foi em óleo cru, mais de três milhões de toneladas. A companhia estabeleceu uma meta de exportação de cinco milhões de toneladas para 1965. As refinarias ficam na Europa, não na Nigéria.

A refinaria em construção em Port Harcourt é de propriedade da Shell-BP; o conduto de gás natural é de propriedade de Shell-Barclays D. C. & O. A refinaria deverá processar apenas dez por cento da produção de óleo cru da Nigéria e seus produtos servirão apenas ao mercado interno nigeriano. Esse arranjo permite não perturbar as operações fora da Nigéria enquanto obtém superlucros nas operações nigerianas.

De um modo geral, apesar dos custos de prospecção, que são de qualquer maneira descontados no imposto e muitas vezes cobertos por lucros eventuais, a mineração demonstrou ser uma aventura muito lucrativa para o investimento de capital estrangeiro na África. Seus benefícios para os africanos, por outro lado, apesar de toda a frívola conversa em contrário, foram desprezíveis.

Isso se explica pela ausência de indústria e manufatura baseadas na utilização de recursos naturais domésticos, e do comércio que as acompanha. Pois a produção da mineração é destinada, principalmente, à exportação em sua forma primária. Certas exceções a essa generalização podem ser encontradas na África do Sul, Zâmbia e Congo. Um pouco de conversão tem ocorrido também em países como Marrocos, Argélia, Moçambique. O cobre da África do Sul é exportado em forma de metal e pequena parte do seu ferro é enviado ao exterior em lingotes. O ouro é refinado. A não ser por essas exceções, a maioria dos minerais exportados é embarcada da África em seu estado primário. Vão alimentar as indústrias e fábricas da Europa, América e Japão. O minério que deverá ser produzido na Suazilândia pela Swaziland Iron Ore Development Corporation (propriedade conjunta da Anglo-American Corporation e do poderoso grupo britânico do aço, Guest Keen & Nettlefolds) irá para um grupo japonês do aço, à razão de um milhão e 200 mil toneladas anuais.

Quando as nações de origem são obrigadas a comprar de volta seus minerais e outras matérias-primas sob a forma de produtos acabados, fazem-no a preços brutalmente elevados. Um anúncio da General Electric,



publicado no número de março-abril de 1962 de *Modern Government*, informa-nos que “do coração da África para os fornos das fundições de aço mundiais vem minério para um aço mais forte, melhor — aço para construção, máquinas e mais trilhos”. Com êsse aço da África, a General Electric fornece o transporte para trazer outros minerais valiosos para seu próprio uso e o de outros grandes exploradores imperialistas. Em verboso fraseado, o mesmo anúncio descreve como “no fundo da selva tropical da África Central fica um dos mais ricos depósitos de minério de manganês”. Mas será para as necessidades da África? Absolutamente. O local, que está “sendo aberto pelo grupo francês, Compagnie Minière de l'Ogooue, fica no Rio Ogooue, na República do Gabão. Depois de ser retirado, o minério será inicialmente transportado em vagonetes suspensos durante 80 quilômetros. Depois será transferido a vagões de minério e puxado durante 500 quilômetros por locomotivas diesel, até o pôrto de Point Noire, onde será embarcado para as usinas de aço do mundo”. A expressão “do mundo” deve ser lida como dos Estados Unidos, primeiro, e da França, em segundo.

Exploração dêsse tipo só é possível por causa da balcanização do continente africano. Balcanização é um importante instrumento do neocolonialismo e é necessariamente encontrada onde quer que o neocolonialismo seja praticado.

## 2. Obstáculos ao progresso econômico

FALANDO SÔBRE a África Ocidental, em 1962, a Comissão Econômica das Nações Unidas para a África ressaltou:

“Poucas outras regiões do mundo mostram uma tal multidão de Estados relativamente pequenos, do ponto de vista de produção e população. A única região similar da mesma importância é a América Central”.

A África Ocidental está de fato dividida em 19 Estados diferentes, independentes, e inclui dois enclaves coloniais possuídos por Espanha e Portugal. A população da área é aproximadamente um terço da população total da África, mas a população média dos países independentes, à exclusão da Nigéria, é de cerca de dois a três milhões de habitantes. É engano, no entanto, considerar mesmo a Nigéria como uma exceção à política de balcanização praticada pelos senhores coloniais. A constituição imposta à Nigéria quando da independência dividia o país em três regiões (que depois passaram a quatro) frouxamente ligadas em base federativa mas com suficientes poderes reservados às regiões para poderem arruinar qualquer planejamento econômico em conjunto. Se os outros Estados da África são



exemplos de balcanização política, a Nigéria é um exemplo de balcanização econômica. Gana, com uma população de mais de sete milhões, só escapou a um destino semelhante por causa da resistência oposta pelo Governo do Partido Popular da Convenção ao plano britânico de criar não menos do que cinco regiões, algumas com população inferior a um milhão, mas todas possuindo suficientes poderes para derrotar um planejamento centralizado.

Quênia, que também foi forçada a aceitar um tipo similar de constituição, quando da independência, apenas recentemente conseguiu instituir um regime unificado.

Quando a França encontrou pela frente a possibilidade de ser forçada a aceitar alguma forma de independência, ou pelo menos de autogoverno para os territórios das antigas federações coloniais da África Ocidental Francesa, uma série de medidas de balcanização foram tomadas pelo Governo francês. A *Loi-Cadre* de 1956 estabelecia as fronteiras dos atuais Estados de língua francesa. O processo de desmantelamento iniciado pela *Loi-Cadre* foi completado pelo referendo de 1958 sobre a Constituição da Quinta República Francesa. Cada um dos territórios criados pela *Loi-Cadre* foi chamado a decidir separadamente se desejava permanecer como um território da França no ultramar, uma república autônoma dentro da Comunidade Francesa, ou ser independente.

Teresa Hayter, assistente de pesquisa do Instituto Britânico de Desenvolvimento do Ultramar, no número de abril de 1965 do jornal do Real Instituto Britânico de Assuntos Internacionais, descreveu o processo:

"Os territórios deviam tomar decisões em separado; eram portanto eles, e não as Federações da África Ocidental e Equatorial, que deviam legalmente herdar os poderes da França; não foi tomada medida alguma para reforçar as instituições federativas e na verdade estas foram desmanteladas após o referendo e chegaram formalmente ao fim em abril de 1959. O propósito original das federações fôra capacitar as colônias a se

sustentarem, através de uma redistribuição de suas rendas; Senghor, particularmente, acusou com amargura a França de "balcanizar" a África na *Loi-Cadre*... Com a escolha de tal modo predisposta, somente a Guiné votou contra a Constituição; todas as demais tornaram-se repúblicas autônomas, membros da Comunidade Franco-Africana."

Temendo que o exemplo da Guiné pudesse ser seguido por outros Estados que haviam decidido se unir à Comunidade, o Governo francês retirou do território tudo o que tivesse valor. Administradores e professores foram removidos. Documentos e até lâmpadas elétricas foram tirados dos prédios da Administração. Assistência financeira, apoio comercial e o pagamento de pensões aos veteranos de guerra da Guiné foram suspensos.

Apesar da pressão assim exercida sobre a Guiné, os restantes Estados franceses foram forçados pela pressão interna a buscar a independência política. Isso destruiu a concepção, usualmente associada ao General De Gaulle, criador da Comunidade Francesa, de um grupo não-soberano de Estados africanos, cada qual ligado separadamente à França. As "repúblicas autônomas", uma depois da outra, obtiveram a soberania internacional mas sob condições tão adversas que foram obrigadas de fato a manter todos os laços militares, financeiros, comerciais e econômicos do período colonial anterior. Para terem a possibilidade de chegarem a existir como Estados independentes, esses antigos territórios franceses foram forçados a aceitar a "ajuda" francesa até para fazer frente às suas despesas comuns.

A "ajuda" francesa às nações em desenvolvimento é, proporcionalmente à renda nacional da França, a mais alta do mundo e é, em termos absolutos, a segunda. Quase toda essa "ajuda" é absorvida por compromissos na África e perto da metade vai para os 14 Estados que eram anteriormente repúblicas autônomas e cuja população total é apenas ligeiramente maior do que a da Nigéria. Ajuda desse tipo pode ditar as relações da África com o mundo desenvolvido e, como a



experiência demonstrou, ser extremamente perigosa para quem a recebe.

A ajuda francesa à África nasceu originalmente da vantagem que firmas e indivíduos franceses obtinham da zona africana do franco e isso determinou o esquema segundo o qual a ajuda ainda é dada. Enquanto as relações criadas pela ajuda eram proveitosas à França, ela naturalmente continuou. Era realmente uma taxa cobrada aos contribuintes franceses em benefício de indivíduos e firmas francesas.

O valor global dessa política para a França era o de que, em troca de mercados e preços garantidos para produtos primários coloniais, como café, cacau, amendoim, banana e algodão, os Estados africanos tinham que importar da França quantidades fixas de certos bens, como maquinaria, produtos têxteis, açúcar e farinha de trigo, então sem condições de competir em preço ou superfluos na Europa, e além disso os Estados eram forçados a limitar suas importações de países fora da zona do franco. Embora esse esquema tornasse insensato qualquer plano de comércio interafricano, foi, durante um período, altamente rendoso para a França. Com a queda do preço mundial dos produtos primários, esses proventos começaram a diminuir, assim como o entusiasmo pela "ajuda" na França. No momento, o máximo que se pode dizer em favor da ajuda francesa é que não tira agora, como no passado, um proveito real para a França em detrimento dos Estados menos desenvolvidos do seu antigo império africano. Teresa Hayter resume a situação do seguinte modo:

"A França não ganha nem perde, nessas transações com os Estados: ajuda, investimento privado, despesas do Governo francês e importações da África são equilibradas pelas exportações para a África, repatriação de capital e remessas de lucros e salários."

Esse estado de coisas não é mais considerado vantajoso para a França. O Relatório Jeanneney, publicado em 1964 e expressando o ponto de vista oficial francês, frisou que o sistema protetor da zona francesa não

era mais do interesse da França e o Relatório consequentemente aconselhava a redistribuição da ajuda francesa. De qualquer forma, a França tinha que cumprir suas obrigações para com o Mercado Comum Europeu. Sob a nova Convenção de Associação que entrou em vigor em meados de 1964, os seis membros do Mercado Comum Europeu deviam alcançar, por estágios, a situação de uma área de livre comércio e isso não permite mais à França discriminar em favor dos Estados africanos, nem permite a esses Estados discriminar contra os associados da França no Mercado Comum. As exportações desses Estados, ao fim de um período de cinco anos, terão que acompanhar os preços mundiais. Em consequência disso, a produção de matérias-primas, criada ante a promessa de garantia de mercados e preços, provavelmente não conseguirá alcançar nível competitivo nas condições mundiais. É difícil imaginar como o Senegal, particularmente, poderá se haver sem um subsídio francês para seu amendoim e o Presidente Senghor já chamou a atenção para a séria situação econômica em que isso põe o seu país.

De fato, o limitado neocolonialismo do período francês está agora sendo dissolvido no neocolonialismo coletivo do Mercado Comum Europeu, que permite a outros Estados, até aqui fora da área reservada francesa, lucrarem com o sistema. Racionaliza, também, a divisão da África em zonas econômicas baseadas na Europa, ao incluir quatro outros Estados. O Congo (Leopoldville), Burundi e Ruanda são, como antigas colônias belgas, ligados ao sistema econômico belga, e a Somália, através de sua associação anterior com a Itália, é também incluída como um Estado associado do Mercado Comum.

Um agrupamento como esse provoca os problemas mais amplos do neocolonialismo africano e acentua sua natureza irresponsável. Dos Estados desmembrados das antigas colônias francesas, um deles, a Guiné, foi capaz, com grande sofrimento e perdas, de se libertar do tipo de controle neocolonialista imposto aos demais. Mali foi forçada a aceitar algumas das regras



e regulamentos que governam as relações entre as antigas colônias francesas e a França, mas pelo menos instituiu a sua própria moeda, limita as transferências de dinheiro para o exterior e recebe da França apenas uma garantia parcial da paridade de sua moeda com o franco. No caso de todos os outros Estados, suas moedas foram estabilizadas em uma paridade fixa com o franco e têm a garantia total do Tesouro francês. Esses Estados pagam os seus ingressos de francos franceses através de contas de operação, no Tesouro francês. Essas contas podem sofrer retiradas além do saldo e os Estados podem levantar fundos, com a garantia de suas próprias moedas, sem limite. No entanto, naturalmente, seja qual for a situação teórica, a posição financeira internacional desses países está sujeita a controle, uma vez que a qualquer momento suas contas de operação no Tesouro francês podem ser bloqueadas, como foi feito no caso da Guiné. A maioria dos Estados interessados, de qualquer maneira, não tem força necessária para enfrentar semelhante pressão, como fez a Guiné.

Por que então, pode-se perguntar, esses poderes não foram suficientes para permitir à França persuadir esses Estados a seguirem a atual orientação exterior francesa, baseada num conceito de "terceira força"? A França não apoiou os Estados Unidos e a Bélgica na sua intervenção "humanitária" no Congo, em Stanleyville. Ao contrário da Grã-Bretanha e outras nações do Mercado Comum, a França opôs-se abertamente à política dos Estados Unidos em São Domingos, reconheceu a República Popular da China e recomendou a neutralização do Vietnã. No entanto apenas uma minoria dos Estados africanos, aparentemente sob o controle neocolonial francês, acompanhou a linha francesa. A maioria deles recusou-se a reconhecer a China ou a criticar, de modo algum, a política dos Estados Unidos. Na verdade, comportam-se de modo que sugere estarem mais sob a influência dos Estados Unidos do que da França. A resposta a esse aparente paradoxo será encontrada, espero, nos capítulos seguintes deste livro

no qual procuro explicar o poder e ramificações do controle financeiro internacional. Aqui temos um super-Estado que pode às vezes até contrariar os desejos políticos do país que é nominalmente o senhor neocolonial.

O controle dos fundos dos Estados africanos sob o neocolonialismo francês é exercido pelo conselho administrativo dos seus bancos centrais, que são compostos parcialmente de franceses, sem cuja concordância nenhuma decisão sobre política monetária pode ser tomada. Esse complexo bancário francês, com seu controle absoluto das moedas e pagamentos externos dos Estados neocoloniais, poderia, teoricamente, ditar a esses Estados que acompanhassem a política francesa. O complexo, no entanto, está por sua vez sujeito, pela maneira adiante descrita, a pressões externas que apóiam mais a orientação dos Estados Unidos do que a da França, quando surge uma diferença de opiniões.

Parte do valor de iniciar um estudo do neocolonialismo em seu contexto africano está em que esse estudo fornecerá exemplos para todos os tipos do sistema. É impossível definir a situação africana em termos de Estados independentes, divididos entre o campo não-alinhado e o neocolonialista; colônias e Estados racistas como a África do Sul. Na África, todas as antigas colônias que agora se tornaram independentes, incluindo particularmente a África do Sul, estão sujeitas a um certo grau de pressões neocolonialistas às quais, por mais que queiram resistir, não podem inteiramente escapar, por mais que lutem. A diferença está realmente entre os Estados que aceitam o neocolonialismo como política e os que lhe resistem. Do mesmo modo, o problema colonial da África é, sob muitos aspectos, realmente neocolonial. Os territórios africanos portugueses parecem à primeira vista levantar apenas a questão da liberdade do domínio colonial, mas na verdade existem como colônias somente porque Portugal é, em si, um Estado neocolonial. Durante os últimos 50 anos as grandes potências consideraram as colônias portuguesas como fichas que podem passar às mãos uma das outras para reajustar o equilíbrio de força. Em 1913, ingleses



e alemães rubricaram um acôrdo dividindo-as e isso só foi impedido pelo início da Primeira Guerra Mundial. No período de apaziguamento anterior à Segunda Guerra Mundial, quando pensaram que Hitler podia ser comprado com uma oferta de território colonial, as colônias portuguesas foram novamente encaradas como o preço adequado do subôrno.

Se Portugal controla hoje essas colônias é apenas por causa da força militar que lhe advém da aliança da OTAN. Portugal, no entanto, não é membro da OTAN porque possa dar qualquer assistência militar à aliança, mas porque é uma maneira conveniente pela qual o território português pode ser pôsto à disposição das forças dos demais membros da aliança.

Na outra extremidade da escala está a colônia francesa de Somália. Continua a existir como uma colônia não porque a França fôsse resistir à pressão para lhe conceder a independência, mas por causa da desunião africana. É um ponto de disputa entre a Somália e a Etiópia. A desunião africana conserva a colônia. Se fôsse ser entregue a qualquer uma das suas duas vizinhas, isso quase inevitavelmente provocaria um conflito entre elas.

A Rodésia, embora teoricamente uma colônia, é realmente uma forma fossilizada do tipo inicial de neocolonialismo, praticado na África Meridional até a formação da União da África do Sul. A essência do sistema rodesiano é não empregar indivíduos retirados do povo do próprio território para administrar o país, como no tipo mais nôvo de Estado neocolonial, mas utilizar, em lugar disso, uma minoria estrangeira. A maior parte da classe dirigente européia da Rodésia veio para a colônia depois da Segunda Guerra Mundial, mas são eles e não os habitantes africanos — que os ultrapassam em número à razão de 16 por um — que a Grã-Bretanha considera “o Governo”. Esse Estado racista está protegido da pressão externa porque de acôrdo com a lei internacional é uma colônia britânica, enquanto a própria Grã-Bretanha desculpa-se do seu fracasso em exercer seus direitos legais para impedir a

opressão e exploração dos habitantes africanos (as quais naturalmente ela oficialmente reprova) por causa de uma suposta convenção parlamentar britânica. Em outras palavras, ao manter a Rodésia nominalmente como uma colônia, a Grã-Bretanha na verdade dá a sua proteção oficial, como a uma segunda África do Sul, e os racistas europeus ficam livres para tratar os habitantes africanos como lhes aprouver.

O sistema rodesiano tem assim tôdas as características do modelo neocolonialista. A potência senhorial, Grã-Bretanha, cede a um govêrno local, sôbre o qual diz não ter contrôle, poderes ilimitados e exploração ilimitada dentro do território. No entanto, a Grã-Bretanha conserva ainda poderes para excluir outras nações de intervir, seja para liberar sua população africana ou para levar a sua economia para outra zona de influência. As manobras a respeito da “independência” da Rodésia são um excelente exemplo das atividades do neocolonialismo e das dificuldades práticas a que o sistema dá azo. Uma minoria européia de menos de um quarto de milhão de pessoas não poderia manter, nas condições atuais da África, o domínio sôbre quatro milhões de africanos sem apoio externo de alguma parte. Quando os colonizadores falam em “independência” não estão pensando em se firmar sôbre os próprios pés, mas simplesmente em procurar um nôvo senhor neocolonialista que pudesse, do ponto de vista deles, merecer mais confiança do que a Grã-Bretanha.

Como se verá nos capítulos seguintes, o moderno neocapitalismo está baseado no contrôle de Estados independentes por gigantescos interesses financeiros. Esses interesses freqüentemente atuam através ou em prol de um determinado Estado capitalista, mas são perfeitamente capazes de agir por iniciativa própria e forçar essas nações imperiais nas quais têm um interesse dominante a acompanharem sua orientação. Há, no entanto, um tipo mais antigo de neocolonialismo baseado primariamente em considerações militares.

Uma potência mundial, tendo decidido de acôrdo com princípios de estratégia global que lhe é necessário



possuir uma base militar neste ou naquele país nominalmente independente, precisa assegurar-se de que o país onde a base está situada é amigável. Eis mais um motivo para a balcanização. Se a base pode ficar situada num país que é de tal maneira constituído, economicamente, que não pode sobreviver sem uma "ajuda" substancial da potência militar que possui a base, então, alegam, a base pode ficar garantida. Como muitas das outras afirmações em que se baseia o neocolonialismo, esta é falsa. A presença de bases estrangeiras provoca a hostilidade popular contra os arranjos neocolonialistas que as permitem, mais pronta e certamente do que qualquer outra coisa, e através de toda a África essas bases estão desaparecendo. A Líbia pode ser citada como exemplo do fracasso dessa política.

A Líbia tem uma longa história colonial. A partir do século XVI foi uma colônia turca, mas em 1900, no apogeu do colonialismo, a França e a Itália concordaram em que, se a Itália não se opusesse à França ocupar Marrocos, a França não se oporia à Itália ocupar a Líbia. Então, quando em 1911 e 1912 a França ocupava o Marrocos, a Itália entrou em guerra com a Turquia e, derrotando-a, anexou a Líbia.

Apesar das promessas feitas ao povo da Líbia durante a Segunda Guerra Mundial de que jamais voltariam a ficar sujeitos ao domínio italiano, a França tentou durante os acordos de paz conseguir que a Itália fôsse reinstalada na Líbia, a fim de apoiar sua própria posição na Tunísia. Como essa solução demonstrou ser impossível, a Líbia tornou-se nominalmente independente sob o controle neocolonialista britânico.

Segundo os dados coligidos pelo Instituto Britânico de Desenvolvimento no Ultramar, durante o período de 1945 a 1963 a Líbia recebeu nunca menos de 17 por cento da ajuda bilateral total que a Grã-Bretanha deu a todas as nações estrangeiras fora da *Commonwealth* nesse período. O Instituto de Desenvolvimento no Ultramar ressalta que "embora esses pagamentos à Líbia fôssem registrados como "ajuda", não há dúvida de que são, no fundo, pagamentos diretos

ao Governo líbio em troca do uso das bases". Apesar disso, a pressão popular na Líbia tornou necessário, agora, ao Governo líbio, encerrar o acordo militar para as bases britânicas.

Não se deve permitir que essas limitações à independência real de muitos países da África obscureçam as enormes realizações alcançadas na luta pela independência e unidade africanas.

Em 1945 a África compreendia principalmente os territórios coloniais de potências européias e a idéia de que a maior parte do continente seria independente dentro de 20 anos teria parecido impossível a qualquer observador político no período imediatamente posterior à guerra. E no entanto, não apenas a independência foi alcançada mas foi feito considerável progresso no caminho da criação da unidade africana. Há ainda obstáculos poderosos a essa unidade, mas não são maiores do que os obstáculos já vencidos e, se a sua natureza fôr compreendida, são claramente transponíveis.

A massa do povo africano já apóia — e esse será o fator decisivo, afinal — a unidade da mesma maneira por que anteriormente apoiou os vários movimentos locais de independência política. Muitos dos líderes políticos da África Ocidental Francesa, por exemplo, não apoiaram de início a independência. Em 1946, na Assembleia Nacional Francesa, da qual era membro, o Presidente da Costa do Marfim, Houphouët-Boigny, afirmou que "não há separatistas nestas cadeiras... há um laço poderoso, capaz de resistir a todas as experiências, um laço moral que nos une. É o ideal de liberdade, fraternidade, igualdade, para cujo triunfo a França jamais hesitou em sacrificar o seu mais nobre sangue". A mesma política de manter a unidade com a França era então defendida pelo Presidente Senghor, do Senegal, que disse: "A união francesa precisa ser uma conjunção de civilizações, uma fusão de cultura... é mais um casamento do que uma associação".

Foi a pressão da massa pela independência que forçou esses líderes a inverterem suas posições anteriores e se declararem a favor da soberania nacional.



Do mesmo modo que a pressão de massa tornou impossível a um líder africano se opor à independência, hoje a pressão de massa lhe torna impossível se opor abertamente à unidade africana. Os que são contra a unidade só demonstram sua posição através de meios indiretos: sugerindo que estamos indo depressa demais para ela; que este ou aquele plano é impraticável ou que há dificuldades processuais que lhes impedem dar assistência na formação de um plano prático para a unidade. A causa da unidade africana é muito poderosa e a massa do povo está certa.

Somente quando as fronteiras artificiais que a dividem forem eliminadas, a fim de criar unidades econômicas viáveis e finalmente uma só unidade africana, a África será capaz de se desenvolver industrialmente, em seu próprio interesse e, a longo prazo, no interesse de uma economia mundial sadia. É necessária uma moeda comum e comunicações de todos os tipos precisam ser desenvolvidas para permitir o livre curso de bens e de serviços.

A Comissão Econômica para a África frisou várias vezes a necessidade de planejamento econômico em escala continental. O caráter inadequado do planejamento nacional pode ser demonstrado com um relance às economias de, por exemplo, Mali, Volta Superior, Níger e Uganda. Esses Estados interiores, que exportam grandes quantidades de produtos alimentícios para outros Estados africanos, não podem continuar indiferentes aos esquemas de auto-suficiência agrícola adotados por seus vizinhos. Do mesmo modo, um Governo nacional, ao planejar a criação de uma indústria nova, pode verificar que seu vizinho está desenvolvendo uma igual. Essa duplicação redundaria provavelmente em recursos desperdiçados, se cada um dos dois estiver contando exportar os excedentes para o vizinho.

Poucos discutiram a necessidade de planejamento econômico em escala nacional. O argumento do planejamento continental é muito mais forte. A tendência moderna é para grandes unidades econômicas e políticas, à medida que cresce a interdependência entre na-

ções e povos. Nenhum país pode ser inteiramente auto-suficiente ou se dar ao luxo de ignorar os acontecimentos políticos fora de suas fronteiras. A África está claramente fragmentada em um número demasiado de Estados pequenos, antieconômicos e inviáveis, muitos dos quais estão tendo que lutar duramente para sobreviver. Como já foi apontado, outros tiveram que se agarrar a antigos laços com senhores coloniais de ontem e se tornaram presa fácil para forças neocolonialistas. Alguns deles se viram, quer gostassem ou não, metidos na guerra fria e em rivalidades entre potências estrangeiras. O Congo é um notável exemplo disso.

Naturalmente, cada Governo nacional está primordialmente preocupado com o bem-estar de seus cidadãos. Só se pode esperar que concorde em sua política de unificação se os benefícios imediatos e a longo prazo se tornarem tão evidentes que seja positivamente prejudicial aos seus cidadãos não cooperar. Enfrentamos aqui o problema do crescimento econômico desigual. Algumas nações africanas são mais ricas do que outras em recursos naturais. Os menos afortunados precisarão de garantias de que seus interesses não sofrerão prejuízos nas mãos dos Estados mais desenvolvidos.

A experiência anterior de união não foi animadora. A ligação entre as Rodésias e Niasalândia beneficiou particularmente a Rodésia do Sul. Quênia foi o principal ganhador com o Mercado Comum do Leste Africano, e Uganda e Tanganica, na melhor das hipóteses, tiveram apenas lucros marginais. Nas antigas federações coloniais francesas, os benefícios da unidade econômica tendiam a se centralizar em Brazzaville, Abidjan e Dakar. Esses exemplos reforçam ainda mais o argumento do crescimento econômico planejado para o continente, de modo a que todos os Estados possam se beneficiar da industrialização e outras melhorias tornadas possíveis pela direção unificada. As nações mais ricas terão capacidade de ajudar as mais pobres. Recursos podem ser somados e projetos de desenvolvimento coordenados para elevar os níveis de vida de todo africano.



O fator tempo é importante. Como indicou a Comissão Econômica para a África (CEA), *agora* é o momento de agir, antes que cada Estado se envolva profundamente demais em grandes investimentos e decisões de estrutura baseados em mercados estreitos, nacionais. A cada mês que passa, os interesses estrangeiros do neocolonialismo tomam um controle mais apertado da vida econômica da África.

A penetração relativamente recente das grandes companhias norte-americanas na África indicam mais uma vez o perigo do neocolonialismo. Da mesma maneira, a união de grandes firmas para formar poderosos monopólios. Como alguns dos nossos Estados menores podem esperar negociar com êxito com poderosas associações estrangeiras, algumas das quais controlam impérios financeiros de valor superior à renda total do Estado? Quanto menor o Estado e mais formidáveis os interesses estrangeiros, menores as possibilidades de alcançar as condições para independência econômica. Gana, por exemplo, por causa do seu tamanho econômico e indústrias alternadas, tem tido melhor condição para barganhar com as companhias de alumínio do que Togo, muito menor e economicamente mais limitado, pode esperar ter ao negociar com os interesses franceses de fosfato. O domínio da economia da África por firmas estrangeiras precisa terminar para termos um crescimento econômico conjunto e isso só pode ser alcançado através da ação unificada.

Algo da natureza de uma revolução econômica é necessário. Nosso desenvolvimento tem estado contido por muito tempo pela economia de tipo colonial. Precisamos nos reorganizar inteiramente, para que cada país possa se especializar na produção de bens e de safras a que melhor se ajuste.

Com a unidade econômica, essas nações da África que estão começando a criar indústrias modernas teriam o benefício de mercados mais amplos. Estaríamos todos em melhor posição para negociar, a fim de alcançar preços mais altos pelos nossos produtos, e criar impostos adequados sobre rendimentos de agentes estrangei-

ros. Na verdade, um padrão totalmente novo de desenvolvimento econômico se tornaria possível. A agricultura poderia ser modernizada mais rapidamente, com maior capital à sua disposição. Indústrias, em escala maior e mais econômica, poderiam ser planejadas. Estas teriam condições econômicas para utilizar novas técnicas que exigem pesado desembolso de capitais. Fábricas menores, planejadas para atender apenas às necessidades nacionais, tendem a apresentar custos maiores e são eventualmente menos capazes de reduzir os custos do que unidades de tamanho ideal.

Órgãos de planejamento nacional teriam ainda um papel muito importante a desempenhar em uma África unificada. Forneceriam, por exemplo, informações essenciais sobre condições de local, mas seu trabalho se tornaria mais fácil com o conselho experiente e a ajuda de um único órgão planejador que visse os interesses da África como um todo. A pesquisa e treinamento em projetos de desenvolvimento que já estão sendo realizados pelo Instituto de Desenvolvimento da CEA em Dakar seriam fortalecidos para servir tanto aos órgãos continentais como aos nacionais. Fracassos onerosos, devidos à falta de coordenação, seriam evitados. Um caso específico é o projeto da represa Inga, que deverá fornecer energia para uma refinaria de açúcar, um complexo de plásticos e painéis prensados (do bagaço da cana) em Bangui, que por sua vez remeterá os plásticos, em volume, a uma indústria de produtos plásticos em Brazzaville. Naturalmente deveria haver um órgão planejador capaz de programar e harmonizar a seqüência de construção das fábricas de Brazzaville e Bangui, das linhas de transmissão de força desde Inga a Bangui e Brazzaville, e os serviços de transporte entre Bangui e Brazzaville e a própria represa.

No processo de alcançar a unidade econômica, é de se esperar ásperas barganhas entre os vários Estados. A integração de diferentes aspectos de política econômica se fará em ritmos diferentes e poderá haver atrasos decepcionantes e soluções conciliatórias a serem en-



contradas. Mas em face da vontade de vencer, as dificuldades podem ser resolvidas.

De um modo geral, quanto mais ampla a frente em que fôr lançada a unidade econômica, tanto mais rapidamente poderão ser alcançados os objetivos e diretrizes de uma África plenamente desenvolvida. Um órgão planejador para toda a África poderia tomar medidas imediatas para o desenvolvimento de indústria e energia em grande escala; para a remoção de barreiras ao comércio interafricano; e para a criação de um banco central e a formação de uma política unificada sobre todos os aspectos de controle, tarifas e acordos de cota de exportação. A CEA realizou vários levantamentos com o objetivo de fornecer informações para auxiliar a tomar decisões sobre esses pontos.

Entre as necessidades imediatas estão a fabricação na África de maquinaria agrícola de todos os tipos, para acelerar a modernização da agricultura. Precisamos de suprimentos de equipamento elétrico, para utilizar na crescente produção de energia elétrica essencial ao crescimento industrial. Maquinaria industrial e de mineração precisa ser produzida na África a fim de baixar o custo do aproveitamento de nossos recursos minerais. Maquinaria de construção e produtos alimentícios, químicos, fertilizantes e plásticos, tudo isso é urgentemente necessário e a África precisa produzi-lo para atender às suas próprias necessidades.

Os relatórios das Missões de Coordenação Industrial da CEA a diferentes regiões da África sugerem que a produção de ferro e aço, metais não-ferrosos, instrumentos de engenharia, produtos químicos e fertilizantes, cimento, papel e têxteis devem ser desenvolvidos em uma base interafricana, uma vez que sua eficiência depende de produção em grande escala. Outras indústrias que podem funcionar eficientemente em escala menor podem ser planejadas nacionalmente.

A localização das várias indústrias dependerá, naturalmente, de muitos fatores, como a facilidade de acesso à energia elétrica, depósitos minerais, proximidade de fábricas de processamento, mercados e assim

por diante. A produção de alumínio e cobre, por exemplo, terá que ser desenvolvida nos países onde os recursos essenciais, minério e energia barata, são encontrados. A manufatura de produtos de alumínio e cobre, no entanto, não precisa ter lugar nos países que produzem os metais. Da mesma maneira, a produção de algodão está limitada a certas regiões climáticas, enquanto que as indústrias têxteis de algodão podem ser criadas mais adiante.

Cada Estado africano tem alguma contribuição a fazer ao todo econômico. Não há, por exemplo, depósitos conhecidos de potassa na África Ocidental, mas as necessidades podem ser supridas pela África do Norte, Etiópia e possivelmente também pelo Congo (Brazzaville) e Gabão. Planos para a produção de fertilizante nitrogenado em Zâmbia já foram feitos. A fábrica poderia ser suprida com carvão da Rodésia (Zimbabwe) e energia de baixo custo de Victoria Falls. Quênia, com suas grandes reservas florestais, poderia tornar-se o centro de um complexo de destilação de madeira capaz de suprir os países da África Central e Oriental com gás, acetona, metanol e piche. Há muitos outros exemplos, demasiadamente numerosos para apresentar.

A necessidade urgente de planejar o desenvolvimento industrial em escala continental não deve, no entanto, nos cegar para a necessidade igualmente importante de fazer o mesmo para a agricultura, pesca e silvicultura. Dudley Sneers em *O Papel da Indústria no Desenvolvimento: Algumas Falácias* ressaltou a interdependência da agricultura e da indústria:

“São necessários materiais para indústrias em desenvolvimento; o que é mais importante, a crescente força operária na cidade precisa ser alimentada e isso implica em que um excedente cada vez maior tem que ser produzido no campo... Dar demasiada ênfase à indústria, como descobriram alguns países às suas próprias custas, leva paradoxalmente, no fim, a um índice mais lento de industrialização”.

Os Estados africanos estão importando maiores quantidades de alimento do exterior do que nunca.



Essa tendência precisa ser interrompida por uma expansão cuidadosamente planejada de nossa própria agricultura.

Como em uma indústria, pode haver especialização, de modo que cada região ou Estado se concentre nos produtos agrícolas que têm melhores condições para fornecer. Por exemplo, é um desperdício que cada Estado africano-ocidental procure ser auto-suficiente em arroz quando o distrito de Casamance, no Senegal, poderia bem ser capaz de suprir a necessidade. Do mesmo modo, Mali e Volta Superior são obviamente exportadores de carne fresca, enlatada e processada, enquanto os Estados litorâneos forneceriam peixe fresco, enlatado e defumado.

Outro argumento a favor de uma política agrícola unificada está implícito na necessidade de aumentar os esforços para combater muitos dos obstáculos ao crescimento econômico. Gafanhotos, a mósca tsé-tsé e doenças vegetais não respeitam fronteiras políticas. A pesquisa para o seu controle teria benefícios de uma conjunção de cérebros e experiência técnica. O mesmo aconteceria à medicina e serviços sociais. Como seria maior a possibilidade de eliminar as grandes doenças epidêmicas, como a cegueira dos rios e a doença do sono, se a ação contra elas fôsse coordenada e unificada.

A vantagem de orientação unificada militar e diplomática tanto para nossa própria segurança como para alcançar a liberdade para todas as partes da África é tão evidente que não necessita comentários.

Transportes e comunicações são também setores onde é necessário o planejamento unificado. Estradas, ferrovias, canais, linhas aéreas devem ser postos ao serviço das necessidades africanas e não das exigências de interesses estrangeiros. As comunicações entre Estados africanos são inteiramente inadequadas. Em muitos casos ainda é mais fácil viajar de um aeroporto, na África, até a Europa ou América, do que de um Estado africano para outro.

Para ser efetiva, a unidade econômica deve ser acompanhada da unidade política. As duas são inseparáveis, ambas necessárias à futura grandeza do nosso continente, e ao pleno desenvolvimento de seus recursos. Há vários exemplos de importantes uniões de Estados no mundo de hoje. Em *A África Precisa Unir-se*, descrevi algumas das mais importantes e adverti quanto ao perigo de federações regionais na África.

A África é hoje o principal terreno de ação das forças neocolonialistas que buscam o domínio do mundo pelo imperialismo a que servem. Estendendo-se da África do Sul, Congo, Rodésias, Angola, Moçambique, formam uma conexão complexa com os mais poderosos monopólios financeiros internacionais do mundo. Esses monopólios estão estendendo suas organizações bancárias e industriais através do continente africano. Seus porta-vozes protegem-lhes os interesses nos parlamentos e governos do mundo e participam de órgãos internacionais que supostamente existem para promoção da paz mundial e do bem-estar das nações menos desenvolvidas. Contra tão formidável falange, como podemos agir? Certamente não em caráter isolado, mas em uma combinação que dará força ao nosso poder de negociação e eliminará tantas das duplicações que dão maior força e maior vantagem aos imperialistas em sua estratégia de neocolonização.

Descolonização é uma palavra insincera e frequentemente usada pelos porta-vozes imperialistas para descrever a transferência de controle político, da soberania colonialista para a africana. A mola mestra do colonialismo, no entanto, continua controlando a soberania. As nações novas são ainda as fornecedoras de matérias-primas, as velhas de produtos manufaturados. A alteração das relações econômicas entre as novas nações soberanas e seus antigos senhores é apenas de forma. O colonialismo encontrou um novo disfarce. Tornou-se o neocolonialismo, o último estágio do imperialismo; sua última proclamação de existência, como o capitalismo monopolista ou imperialismo é o último estágio do capitalismo. E o neocolonialismo está se en-



trincheirando rapidamente, hoje, dentro do corpo da África, através de combinações de consórcios e monopólios que são os *carpetbaggers* da revolta africana contra o colonialismo e o desejo de unidade continental.

Esses interesses estão centralizados nas companhias mineradoras da África Central e do Sul. Da mineração, ramificam-se em uma trama complexa de companhias de investimento, interesses manufatureiros, organizações de transporte e utilidade pública, indústrias de petróleo e químicas, instalações nucleares e muitas outras emprêsas demasiado numerosas para se enumerar. Suas emprêsas derramam-se pelo vasto continente africano e através dos oceanos, para a América do Norte, Austrália, Nova Zelândia, Ásia, Caraíbas, América do Sul, Reino Unido, Escandinávia e a maior parte da Europa Ocidental.

Ligações, diretas ou indiretas, são mantidas com muitos dos gigantes da indústria e finança norte-americanas. São sustentadas por proeminentes banqueiros, financistas e industriais do Reino Unido, França, Bélgica, Alemanha, América do Norte e outras partes. As listas de componentes das suas diretorias estão cheias de nomes que soam familiarmente aos ouvidos dos que têm um mínimo de conhecimento de indústria e finanças internacionais. Nomes como Oppenheimer, Hambro, Drayton, Rothschild, D'Erlanger, Gillet, Lafond, Robiliard, Van der Straten, Hochschild, Chester Beatty, Patiño, Engelhard, Timmins, estão em tôdas. Outros, igualmente poderosos nos interesses que dominam, evitam a publicidade das longas listas de diretores, quer pela completa ausência das páginas das listas ansiosas por anunciar suas glórias, quer ocultando timidamente sua eminência por trás de um anúncio isolado com nome e endereço.

Essas intrincadas interconexões dos grandes monopólios imperialistas revelam as forças reais que estão por trás dos acontecimentos mundiais. Indicam também a trama que liga esses acontecimentos às nações em desenvolvimento em diferentes pontos do globo. Revelam a dualidade dos interesses que forçam os países em

desenvolvimento a importar bens e serviços que são produzidos por companhias combinadas com os grupos monopolistas que exploram diretamente seus recursos naturais ou estão intimamente ligadas a eles. Essa é a guilhotina de dois gumes que amputa da África a riqueza africana, para o maior enriquecimento das nações que absorvem suas matérias-primas e as devolvem sob a forma de produtos acabados.

Em meio à sua recente independência, é a esses mesmos grupos monopolísticos que os novos Estados africanos são obrigados a se dirigir, para suprirem as exigências nascidas da necessidade de estabelecer as bases para a sua transformação econômica. A política de não-alinhamento, sempre que é exercida, impõe a obrigação de escolher onde comprar, mas desde que o capitalismo chegou ao auge do monopólio, é impossível a qualquer um de nós evitar negociar com o monopólio, de uma forma ou de outra. Mas é na natureza de nossos entendimentos com os monopólios que está a liberdade ou não dos Estados africanos. Onde criamos e mantemos a integridade de nossas instituições financeiras e mantemos nossos projetos fundamentais livres do controle imperialista, deixamos uma margem para manobrar para fora do alcance do neocolonialismo, que infelizmente fechou suas garras sobre países cuja independência está encoberta por uma profunda dependência de associações extra-africanas. Nessa atmosfera de liberdade relativa, os gigantescos interesses que inauguraram emprêsas industriais em nosso solo o fazem através de acordos que ficam bem limitados e fazem parte do progresso nacionalmente planejado. Os bancos nacionais são verdadeiramente bancos nacionais, formados e operados com os próprios recursos do país, e nossas demais instituições financeiras e econômicas são protegidas da infiltração neocolonialista.

Infelizmente, essas condições são raras na África. A maioria dos territórios passa ao estado de soberania nacional em circunstâncias que inibem mesmo uma pequena liberdade de movimentos dentro das fronteiras nacionais. Essas circunstâncias poderiam ser superadas, mas somente dentro da força combinada que uma



unidade continental e uma política socialista central de conjunto poderiam dar. Como estão as coisas, a maioria de nossos novos Estados, alarmados ante as perspectivas do mundo áspero de pobreza, doença, ignorância e falta de recursos financeiros e técnicos, em que são lançados do ventre do colonialismo, relutam em romper o cordão que os liga à mãe imperialista. Sua hesitação é reforçada pela água com açúcar da ajuda, meio-térmo entre a avidez da fome e a maior alimentação esperada, que nunca chega. Como resultado, verificamos que o imperialismo, tendo se adaptado à perda de controle político direto, conservou e estendeu o seu domínio econômico (e conseqüentemente sua força política) pelo artifício da insinuação neocolonialista.

A expansão cada vez maior da capacidade produtiva e da produção potencial das nações capitalistas avançadas têm como corolário a necessidade de exportar em escala geomêtricamente crescente os produtos acabados da indústria e o excesso de capital que só poderia inflacionar ainda mais a competição dentro do próprio país, mas que traz prontamente altos lucros das novas nações industrialmente famintas. Daí a disputa febril para obter posição nessas áreas, assim como na do monopólio de matérias-primas, que está usando a África como campo de ação não apenas da guerra fria (um aspecto da luta pela existência do capitalismo contra o socialismo) mas da batalha competitiva do monopólio internacional. As exportações norte-americanas para a África aumentaram de 10,3 por cento em 1959 para 13,7 por cento em 1962, enquanto as dos demais países ocidentais e do Japão continuavam na mesma ou declinavam ligeiramente. Isso corresponde aos crescentes investimentos norte-americanos nas indústrias extrativas do continente e no aumento de participação dos Estados Unidos nos estabelecimentos financeiros do continente. As casas bancárias norte-americanas estão entrando em território anteriormente servidos exclusivamente por bancos europeus e britânicos. Os bancos franceses ainda dominam nos antigos territórios franceses e os belgas no Congo, mas isso

constitui freqüentemente uma fachada para a participação norte-americana.

Os assessôres financeiros europeus dão constantemente conselhos às nações africanas sobre as vantagens que podem ter conservando-se associadas ao antigo "país-mãe", ao mesmo tempo que depreciam as possibilidades da associação interafricana. O comentarista do *Financial Times*, Lombard, usa de muita sutileza. Em artigo publicado na edição de 6 de fevereiro de 1964 desse influente jornal londrino, produto da companhia industrial que publica também o *The Economist*, Lombard afirmava que "não há muito que as nações africanas possam fazer diretamente para se ajudarem financeiramente entre si, neste estágio da sua evolução econômica". Lombard, conseqüentemente, declarava-se "satisfeito ao ver que as nações independentes da África estão agora começando a reconhecer que lhes é de grande interesse preservar os laços monetários com as principais nações européias, herdados dos tempos coloniais... Elas (as africanas) obviamente tiveram fortes suspeitas de que o entusiasmo demonstrado pelas antigas nações-mães, ao lhes permitir que continuassem dentro de suas áreas monetárias, era motivado principalmente, senão totalmente, por considerações de interesse próprio. E (as africanas) estão inclinadas a concluir que isso significava que seus próprios objetivos seriam melhor defendidos fazendo seguir à independência política a sua equivalente financeira, o mais cedo possível".

Lombard assegurou a seus leitores que os africanos demonstraram sabedoria quando o secretariado da CEA, auxiliando a Organização da Unidade Africana a dar cumprimento à sua resolução sobre a possibilidade de criar uma união de estabelecimentos de desconto africanos, teve o bom senso "de pedir o conselho da eminente autoridade monetária norte-americana, Professor Triffin, da Universidade de Yale". Será de surpreender que em seu relatório o eminente professor norte-americano tenha ressaltado que "seria extremamente imprudente condenar ou romper levemente



os acertos financeiros com companhias comerciais e centros financeiros de maior importância"? Isso, naturalmente, nós poderíamos considerar como penetração neocolonialista, mas para Lombard é apenas um lado da questão. Pois há dois mundos, e as nações africanas "devem agora se esforçar por obter o melhor dos dois mundos, conservando e mesmo desenvolvendo as relações que têm com as principais áreas monetárias internacionais e ao mesmo tempo construindo seus próprios mecanismos financeiros de ajuda interna". Como é possível conciliar duas contradições, Lombard não se oferece para explicar, mas o que confessa é que êsse inconciliável procedimento em duas direções "teria nada menos do que a aprovação plena dos seus atuais associados de área monetária".

Isso diz muito e não temos dificuldade em crer no que diz, pelo simples fato de que os que controlam as principais áreas monetárias internacionais estão colocando suas bombas de tempo dentro dos "mecanismos de ajuda interna" das nações africanas. Pois êsses mecanismos são controlados pelos monopolistas financeiros do imperialismo, os banqueiros e financistas que estiveram muito ocupados durante os dois últimos anos criando estabelecimentos por tôda a África, infiltrando-se no coração econômico de muitos países e ligando-se às mais importantes emprêsas que estão sendo criadas para explorar os recursos naturais do continente, em escala maior do que nunca, para seu próprio lucro.

Embora o objetivo dos neocolonialistas seja o domínio econômico, não limitam suas operações à esfera econômica. Utilizam os velhos métodos colonialistas da infiltração religiosa, educacional e cultural. Por exemplo, nos Estados independentes, muitos professôres expatriados e "embaixadores culturais" influenciam as mentes dos jovens contra o próprio país e o povo. Fazem isso solapando a confiança no Governo nacional e no sistema social, através da exaltação de suas noções próprias de como um Estado deve ser administrado e esquecem de que não há monopólio sôbre o saber político.

Mas tôda essa subversão indireta nada é, em comparação ao assalto acintoso dos capitalistas internacionais. Aí está o "império", o império do capital financeiro, de fato, se não de nome: uma vasta rêde de atividades intercontinentais em escala altamente diversificada, que controla as vidas de milhões de pessoas nas regiões mais afastadas do mundo, manipulando indústrias inteiras e explorando o trabalho e riquezas de nações para a satisfação voraz de alguns. Aí reside a mola mestra do poder, a direção das orientações políticas que se opõem à onda crescente da libertação dos povos explorados da África e do mundo. Aí está o inimigo incansável da independência e unidade africanas, ligado a uma cadeia internacional de interesses comuns que considera a provável união das novas nações como sério golpe contra a continuação do seu domínio sôbre os recursos e economias dos outros. Aí, na verdade, estão as engrenagens reais do neocolonialismo. Aí, na verdade, estão as ramificações econômicas dos monopólios e grupos de emprêsas. Seus impérios financeiros e econômicos são pan-africanos e só podem ser enfrentados em base pan-africana. Só uma África unida, através de um Governo de uma União Africana poderá derrotá-los.



### 3. Finança imperialista

**E**STA É A DURA realidade da situação de hoje na África, um processo que tem continuado e crescido desde a invasão da África pelas potências européias e estrangeiras. Ganhou um tremendo impulso nos últimos anos com o agravamento da luta entre os antagonistas imperialistas e entre capitalismo e socialismo.

O imperialismo foi analisado por Lênin como o mais alto estágio do capitalismo. Sua exposição foi redigida em plena Guerra Mundial (1916), que fôra desencadeada para determinar a primeira grande revisão da supremacia imperialista. Ele traçou o desenvolvimento desigual do capitalismo, que levou os recém-chegados como a Alemanha e os Estados Unidos a formarem cartéis e sindicatos antes dos que haviam começado primeiro, e assim os conduziu mais cedo a um estágio mais elevado de monopólio, de onde se desafiavam mutuamente e desafiavam o restante do imperialismo mundial.

O capitalismo monopolista, por meio de uniões, fusões, acôrdos de patentes, acordos de vendas, cotas de produção, fixação de preços e uma série de outros mecanismos comuns, se constituíra em uma confraria internacional. Por causa do seu caráter competitivo, no entanto, enraizado no princípio da produção para lucro



privado e no desenvolvimento desigual do capitalismo, a luta dos monopólios continuou dentro das combinações internacionais. O agravamento dos conflitos entre os trustes e grupos industriais e financeiros europeus e norte-americanos, pela redivisão dos recursos mundiais de matérias-primas e mercados para investimento de capital e artigos manufaturados, explodiu em guerra quando se tornaram intensos demais para ficarem contidos nos limites da diplomacia. A guerra de 1914-18 trouxe a redivisão dos setores coloniais do globo. Ao mesmo tempo, criou a oportunidade para uma brecha socialista na cadeia de imperialismo que rodeava o mundo.

O triunfo da revolução de outubro na Rússia representou um golpe severo para o capitalismo monopolista internacional. Daí por diante, êle enfrentava não apenas a batalha pela hegemonia dentro de suas próprias fileiras mas, o que era muito pior, foi forçado a se engajar em luta defensiva contra uma ideologia oposta. Essa ideologia havia alcançado um êxito significativo ao retirar um sexto da superfície da terra do campo de operações do capitalismo monopolista, fato que êste nunca perdoou e nem perdoará, e ameaçava solapar a força do imperialismo em outros pontos estratégicos que haviam se enfraquecido sob os golpes da guerra. Com o fracasso da guerra intervencionista para subjugar o nôvo Estado socialista, um "cordão sanitário" foi esticado em tôrno da União Soviética para impedir que a contaminação socialista se espalhasse a outras partes da Europa. O fascismo foi encorajado a sustentar o capitalismo em pontos nos quais êste fôra seriamente danificado e enfrentava o descontentamento popular, como na Alemanha e na Itália, e a reforçá-lo nesses postos avançados que eram e continuam sendo apêndices semicoloniais do imperialismo ocidental, Espanha e Portugal.

Êsses artifícios, no entanto, não eram capazes de dominar as repetidas crises que se desencadeavam no próprio coração do capitalismo e agravavam as acirradas disputas entre imperialismos rivais, que explodiram

numa Segunda Guerra Mundial, em 1939. Dêsse holocausto, o socialismo emergiu como um desafio muito mais ameaçador ao capitalismo do que jamais fôra antes. Ao mesmo tempo, nós, os povos dos "impérios longínquos" do imperialismo, havíamos compreendido que podíamos ter o contrôlo do nosso próprio destino e começamos a fazer nossa exigência de independência como nações. Assim, o imperialismo começou a ser desafiado em mais uma frente, a frente colonialista, numa época em que a ciência havia elevado a capacidade da maquinaria produtiva do capitalismo, aumentando portanto a sua necessidade de matérias-primas e mercados para novos materiais primários produzidos quimicamente, produtos manufaturados e emprêgo, no ultramar, de excedentes de capital cada vez maiores. Desafiado assim pelo anticolonialismo e pelo socialismo, o imperialismo está agora empenhado numa luta mortal pela sobrevivência ante as forças que lhe são antagônicas e que estão se avolumando por tôda a terra, exatamente quando a luta interna, dentro dêle mesmo, se torna mais e mais brutal. Nesse múltiplo combate, o imperialismo foi forçado a utilizar-se de muitos artifícios para continuar existindo através da permanência do processo colonialista sem a ajuda do contrôlo colonial.

As grandes potências coloniais conseguiram monopolizar o comércio exterior e a produção de matérias-primas agrícolas e industriais nos territórios que lhes estão respectivamente sujeitos. As colônias de uma nação menos industrializada como Portugal, no entanto, que vem sendo há séculos um instrumento da Grã-Bretanha e se tornou uma semicolônia da finança britânica, foram dominadas pelo capital britânico, juntamente com os grupos bancários internacionais com os quais está associado. O domínio financeiro belga sôbre o Congo, por causa das ligações íntimas das instituições bancárias belgas com casas internacionais como Rothschild, Lazard Frères e Schroder, por sua vez ligados aos grupos Morgan e Rockefeller, era partilhado com a finança britânica, francesa e norte-americana.



Os tributos arrancados através da exploração colonial e semicolonial permitiram às classes capitalistas das nações metropolitanas passar às suas classes trabalhadoras algumas das migalhas e assim comprá-las (especialmente líderes políticos e sindicais) quando os conflitos de classe em suas sociedades se tornaram críticos. Ao mesmo tempo, a competição por fontes de matérias-primas e a exportação de capital e de artigos se intensificava à medida que melhoravam os métodos de produção e os produtos saíam das fábricas em escala cada vez mais maciça.

O desenvolvimento desigual do capitalismo trouxe novos contendores à arena, que se incluíram nas rivalidades que haviam surgido com a disputa original pelas colônias. As rivalidades se agravaram até explodir em duas guerras mundiais que, muito embora a piedosa palavrada sobre guerras para a preservação da democracia, foram na realidade guerras pela redivisão do mundo pelo capitalismo monopolista. "A guerra — ensinou-nos Clausewitz — é a continuação da política por outros meios". O que os poderosos trustes foram incapazes de obter pela competição "pacífica", seu domínio sobre áreas cada vez mais extensas do mundo, levaram seus países a realizar por eles através da ação militar. Isso não apenas lhes dá uma esfera mais ampla de operação exclusiva, como também enfraquece os monopólios competidores.

Essa redivisão do mundo não está limitada aos setores menos desenvolvidos, mas alcança áreas altamente industrializadas. A importante região industrializada da Alsácia-Lorena foi um prêmio cobiçado das invasões alemãs da França, nas guerras de 1871 e 1939. A campanha de Hitler contra a Tcheco-Eslováquia era inspirada pelo desejo de anexar as manufaturas altamente desenvolvidas da Boêmia e da Morávia aos trustes alemães. Os capitalistas olhavam com água na boca, havia muito, as ricas minas de carvão e as indústrias químicas e outras indústrias do Sarre, tão próximas do minério de Lorena, e aproveitaram a oportunidade, nas discussões de paz em 1919, para tomá-las para a Fran-

ça, sob a forma de reparações. Um plebiscito posterior ganhou novamente o Sarre para a Alemanha. Depois da Segunda Guerra Mundial, um acôrdo entre os trustes De Wendell-Schneider-Krupp conseguiu uma união alfandegária entre o Estado do Sarre Alemão e a França, que na realidade torna o Sarre uma dependência do império de carvão e aço de De Wendell.

A Segunda Guerra Mundial terminou com a derrota de Hitler e uma rejeição temporária ao capitalismo alemão, que foi forçado a se submeter a uma injeção revitalizadora da finança monopolista norte-americana. Ao mesmo tempo, produzia-se um soerguimento no mundo colonial que provocou o comentário de Winston Churchill, de que não fôra designado Primeiro-Ministro da Grã-Bretanha para presidir à liquidação do Império Britânico. Tôdas as belas e corajosas palavras pronunciadas sobre a liberdade que haviam sido difundidas pelo rádio aos quatro cantos da terra, germinaram e cresceram num local onde não estava previsto que isso acontecesse. A emancipação colonial tornou-se o fenômeno principal do meio-século, assim como a abolição da escravatura o foi no período correspondente do século XIX, com conseqüências também cruciais na política e economia nacionais e internacionais.

O capitalismo do pós-guerra, que já havia sofrido um impacto devastador após a Primeira Guerra Mundial com o aparecimento da União Soviética, sofreu nova derrota esmagadora com a criação de regimes socialistas em numerosas nações da Europa Central e Oriental e na China. Amplas fontes de matérias-primas e mercados de investimento financeiro e de artigos de consumo foram subtraídos ao seu campo de operações. A reconstrução interna a princípio ocupou a atenção das nações européias. Os Estados Unidos, contando já com uma tremenda vantagem inicial por terem entrado na guerra bem depois dos outros, pela sua imunidade física a um ataque, e pelo enorme impulso dado à sua capacidade produtiva e inventiva por ser o principal fornecedor de materiais e serviços de guerra, to-



maram da Grã-Bretanha a liderança do monopólio financeiro internacional.

Em resultado da sua primazia na esfera financeira, a política externa dos Estados Unidos tomou uma direção inteiramente oposta à sua posição de "isolamento esplêndido" de antes da guerra, passando a ser de domínio dos assuntos mundiais. A emersão dos novos Estados saídos da submersão colonial criou a questão primordial de como manter essas nações dentro das relações coloniais, uma vez removido o controle evidente. Assim nasceu uma nova fase no imperialismo, a da adaptação do colonialismo à nova condição de eliminação do domínio político senhorial pelas potências coloniais, fase em que o colonialismo tem que ser conservado por outros meios.

Isso não quer dizer que a antiga forma direta do colonialismo tenha sido completamente extinta. Há evidências numerosas de como as potências imperiais se apegam tenazmente aos seus territórios coloniais. Vietnã, Coréia, Suez, Argélia, todos são exemplos de até que ponto as nações imperialistas vão para se agarrar fisicamente a colônias, atitude reforçada pela interferência dos Estados Unidos como principal protagonista na luta pelo controle monopolista mundial do capital financeiro. Essa luta recebeu conteúdo ideológico ao ser invocado o anticolonialismo como mola mestra da batalha para trazer de volta o setor socialista do mundo ao controle explorativo do monopólio financeiro internacional. Cuba é o exemplo destacado dos extremos a que esses grupos de nações irão no esforço para impor a volta do seu controle onde ele foi expulso e manter o que consideram um bastião estratégico na luta para a renovação do domínio sobre o mundo socialista anti-imperialista.

O controle dos recursos petrolíferos é um motivador primordial da frenética competição entre monopólios. O Sarre era disputado entre a França e a Alemanha por causa dos seus importantes recursos carboníferos. Da mesma maneira, uma batalha por causa de petróleo se desencadeou a partir da Primeira Guerra

Mundial. O petróleo do Oriente Médio, na realidade, tornou-se um importante objetivo naquela guerra e a luta prosseguiu depois do conflito através de meios diplomáticos e econômicos dentro das fronteiras nacionais e no plano internacional. A supremacia de Rockefeller foi abertamente desafiada pelos grupos Morgan, que forçaram entrada nos *holdings* da Anglo-Dutch, antiga reserva dos Rothschilds, Lazard Frères, Banco Alemão e seus associados.

A furiosa batalha pelo monopólio petrolífero tem constituído um fator cardinal na supressão dos movimentos populares em áreas coloniais e semicoloniais do Oriente Próximo, Oriente Médio e Extremo Oriente, na América Latina e África do Norte. A série de ocorrências no Irã, Iraque, Kuwait, Aden, Arábia Saudita, Cuba, Venezuela, Brasil, Brunei e Argélia, explodindo em violência, revolução e guerra, tem sido em grande parte estimulada pela luta pelo controle do petróleo. Descobertas de petróleo em centros europeus, como em Groningen, Holanda, trouxeram a competição para os centros bem industrializados, exatamente como acontece com a competição por carvão e ferro.

A competição entre as combinações de grupos petrolíferos não se limita à produção, mas se estende à distribuição de produtos de petróleo e à nova indústria de subprodutos petroquímicos. Uma batalha feroz está se desenvolvendo por todo o mundo, em resultado do forte aumento da quantidade de petróleo consumida e da expansão territorial do consumo. A indústria petrolífera tem sido dominada, desde o seu início, pelos interesses bancários mais poderosos, os Rockefellers, Morgans, Rothschilds, por causa dos extraordinários lucros que dá. Hoje, mesmo com as *royalties* maiores que os trustes de petróleo foram obrigados a pagar às nações produtoras, seus lucros continuam subindo prodigiosamente.

As reservas dos trustes de petróleo elevam-se a bilhões. Muito foi utilizado em investimentos no exterior, e nisso os Estados Unidos excederam longe os demais. As reservas financeiras obtidas com o petróleo, devem-



se acrescentar as tiradas dos monopólios de metal e outras matérias-primas, do monopólio de alimentos e vastos impérios industriais e agrícolas, da rede monopolística de distribuição e agências distribuidoras, dos preparativos militares e das várias guerras que foram empreendidas com povos coloniais desde o final da Segunda Guerra Mundial, e finalmente do desenvolvimento de instrumentos de destruição nuclear e da corrida frenética pela liderança do reino da pesquisa espacial.

O capitalismo contém muitos paradoxos, todos eles baseados no conceito de produção de utilidades: os poucos ricos e os muitos pobres; pobreza e fome em meio à superabundância; as campanhas de "liberdade da fome" e subsídios para a restrição de safras. Mas talvez o mais cômico seja o constante tráfico nos mesmos tipos de artigos, produtos e utilidades entre nações. Isso não é feito por necessidade, mas pela compulsão do lucro e da extensão do monopólio. O Mercado Comum Europeu tornou-se a apoteose desse processo, assim como o campo de ação do investimento internacional, dominado pelos gigantescos grupos bancários norte-americanos e seus satélites britânicos.

A Comunidade Européia, da qual o Mercado Comum Europeu constitui apenas um aspecto, não é absolutamente um conceito novo. Foi delineado por Hobson em sua crítica do imperialismo como "uma federação européia de grandes potências que, longe de levar à frente a causa da civilização mundial, poderia criar o enorme perigo dos parasitas ocidentais, um grupo de nações industriais avançadas cujas classes elevadas arrancassem vastos tributos da Ásia e da África, com os quais sustentassem grandes massas de dependentes, não mais engajados nas indispensáveis indústrias de agricultura e manufaturas, mas conservados na execução de serviços pessoais ou industriais de importância secundária sob o controle de uma nova aristocracia financeira". É o imperialismo coletivo.

Foi precisamente o que sucedeu. A competição entre os monopólios produziu o fenômeno da vasta publi-

cidade e organizações de relações públicas, que se ocupam em vender não apenas artigos e serviços, mas também personalidades. Essas organizações e os meios através dos quais operam — imprensa, rádio, cinema, televisão — e as empresas que cuidam da embalagem das mercadorias empregam enormes exércitos de gente no que não passa de empregos parasitários que não teriam lugar em uma sociedade equilibrada que produza para o consumo e não para o lucro. No sistema atual, somas enormes são investidas e ganhas pelos interesses financeiros que participam da promoção dessas empresas.

Mas essa é apenas uma pequena faceta da atividade financeira febril que se desenvolve hoje no mundo capitalista. A cada semana, cada mês, com uma regularidade quase monótona, vemos os mesmos nomes se repetindo como lançadores de grandes companhias, como fiadores e emissores de novas ações ou detentores de debêntures, como articuladores em novas instituições financeiras para obter métodos mais universais de investimento, e como participantes em novas fábricas e especulações que estenderão o monopólio em novas direções e a mais territórios.

São especialmente laboriosos nas nações dos *Seis* e outras que ainda esperam penetrar no Mercado Comum como membros diretos ou associados. A redução das barreiras ao comércio foi o sinal para a sua entrada. Na prática, algumas das mais importantes nações européias são servidores financeiros dos grupos dominantes monopolistas banqueiros, os Morgans e os Rockefellers. Apesar de todo o poder pertencente a bancos tão importantes como a *Société Générale de Belgique*, o Banco de Bruxelas, *Kredietbank*, *Banque Lambert*, a grupos industriais-financeiros belgas como *Solvay*, *Boel*, *Brufina-Cofinindus* e *Petrofina*, a Bélgica, juntamente com Luxemburgo, seu apêndice, é na realidade uma colônia financeira do capital de investimento norte-americano. Em 1959, 39 novas companhias foram criadas na Bélgica por estrangeiros. No ano de 1961, o número de novas companhias "estrangeiras" formadas havia



subido a 237. As somas investidas do exterior haviam aumentado de dois bilhões e 457 milhões de francos belgas, em 1959, para seis bilhões e 664 milhões de francos belgas em 1961. Desta última cifra, quase 60 por cento, ou seja três bilhões e 979 milhões de francos belgas, foram fornecidos por fontes norte-americanas. Henry Coston, em seu livro revelador sobre as ramificações da finança internacional, *Europa dos Banqueiros*, declara que essa emprêsa não se limita ao território do reino e que as ex-colônias belgas não foram desprezadas. "Pode-se mesmo perguntar se os acontecimentos sanguíneos do Congo não foram causados pela luta sem quartel que se desenvolve entre grupos financeiros rivais", conclui êle.

O capital financeiro norte-americano, naturalmente, agiu à vontade na Alemanha durante a ocupação, após a guerra. A indústria e finança alemãs, já ligadas à indústria e finança norte-americanas por acôrdos de cartéis e trustes, foram ainda mais penetradas pelos poderosos grupos monopolistas norte-americanos. Os gigantescos bancos alemães, Deutsche Bank, Dresdner Bank, Diskonto Gesellschaft, Commerzbank; os possantes trustes Krupp, Bayer, Badische Anilin & Soda Fabrik, Hoechst, e Siemens, estão todos ligados ao capital norte-americano e, de muitos modos, a êle subordinados. Bancos e indústria italianos estão em situação bem parecida. O Banco Commerciale Italiano, Banco di Roma, Mediobanca, Credito Italiano, estão todos ligados de várias maneiras ao capital financeiro norte-americano, seja direta ou indiretamente. Os exemplos podem ser estendidos através do mundo, ao Japão, Canadá, Austrália e Nova Zelândia. Essa dependência financeira dos Estados Unidos foi resumida por Lorde Bearsted, presidente de M. Samuel & Co. durante a assembléa anual de 1963, ao comunicar a compra de 16,66 por cento da companhia pelo grupo Morgan: "Não seremos o primeiro banco a ter parte do seu capital possuído por interêsses norte-americanos".

Essa lastimosa declaração é uma confissão pública da subserviência européia ao monopólio financeiro nor-

te-americano, um monopólio expresso nas alianças políticas e estratégicas que amarram o capitalismo europeu ao norte-americano. Os estadistas europeus estão profundamente cômicos de sua posição inferior mas, no fundo, sentem que pouco podem fazer para melhorá-la. O ressentimento existe, no entanto, e na França se manifestou através da posição firme do General De Gaulle a favor de uma força de ataque nuclear individual, francesa; em sua aproximação com o ex-Chanceler alemão, Adenauer; em suas tentativas de excluir a Grã-Bretanha do Mercado Comum como a "mão de gato" dos Estados Unidos; e mais recentemente em suas aproximações com a China e sua excursão pela América Latina. Todos êsses atos são esforços para bloquear o domínio norte-americano da Europa e exercer a ação independente francesa na frente internacional. Essas tentativas, no entanto, têm pequena possibilidade de sucesso e não podem causar mais do que uma impressão passageira sobre o cenário mundial. São na realidade expressões dos profundos conflitos competitivos dentro do imperialismo capitalista, que existem sob as alianças e federações superficiais, conflitos oriundos do desenvolvimento desigual dos concorrentes, do desenvolvimento desigual do capitalismo.

A Grã-Bretanha, como precursora da revolução industrial, tornou-se a oficina do mundo, a movimentadora dos produtos mundiais, a principal impulsionadora do contrôle imperialista, com sede na City de Londres. Seu declínio iniciou-se com o desenvolvimento dos novos e mais vigorosos Estados capitalistas da Alemanha e Estados Unidos. As duas guerras mundiais foram um teste da sua força contra as nações capitalistas formadas antes e um teste entre as duas. Os Estados Unidos saíram triunfantes de ambas as vezes. Mesmo assim, a City de Londres só aos poucos cede o lugar a Wall Street como símbolo da força do dinheiro mundial. A City espera ressuscitar estendendo-se pelo Mercado Comum Europeu, mesmo que tenha que o fazer aliado e subordinado ao monopólio financeiro norte-americano. O capital supérfluo na França foi investido



mais fortemente nas nações menos avançadas da Europa — Rússia, Polônia, Hungria, Romênia — do que o da Grã-Bretanha ou da Alemanha, embora estas também tivessem grandes investimentos nas mesmas indústrias pesadas, armamentos, minas e campos petrolíferos europeus. Todas, no entanto, voltaram-se para as nações produtoras de matérias-primas, alienando algumas como colônias diretas, sob domínio político, e explorando e tornando subservientes outras, como esferas de investimento, de modelo semicolonial.

Por causa do seu início posterior, o capitalismo alemão e norte-americano levou adiante a união dos grupos industriais e o monopólio do capital financeiro mais apressadamente do que a Grã-Bretanha ou a França, cuja supremacia no plano colonial assegurava suas hegemonias, interligadas em vários pontos, embora competidoras no nível financeiro internacional. O monopólio financeiro alemão sofreu um golpe com a derrota de 1918, quando o mundo colonial foi redividido e outra vez em 1945. O capitalismo norte-americano, por outro lado, devido a vantagens geográficas e territoriais (estas inerentes à união política) continuou a avançar em passos largos e foi o vencedor real de ambas as guerras mundiais. A expansão do monopólio financeiro e industrial norte-americano, no entanto, não se limitou à Europa. O equilíbrio da força financeira ocidental começou a pender para a Ásia e a África, processo que fôra acelerado desde o final da Segunda Guerra Mundial, com o rompimento do domínio colonial.

Os muitos consórcios que estão sendo criados na maioria dos novos Estados giram em grande parte em torno dos mesmos grupos financeiros e industriais que se enraizaram firmemente desde o início do domínio colonial. As alterações que possa haver correspondem às mudanças de influência que ocorreram dentro dos próprios grupos. A influência dominante é mantida pelas onipresentes formações norte-americanas de Morgan e Rockefeller, com seus associados britânicos e europeus vindo atrás. O colonialismo agonizante está revivendo nas coalizões internacionais do neocolonialismo,

Essas coalizões de organismos competidores refletem o caráter global que o monopólio financeiro atingiu sob o domínio do mais poderoso imperialismo: o dos Estados Unidos. São também um sinal da luta pela sobrevivência dos imperialismos mais antigos contra o avanço tenaz da agressividade mais poderosa do imperialismo norte-americano, cuja enorme força produtiva o leva cada vez mais longe.

Tentativas são feitas para adoçar os conhecidos objetivos do colonialismo político em rápida desintegração: a manutenção de áreas menos desenvolvidas do mundo como fornecedoras de matérias-primas, como esferas de investimento e mercados para produtos acabados caros e serviços. Os produtos acabados e serviços, agora que as populações dos novos países afirmam suas exigências de um nível de vida crescente, estão tomando um caráter diferente e extravasando para categorias anteriormente negligenciadas. Equipamento de terraplanagem, construção de usinas hidrelétricas, reconstrução de estradas, moradias, escolas, hospitais, portos, aeroportos, e todos os serviços prévios e suplementares que exigem, estão abrindo novos campos de investimento de capital e lucro para o monopólio financeiro, tanto no próprio país como no exterior. Sustentam, também, em empregos muito bem pagos, um exército dos chamados *experts*, pessoal técnico e profissional nem sempre do mais alto calibre.

Novas fontes de produtos extrativos ou agrícolas estão também atraindo grandes somas de investimentos de capital. A antiga dependência de fontes domésticas para muitos minerais, nas nações metropolitanas, está cedendo lugar à importação do exterior. Os mineiros das regiões produtoras de cobre e ferro dos Estados Unidos, por exemplo, estão sendo despedidos não por causa da automação, mas também porque estão sendo obtidos lucros maiores da mineração grandemente acelerada de materiais básicos na África e na Ásia. Em alguns lugares o seu semiprocessamento oferece também maiores margens do que pode ser obtido nas áreas de mão-de-obra mais cara. Porto Rico e outras nações la-



tino-americanas que oferecem mão-de-obra barata estão se tornando rapidamente centros de artigos de consumo manufaturados, freqüentemente processados com matérias-primas importadas e remetidos para os Estados Unidos para competir com artigos produzidos nos Estados Unidos a preços muito ligeiramente reduzidos, ou ao mesmo preço. Isso dá ainda maiores lucros ao capital financeiro.

O intrincado processo de equilibrar os retornos do investimento doméstico com o fluxo de capital para o exterior em busca de investimento externo mais rentoso está criando brechas sérias na posição econômica de toda nação capitalista ocidental. Isso se sente particularmente na posição da balança de pagamentos. Mesmo os Estados Unidos, cujas reservas de ouro e moeda estrangeira eram tão grandes que sustentaram o país durante uma crescente corrente para o exterior, por longo tempo, atingiram agora um ponto em que, como as nações similares européias, menos afortunadas, os Estados Unidos estão entrando em uma crise de balança de pagamentos adversa.

Apesar do aumento da produção nacional e da produtividade aumentada, os problemas de agricultura, mesmo em economias de crescimento tão rápido como as da Alemanha Ocidental, Itália e França, complicam a situação econômica. Nos Estados Unidos, o sitiante ainda vive na linha limite da pobreza ou mesmo abaixo dela, enquanto as extensas fazendas mecanizadas das companhias financiadas por banqueiros recebem todos os favores de um governo de banqueiros. Preços garantidos pela produção que vai para os silos construídos pelo governo e pagos pelo governo tornam a agricultura em grande escala altamente rendosa nos Estados Unidos para o capital financeiro, que passa ao governo o problema e a preocupação do que fazer com as sobras não vendidas que resultam dos altos preços.

A necessidade de novas saídas para os produtos agrícolas, assim como dos complexos industriais e comerciais que estão ficando sob controle eletrônico crescente e conseqüentemente adquirindo um potencial

grandemente aumentado, está forçando o capitalismo ocidental, particularmente o norte-americano, a uma penetração maior e mais intensiva nas nações estrangeiras altamente industrializadas. A recente farsa da "galinha", representada em meio ao cenário da política antinorte-americana de De Gaulle, que liderou a oposição franco-germânica à continuação da importação, pela Europa, dos produtos granjeiros norte-americanos, mais baratos, é apenas um dos exemplos mais leves da competição feroz que se desenvolve para descarregar os resultados da produção em massa vigorosamente mecanizada, financiada por bancos. O incidente ressaltou por um momento a natureza intrinsecamente paradoxal do Mercado Europeu, como um organismo monopolístico, opondo uma forte resistência a um monopólio competidor dominante. O jogo de forças competidoras, tipo "cabo-de-guerra", é demonstrado pela retaliação sob a forma do aumento de tarifas alfandegárias impôsto agora aos carros pequenos franceses e alemães importados pelos Estados Unidos, tirando-lhes assim sua principal vantagem sobre o artigo de produção local em face da conseqüente elevação de preço.

Os fatos e os números provam que comércio e investimento entre as nações altamente industrializadas estão ultrapassando os que são feitos com as regiões menos desenvolvidas. Apóiam assim, efetivamente, a afirmação de que o imperialismo não está limitado aos setores do mundo de produção primária. No entanto, o fato mais notável é de que o índice de lucro da exportação das áreas menos desenvolvidas é maior do que o obtido das nações mais industrializadas. Nestas últimas, a competição entre os monopólios é mais decidida e os interesses domésticos, mesmo os que estão ligados ao monopólio financeiro internacional, opõem o tempo todo a maior resistência aos interesses invasores. No entanto, e isso se deve precisamente ao seu caráter imperialista, os grupos financeiros mundiais dominantes conseguem fazer suas constantes incursões nos monopólios nacionais e assim aprofundar sua hegemonia sobre porções cada vez maiores do globo.



É muito mais fácil, então, à finança imperialista, penetrar mais e mais nos países em desenvolvimento onde o domínio colonial se rompeu ou está se rompendo. Premida pela necessidade de procurar somas cada vez maiores de capital para explorações geológicas e abertura de novos campos de matérias extrativas, a finança internacional foi chamada a ajudar a finança nacional dos respectivos países imperialistas. Esse processo foi estimulado pelo fato de que os monopólios financeiros nacionais já haviam passado ao estágio de aliança internacional com o ataque do imperialismo, processo que se acelerou fortemente na época atual de crescente nacionalismo e socialismo. Assim, no presente, todos os instrumentos e mecanismos do imperialismo internacional, expressos em coalizões monopolistas, são conjugados em ação simultânea sobre os novos e necessitados países.

Essa nova onda de invasão predatória das antigas colônias opera por trás do caráter internacional dos organismos empregados: consórcios financeiros e industriais, organizações de assistência, órgãos de ajuda financeira, etc. A cooperação amistosa é oferecida nos domínios educativo, cultural e social, com o objetivo de subverter os padrões desejáveis de progresso nacional aos objetivos imperialistas dos monopólios financeiros. Estes são os mais recentes métodos de conter o desenvolvimento real das nações novas. São o armamento do neocolonialismo, superficialmente fornecendo ajuda e orientação; subterraneamente beneficiando os doadores interessados e seus países, por velhos e novos meios.

Há várias definições de "ajuda", como ressaltou B. Chango Machyo em seu *Ajuda e Neocolonialismo*:

"A definição varia com os diferentes blocos. Assim, as Nações Unidas têm a sua definição própria, o campo imperialista tem a sua, assim como o campo socialista, e o campo não comprometido também poderia ter uma. Mas, de um modo geral, há duas definições principais: uma das Nações Unidas e outra como é entendida pelas chamadas nações doadoras. De acôrdo com as Nações Unidas, "ajuda econômica consiste apenas de doa-

ções diretas e empréstimos a prazo longo, para fins não militares, por organizações governamentais e internacionais". Mas as chamadas nações fornecedoras de ajuda incluem no termo "ajuda" o investimento de capital privado e créditos de exportação, mesmo por períodos relativamente curtos, assim como empréstimos para fins militares."

Como diz o professor Benham em seu livro *Ajuda Econômica a Nações Subdesenvolvidas*: "É agradável sentir que se está ajudando os vizinhos e ao mesmo tempo aumentando os próprios lucros." Antes do declínio do colonialismo, o que se conhece hoje como ajuda era simplesmente investimento estrangeiro.



#### 4. Capitalismo monopolista e o dólar norte-americano

O "FIM DO IMPÉRIO" foi acompanhado de um florescimento de outros meios de sujeição. O Império Britânico transformou-se na *Commonwealth*, mas os proventos da exploração do imperialismo britânico estão crescendo. Os lucros das companhias de estanho britânicas têm alcançado até 400 por cento. Os últimos dividendos do acionistas britânicos de diamantes aproximam-se dos 350 por cento. Certa vez Nehru declarou que os lucros britânicos da Índia independente mais do que dobraram e o investimento de capital britânico em seu país subiu de dois bilhões, 65 milhões de rúpias em 1948 para quatro bilhões, 460 milhões em 1960. Os investimentos britânicos totais na África subiram rapidamente para seis bilhões e meio de dólares, os franceses para sete bilhões e os norte-americanos para um bilhão e cem milhões. Um levantamento recente evidenciou a pilhagem dos monopólios britânicos. Apresentou nove dos 20 maiores monopólios da Grã-Bretanha como companhias de exploração colonial direta: Shell, British Petroleum, British American Tobacco, Imperial Tobacco, Burmah Oil, Nchanga Copper, Rhokana Corporation, Rhodesian Mines e British South Africa, cinco das quais



se dedicam diretamente a extrair os recursos naturais africanos. As outras estão aumentando esforçadamente o seu comércio. O seu lucro líquido total, de 221 milhões de libras, constituiu mais da metade dos lucros líquidos somados dos 20 maiores monopólios. Inacreditavelmente, a lista deixa de fora duas das maiores associações do mundo, êsses estados dentro de um estado — Unilever e Imperial Chemical Industries — cujas operações se baseiam fortemente em suas explorações no ultramar. A United Africa Company comanda na África em nome da Unilever e cêrca de um terço da ICI e suas subsidiárias operam no ultramar.

O ex-Primeiro-Ministro conservador britânico, *Sir Alec Douglas Home*, em discurso pronunciado no dia 20 de março de 1964, declarou ignorar o significado de neocolonialismo. Enquanto *Sir Alec* falava, a Grã-Bretanha se encontrava empenhada no que a imprensa descrevia laboriosamente como “áreas de crises importantes” por todo o mundo, reprimindo “dificuldades” inspiradas e perpetradas pelo neocolonialismo: Aden e Arábia Meridional contra o Iemen, Bornéu e Sarawak contra a Indonésia; Chipre, Guiana Britânica; “mantendo a lei e a ordem” em Quênia, Tanganica, Uganda, para os governos recém-independentes. Será o fim do imperialismo? Não, segundo o *The Economist*, porta-voz dos interesses comerciais britânicos, que se achou obrigado a comentar:

“Bases militares, rotas para o Leste, conflitos de fronteiras, repressão de motins — tudo isso tem um sabor de século XIX naturalmente perturbador para os que esperavam que o fim do colonialismo significasse o fim da implicação militar a leste de Suez. A verdade contundente acaba sendo de que no momento a Grã-Bretanha tem tantos compromissos militares naquela área quantos teve desde antes que as colônias fôssem substituídas pela Commonwealth.” (*Economist*, 23 de maio de 1964).

A intenção é a de conter o progresso das nações em desenvolvimento. Onde as circunstâncias favorecem a criação de empreendimentos novos de caráter indus-

trial mais do que simbólico, o objetivo é fazer com que sejam realizados com vacilações. O objetivo primordial é de introduzir um aumento meramente fracionário do campo industrial das novas nações, para que possam continuar a dar a maior concentração de forças ao vigor do imperialismo para a prova de força final consigo mesmo e com o socialismo. O que é notável é que a maior parte do mundo menos desenvolvido, e aqui temos que incluir a URSS, escolheu e está escolhendo o caminho socialista para o progresso nacional. Há, além disso, países como a Índia onde um sistema político, embora modelado pelas democracias burguesas do capitalismo, mesmo assim proclama o socialismo como seu objetivo sócio-econômico. As nações que atigiram seus pontos altos atuais passando através dos vários estágios do capitalismo agarram-se desesperadamente ao sistema que as trouxe aos pináculos do imperialismo. Cada uma, perigosamente pousada sobre um estreito pico, precisa manter uma batalha constante para defender o seu próprio pináculo.

Maior intensidade é introduzida na luta pela resurgência de rivais, dos quais a Alemanha e o Japão são os mais viris. Ambos se beneficiaram de fortes injeções de capital norte-americano e os monopólios dos Estados Unidos estão retirando consideráveis lucros da corrida que está sendo realizada por essas duas nações na competição mundial, demonstrando as contradições entre os interesses em jogo. Competindo contra o imperialismo norte-americano, os monopolistas alemães e japoneses freqüentemente estão em aliança com seus opostos americanos, que muitas vezes os colocam à frente na ofensiva geral do imperialismo contra a África, onde investimentos privados norte-americanos sem disfarce poderiam ser encarados com maior suspeita do que outros. A Alemanha, o que é mais, está agora em segundo plano apenas em relação aos Estados Unidos, na escala da chamada assistência às nações em desenvolvimento. Uma vez que o capitalismo é a personificação da filosofia do interesse próprio, os aliados ostensivos dos monopolistas dos Estados Unidos precisam



usar a posição de força a que estão sendo levados para promoverem seu próprio crescimento.

Essa luta pela ascendência entre imperialistas é contínua e implica em uma constante busca de renovação dos laços de energia. Ao lado da batalha pela supremacia imperialista desenrola-se a luta contra o campo ideológico do socialismo, na qual os imperialistas em guerra desencadeiam um esforço total para envolver as nações em desenvolvimento como acessórios seus. Dêsse modo, a campanha anticomunista é utilizada em prol dos objetivos imperialistas. Líderes do capitalismo monopolista em toda parte constroem na mente do público uma imagem do sistema em termos sócio-culturais pelos quais o transformam em uma civilização harmônica idealizada, que precisa ser defendida a qualquer custo. Falam insistentemente em uma maneira de viver que só pode ser alterada para pior e ressaltam a sua continuidade como o mais importante princípio na luta contra o comunismo. Quando Harold MacMillan, como Primeiro-Ministro britânico, disse ao parlamento sul-africano que "o que está em julgamento agora é muito mais do que nossa força militar ou nossa capacidade diplomática ou administrativa — é nossa maneira de viver", resumiu a transmutação metafísica de impulsos econômicos em uma filosofia social. Isso apesar de sua referência a "ventos de mudança" que sopravam pela África. MacMillan repetiu as palavras de vários estadistas do Ocidente, qualquer um dos quais poderia ter feito a declaração e, na verdade, a fez, em diferentes momentos e com expressões quase idênticas. "A grande questão nesta segunda metade do século XX é se os povos não comprometidos da Ásia e África se inclinarão para o Oriente ou para o Ocidente." Todas as poderosas nações imperialistas estão decididas a que os novos Estados se desenvolverão pelo caminho capitalista, como os fornecedores das necessidades vitais do imperialismo, a fonte de seus superlucros. A libertação nacional e as evidentes vantagens do desenvolvimento socialista para nações que surgem de um domínio colonialista e não têm os meios de capital para fazer êsse

desenvolvimento, são importantes fatores determinando a estratégia imperialista em relação a essas nações, tanto no interesse de sua luta interna como da luta contra o socialismo.

Tôdas as nações, mesmo as mais profundamente envolvidas no imperialismo monopolista, têm um setor estatal. A inclusão estatal na economia privada tornou-se parte essencial do seu processo. Não deveria causar surpresa, portanto, que nações em desenvolvimento, particularmente em vista das pequenas acumulações de capital privado local, sejam obrigadas a centralizar suas economias. A extensão do setor estatal e sua expansão planejada, no entanto, devem depender do sistema econômico escolhido, capitalista ou socialista. O objetivo das potências imperialistas, na aplicação dos seus programas de ajuda, é transformar o setor estatal em acessório do capital privado. Em vista do processo que foi desenvolvido nas nações imperialistas, seria de surpreender que isso não acontecesse. A orientação básica declarada da Agência de Desenvolvimento Internacional (anteriormente Administração de Cooperação Internacional) é de "empregar a assistência dos Estados Unidos a nações receptoras de ajuda de modo tal que estimule o desenvolvimento dos setores privados de suas economias. Assim, o ICA não estará disposto normalmente a financiar empresas industriais e extrativas de propriedade pública, embora esteja entendido que poderá haver exceções..."

O desenvolvimento das nações novas segundo linhas não capitalistas precisa ser frustrado, no interesse do imperialismo ocidental. Uma série de artigos publicada no *The Times* de Londres em abril de 1964 delineava o esquema e não fazia segredo de seus motivos: "Os dois grandes objetivos da política externa britânica devem ser impedir o mundo não comunista de ser penetrado pelo comunismo... e em segundo lugar, impedir que seu próprio acesso ao comércio e investimento em qualquer parte do mundo seja barrado ou limitado." Muito naturalmente, como concluem os artigos, "ambos os objetivos levam diretamente à questão "neocolonial"



— a luta por influência, comercial e política, sobre as nações não comunistas fora da Europa e da América do Norte”. O autor expõe assim no *Times*, sucintamente, o verdadeiro caráter da luta ideológica entre monopólios. Liderando essa luta ideológica, porque lideram a luta interimperialista, estão os Estados Unidos. Como a principal potência imperialista do mundo, os Estados Unidos se candidatam como sucessores ao dito vácuo que, segundo se afirma, as potências coloniais em retirada deixaram ficar ao cederem lugar a governos nacionalistas. O Vietnã e o Congo são símbolos óbvios dessa política de neocolonialismo furioso. São também exemplos de amargos antagonismos entre o norte-americano e outros imperialismos. De acordo com o *France Observateur* (edição do dia 4 de junho de 1964), “as piores acusações são feitas pelos Estados Unidos contra os círculos comerciais franceses operando no Vietnã... Peritos norte-americanos em assuntos asiáticos afirmam que plantadores franceses não se contentam com pagar sua contribuição à Frente de Libertação Nacional. Chegam mesmo a dar assistência e ocultar os guerrilheiros perseguidos pelo exército do Governo”.

Apesar de sua política de franca agressão em muitas partes do globo, os Estados Unidos freqüentemente assumem a pose da potência “anticolonial”, em condenação ao imperialismo britânico. “A pose é superficial e a máscara cai a todo momento, mesmo, freqüentemente, ante resoluções anticolonialistas cruciais pressionadas pela maioria afro-asiática e socialista nas Nações Unidas, quando os Estados Unidos e a Grã-Bretanha se vêem isolados, ou apenas com a França, Portugal, África do Sul e Austrália votando contra ou se abstenendo.”\* Nos últimos nove anos os investimentos norte-americanos neste continente triplicaram, crescendo em maior ritmo do que em qualquer outra área. Somente em 1961, os monopólios norte-americanos obtiveram lucros de 11 milhões e 220 mil libras que retiraram da África.

\* *Política Colonial Britânica e Rivalidades Neocolonialistas*, R. PALME DUTT, Assuntos Internacionais, Moscou, agosto de 1964.

A maré crescente do nacionalismo nos territórios coloniais foi considerada pelos operadores mais argutos do capital financeiro norte-americano como a oportunidade dos Estados Unidos de se insinuarem no que eram áreas reservadas de imperialismos rivais, ciumentemente vigiadas. Movimentos antiimperialistas haviam começado a se mostrar, na Ásia e na África, antes do rompimento da última guerra mundial. A medida que prosseguiram as hostilidades, a América se manifestava cada vez mais abertamente pelo fim do domínio colonial. A imprensa e outros meios de propaganda lembravam a luta dos próprios Estados Unidos contra o colonialismo. A recordação estava ligada, na mente do povo, aos movimentos nacionalistas recentes, que exerciam pressão abertamente pela independência, em todo o globo. A Europa despedaçada pela guerra atenderia parcialmente à necessidade norte-americana de exportar capital de investimento e artigos, mas os territórios recém-libertados do poder político de imperialismos rivais ofereciam campos praticamente virgens.

Um crescimento fabuloso do capitalismo monopolista norte-americano ocorreu durante os primeiros 40 anos do século atual. Os investimentos externos dos Estados Unidos rivalizaram com os da Europa, e até ultrapassaram-nos. Em 1900, os investimentos privados norte-americanos no estrangeiro eram pequenos em comparação aos europeus: 500 milhões de dólares em comparação com 12 bilhões da Grã-Bretanha e os 600 milhões da França. Por volta de 1930 já o índice de crescimento dos investimentos externos dos Estados Unidos aproximava-se da Grã-Bretanha e o total se elevava a 17 bilhões de dólares contra os 19 bilhões britânicos e os sete bilhões franceses. O investimento externo norte-americano alcançou a supremacia em 1949 — 19 bilhões de dólares em comparação com os 12 bilhões britânicos, o mesmo montante com que a Grã-Bretanha inaugurara o século. O montante francês baixara para dois bilhões. A Primeira Guerra Mundial eliminou os investimentos externos alemães e reduziu os franceses; a Segunda Guerra Mundial eliminou Ale-



manha, Itália e Japão. O Governo norte-americano, além disso, havia adicionado 14 bilhões aos 19 de investimentos externos privados de seus monopolistas. Os empréstimos do Governo "são empréstimos políticos, mais do que investimentos lucrativos diretos. Mas melhoram a posição do capital financeiro dos Estados Unidos ao criar mercados para artigos supérfluos e aumentar lucros dos investidores privados norte-americanos nas nações que recebem o empréstimo".\* A Segunda Guerra Mundial deu um impulso explosivo ao capitalismo norte-americano e o ajudou a aumentar seus investimentos no ultramar e as exportações de artigos manufaturados para reservas coloniais do imperialismo europeu e japonês. Na década 1938-48, a parte norte-americana das exportações para esses territórios elevou-se de 11 por cento para 25 por cento. O seu comércio com a África, nesse período, elevou-se de 150 milhões de dólares para um bilhão e 200 milhões, quando passou a representar quase 15 por cento de todo o comércio exterior da África.

O apetite dos monopólios norte-americanos aguçou-se com o rendimento de 18 bilhões que obtivera de seus investimentos externos no período 1920-1948. As perspectivas em 1948 eram ainda melhores e demonstram ser realidade. Entre 1950 e 1959, firmas privadas norte-americanas investiram quatro e meio bilhões nas nações em desenvolvimento e obtiveram o triplo. Os lucros líquidos atingiram a oito bilhões e 300 milhões, aos quais podem ser somados milhões de dólares em lucros comerciais, juros sobre empréstimos, fretes e outras operações correlatas. Tudo isso foi auxiliado pelo Plano Marshall (a Administração da Cooperação Econômica), nascido do consórcio entre o Estado norte-americano e o monopólio. O dólar se apresentava como panacéia universal para a Europa, trazendo gordos superlucros para seus proprietários norte-americanos. Na confusão e devastação deixadas pela guerra, eles ocuparam sem alarde os melhores lugares, de onde os imperialistas europeus seriam afastados, tanto na Europa como nos

\* Vide *Imperialismo Norte-Americano*, PERLO, págs. 28/29.

territórios de ultramar. O capital financeiro e industrial norte-americano utilizou a oportunidade que a fraqueza da Europa no pós-guerra lhe oferecia para sacar sobre os seus recursos. Alimentou-se da Europa arruinada pela guerra, embora não no mesmo grau em que o imperialismo ocidental explorava o mundo colonial e semicolonial. Os poderosos trustes metalúrgicos e químicos alemães, Vereinigte Stahlwerke e I. G. Farben foram rompidos. A Alemanha Ocidental, criada em 1949, ficou sob uma ocupação militar que controlava seu comércio exterior, política externa e defesa. Das fábricas que haviam escapado à destruição pela guerra, algumas foram desmontadas. Muitos dos melhores cientistas e técnicos da Alemanha foram atraídos para os Estados Unidos e Grã-Bretanha. Os segredos e patentes dos grandes trustes foram confiscados, os arquivos do banco mais importante, o Deutsche Bank, cedidos às forças de ocupação pelo Dr. Hermann J. Abs, que saqueou a Iugoslávia para Hitler e foi salvo da morte a que fôra condenado, salvo primeiro pelos britânicos e depois pelas autoridades norte-americanas. A Alemanha estava sendo garantida para a democracia dos seus conquistadores imperialistas. O Plano Marshall foi utilizado para levar a penetração imperialista norte-americana às fragmentadas instituições industriais e financeiras alemãs, que ele comprou em grande escala. Grandes somas foram também cedidas aos grupos mineradores franceses e belgas, a fim de estreitar os laços com o capitalismo norte-americano e sustentar o seu domínio.

Era preciso também ficar de olho aberto para o socialismo que avançava na Europa e na Ásia. Antes do início da década dos 50, a guerra fria começou a esquentar. Acharam que a ameaça de uma forte competição alemã, que inspirara as limitações impostas pelos imperialismos vitoriosos, podia ser amortecida pela inclusão da Alemanha na estratégia ocidental e por maiores participações do capital norte-americano. A posição alemã nos campos metalúrgico e químico começou a se



alterar, à medida que o país entrava no quadro geral da defesa ocidental.

Exploração mais enérgica dos recursos de metais e minerais foi desenvolvida na África e outros lugares. As matérias-primas africanas são um elemento importante a considerar no reforçamento militar das nações da OTAN, entre as quais estão incluídas as do Mercado Comum Europeu. Suas indústrias, especialmente as fábricas estratégicas e nucleares, dependem grandemente das matérias-primas que vêm dos países menos desenvolvidos. A Europa sofreu no pós-guerra uma séria escassez de materiais básicos para suas indústrias de aço. A Bélgica necessitava de minérios ricos, a Suécia de carvão e coque, que os Estados Unidos forneciam em troca de minérios finos. A Grã-Bretanha tinha falta de ferro em barra e sucata, seu coque era pouco e de qualidade inferior. Tanto a França como a Alemanha haviam caído, em seu fornecimento de coque. A produção de carvão da Lorena declinava por falta de equipamento, a do carvão alemão porque o Ruhr produzia menos. O investimento em indústrias "com produção de alto valor", isto é as indústrias pesadas e as de processamento de minérios, embora trouxesse a oportunidade de influenciar as economias européias e conseqüentemente sua política em relação ao domínio ideológico dos Estados Unidos, não dava as mesmas possibilidades para os lucros mais imediatos e maiores que a produção de matérias-primas nas nações emergentes oferecia.

O Programa do Ponto Quatro apoiou os autores do Plano Marshall na abertura da África ao capital dos Estados Unidos e seus associados europeus. Antes da Segunda Guerra Mundial apenas três por cento dos investimentos externos norte-americanos eram na África e menos de cinco por cento do comércio do continente eram com os Estados Unidos. Os interesses da Firestone na borracha liberiana e pequenas participações em minas da África do Sul e Rodésia representavam a maior parte dos 200 milhões de dólares investidos na África. Quando a guerra chegou ao continente, bases militares e ligações comerciais foram criadas pelos

norte-americanos, a partir das quais realizaram suas penetrações maiores, depois de acabada a guerra. Os fundos da Administração da Cooperação Econômica (Plano Marshall) financiaram os grupos exploradores norte-americanos, enviados dentro da melhor tradição colonial para preparar o caminho para as companhias mineradoras e expedições militares. Foi anunciado pela ACE em julho de 1949 que "peritos norte-americanos com a ajuda do Plano Marshall estão pesquisando a África, das montanhas Atlas até o cabo da Boa Esperança, em busca de riquezas agrícolas e minerais" e mais tarde que "oportunidades para a participação de capital norte-americano foram reveladas na mineração de chumbo da África do Norte francesa, na mineração de estanho do Camarões francês, na mineração de chumbo e zinco do Congo francês..." Um empréstimo da ACE às Mines de Zellidja, empreendimento francês sob a égide da companhia Penarroya, o quarto maior produtor de chumbo e zinco do mundo, permitiu à Newmont Mining Corporation (empreendimento norte-americano de mineração e extração de petróleo com 30 por cento dos seus interesses na África do Sul e Canadá) adquirir parcialmente a companhia e dirigir suas operações.

A instabilidade da Europa no pós-guerra foi transformada em vantagens para os Estados Unidos, na nova divisão da África. Em meados do segundo semestre de 1949, depois que os Estados Unidos haviam forçado a desvalorização da moeda das nações européias, uma comissão de importantes banqueiros britânicos e norte-americanos foi formada para incrementar os investimentos dos Estados Unidos na África e outras partes do ainda existente Império Britânico. Uma comissão similar, para objetivo semelhante, foi organizada dois meses depois entre banqueiros norte-americanos e os da França. A ação desses estabelecimentos é vista hoje em toda a África, nos consórcios que estão rapidamente tomando conta das riquezas do continente. Instituições Rockefeller, Morgan, Kuhn Loeb e Dillon Read; os grandes bancos britânicos Barclays, Lloyds, West-



minster, Provincial; as firmas de investimentos que giram em torno de Hambros, Rothschild, Philip Hill; os bancos franceses Banque de Paris et des Pays-Bas, Banque de l'Union Parisienne, Banque de l'Indochine, Union Européene Industrielle, Banque Worms, Crédit Lyonnais, Lazard Frères, etc., e os principais bancos alemães e italianos.

Estas e suas associadas são as instituições financeiras que dominam os setores monetário e fiscal de muitas das nações recém-independentes. Apóiam a nova revolução industrial da automação, o desenvolvimento eletrônico e nuclear e espacial em que os Estados Unidos têm a liderança e que projetou o imperialismo norte-americano à sua atual ascendência. Os grupos norte-americanos dominantes na mineração e processamento de minério e nas indústrias de pesca estão envolvidos diretamente ou através de seus banqueiros e financiadores com os principais produtores europeus e seus sustentáculos financeiros. Os financistas que controlam as mais importantes corporações nas indústrias extrativa, metalúrgica, química, nuclear e espacial do Ocidente, podem ser vistos se estendendo através dos sete mares e tomando o controle das fontes de matérias-primas na Ásia, Oceania, Austrália, Nova Zelândia, América Central e do Sul e África. Os investimentos norte-americanos no Canadá em 1962 subiram de 700 milhões de dólares, principalmente para o aproveitamento de propriedades contendo minério de ferro. Outros 270 milhões investidos em outros países em desenvolvimento foram principalmente para a Austrália e Japão. Os investimentos de capital dos Estados Unidos na América Latina aumentaram de 250 milhões em 1962. No ano anterior, o aumento foi de mais de 400 milhões. O Departamento de Comércio dos Estados Unidos informou que os investimentos e bens privados norte-americanos no além-mar atingiram a 60 bilhões de dólares no fim de 1962 e aumentaram de mais três bilhões nos primeiros meses de 1963. Investidores privados nos Estados Unidos adicionaram quatro bilhões e 300 milhões de dólares

em 1962 ao seu controle de patrimônio e investimentos no exterior.

O investimento privado direto norte-americano na África aumentou entre 1945 e 1958 de 110 milhões para 789 milhões de dólares, a maior parte dos quais tirados dos lucros. Do aumento de 679 milhões, o investimento realmente novo no período foi apenas de 149 milhões. Os lucros dos Estados Unidos obtidos desses investimentos, inclusive reinvestimento de excedentes, são estimados em 704 milhões. Conseqüentemente, os países africanos sofreram prejuízos de 555 milhões de dólares. Se se levarem em consideração os donativos para fins "não militares", estimados então pelo Congresso norte-americano em 136 milhões, as perdas líquidas totais da África ainda alcançaram a 419 milhões de dólares. Estatísticas oficiais norte-americanas orçam os lucros líquidos brutos obtidos pelos monopólios dos Estados Unidos na África entre 1946-59 em um bilhão e 234 milhões de dólares, embora outras estimativas atinjam a um bilhão e meio. Não importa de que maneira sejam encarados, não há necessidade de um grande cérebro matemático para concluir, desses dados, que o lucro do investimento na África é de quase cem por cento.

As ávidas explorações que têm prosseguido rapidamente nas últimas duas ou três décadas, em busca de reservas adicionais de todos os metais e minerais que são importantes para a moderna supremacia industrial, têm sido instigadas pelo desejo de monopólio, sobre o qual se apóiam a supremacia e seus superlucros. Um exemplo recente torna claro o princípio. Alcan Industries, empresa que é associada britânica da Alcoa (Aluminium Company of America), através da Alcan (Aluminium Ltd. of Canada), de acordo com o cabeçalho do *Sunday Times* (edição de 18 de outubro de 1964) enrolou "a última folha", isto é, Alcan Industries pagaram cinco e meio milhões de libras para se apossarem da última firma independente (Fisher's Foils) na fabricação britânica de folha de alumínio, já tendo engolido a maior parte do restante. Isso foi feito, ao que se disse, para promover a "racionalização". Mas em



linguagem de negociantes tem outro nome: "fechar a indústria".

Parte do objetivo de ganhar o controle de indústrias e fontes de matérias-primas recém-descobertas é privar os rivais dos monopólios para manter os lucros. Durante três anos, até meados de 1964, as grandes companhias do cobre mantiveram a produção a 80 até 85 por cento da capacidade, para manter os preços. A produção de aço também foi contida em cerca de 80 por cento da capacidade. A exploração sob o capitalismo não se segue sempre, nem se seguirá, à descoberta de novas fontes de matérias-primas. Quem quer que monopolize as principais fontes de suprimento, controla a produção através do poder de decidir quais os depósitos que serão ou não operados e até que ponto.

O monopólio permite aos monopolistas manipularem as economias de outros países em interesse próprio. No caso da bauxita, por exemplo. A Alcoa, dominada por Mellon, é soberana e trouxe para sua órbita os outros produtores importantes, Kaiser e Reynolds. Por causa do tremendo custo de construção de usinas de energia, das quais depende a conversão da bauxita em alumina, a exploração de todas as reservas conhecidas desse minério pelo capital privado destruiria o principal incentivo do monopólio, o lucro, pois a consequente superabundância baixaria os preços. A África Ocidental é excepcionalmente rica em bauxita, mas as nações isoladas não são igualmente favorecidas com o poder de desenvolver os recursos. Gana está fornecendo força hidrelétrica que poderia ser utilizada para converter alumina tanto em Gana como na Guiné. Esse seria um esforço cooperativo bem-vindo, dentro do quadro de uma economia continental unificada.

Outra arma mantida sobre as cabeças das nações produtoras de matérias-primas é a ameaça de usar alternativas sintéticas e a substituição dos metais tradicionais por outros. Fábricas de diamantes sintéticos foram construídas por De Beers, o monopolista mundial de diamantes naturais, pela companhia belga MIBA, que controla os diamantes naturais do Congo, o maior for-

necedor da África, pela General Electric Corporation nos Estados Unidos e pelo Japão. O preço do cobre foi mantido baixo no mercado de metais de Londres, num período de recessão da oferta, devido ao provável uso do alumínio em seu lugar para determinados fins, enquanto os plásticos, por outro lado, são freqüentemente utilizados como alternativa para o alumínio. Enormes somas são gastas em pesquisas de novos materiais e invenção científica de maquinaria e equipamento para economia de mão-de-obra. Assim, os metais que estão sendo ameaçados de substituição são ao mesmo tempo aperfeiçoados para uma variedade maior de produtos acabados. Esses projetos de pesquisa e o consequente reequipamento de fábricas e indústrias que precisa ser feito a fim de justificar o investimento original exige tremendas somas de capital, que freqüentemente só podem ser levantadas do patrimônio das empresas de financiamento e seguros. Conseqüentemente, bancos e companhias de seguros dominam a finança industrial e exercem a liderança no impulso para a ascendência monopolista. Os bancos e companhias de seguros têm exercido papel saliente no processo que trouxe o monopólio ao auge atual e é seu poder financeiro que sustenta o crescente movimento para cada vez maior concentração do monopólio.

Hoje a competição, no esforço de obter e manter o monopólio sobre indústrias inteiras e fontes de matérias-primas, intensificou-se a tal ponto que as fusões estão ocorrendo em ritmo alucinante. A luta é tensa e cruel e na batalha pelo domínio, um armistício é combinado nos momentos críticos, através do qual a influência fica dividida, por consentimento das partes. A harmonia, no entanto, é mais aparente do que real. A luta pela redivisão prossegue permanentemente e as alterações que ocorrem dentro das organizações combinadas podem ser observadas cada vez mais freqüentemente.

O monopólio dos dias de hoje é altamente variado e espalhado. Enquanto tira sua força da sua posição monopolista, está por outro lado seriamente exposto



aos perigos que ameaçam um organismo múltiplo que estende seus membros de maneira extrema em direções diferentes. Uma fratura em qualquer ponto talvez acarrete uma desarticulação que poderá por sua vez desequilibrar a estrutura. E os monopólios rivais estão sempre alerta para descobrir os pontos fracos, a fim de desfechar um golpe que permitirá ao competidor mais implacável insinuar-se no órgão partido. Conseqüentemente o monopólio, tendo atravessado os estágios de cartelização, associação, truste e sindicato, utiliza hoje cada vez mais uma ulterior garantia protetora. É o consórcio, através do qual procura imobilizar os rivais e desarmar os associados a quem é permitido se juntar a essa invenção imperialista, a mais fascinante de todas. Geralmente há no consórcio um participante que o domina, seja diretamente ou através de (e com) filia-dos e associados, o que lhe permite exercer a maior influência sobre os assuntos do consórcio. Ademais, cada um dos participantes do consórcio tem feiura própria de apêndices ou até mesmo uma matriz fora do consórcio. Todos continuam a luta, lá fora, enquanto os que estão dentro exercem esforços para aumentar a importância de sua participação nas atividades do grupo. Por exemplo, o consórcio, como monopólio, controlará um complexo de companhias ligadas em muitos níveis à produção de matérias-primas, ao seu processamento desde o estado original, através de todos os estágios de transformação, até uma variedade de produtos semi-acabados e acabados, que vão do artigo mais comum ao equipamento mais complicado e delicado, à indústria pesada e maquinaria. O monopólio não se limita a uma única matéria-prima, embora tenha situação destacada em uma ou duas. Nem se limita a qualquer tipo específico de manufatura ou empresa que esteja ligado às suas atividades básicas, embora também nesse ponto ele possa se especializar em determinados tipos. Muitos monopólios criam ramificações no comércio de imóveis e obras de urbanização e loteamento, uma vez que a construção e as empreitadas de obras de engenharia trazem lucros prontos e altos e alugueis

elevados. Essa forma de investimento de capital está aumentando rapidamente, nesta era de crescente industrialização e aparecimento de novas cidades, e se estende à agricultura em grande escala.

Na África, o consórcio está fazendo as mais sinistras penetrações. Estende-se a partir das fusões monopolistas do capital financeiro norte-americano e europeu, particularmente dos que estão combinados no âmbito do Mercado Comum Europeu, onde os consórcios financeiros foram organizados como os meios mais eficientes de tirar lucros da batalha de competição que cresce em espiral dentro dessa chamada organização unificadora. O objetivo primordial é monopolizar as fontes de matérias-primas da África e não, como se assegura, auxiliar as nações africanas a desenvolverem suas economias, pois o material é retirado de um modo geral em seu estado bruto ou sob a forma de concentrados, para favorecer a capacidade produtiva das nações imperialistas e ser devolvido às nações de origem sob a forma de equipamento pesado para a indústria extrativa e da infra-estrutura para carrear do país os recursos.

É dos rendimentos obtidos com a venda dessas matérias-primas que as nações africanas esperam juntar parte do capital que lhes tornará possível utilizar esses mesmos produtos para o seu próprio desenvolvimento. Paradoxalmente, no entanto, esses preciosos elementos do futuro da África estão enquanto isso sendo usados para alargar a brecha econômica entre ela e as nações altamente industrializadas, que estão apressadamente aproveitando a oportunidade de explorar as deficiências em suas economias. Uma vez que os que estão realizando a exploração são também os monopolistas que manipulam os mercados de produtos primários, de um lado, e o preço dos produtos finais, do outro, as nações de origem estão necessariamente destinadas a uma longa espera até que possam enfrentar, em escala importante, o problema capital que se apresenta a todas as nações em desenvolvimento, de elevar seriamente o nível de vida de seu povo, se não fizerem um esforço para



unir seus recursos de maneira mais prática e auto-suficiente. Esta é a resposta aos devotos economistas que nos garantem que o importante não é o que se tira das nossas terras, mas o que é deixado ficar.

A resposta foi dada pela Comissão de Ajuda ao Desenvolvimento, da Organização para a Cooperação Econômica e Desenvolvimento, em sua estimativa de que, se as nações industriais continuarem a aumentar o seu produto nacional bruto em três por cento, por ano, serão necessários pelo menos 200 anos às nações menos desenvolvidas para alcançar o seu nível de vida, partindo do princípio de que as nações não industrializadas atinjam um crescimento anual de cinco por cento. Como é problemático, no entanto, alcançar esses cinco por cento, à luz da drenagem dos recursos das nações menos desenvolvidas para as altamente desenvolvidas. Na maioria das nações africanas o índice de aumento do produto doméstico mal se mantém à altura do índice de crescimento da população, de dois e meio a três por cento. São as nações menos desenvolvidas que continuam a suportar a carga do crescente desenvolvimento das altamente desenvolvidas. A companhia Firestone, por exemplo, levou da Libéria borracha no valor de 160 milhões de dólares no último quarto de século. Em retorno, o Governo liberiano recebeu uns míseros oito milhões. O lucro líquido médio obtido por essa companhia norte-americana é três vezes maior do que toda a renda liberiana.

Do sul ao norte, os consórcios financeiros e industriais se estenderam pela África, demarcando diligentemente áreas reservadas de exploração de recursos de minérios, metais e petróleo, de silvicultura e agricultura, e construindo indústrias extrativas e de processamento primário nas quais se entrincheiraram como pontos de apoio. Na Argélia, por exemplo, a corrida de investimentos realmente grande coincidiu com a guerra de libertação nacional. Em 1951 e 1955, houve uma onda de entrada de investimento francês e franco-norte-americano maior do que jamais houvera. Fosse qual fosse o resultado da guerra, os interesses financeiros e indus-

triais se entrincheiravam na economia argelina. Por toda a África, os gigantes industriais são apoiados por instituições financeiras que dominam os setores monetário e fiscal de tantos dos Estados independentes. Os mais profundamente envolvidos são as fabulosas instituições bancárias e de seguros e as companhias multimilionárias como o Banco Mundial e seus filiados. Essas formidáveis alianças irradiam-se dos Estados Unidos, Grã-Bretanha, Alemanha, França, Holanda, Itália, Suécia. Movimentam-se em torno das associações metalúrgicas e químicas com a Comunidade Européia do Carvão e do Aço, como a Sollac, gis (Grouperment de l'Industrie Sidérurgique), Sidelor (Union Sidérurgique Lorraine), Usinor (Union Sidérurgique du Nord de la France), Krupp, Thyssen, Kuhlmann, Pierrelatte, Farbwerke Hoechst, Bayer, BASF (Badische Anilin & Soda Fabrik), etc. Estão na assembléias de banqueiros como Consafrique (Consortium Européen pour le Développement des Ressources Naturelles de l'Afrique), situado no mesmo enderêço do Banco Internacional em Luxemburgo; Eurofin, Compagnie Bancaire, Finsider, Cofimer, Union Européenne Industrielle e Financière, e outras.

Poderosas corporações norte-americanas como a Bethlehem Steel, United States Steel, Republic Steel, Armco Steel, Newmont Mining, Johns Manville, Union Carbide, Olin Mathieson, Alcoa, Kaiser, despontam entre todos os projetos de produção de matérias-primas do pós-guerra, neste continente. Suas alianças espalham-se entre as principais companhias metalúrgicas e financeiras da Europa, em combinações que ocultam a competição subterrânea. Esse estado de competição irrompe à superfície quando as circunstâncias causam um desmoronamento na fachada de coexistência pacífica entre imperialistas rivais operando nos Estados soberanos de outros, aos quais dão demonstrações de força e que usam como peões na batalha pela supremacia monopolista. O Gabão é um bom exemplo dessas afirmações. O descontentamento popular com o regime existente, que levou às desordens de fevereiro de 1964,



foi a oportunidade utilizada pela França para advertir os Estados Unidos de que não toleraria a usurpação dos direitos que ela se arroga sobre as riquezas de manganês, urânio e petróleo dessa sua antiga colônia. Negligenciados sob o regime colonial, esses recursos assumiram um valor inestimável para a França na batalha contra o avanço do imperialismo norte-americano na Europa, na nova época de rivalidade atômica. A França enviou pára-quedistas a fim de reforçar o seu ponto de vista sobre quem teria o Gabão como pião. A United States Steel pode ter a participação dominante na Compagnie (Compagnie de l'Ogoouïe), que está explorando o leito dos riquíssimos depósitos de manganês de Franceville, mas a França, através da Compagnie des Mines d'Uranium de Franceville, controla o depósito de urânio em Mounana e está urgentemente atarefada no esforço para frustrar as aspirações dos barões do petróleo norte-americano ao acesso indisputado às riquezas petrolíferas submarinas da costa do Gabão.

## 5. A verdade por trás das manchetes

PARA compreender realmente o que acontece hoje no mundo é necessário compreender as influências e pressões econômicas que estão por trás dos acontecimentos políticos. As colunas financeiras da imprensa mundial dão, de fato, "as notícias por trás das notícias". Com intervalos de poucos dias encontramos sempre anúncios pela imprensa de que "Morgan Grenfell participa de um novo banco francês" ou "Grupo bancário africano" ou "Consórcio obtém poder de voto em Hullett" (monopólio açucareiro sul-africano) ou "Nova companhia de agenciamento estabelecida na Alemanha".

São títulos de jornal realmente colhidos ao acaso. Ao serem examinados, mesmo superficialmente, no entanto, os fatos revelam uma linha de ligação entre poderosos grupos financeiros que exercem a pressão mais decisiva sobre os acontecimentos de nossa época. Os fatos dizem respeito aos homens e interesses relacionados com os arranjos mencionados nos artigos de jornal. Não que os fatos sejam jamais completamente revelados. Pelo contrário, são mais freqüentemente ocultados e é necessário conhecer as carreiras das personalidades e grupos que os artigos ligam entre si para ver por



trás dêles a direção inevitável dos arranjos noticiados e seu significado intrínseco, em termos de força econômica e política.

Tomemos o assunto da participação de Morgan Grenfell no novo banco francês (*Financial Times*, de Londres, 18 de dezembro de 1962). Morgan Grenfell & Co. atua efetivamente como o terminal londrino da importante casa bancária norte-americana J. P. Morgan & Co., que em 1956 já possuía um terço da companhia britânica. Não deve ser, portanto, surpreendente saber que o novo banco "continental" no qual Morgan Grenfell participa se chama Morgan & Cie; e especialmente porque 70 por cento do capital de dez milhões de francos novos pertencem a Morgan Guaranty International Finance Corporation e 15 por cento a Morgan Grenfell. E os restantes 15 por cento? Estão divididos entre dois bancos holandeses — Hope & Co., de Amsterdam, e R. Mees & Zoonen, de Rotterdam — com os quais o grupo Morgan tem estado intimamente associado há muitos anos. Essa associação foi tornada mais íntima pela aquisição, em março de 1963, de 14 por cento de ambos pela Morgan Guaranty International Banking Corporation, subsidiária da Morgan Guaranty Trust.

Como foi feito isso? Através de compra de ações da Bankier-Compagnie, uma companhia que consolidava as atividades dos dois bancos holandeses e que, apesar de tudo, continuam a negociar em seus próprios nomes. Essa forma, de um em dois, é a fórmula aceita, pela qual as grandes combinações procuram iludir o mundo sobre suas formações compactas.

O presidente de Morgan et Cie é o Sr. Pierre Meynial, vice-presidente do Morgan Guaranty Trust em Paris, cujo irmão, o Sr. Raymond Meynial, é diretor do Banque Worms. O vice-presidente de Morgan et Cie é o Rt. Hon. Visconde de Harcourt, K. C. M. G., O. B. E., diretor-gerente da Morgan Grenfell e presidente de quatro companhias de seguros britânicas — British Commonwealth, Gresham Fire & Accident, Gresham Life Assurance, e Legal & General.

"Alteração bancária franco-africana" encabeça uma matéria de pouco menos de oito linhas, no *Financial Times* de 26 de julho de 1963, que nos informa sucintamente de que "a rede de agências do Banque Commerciale Africaine no Senegal, Costa do Marfim, República dos Camarões e República do Congo passou para o controle da Société Générale, o segundo maior banco francês". É no único comentário que o jornal se permite que está o ponto interessante: "O arranjo resultará em substancial aumento do volume de depósitos mantido pela Société Générale."

A Société Générale foi fundada sob Napoleão III, em 1864. Um dos seus principais participantes era Adolphe Schneider, membro do império Schneider de ferro e aço e que era ao mesmo tempo um dos regentes do Banque de France. Tanto o Banque de France como a Société Générale foram agora nacionalizados. Isso significa na realidade que o Governo francês tem um interesse direto na rede do Banque Commerciale Africaine de que a Société Générale assumiu o controle.

A nacionalização não atrapalha a associação mais íntima com as mais poderosas instituições bancárias privadas do mundo, como ilustram os fatos noticiados sob o título "Grupo bancário africano" (*West Africa*, 22 de setembro de 1963). O título, no entanto, ilude. Há pouco de "africano" no grupo, sendo o principal interessado a Bankers Trust Company, que divide com a Morgan Guaranty Trust os negócios comerciais de J. P. Morgan & Co. Os outros são a Société Générale e outras instituições financeiras européias não citadas.

Essa combinação de bancos ocidentais, encabeçada pelos interesses da Morgan, cujos braços se estendem ao longe, incrementará a formação de bancos exatamente nesses territórios onde a Société Générale adquiriu os interesses do Banque Commerciale Africaine, ou seja, Costa do Marfim, Senegal, República dos Camarões e Congo (Brazzaville). A Junta Federal de Reserva norte-americana aprovou a extensão da Morgan, assim como os Governos dos países africanos a que diz res-



peito a operação. Não é necessário fazer comentários, uma vez podermos aceitar de imediato o ponto de vista do primeiro vice-presidente e chefe do departamento internacional do Bankers Trust, Sr. G. T. Davies, que anunciou prazerosamente que a participação desses quatro países aumentará substancialmente o alcance das atividades de companhias de Bankers Trust na África, um continente em que estamos vitalmente interessados. A notícia conclui com a informação de que a Bankers International Corporation tem interesses (*equity interests*) no Liberian Trading & Development Bank (Tradevco) e no United Bank of Africa, na Nigéria.

O fato de que outro consórcio açucareiro (*Financial Times* de 8 de novembro de 1962) tenha conseguido obter mais de 50 por cento das ações ordinárias e portanto a maioria de votos no monopólio açucareiro sul-africano de Sir J. Hulett & Sons parece, superficialmente, inteiramente desligado das outras matérias jornalísticas que já examinamos. Mas continuemos com o exame.

Por trás da combinação de companhias açucareiras que obteve a ascendência no monopólio Hulett são visíveis as mãos de duas importantes casas sul-africanas lançadoras e subscritoras de ações, Philip Hill Higginson & Co. (África) e Union Acceptances Ltd.

Harold Charles Drayton é a personalidade dominante na cadeia Philip Hill de companhias financeiras e de investimento, com base em Londres. Harry F. Oppenheimer, da África do Sul, é o presidente da Union Acceptances. Entre os cargos do Sr. Drayton nas companhias, estão os de presidente da European & General Corporation, Second Consolidated Trust, e diretor do Midland Bank e Midland Bank Executor & Trustee Co., Eagle Star Insurance Co., Standard Bank, Consolidated Gold Fields of South Africa e Ashanti Gold Fields Corporation.

O Sr. Oppenheimer, entre os seus mais de 70 cargos em companhias, inclui os de presidente da African Explosives & Chemical Industrie, Anglo American Cor-

poration of South Africa, De Beers Consolidated Mines, e First Union Investment Trust. É diretor da African & European Investment Co., Barclays Bank plc, British South African Co. e Central Mining & Investment Corporation.

O vice-presidente da Anglo American Corporation é Sir K. Acutt, que é também diretor da British South Africa Co. e do Standard Bank. Co-diretor, com o vice-presidente da Anglo American Corporation, da British South Africa Co. é o Sr. Robert Annan, que faz parte da diretoria da Consolidated Gold Fields ao lado de Mr. Drayton. Mr. Annan goza também da distinção de ser diretor-extraordinário da Scottish Amicable Life Assurance Society.

Colega de Mr. Drayton, tanto no Midland Bank como na Executor & Trust Co, pertencente ao banco, é o Rt. Hon. Lorde Baillieu, K. B. E., C. M. G., que acontece ser ao mesmo tempo vice-presidente da Central Mining & Investment Corporation, onde pode ser encontrado Harry F. Oppenheimer. Lorde Baillieu tem assento também no English Scottish & Australian Bank.

Outro diretor do Standard Bank é o Sr. William Antony Acton, cujas estreitas ligações com o mundo bancário se vêem na sua vice-presidência do National Bank e nas diretorias que ocupa no Bank of London & Montreal, Standard Bank Finance & Development Corporation, Bank of London & South America e Bank of West Africa. Não é certamente por mera coincidência que Lorde Luke of Pavenham tem assento com H. C. Drayton na diretoria de Ashanti Gold Fields e ocupa uma diretoria no Bank of London & South America, da qual faz parte Mr. Acton. Nem pode ser por mero acaso que o Sr. Esmond Charles Baring, ex-diretor e agente em Londres da Anglo American Corporation e associado a numerosas outras companhias do grupo Oppenheimer, é membro da família que opera a casa de negócios de Baring Bros. e mantém os mais íntimos laços com o mundo dos investimentos.

Outras personagens importantes que honraram a junta diretora da British South Africa Co. em 1963,



eram o falecido *Sir* Charles J. Hambro, P. V. Emrys-Evans e o Visconde de Malvern, P. C., C. H., K. C. M. H. *Sir* Charles Hambro era o diretor principal do Banco da Inglaterra. Presidia o maior dos bancos comerciais da City de Londres, o Hambros Bank, com 176 milhões de libras, e presidia a Union Corporation, o grupo financeiro da mineração sul-africana que abarca numerosos dos interesses anglo-norte-americanos associados com as firmas ligadas a Harry F. Oppenheimer.

O Standard Bank of South Africa surge uma vez mais entre os cargos de diretoria de Lorde Malvern, o que inclui a Scottish Rhodesia Finance e o Merchant Bank of Central Africa. Este último é uma criação do grupo bancário Rothschild, no qual se encontra o Banque Lambert, um dos importantes bancos belgas que tem 17 e meio por cento de seus interesses concentrados na África, especialmente no Congo. O banco tem ainda interesse em outra criação de Rothschild, a Five Arrows Securities Co., uma firma de investimentos operando no Canadá e sob a influência de Rockefeller. Mr. Paul V. Emrys-Evans, vice-presidente de British South Africa Co., é agora o presidente da Anglo American Corporation, de Oppenheimer, atualmente em expansão, e também da D.C.O. do Barclays Bank. Um assento na Rio Tinto Zinc Corporation traz Mr. Emrys-Evans para a companhia de Lorde Ballieu, seu vice-presidente, e suas associações com H. C. Drayton.

Vários outros proeminentes bancos e companhias de seguros britânicos e algumas das suas associadas europeias participam do Standard Bank. Seu presidente, *Sir* Frank Kyril Hawker, já foi representante do Banco da Inglaterra e seu vice-presidente, *Sir* F. W. Leith-Ross, representa o National Provincial Bank. As associações bancárias de W. A. Acton já foram esboçadas acima. H. C. Drayton entra com os interesses de seus próprios grupos financeiros, assim como os do Midland Bank e Eagle Star Insurance. *Sir* E. L. Hall Patch, diretor do Standard Bank of South Africa que renunciou na assembléia-geral anual de julho de 1963, é diretor da Commercial Union Assurance Co. *Sir* G. S. Harvie-Watt

é sócio de H. C. Drayton na Eagle Star Insurance e no Midland Bank. É presidente da Consolidated Gold Fields e diretor da American Zinc Lead & Smelting Co. dos Estados Unidos.

John Francis Prideaux traz os interesses da Commonwealth Development Corporation para o banco, assim como os do Westminster Bank, do Bank of New South Wales e diversos outros grupos financeiros e de investimentos. William Michael Robson, como vice-presidente da Junta Diretora Conjunta para a África Oriental e Central do Standard Bank, põe em ação todos os interesses investidos, reunidos na junta, enquanto apresenta separadamente os investimentos das companhias de financiamento, comércio, navegação e agrícolas do grupo McConnell, de Booker Bros., que tem o domínio monopolista da economia da Guiana Britânica. Charles Hyde Villiers reúne o Banque Belge Ltd. e Sun Life Assurance Society. Banque Belge Ltd. é o desaguadouro londrino do Banque de la Société Générale de Belgique e controla, por sua vez, entre outros, o Banque du Congo Belge, Belgian-American Banking Corporation, Belgian-American Bank & Trust Co., Continental American Fund (Ameri-fund) de Baltimore, Estados Unidos, e Canadafund Co., de Montreal, Canadá.

O título "Nova companhia de agenciamento estabelecida na Alemanha" (*Financial Times*, 4 de outubro de 1963) tem uma aparência superficialmente inócua. O mais breve olhar ao texto, no entanto, nos leva de pronto diretamente ao mundo dos bancos internacionais. Pois encontramos extensões do capital britânico e norte-americano que estimularam e sustentaram uma verdadeira aventura internacional de agenciamento que se expandiu em muito pouco tempo através de quatro continentes. O foco central é uma companhia suíça de *holding* (controladora de outras companhias através de suas ações), a International Factors (agentes) AG. of Chur. Seu capital nominal é de seis milhões de francos suíços (cerca de 490 mil libras). Estabeleceu agora atividades na Alemanha, onde uma companhia,



a International Factors Deutschland, foi organizada em conjunção com três bancos alemães, a companhia de Chur retendo 50 por cento do capital. Do restante, 20 por cento são do Frankfurter Bank, 25 por cento do Mittelrheinische Kreditbank Dr. Horback & Co., e cinco por cento de um banco particular em Frankfurt, George Hauck. A parte do Frankfurter Bank, no entanto, será aumentada pelo fato de ter adquirido uma participação de 51 por cento de Horback & Co., através de uma permuta de ações.

Os grandes interesses banqueiros por trás da aventura de agenciamento internacional, que tem filiais na Suíça, Austrália, África do Sul, Israel e agora Alemanha, são o First National Bank of Boston, e M. Samuel & Co., de Londres. Uma companhia *holding* sob a influência de Samuel, Tozer Kemsley & Milbourn (Holdings), constitui um terceiro. O First National Bank of Boston, que já esteve firmemente dentro do grande império financeiro Morgan, passou cada vez mais, desde 1955, a ficar sob a influência de Rockefeller, embora ainda tenha ligações significativas com Morgan. Está conjugado ao Chase National Bank (Rockefeller) na American Overseas Finance Corporation.

O presidente de M. Samuel & Co. é o Visconde Bearsted, diretor da companhia criada por Rothschild, Alliance Assurance Co., e sua afiliada, Sun Alliance Insurance. O presidente dessas duas companhias de seguros é Mr. T. D. Barclay, diretor do Barclays Bank (França) e British Linen Bank, filiado ao Barclays Bank.

No começo de fevereiro de 1963, o First National City Bank de New York, através da International Banking Corporation, instituições controladas pelos interesses de Rockefeller, comprou uma participação de 16,66 por cento em M. Samuel & Co., representada por 600 mil ações ordinárias, ao custo de um milhão e 900 mil libras. O First National City Bank colocou o presidente da sua comissão executiva, R. S. Perkins, na diretoria da Samuel. Essa injeção do capital de Rockefeller permitiu à firma bancária Samuel ingressar no Mercado Europeu, onde se uniu à associação de ban-

queiros europeus reunidos pelo importante banco francês Banque de Paris et des Pays-Bas. Essa associação é o Groupement d'études pour l'Analyse des Valeurs Européennes, cujo objetivo é canalizar o chamado "investimento institucional".

A casa M. Samuel foi também encarregada de gerir outra organização do Mercado Comum, com sede em Londres, a New European & General Investment Trust, na qual está associada ao Banque Lambert, Banque de Paris et des Pays-Bas, à proeminente casa bancária alemã Sal Oppenheim & Cie., os banqueiros holandeses Lippmann, Rosenthal & Co., o Crédito Italiano, da Itália, Banco Urquijo, da Espanha, e Union de Banques Suisses, da Suíça.

Pode parecer que tenhamos nos estendido muito sobre os intrincados detalhes dos interesses financeiros e econômicos que estão por trás de alguns títulos de jornal de aparência inocente. Mas eles são, de fato, tênues indicações direcionais da atual tendência para laços cada vez mais estreitos entre um número reduzido de grupos incrivelmente poderosos que dominam nossas vidas em escala mundial. A tarefa de estudar mais profundamente, em detalhe, sua significação, é o principal objetivo deste livro.

No entanto, mesmo essa breve exposição dá provas esclarecedoras da tortuosa interligação do monopólio internacional, hoje em dia. O que observamos, acima de tudo, é a constante penetração de instituições bancárias e financeiras em grandes empreendimentos industriais e comerciais, criando uma corrente de elos que as leva a um tipo de relações comuns conduzindo ao domínio tanto da economia nacional como da internacional. A influência exercida por esse domínio é estendida aos assuntos políticos e internacionais, de maneira que os interesses dos grupos monopolistas dominantes governam as políticas nacionais. Seus representantes são colocados em posições-chave no governo, exército, marinha e força aérea, no serviço diplomático, nos organismos que tomam decisões administrativas e nas organizações e instituições internacionais através das



quais as orientações escolhidas são filtradas para o cenário mundial.

Esse processo já havia alcançado um impulso bem grande antes do rompimento da Primeira Guerra Mundial, que provocou numerosos estudos importantes de seu crescimento e possibilidades. Dois desses estudos, *Imperialismo*, pelo liberal britânico J. A. Hobson, publicado em 1902, e *Capital Financeiro*, pelo marxista austríaco Rudolf Hilferding, publicado em 1910, foram usados por Lênin como base principal do seu estudo de *Imperialismo*, que êle qualificou de "o mais alto estágio do capitalismo".

Isso foi no estágio em que a competição se transformava em monopólio, a chamada *combinação* da produção, isto é, o agrupamento, em uma única empresa, de diferentes ramos da indústria, e o próprio monopólio era dominado pelo capital bancário e financeiro. O estudo de Lênin foi escrito em 1916. Desde então o domínio do monopólio financeiro acelerou-se tremendamente.

Como é possível que o capitalismo, baseado na livre empresa e competição, tenha chegado a um estágio em que a competição está sendo corroída ao ponto em que monopólios de estrutura piramidal exercem direitos ditatoriais? A possibilidade está na existência da própria livre iniciativa. O incentivo da competição provocou a inventividade em vários planos. Nova maquinaria foi inventada, para aumentar a produção e o lucro, as fábricas se tornaram maiores. As pequenas unidades tornaram-se pouco lucrativas e foram expulsas ou engolidas pelas maiores. A comunicação ferroviária melhorou a distribuição e o melhor transporte marítimo estimulou o comércio transoceânico e a importação de matérias-primas estrangeiras.

A companhia por sociedade anônima, que encorajou o crescimento do transporte ferroviário e marítimo, serviu de instrumento para forjar o crescimento de bancos e seguros. Novas leis comerciais ajudaram sua extensão a empresas industriais e comerciais, nas quais o

risco do investidor individual foi diminuído pela limitação de sua obrigação.

A competição passou a outro nível. Companhias que possuíam grande capital ou eram capazes de levantá-lo com garantias próprias puderam exercer uma influência desigual sobre as mais fracas. Os lucros passaram a depender da eliminação dos competidores. A enorme expansão da indústria no final do século passado e princípio do atual foi acompanhada de rápida concentração, em empresas cada vez maiores.

A combinação da produção se estabeleceu como principal característica do capitalismo. Firms que haviam começado se concentrando em uma função de indústria estenderam-se para constituir uma empresa de grupo que representava os estágios consecutivos do processamento de matérias-primas ou se subordinaram umas às outras. Casas de comércio estenderam suas atividades à distribuição e depois à produção de artigos acabados com materiais primários produzidos em plantações e minas que adquiriram em territórios do além-mar.

Hilferding, em seu trabalho clássico sobre o assunto, *Capital Financeiro*, explica os motivos desse processo:

"A combinação nivela as flutuações do comércio e portanto assegura às empresas combinadas um índice de lucro mais estável. Em segundo lugar, a combinação tem o efeito de eliminar o comércio. Em terceiro lugar, tem o efeito de possibilitar aperfeiçoamentos técnicos e conseqüentemente a obtenção de superlucros, acima e além daqueles obtidos pelas empresas "puras" (isto é, não combinadas). Em quarto, fortalece a situação das empresas combinadas, em comparação com a das "puras", fortalece-se na luta de competição em períodos de depressão severa, quando a queda de preços nos materiais primários não acompanha o ritmo da queda de preços dos produtos manufaturados."

A medida que se estendia o monopólio da indústria e do comércio, também aumentava a dependência do capital bancário. Novos métodos de produção, a divisão



das fábricas e negócios em departamentos, a pesquisa de possibilidades de novos materiais e novos métodos de empregar tanto os materiais antigos como os novos — tudo isso, embora eventualmente reforçasse o monopólio e aumentasse os lucros, exigia somas de capital que somente os bancos e seus associados no mundo dos seguros tinham capacidade de fornecer. Assim, lado a lado com o processo de fusão de empresas industriais, houve a concentração de bancos e sua penetração nas grandes empresas industriais e comerciais para cujo capital contribuíam fortemente.

De intermediários, fazendo inicialmente apenas o papel de emprestadores de dinheiro, os bancos passaram a poderosos monopólios, tendo sob seu comando quase que todos os meios de produção e fontes de materiais primários de um determinado país e de diversos países. Essa transformação de numerosos intermediários humildes em um punhado de monopolistas representa um dos processos fundamentais da passagem do capitalismo para o imperialismo capitalista.\*

Estabeleceu-se a união entre o industrial e o banqueiro, na qual dominava o último. Nos Estados Unidos, por exemplo, a United States Steel Corporation, uma fusão de várias firmas gigantescas do aço, controlando metade da produção do país, era controlada pelos interesses bancários de J. P. Morgan, por causa dos grandes investimentos que J. P. Morgan tinha na indústria. Antes de terminada a primeira década do século atual, a interligação da indústria e bancos já havia se realizado em alto grau. Na Alemanha, por exemplo, seis dos maiores bancos representados, por seus diretores, num total de perto de 750 companhias dedicadas aos mais diversos ramos da indústria: seguros, transporte, indústria pesada, navegação, restaurantes, teatros, arte, editoras, etc. Em troca, tinham assento nas diretorias desses seis bancos, em 1910, 51 dos maiores industriais, inclusive Krupp, magnata do ferro e do aço,

\* *Imperialismo*, LENIN, pág. 45.

fabricante de armamentos e diretor da poderosa linha de navegação Hamburg-American.

Hoje em dia esse processo foi muito mais longe e estende suas raízes cada vez mais envolventes. Os seis bancos alemães incluíam quatro gigantes: o Deutsche Bank, o Dresdner Bank, o Disconto Gesellschaft e o Commerzbank, que se tornaram, todos, ainda mais poderosos. Aliados a eles hoje, como em 1910, estão os grandes trustes e cartéis industriais alemães Krupp, A E G Bayer, Badische Anilin & Soda Fabrik, Farbwerke Hoechst (os três últimos são os componentes em que a grande I. G. Farben foi dividida pelos aliados ao fim da Segunda Guerra Mundial), os fabricantes de explosivos e armamentos ligados à enorme icr e sua filiada continental, Solvay. Por exemplo, o Deutsche Bank é hoje o principal banco da Alemanha e está colocado em décimo-primeiro lugar entre os maiores do mundo. Em 1870, o Deutsche Bank tinha um capital de 15 milhões de marcos, que conseguiu aumentar para 200 milhões em 1908. Em 1962, dispunha de fundos no total de um bilhão e 100 milhões de francos antigos.

O domínio da oligarquia é mantido através do principal artifício da *holding company*, geralmente criada com um capital puramente nominal mas que controla direta e indiretamente subsidiárias e filiais utilizando finanças enormemente superiores. Partindo do ponto de vista de que a posse de 50 por cento do capital é suficiente para controlar uma companhia (às vezes pode ser, e é, muito menos), é possível com um investimento de, digamos, cem mil libras, controlar dezenas de milhões em empresas subsidiárias e interligadas.

Concentrado nas mãos de uns poucos, o capital financeiro exerce um monopólio virtual, em consequência do que extrai lucros enormes e crescentes, de financiamentos de empresas, subscrição de ações, posse de debêntures, empréstimos públicos e emissões de títulos. O Deutsche Bank, por exemplo, adota o procedimento específico de obter o controle de empresas e colher novos lucros. Ao participar do lançamento de novos empreendimentos ou de extensões dos já existentes, o ban-



co levanta todo o capital necessário, nos próprios recursos ou de associados. Quando a formação está terminada, as ações são descarregadas com vantagens e o banco conserva apenas o suficiente para lhe dar voz de comando na direção. Ao mesmo tempo, obtém um lucro sobre o capital original.

O financiamento de empréstimos estrangeiros representa um dos campos mais rendosos para os lucros monopolistas. Geralmente um país que pede um empréstimo é feliz se consegue mais de nove décimos da soma emprestada. Freqüentemente consegue menos, particularmente se se tratar de um país em desenvolvimento. Os empréstimos da Libéria são um exemplo clássico e revelador de como opera a finança monopolista em conjunção com governos, para aumentar seus lucros.

Na Libéria, em 1904, o Presidente Arthur Barclay comunicou que o empréstimo da Inglaterra, a sete por cento, de 1871, originalmente de cem mil libras — das quais apenas 27 mil chegaram realmente ao Tesouro da Libéria por causa de certos desfalques oficiais — era o maior item da dívida nacional e necessitaria da arrecadação total de três anos para ser pago. Um governo liberiano desesperado conseguiu arranjar um empréstimo internacional de um milhão e 700 mil dólares. Este foi subscrito por casas bancárias britânicas, francesas, holandesas e alemãs, associadas às instituições financeiras norte-americanas de J. P. Morgan, National City Bank, First National Bank of New York e Kuhn Loeb & Co.

Nessa ocasião, foram utilizados os meios mais arbitrários para cobrar e garantir o pagamento do empréstimo. Um Recebedor Geral norte-americano foi nomeado pelos Estados Unidos e sub-recebedores pela Grã-Bretanha, França e Alemanha, arranjo que se manteve até que os Estados Unidos tomaram controle total das finanças da Libéria durante a Primeira Guerra Mundial. O dinheiro que chegou às mãos do Governo liberiano foi pouco, na verdade, mas aos bancos e casas que lançaram o empréstimo couberam altos lucros. Ti-

tulos no valor de 715 mil dólares foram entregues em Londres, 225 mil na Alemanha, 460 mil em Amsterdam e 158 mil em New York aos credores da Libéria, em pagamento das dívidas. Foi necessário o dinheiro de reparação de guerra, obtido com a venda de propriedades alemãs na Libéria, para liquidar os débitos subsequentes contraídos com o então British Bank of West Africa para tentar fazer frente às dívidas desse empréstimo.

Somente depois que um novo empréstimo foi negociado com a Firestone Corporation of America, em 1926, é que o Governo liberiano conseguiu utilizar 1 180 669 dólares para pagar o capital e juros acumulados do empréstimo de 1912. O empréstimo oferecido pela Firestone foi da ordem de cinco milhões, ao juro de sete por cento, mas até 1945 só a metade desse total havia sido concedida. As condições da Firestone incluíam a abolição do cargo de Recebedor da Alfândega e sua substituição por um Conselheiro Financeiro. Foi sob a pressão dessas dívidas que a Libéria foi obrigada a ceder grandes concessões para plantação de borracha à Firestone e posteriormente à Goodrich Rubber Company.

Uma das principais funções do capital financeiro é a emissão de títulos em que as taxas de desconto são ridiculamente altas. É também um método importante de consolidar a oligarquia financeira. Em períodos de prosperidade, os lucros são imensos. Durante os períodos de depressão, os bancos adquirem o controle, através da compra de empresas pequenas e fracas, ou participam, com lucro, da sua organização. Os bancos ganham dinheiro e a esfera de controle é ampliada. A assistência financeira aos especuladores de terras é aumentada. Essa assistência aos especuladores de terras é também um meio de garantir o controle e multiplicar os lucros, em épocas de expansão industrial. O monopólio do arrendamento de terrenos une-se ao de comunicações, uma vez que um importante fator que governa a elevação dos preços dos terrenos é a existência de bons meios de comunicações com centros urbanos.



Em seu livro *Monopoly: A Study of British Monopoly Capitalism*, publicado em 1955 por Lawrence and Wishart, Sam Aaronovitch demonstrou como os recursos financeiros da Grã-Bretanha se concentraram nas mãos de um pequeno número de grandes bancos e instituições financeiras. Entre êles, os "Cinco Grandes" bancos exercem poder imenso. Em 1951, seus 147 diretores ocupavam 1.008 cargos de diretoria dos quais 299, pouco menos de um terço, eram em outras instituições financeiras. Dêsses 299, 85 eram em outros bancos e companhias de desconto; 117 eram em companhias de seguros e 97 em trustes de investimentos e companhias financeiras". (Pág. 49.)

"Falar de centralização!" — escreveu Karl Marx no *Capital* (Vol. 3, Cap. 33):

"O sistema de crédito, que tem o seu centro nos chamados bancos nacionais e nos grandes emprestadores de dinheiro e usurários à sua volta, é uma enorme centralização e dá a essa classe de parasitas um fabuloso poder... de interferir na produção real, da maneira mais perigosa — essa quadrilha nada sabe sobre produção e nada tem a ver com ela."

A hegemonia das instituições financeiras sobre a indústria é garantida pelas grandes reservas acumuladas pelas várias maneiras através das quais o capital é fornecido à indústria com alto lucro e retirado dela através através de companhias *holding* e diretorias interligadas. Esse processo ressalta a separação do capital financeiro do capital industrial. Quando essa separação atingiu importantes proporções e o domínio do capital financeiro se tornou absoluto, o estágio do imperialismo havia sido atingido. Pode-se dizer que esse estágio foi levado à maturidade ao se iniciar o século.

Da livre competição, característica fundamental dos seus estágios iniciais, o capitalismo, em seu estágio mais elevado, atingiu o monopólio através da polarização, expressada em sindicatos, trustes e cartéis, com os quais se fundiu o capital de um pequeno número de bancos. Os trustes e cartéis assumiram um caráter internacional e dividiram o mundo entre si. O monopólio

se estende ao controle de materiais primários e mercados, pela posse dos quais o capitalismo altamente desenvolvido se lança a uma luta cada vez mais intensa.

Em seu estágio imperialista, a necessidade primordial do capital financeiro é encontrar esferas de investimento no além-mar que produzam lucros mais rapidamente do que pode ser obtido no próprio país. A exportação do capital, portanto, torna-se o dinamo do imperialismo que movimenta a exportação e leva à captura de colônias como meio de assegurar o controle monopolista. Sobre esse processo econômico é constituída a ideologia política, a superestrutura não-econômica, que inspira a batalha pela conquista colonial. Hilferding exprimiu essa ideologia em uma única frase concisa: "O capital financeiro não requer liberdade, requer domínio." A posse de colônias dá uma garantia à oligarquia financeira do país possuidor, do monopólio das fontes atuais e potenciais de materiais primários e de saída para os produtos manufaturados.



## 6. Recursos primários e interêsses estrangeiros

**C**OMPANHIAS norte-americanas e européias ligadas às mais poderosas instituições bancárias e financeiras do mundo estão, com o consentimento de governos africanos, penetrando em projetos de importância, destinados à exploração de novas fontes de produtos primários. Em alguns casos, os projetos estão aliados a especulações a longo prazo para a criação de determinadas indústrias essenciais. De um modo geral, no entanto, limitam-se à produção de materiais em estágio básico ou secundário, com o objetivo de processá-los nos moinhos e fábricas possuídos e operados pelas companhias exploradoras nos territórios metropolitanos.

A África não conseguiu progredir muito no caminho do desenvolvimento industrial porque os seus recursos naturais não foram empregados com esse objetivo, mas foram utilizados para o maior desenvolvimento do mundo ocidental. Isso tem sido um processo continuado que ganhou tremendo impulso nos últimos anos, acompanhando a invenção e introdução de novos processos e técnicas que aceleraram a produção tanto das indústrias de metal ferroso como de não-ferroso, da Europa e da América do Norte, a fim de acompa-



nhar a demanda sempre crescente de artigos acabados. Os preparativos militares e a expansão nuclear tiveram um impacto considerável sobre essa demanda. A produção mundial de aço em bruto quase duplicou na década entre 1950 e 1960, passando de 190 milhões de toneladas para 340. Nem mesmo a regressão de 1958, que perdurou pelos anos seguintes, conseguiu paralisar esse progresso, que continuou em grau menor tanto nas nações orientais como ocidentais.

A previsão geral é de que esse ritmo de produção será mantido. Ao provir de fontes ocidentais, dá pouca margem à expansão da utilização de produtos primários pela África e pretende a continuação do fluxo atual, entre nações fornecedoras em desenvolvimento e nações utilizadoras altamente industrializadas. Também não leva em conta a probabilidade de uma tendência repressiva nas economias ocidentais, que poderá certamente afetar a demanda de matérias-primas. Os anos de pós-guerra, particularmente desde 1956, demonstraram uma tendência oposta. Perto de um quarto das matérias-primas (90 milhões de toneladas em 400 milhões) utilizadas nas indústrias metalúrgicas mundiais foram importadas.

Os principais importadores desses materiais são os Estados Unidos, Europa Ocidental e Japão. A União Soviética e as nações em desenvolvimento têm à disposição quantidades suficientes de matéria-prima doméstica. Atualmente três grandes áreas de recursos primários estão sendo exploradas em benefício das nações grandes produtoras. São a África, Canadá e América do Sul, particularmente Chile e Peru e, recentemente, a Venezuela. O Canadá tornou-se uma província do capital norte-americano de investimento, que retira altos lucros e explora vastos recursos de produtos primários para serem convertidos em fábricas norte-americanas. A América do Sul e a África, além de oferecerem essas vantagens, fornecem mão-de-obra barata e assistência governamental local através da isenção de taxas para maquinaria e equipamento importados, além de perdão de impostos.

Levantamentos que estão sendo realizados na África revelam mais e mais depósitos de valiosas matérias-primas. Os pesquisadores ocidentais as encaram essencialmente como fontes de exploração para o comércio e indústria do seu mundo, ignorando completamente o desenvolvimento das nações em que se encontram. Robert Saunal, em artigo publicado em *Europe (France) Outremer* de novembro de 1961, examina as possibilidades da África como fornecedor de matérias-primas ferrosas para as indústrias das grandes nações metalúrgicas. Ele lembra aos leitores que há fontes dessas matérias-primas na Europa, como a Suécia e Espanha, e que para o Japão há as nações da Ásia e Oceania.

O articulista conclui que a participação européia é um fator favorável para iniciar a exploração dos recursos minerais da África, mas que as novas capacidades produtivas, no curso do desenvolvimento, devem aconselhar prudência e um exame detalhado das possibilidades de venda. Essas minas tendem a iniciar operações em uma situação de ativa competição, o que terá que acarretar efeitos sobre os níveis de preços. Elas precisam, portanto, ser sujeitas a um sério exame preliminar antes de se lançar à iniciativa, e devem depender de acordos entre as companhias exploradoras e os Estados hospedeiros, o que dará aos primeiros uma justa retribuição e aos últimos um regime fiscal para o funcionamento da "exploração harmônica". Em resumo, os governos dos novos Estados são encarados como policiais dos consórcios bancários industriais dedicados a manter o antigo esquema imperialista nas relações entre o Ocidente e a África. O "regime fiscal estável" que irão garantir com essa exploração será, segundo Robert Saunal, baseado em condições de preços rebaixados provocadas pela aguda competição.

Houve um aumento considerável na produção de matérias-primas na África desde 1945, sob o estímulo das necessidades de reconstrução do pós-guerra, em todo o mundo, e das exigências do acúmulo de estoques e de armamentos para a guerra fria. Outro fator decisivo foi a revolução dos métodos produtivos e na admi-



nistração. O impulso dos povos coloniais em direção à independência precisa ser também reconhecido como uma força que contribuiu para a extensão da produção de matérias-primas.

Em alguns casos, a produção de matérias-primas foi multiplicada várias vezes a partir de 1945, e na maioria dos casos foi duplicada. A situação, na Guiné, revela muitas alterações depois da descoberta de depósitos de ferro e bauxita. A mineração de diamantes também fez visível progresso. A Costa do Marfim em 1960 produzia diamantes ao nível anual de cerca de 200 mil quilates e já começaram as operações nos campos de manganês nas vizinhanças de Grand Lahou. O fosfato de cálcio está sendo explorado no Senegal e alumínio e areia oxidada provocam alguma atividade de mineração. A extração de minério de ferro está sendo feita na Mauritânia, onde um consórcio anglo-francês pretende produzir quatro milhões de toneladas como primeiro estágio, a ser posteriormente aumentado para seis milhões de toneladas. Os depósitos são calculados em cerca de 115 milhões de toneladas de minério com 63 por cento de ferro. A descoberta de depósitos muito ricos de fosfato no Senegal trouxe ao país uma combinação financeira e mineira franco-belga para empreender sua exploração. A estimativa de 40 milhões de toneladas de fosfatos brutos deverá permitir a produção de 13 milhões de toneladas de fosfatos ricos, através da extração de 600 mil toneladas anuais de concentrados durante 20 anos.

Também em Togo se encontraram fosfatos, que serão explorados por um consórcio associado ao Banque de Paris et des Pays-Bas e companhias mineradoras já existentes, ligadas à Société Générale de Belgique. Descobertas de manganês, urânio, petróleo e minério de ferro, no Gabão, atraíram um consórcio semelhante para a exploração. A República dos Camarões pouco produz através da mineração, além de pequenas quantidades de ouro, estanho e rutilo. Embora não tenha havido uma alteração efetiva na situação de Madagascar, houve descobertas de urânio, monazita, zircônio,

cromo e outros minerais, cuja exploração está sendo estudada. Os depósitos de minério de ferro da Argélia são estimados em cem milhões de toneladas e temos ouvido muita coisa, ultimamente, sobre os recursos de petróleo e gás no Saara. Os campos petrolíferos argelinos estão atualmente produzindo ao ritmo de 450 mil barris diários (cerca da terça parte da produção do Irã) e a Líbia atingiu 150 mil barris diários, com a previsão de alcançar 600 mil nos próximos anos. No setor argelino do Saara, as jazidas de minério em Tindouf deverão produzir 50 por cento de ferro.

Os seguintes números (tirados dos Anuários Estatísticos das Nações Unidas, ilustram o grande aumento da produção de minerais na África, no período posterior à guerra:

			1945	1959
Marrocos	fosfatos	tons	1.654.000	7.164.000
	carvão	tons	173.000	465.000
	zínco	tons	900	64.700
Congo (Leopold.)	diamantes	quilates	5.475.000 (em 1947)	14.854.000
	cobre	tons	—	280.000
	estanho	tons	—	9.337
Rodésia do Norte	cobre	tons	197.000	539.900
	zínco	tons	15.500	30.000
	manganês	tons	500	29.500
Rodésia do Sul	carvão	tons	1.669.000	3.758.000
	cromo	tons	91.300 (em 1938)	236.500
	amianto	tons	51.000	108.600
África do Sul	ouro	quilos	—	624.108
	diamantes	quilates	—	2.838.000

O maior índice de aumento ocorre na África do Sul, onde uma produção de 624 108 quilogramas de ouro faz



do país o produtor da metade do suprimento mundial. Uma produção de 2 838 000 quilates de diamantes em 1959, cerca de 40 por cento da qual em pedras preciosas, a coloca em terceiro lugar, depois do Congo e de Gana, cuja produção é quase inteiramente de diamantes industriais, embora o valor recebido, por causa do seu controle da indústria e do número de pedras preciosas, seja relativamente mais alto do que aquele que Gana obtém. A África do Sul lidera também a produção de minério de cromo e é a segunda no Sudoeste da África em produção de chumbo. Mesmo a produção sul-africana de urânio, de sete mil toneladas, obtida em grande parte dos resíduos da mineração de ouro e cobre, está muito à frente da produção de 1 761 toneladas do Congo.

A mineração de todos os tipos, na África do Sul, atingiu um estágio de exploração que pode ser comparado ao do Canadá e ao que está agora se iniciando febrilmente na Austrália, onde as mesmas companhias aliadas a interesses norte-americanos e outros, dominam. A relação íntima é evidenciada até nos nomes das minas, particularmente no Canadá, que freqüentemente são os mesmos encontrados na África do Sul como nas duas Rodésias.

As matérias-primas industriais possuídas pela África poderiam, se fossem usadas para o seu desenvolvimento, colocá-la entre os continentes mais modernizados do mundo sem necessidade de recorrer a fontes externas. O minério de ferro, em sua maior parte de alta qualidade, é encontrado em quantidades gigantescas perto do litoral, de onde pode facilmente ser embarcado. Quanto à bauxita, as reservas estimadas da África representam mais de dois quintos de todo o mundo. São o dobro das australianas, que vêm em segundo lugar. Somente a Guiné, segundo as estimativas, contém depósitos iguais aos de toda a Austrália, isto é, mais de um bilhão de toneladas. As reservas de Gana estão estimadas em 400 milhões de toneladas. Sudão, Camarões, Congo e Malawi são outras fontes conhecidas de depósitos consideráveis e a prospecção de reservas pro-

váveis continua sendo realizada em Moçambique, Serra Leoa, Guiné Portuguesa e outras partes da África.

Entre os materiais básicos essenciais à produção de ferro e aço, o manganês tem um lugar de grande importância. Além de ser usado para liga com o ferro em barra na fabricação de aços especiais, é utilizado na indústria química. Para determinados objetivos, dentro dos processos atuais, o manganês é insubstituível. Está em uso constante, na proporção de 18 a 20 quilos para cada tonelada de aço. A União Soviética e a China são praticamente auto-suficientes quanto ao suprimento desse material básico essencial. Os outros grandes produtores mundiais de aço, Estados Unidos, Europa Ocidental e Japão, não têm quantidades apreciáveis em seus próprios territórios. Suas principais fontes de suprimento são a África, a Índia e o Brasil. Dêstes, a África fornece a maior quantidade. Angola, Bechuanalândia, Congo, Gana, Marrocos, Rodésia, África do Sudoeste e Egito estão, há algum tempo, entre as nações produtoras. Outras, como a Costa do Marfim e o Gabão, estão entrando agora para a lista.

A África do Norte é o maior produtor mundial de fosfatos. Somente o Marrocos exporta sete milhões de toneladas dos nove milhões, aproximadamente, que saem da África do Norte. Os Estados Unidos vêm em seguida, com uma exportação de quatro milhões de toneladas. As novas nações produtoras que surgiram desde 1957 são a China, com cerca de 600 mil toneladas em 1960, e o Vietnã do Norte, com 500 mil toneladas. O Senegal é produtor de fosfato de alumínio, com uma produção de cerca de 90 mil toneladas anuais, e Togo está surgindo agora no mercado de fosfato.

O minério de ferro, como o petróleo, tornou-se uma das descobertas mais recentes de minerais na África, tendo como centros principais a África do Norte e a África Ocidental. Entre os produtores de minério de alta qualidade, em 1960, estavam a Libéria (minério com 68 por cento de ferro), Angola (65 por cento), África do Sul (62 por cento), Serra Leoa (60 por cento), Marrocos (60 por cento) e Rodésia (55 por cento, o con-



teúdo mínimo para minério de ferro de alta qualidade). Tem havido descobertas de maiores quantidades e qualidade a partir de 1960. Considera-se que a maioria das nações da África Ocidental, da Mauritânia ao Congo (Brazzaville) tem depósitos de minério de ferro. O aumento da produção na Libéria, Guiné e Serra Leoa está sendo estudado. Os depósitos estão sendo postos em produção, ou estudados para a exploração, na Nigéria, Níger, Mauritânia, Gana, Gabão, Camarões, Senegal e Congo (Brazzaville). As reservas de Gana, estimadas em perto de um milhão de toneladas, ficam na área de Shiene, na região norte, não muito acessível, e contêm em média uma porcentagem de 46 a 51 por cento de ferro. Gana propõe-se a explorar esses depósitos para a utilização doméstica, quando o lago do Volta for aberto para o transporte interior. Os depósitos da República do Níger são estimados em mais de cem milhões de toneladas, com teor de ferro de 45 a 60 por cento. Ficam em Say, cerca de 50 quilômetros de Niamey, atualmente distanciados de estradas, ferrovias e portos. Essas desvantagens afetam também a exploração dos depósitos conhecidos na região Kandi do Daomé e que têm um teor de ferro de 68 por cento.

A Argélia é há algum tempo produtor de minério de ferro. A exploração foi encetada em 1913 por uma empresa francesa conhecida como La Société de l'Ouenza, operando em Djebel Ouenza, ao sul de Constantine, perto da fronteira com a Tunísia, anteriormente incorporada como um departamento da França. A companhia construiu linhas férreas próprias ligando seus dois centros produtores a Oued-Keberit, para se unir à linha Bone-Tebessa. Seu equipamento permitiu à Société de l'Ouenza exportar ferro principalmente para a Grã-Bretanha, Itália, Bélgica e Países-Baixos, e os Estados Unidos. Entre o início da exploração e o final de 1960, um total de 46 milhões de toneladas de minério haviam sido extraídas. O pessoal da Ouenza incluía então 600 europeus e 1 500 argelinos.

A existência de minério de ferro no Saara deu suas primeiras indicações na região de Gara Djebilet, cerca

de 170 quilômetros a sudeste de Tindouf, em 1952. As dificuldades de localização e suprimento de água são obstáculos para a exploração. No entanto, uma comissão composta de representantes das indústrias de ferro e aço da França, Bélgica, Alemanha, Itália, Luxemburgo e Holanda investiga intensamente as possibilidades, em conjunção com o Escritório Francês de Investimentos na África.

Os recursos de minério de ferro da Libéria são calculados em um milhão de toneladas na cordilheira Nimba e 600 milhões nos depósitos próximos à fronteira de Serra Leoa. A mina de Nimba, que foi perfurada e está sendo operada por um consórcio denominado LAMCO Joint Venture Enterprise (constituído da Libéria-American-Swedish Minerals Company e da Bethlehem Steel Corporation) tem reservas estimadas de mais de 300 milhões de toneladas de minério de hematita de alto teor, com uma produção média de mais de 65 por cento de ferro. Os contratos a longo prazo foram feitos com siderúrgicas alemãs, francesas, italianas e belgas, enquanto uma considerável parte da produção irá para a poderosa United States Bethlehem Steel, que tem 25 por cento de participação no empreendimento, cabendo os restantes 75 por cento à LAMCO. Afirma-se que a LAMCO é uma companhia partilhada meio a meio entre o Governo liberiano e a iniciativa estrangeira. O participante não-governamental é a Liberian Iron Ore Company, um consórcio de interesses financeiros e acionários norte-americano e sueco.

O principal destes é a companhia mineradora sueca Grangesberg, que além de ter uma importante participação na mina Nimba, da LAMCO, atua como agente administrador do empreendimento conjunto, no qual o capital norte-americano predomina. Grangesberg, que anteriormente mantinha 12/28 avos do sindicato LAMCO, de acordo com seu relatório anual aprovado na assembleia-geral anual realizada em Estocolmo, no dia 18 de maio de 1962, aumentou sua participação para 15/28 avos, o que lhe dá uma situação majoritária.



Grangesberg possui minas de ferro na Suécia central, assim como usinas de força, florestas e fazendas. Também construiu e controla o empreendimento ferroviário Frovi-Ludviks e opera a Oxelsund Ironworks, que produz ferro em barras e chapas pesadas. Além disso, possui e opera uma frota que no final de 1961 contava com 33 navios e tinha mais quatro encomendados para serem entregues em 1962 e 1963. Uma subsidiária sua, Aktiebolaget Hematit, opera minas na África do Norte, e outras incluem uma empresa química e de armamentos, Aktiebolaget Express-Dynamit. O Governo sueco adquiriu os títulos que a Grangesberg possuía na Luosavaara-Kiurunavaara AB-LKAB, mas do preço recebido da compra, 925 milhões de coroas, a companhia reinvestiu cem milhões da LKAB.

O valor dado a esses *holdings* adquiridos pelo Governo foi quase o dobro do capital inteiramente pago da Grangesberg, de 495 milhões e 800 mil coroas, e mesmo sem eles seus bens no final de 1961 elevavam-se a 403 milhões, 719 mil coroas, além de ações em subsidiárias e outras companhias num total de 154 milhões 380 mil coroas. O lucro líquido da companhia nesse ano foi de 38 787 251 coroas e os dividendos absorveram praticamente uma quantia igual, com 35 milhões e 700 mil coroas. Suas vendas de ferro aumentaram de um milhão 620 mil toneladas em 1959 para dois milhões 560 mil, em 1961.

A Bethlehem Steel é uma grande esfera de investimentos para os lucros de Rockefeller, obtidos da Standard Oil, que vem se esforçando para deslocar os interesses petrolíferos anglo-holandeses no Extremo Oriente. John D. Rockefeller III tornou-se um especialista no Extremo Oriente, com preferência pelo Japão, onde foi membro da missão do tratado de paz, de John Foster Dulles, em 1951. Criou uma Japan Society Incorporated para intercâmbio cultural. Visitas persistentes e pressão incrementaram as facilidades de que goza a Standard Oil Company no Japão, Indonésia, Nova Guiné e Índia, na produção de petróleo, refinação e venda. O interesse de Rockefeller no Japão reflete-se na ligação com o gru-

po metalúrgico Sumitomo, que foi cimentada na Bethlehem Copper Corporation Ltd., registrada na Colúmbia Britânica (Canadá) em 1955. As reservas de posse da firma no Highland Valley da Colúmbia Britânica contêm minério nas proporções de três milhões e 304 mil toneladas com 1,20 por cento de cobre e 12 milhões e 723 mil toneladas com 0,82 por cento. Há reservas adicionais legalmente garantidas nas províncias, assim como uma firma inteiramente subsidiária, a Highland Valley Smelting and Refining Company.

A produção total deverá ir para o grupo da Sumitomo Metal Mining Co., responsável por iniciar a produção na propriedade. O grupo comprou 400 mil ações da Bethlehem e tem opção sobre outros lotes, em conexão com promessas de empréstimo de cinco milhões de dólares e um acordo para contribuir com a metade dos fundos necessários para a expansão. A Sumitomo dá o vice-presidente e dois outros diretores da Bethlehem, um dos quais provém da proeminente família Tanaka. As primeiras entregas da mina de Nimba foram feitas durante o mês de maio de 1963 e para 1965 a produção prevista era de sete milhões e meio de toneladas.

Os depósitos de ferro de Nimba, na Libéria, estendem-se à Guiné, onde a prospecção está sendo realizada na região Nimba-Simandou, a cerca de mil quilômetros de Conakry, junto às fronteiras com a Libéria e a Costa do Marfim. Um grupo bancário europeu ocidental que se apresenta como o Consórcio Europeu para o Desenvolvimento dos Recursos Naturais da África — CONSAFRIQUE — está empreendendo investigações por contrato com o Governo da Guiné. O grupo compreende:

Banque de l'Indochine, Paris.

Deutsche Bank A. G., Frankfurt.

Hambros Bank, Londres.

Nederlandsche Handel-Maatschappij N. V., Amsterdam.

Société de Bruxelles pour la Finance et l'Industrie

— BRUFINA — Bruxelas.



S. A. Auxiliaire de Finance et de Commerce —  
AUXIFI — Bruxelas.  
Compagnie Franco-Américaine des Métaux et des  
Minerals — COFRAMET — Paris.

O Banco da Indochina é intimamente associado ao Banque de Paris et des Pays-Bas, e tem ligações com a Société Générale de Belgique. Sua esfera original de operações foi em boa parte fechada com a sua exclusão do Vietnã do Norte por causa do regime socialista ali estabelecido, enquanto no Vietnã do Sul ficou agora subordinada à finança norte-americana. O Banque de l'Indochine, que já tem uma base na Argélia, está se voltando cada vez mais para a África, onde se agrupou com vários consórcios, usualmente em torno dos interesses ligados à Société Générale de Belgique, Banque de Paris et des Pays-Bas e o Deutsche Bank, todos ligados com os interesses internacionais Morgan. O Banque de l'Indochine está representado na diretoria de Le Nickel, que explora variados minerais na Ásia e Oceania e tem um interesse substancial na Compagnie Française des Minerals de l'Uranium. O finado H. Robilliart era outro diretor da Le Nickel, assim como J. Puerarai de Penarroya e Les Mines de Huaron, cujo presidente anterior era o finado H. Lafond, do Banque de Paris et des Pays-Bas. Estes e outros interesses franceses e norte-americanos aliados, agrupados em torno da Société des Minéraux et Métaux, Patiño e American Metal Climax, formam a combinação conhecida como COFRAMET, vários de cujos componentes receberam créditos do Plano Marshall nos anos do pós-guerra.

O Deutsche Bank, que sempre se preocupou com o investimento na exploração em áreas menos desenvolvidas, tem também íntimas associações com o Banque de Paris. Mesmo durante a guerra, o Deutsche Bank não abandonou a posição de explorador colonial, mas seguiu o exército alemão aos territórios conquistados da Europa. Hoje se dedica a ajudar os interesses alemães ocidentais na África, Panamá, Chile, Paquistão, Colômbia e Pôrto Rico. Lançou empréstimos para a Argenti-

na, a cidade de Oslo e a Noruega. Tem o controle na Pakistan Industrial Credit and Investment Corporation Ltd. Agiu como órgão fiduciário para corporações internacionais consideráveis como a General Motors, Philips, Royal Dutch Petroleum e Snia Viscosa. A conexão com a Royal Dutch Petroleum continua a associação do Deutsche Bank com a concessão petrolífera de Mossul, de antes da Primeira Guerra Mundial, na parte da Turquia que veio a constituir o Iraque, enquanto suas atividades em favor da General Motors e Philips ressaltam o papel subserviente que o Deutsche Bank desempenha em relação aos interesses de Morgan que levam à expansão internacional dessas vastas organizações ramificadas. Na diretoria desse banco têm assento diretores dos interesses acionários Mannesmann do Ruhr, também representados em outro banco alemão, o Dresdner, que está empenhado do mesmo modo em numerosos empreendimentos de investimento na África.

A companhia de aço Mannesmann, uma das mais importantes do Ruhr alemão, foi fundada em 1885. Seu presidente Dr. Wilhelm Zanger, é um dos diretores da Algoma Steel Corporation Ltd., do Canadá, na qual os interesses alemães estiveram ligados por algum tempo ao grupo Hawker Siddeley da Grã-Bretanha. Mannesmann está associada a vários projetos na Índia e outros lugares com a Krupp e sua família Demag, de Duisberg. A. G. Demag opera em estreita colaboração com a firma norte-americana de Blaw Knox & Co. Essa firma, que fabrica equipamento para fundições e para indústrias químicas, petrolíferas e outras, pertence à esfera de interesses da Mellon. Daí suas ligações com a Bethlehem Steel, que se associa à indústria do aço ocidental, na qual os interesses da Mellon têm forçado cada vez mais a entrada. Tanto o Deutsche Bank como o Dresdner Bank, com os quais a Mannesmann está tão intimamente ligada, em aliança com o Morgan Guaranty Trust, têm interesses consideráveis nas companhias Oppenheimer no sul da África.

Hambros Bank (o finado Sir Charles Hambro era elo de ligação com o Banco da Inglaterra), Cable &



Wireless (contrôle) e as companhias *holding* de Openheimer têm interesses valiosos nos empreendimentos de mineração de diamantes, ouro e outros, na África central e meridional. Como banco comercial, Hambros está há muito tempo associado ao mercado de investimentos escandinavo e ampliou suas atividades na Europa há alguns anos, antecipando a entrada da Grã-Bretanha no Mercado Comum. Em 1962, Hambros criou mais uma subsidiária, em Zurique, a Hambros Investment Company. Como muitas outras instituições financeiras, ingressou num campo crescente para o investimento financeiro, o de arrendar equipamento à indústria. Para esse fim, Hambros criou a Equipment Leasing Company (Elco) em 1962. A Elco também se dedica diretamente ao negócio de importação e distribuição de automóveis e veículos comerciais da British Motor Corporation nos Estados Unidos, através da British Motor Corporation-Hambros Incorporated, empreendimento conjunto realizado em partes iguais. A British Motor Corporation engloba as fábricas Austin, M. G., Morris, Riley, Wolseley e companhias subsidiárias do grupo Muffield e outros. Através da sua aquisição da firma bancária Laidlaw & Co., de New York, Hambros está fortalecendo suas associações com importantes interesses bancários norte-americanos. Entre muitos outros interesses do Hambros Bank está sua conexão com a firma de fundição de ouro em barras Mocatta & Goldsmid, o que elevou suas reservas de ouro em barras, em 1961, de três milhões e 750 mil libras para seis milhões e meio.

Outro grupo industrial financeiro, chefiado pela companhia britânica BISC (Ore) Ltd., e incluindo participantes financeiros franceses, alemães e norte-americanos, já está trabalhando depósitos de minério de ferro na Guiné, em Kaloum, bem próximo ao porto de Conakry. Esses depósitos, de minério com teor de 50 a 55 por cento de ferro, foram descobertos em 1904, quando a construção da ferrovia de Conakry a Níger começou. A prospecção foi realizada entre 1919 e 1922 pela Mining Company of French Guinea. Em 1948 uma nova

companhia foi constituída para confirmar as descobertas anteriores. Esta foi a Compagnie Minière du Conakry, cujas instalações em Kaloum estão preparadas para uma produção anual de um milhão e 200 mil toneladas, que pode ser duplicada sem modificações apreciáveis do conjunto. Ao lado de sua produção de ferro, essa companhia está multiplicando seus rendimentos com a criação de um complexo de indústrias que inclui a manufatura de explosivos pela Union Chimique de l'Ouest Africain — UCOA. A participação, na Compagnie Minière de Conakry, que tem um capital de um bilhão e meio de francos da Guiné, é a seguinte:

BISC (Ore) Ltd. ....	30,50%
Bureau de Recherches Géologiques et Minières .....	24,70%
Caisse Centrale de Co-operation Économique . . . . .	8,70%
Compagnie Française des Mines de Bor . . . . .	7,90%
Hoesch Werke . . . . .	5,00%
Grupo Rothschild . . . . .	9,56%
Compagnie Franco-Américaine des Métaux et des Minéraux — COFRAMET .....	2,05%
Vários . . . . .	11,59%

Hoesch Werke é uma proeminente firma alemã ocidental de ferro e aço, associada aos combinados maiores, como a Mannesmann e Phoenix-Rheinruhr, a última das quais efetuou recentemente uma fusão com o grupo Thyssen. Antes da última guerra, Thyssen estava associado a Krupp.

A indústria de ferro e aço alemã ocidental está cada vez mais buscando suprimentos de matérias-primas para utilização em fábricas alemãs. Em outras partes do mundo, onde nações menos desenvolvidas estão fazendo uma tentativa de se industrializarem, essas indústrias estão localizando fundições de transformação e usinas de laminação para levar a um estágio secundário ou in-



mediário o minério trazido das minas para as quais obtiveram concessão. Assim a filiada da Mannesmann no Brasil, Companhia Siderúrgica Mannesmann, deve alcançar uma capacidade de produção de aço bruto de 300 mil toneladas, com minério de ferro retirado das minas a menos de oito quilômetros de distância, no novo forno de fundição que está construindo em Belo Horizonte. O capital norte-americano tem grandes participações na indústria alemã de ferro e aço, em alguns casos mesmo o controle, obtido durante a ocupação norte-americana da Alemanha no pós-guerra.

Os bancos Morgan chefiaram essa incursão no campo da indústria pesada da Alemanha e de outras nações européias, utilizando seus agentes e associados europeus na Grã-Bretanha, França, Alemanha, Itália, Bélgica e Suíça para esse fim. Entre esses associados está o múltiplo grupo Rothschild, já flanqueando os Morgans em seus empreendimentos no sul da África. A seção britânica, encabeçada por N. M. Rothschild, nas palavras de um comentador, o Hon. Peter Montefiore Samuel, membro da casa bancária comercial londrina M. Samuel & Co. Ltd., "restabeleceu suas antigas conexões com De Rothschild Frères", que datam dos dias pré-napoleônicos. A própria firma de M. Samuel está por sua vez ligada ao Banque Lambert da Bélgica e ao Banque de Paris et des Pays-Bas, da França, todos dentro da esfera de investimentos da Société Générale de Belgique, em um consórcio de investimento criado para explorar o Mercado Comum Europeu. Edmund L. de Rothschild e o Hon. P. M. Samuel têm assento, juntos, na diretoria de Anglo Israel Securities Ltd. De Rothschild, diretor de duas companhias de seguros, a Alliance e a Sun Alliance criadas pelos Rothschilds, tem assento também na British Newfoundland Corporation, incorporada no Canadá, que obteve quase 18 mil quilômetros quadrados de terras de minérios, em concessão, e uma extensão equivalente de concessões de petróleo e gás, do Governo de Newfoundland, em 1953. A firma tem ainda concessões de quase 90 mil quilômetros quadrados no Labrador. O nome de Rothschild adorna ainda a dire-

toria de Five Arrows Securities Co. Ltd., de Toronto, na qual estão interessados o Barclays Bank e associados de Morgan. O Hon. P. M. Samuel é diretor da Shell Transport & Trading Co. Ltd., controlada pela Shell Oil, assim como de outras companhias de investimentos, inclusive várias operando na África Central, como a Heywood Investments Central Africa (Pvt.) Ltd., na qual a ele se junta outro membro da família, o Hon. Anthony Gerald Rothschild, que também tem assento nas diretorias de outros empreendimentos semelhantes, assim como de firmas editôras e de publicidade.

BISC (Ore) Ltd. está incluída em um consórcio, Société Anonyme des Mines de Fer de Mauritanie — MIFERMA — que explora minério de ferro em Fort Gouraud, Mauritanía. Estima-se que haja um mínimo de cem milhões de toneladas de minérios de alta qualidade, com teor de 64 a 65 por cento de ferro, contidas nessa propriedade na orla oriental do Saara, que está sendo preparada para dar uma produção anual de seis milhões de toneladas. O grupo britânico, assim como grupos alemães e italianos, têm participações substanciais, mas o interesse principal é mantido por um grupo francês encabeçado pelo Bureau Minière de France d'Outre Mer. São os seguintes os participantes do empreendimento:

BISC (Ore) Ltd.  
British Ore Investment Corporation Ltd.  
British Steel Corporation Ltd.  
Compagnie du Chemin de Fer du Nord.  
Compagnie Financière pour l'Outremer — COFIMER.  
Denain-Anzain.  
Republique Islamique de Mauritanie.  
Società Finanziaria Siderurgica — FINSIDER.  
Union Siderurgique du Nord de la France — USINOR.

A companhia foi capitalizada com 13 bilhões e 300 mil francos CFA e tem as seguintes filiais:

Société d'Acconage et de Manutention en Mauritanie — SAMMA (capital cem milhões de francos CFA).



Société Anonyme d'Hébergement en Mauritanie —  
HEBERMA (capital 25 milhões de francos CFA).

Société Anonyme de Transports Mauritaniens  
SOTRAM (capital 50 milhões de francos CFA).

E para provar que embora os nomes possam mudar, os componentes continuam os mesmos, a direção da mina ficará a cargo de Penarroya.

Finsider é a organização financiadora relacionada com o grupo industrial compreendendo Ferromin; e o Deutsche Bank esteve interessado em certas apresentações de ações feitas por ela durante 1961-62. A Compagnie du Chemin de Fer du Nord está sob a influência do Banque de Paris et des Pays-Bas, como a Union Sidérurgique du Nord de la France.

O Gabão, cuja madeira fôra até então o mais importante produto de exportação, deu sinais de possuir depósitos de minério de ferro desde 1895. As prospecções foram realizadas a partir de 1938 pelo que era então o Escritório de Pesquisas Geológicas e Mineiras, a que se juntou a Bethlehem Steel Corporation. A companhia resultante disso, Société des Mines de Fer de Mekambo, foi fundada em 1955, com o objetivo principal de "criar um grande centro de produção capaz de satisfazer, a longo prazo, parte das necessidades previstas da indústria de aço da Europa Oriental e as futuras necessidades da Bethlehem Steel". Dêste modo, a Bethlehem Steel tem uma participação de 50 por cento. Os outros associados no empreendimento são:

Bureau de Recherches Géologiques et Minières . . . . .	12,00%
Banque de Paris et des Pays-Bas	5,00%
Compagnie Financière pour l'Outremer — COFIMER . . . . .	3,00%
Compagnie Financière de Suez . . . . .	5,00%
Companhia Fiat, Itália . . . . .	3,50%
Consórcio alemão de Mekambo (indústria do aço alemã) . . . . .	10,00%
Indústria do aço francesa . . . . .	9,00%
Indústria do aço belga . . . . .	2,00%
Indústria do aço holandesa . . . . .	0,50%

Esse empreendimento é capitalizado a 200 milhões de francos CFA e no seu interesse foram realizadas novas investigações pelo sindicato agrupado em torno do Bureau de Recherches e da Comunidade Européia do Carvão e do Aço, ressaltando o interesse que a Comunidade Européia e seu Mercado Comum têm nos recursos primários da África. O que torna tão interessantes os depósitos de minério de ferro do Gabão é sua proximidade de importantes fontes de energia elétrica, capazes de fornecer eletricidade abundante ao custo estimado de um franco CFA por quilowatt.

A inclusão da Fiat nesse consórcio é um exemplo da inevitabilidade da extensão do monopólio em investimentos de capital nas nações desenvolvidas. A Fiat não é apenas uma fábrica de automóveis, mas uma vasta organização industrial que penetrou profundamente no investimento financeiro, na Europa e além dela. Fundada em Turim em 1899, a Fiat tornou-se em 63 anos o segundo maior fabricante de automóveis na Europa e o quarto do mundo, depois da General Motors, Ford e Volkswagen. Se a Simca, que é ligada à Fiat, for somada à produção da Fiat, esta se torna maior do que a da Volkswagen. Mas o crescimento da Fiat veio, não da fabricação de automóveis, mas da produção industrial ligada a armamentos durante a Primeira Guerra Mundial, e sua expansão continuou durante a Segunda Guerra Mundial. A companhia obteve lucros com a devastação, que chegou à Itália, e continuou a crescer no período do pós-guerra sob o seu fundador, um antigo oficial de cavalaria de uma família abastada de Turim, Giovanni Agnelli, em quem "o gênio comercial estava aliado à falta de compaixão característica de um *tycoon* norte-americano do petróleo ou das estradas de ferro, nos velhos tempos".

No ano de operações de 1960, a Companhia Fiat tinha investimentos em outras companhias avaliados em cerca de 26 milhões e 700 mil libras, uma avaliação procedida pela companhia, uma vez que sob a lei comercial italiana isso fica inteiramente à discrição dos contadores da companhia e as cifras que constam nos balanços



italianos sob esse título geralmente não têm qualquer relação com o valor do mercado ou mesmo com o valor nominal das equidades e títulos em causa. A fabricação de cimento, câmaras e filmes está entre os empreendimentos da companhia. Uma subsidiária, Unione Cementi Marchino, produz anualmente 16 milhões de toneladas de cimento. O vermute Cinzano que é tão largamente apreciado em todo o mundo está entre os empreendimentos da Fiat. Sua subsidiária, Impresit, está presente onde quer que sejam construídas represas hidrelétricas. Ela construiu a represa Kariba na Rodésia e está trabalhando na represa do Volta, em Gana. A Fiat tem propriedades em todo o mundo. Praticamente todo o notório mundo de vida noturna da Rue Blanche, em Paris, é propriedade da Fiat, assim como terrenos, hotéis e instalações em Sestriere, um importante centro de esportes de inverno italiano.

Como tantas das organizações monopolistas que espalharam os seus interesses pelo mundo e em inúmeros empreendimentos, a Fiat se dedicou também ao petróleo, possuindo 22 por cento da Aquila, a subsidiária italiana da Compagnie Française des Petroles. Aquila opera agora na Áustria, assim como na Itália. O transporte marítimo também figura no âmbito de operações da Fiat, através da propriedade de duas companhias que exploram o ramo da navegação. Todas essas ramificações, que incluem mais de cem companhias dentro e fora da Itália, estão quase que inteiramente investidas na companhia *holding*, Instituto Financiaro Industriale, fundada em 1927 e conhecida pelas suas iniciais IFI, que mantém o controle geral. No segundo semestre de 1962, a Fiat juntou-se ao grupo internacional compreendendo a SABCA — Avions Fairey (Bélgica), a Focke-Wulf (Alemanha), a Fokker (Holanda), a Hawker Siddeley Aviation (Grã-Bretanha) e a Republic Aviation (EUA), que submeteram à OTAN planos para um avião militar de decolagem vertical. A Fiat já havia cooperado com a Bristol Siddeley na manufatura dos motores do turbojato Bristol Siddeley Orpheus para

o G.91, que era então o aparelho padrão da OTAN. E para ajudar a encaminhar a opinião pública na direção adequada, a Fiat publica o segundo maior jornal diário da Itália, *La Stampa*.

A Compagnie Financière de Suez ficou em considerável dificuldade depois que os assuntos do Canal de Suez foram assumidos pelo Governo egípcio, em seguida a uma tentativa mal sucedida do imperialismo anglo-francês de dominar mais uma vez o Egito, e tem sofrido pressão de parte dos seus acionistas. No entanto, a diretoria conteve os acionistas e redimiu sua situação procurando investimentos que dêem lucros altos e rápidos. Fêz certas aquisições de ações na Austrália, mas está realmente buscando rendimentos prontos em petróleo do Saara e matérias-primas africanas. Seu investimento em Coparex deverá dar bons resultados logo, segundo se espera, uma vez que essa companhia possuía em 1961 grandes reservas de petróleo, de onde tirava um rendimento substancial.

A bauxita é ainda mais abundante do que o minério de ferro, na África Ocidental e Equatorial, mas sua exploração aguarda a disponibilidade de força elétrica. Já nos referimos à FRIA, a empresa que foi organizada na República da Guiné pelo consórcio que tem à testa a firma Olin Guiné, de Rockefeller. O segundo maior *holding* desse grupo pertence a Pechiney-Ugine. Esses mesmos grupos, juntamente com Reynolds, Kaiser e a Alcan, de Mellon, formaram outra empresa, Les Bauxites du Midi, que originalmente explorava outros depósitos, em Kassa e Boke. O Governo da Guiné, no entanto, notificou a companhia de que se dentro de três meses, a partir do dia 24 de novembro de 1961, Bauxites du Midi não tivesse feito os preparativos para criar uma fábrica de alumínio em Boke até julho de 1964, como fora inicialmente combinado, suas instalações, serviços e maquinaria seriam expropriados, assim como suas propriedades, pelo que seria paga uma indenização. O Governo da Guiné declarou aguardar que a companhia renunciasse a "seus métodos coloniais baseados na



simples extração de minerais cuja transformação seria subseqüentemente efetuada fora da nação produtora”.

A Pêchiney-Ugine é também interessada na Compagnie Camerounaise d'Aluminium Pêchiney-Ugine — ALUCAM — na qual a Cobeal, filiada à Société Générale de Belgique possui uma participação de dez por cento. A parte da Pêchiney-Ugine na produção total da Alucan em 1962 foi de 46 443 toneladas em 52 248, obviamente a mais importante.

Os recursos naturais do Gabão demonstram ser imensamente ricos. Comissões de energia atômica empenham-se na prospecção e investigação de fontes de urânio em Mounana, na região do Alto-Ogooue, uma das mais isoladas do país. O único meio de acesso é pelo rio Ogooue, cortado por corredeiras em mais de 600 quilômetros do seu percurso. No início de 1959, no entanto, uma rodovia de cem quilômetros construída pela Compagnie Minière de l'Agoué — COMILOG — reduziu a distância, de Mounana até a estrada de ferro que foi aberta em 1962, a cerca de 120 quilômetros, tornando-a assim mais acessível. O minério deverá ser extraído e o urânio retirado pela Compagnie des Mines d'Uranium de Franceville, capitalizada em um bilhão de francos CFA. Uma componente da Comilog, a Compagnie de Mokta, é responsável pela administração da mina. Comilog está explorando os depósitos de manganês do Gabão em Franceville, inicialmente investigados pelo Bureau Français de Mineração no Ultramar em colaboração com U. S. Steel, a gigantesca firma norte-americana do aço, controlada pelos interesses Morgan. Juntamente com suas filhadas, a U. S. Steel tem o controle da Comilog com 49 por cento e os outros componentes — comumente presentes nessas empresas — são o Bureau de Recherches Géologiques et Minières (22 por cento), a Compagnie de Mokta (14 por cento) e a Société Auxiliaire du Manganèse de Franceville (15 por cento). O empreendimento está capitalizado em dois milhões e meio de francos CFA. Os monopolistas dos Estados Unidos e da França são os principais componentes.

Comilog tem como principal acionista (49 por cento) a maior empresa do aço nos Estados Unidos, e portanto do mundo, U. S. Steel, “uma empresa de ferro e aço perfeitamente integrada”. A jazida de manganês que a Comilog está operando em Franceville, no Gabão, é uma das mais importantes do mundo, com reservas estimadas em 200 milhões de toneladas com teor de 50 por cento de ferro. A Cie. de Mokta, francesa, tem 19 por cento de interesse e, além de estar empenhada em operar diretamente a mina de manganês Grand Lahou, na Costa do Marfim, controla importante produção de minérios de ferro, manganês e urânio através de participação acionária na Argélia, Espanha, Tunísia, Marrocos e Gabão. Tem, por exemplo, 40 por cento na Cie. des Mines d'Uranium de Franceville, que está processando o rico minério de urânio em Mounana, Gabão. De Mokta está ligada diretamente e através de associadas aos interesses que irradiam da Anglo-American Corporation e do grande truste de ferro e aço de ARBED.

A U. S. Steel e a General Electric são gigantes mundiais em suas esferas interligadas. A primeira, em virtude de suas múltiplas divisões abarcando todos os aspectos da indústria do aço, é a sexta maior companhia industrial dos Estados Unidos; a segunda é a principal produtora de equipamento elétrico e utensílios do mundo, com filhadas, subsidiárias e associadas por toda a terra. Suas fábricas abarcam muitos setores industriais: rádio, aviação, marítimo, pesquisa científica, e produzem artigos pesados de importância capital, componentes industriais e artigos materiais e de defesa, assim como artigos de consumo. A U. S. Steel foi fundada em 1901 por J. Pierpont Morgan como companhia *holding*, controlando mais da metade da indústria do aço dos Estados Unidos. Desde então, a indústria do aço norte-americana expandiu-se em passos gigantescos e outros trustes importantes se destacaram. Mas a U. S. Steel mantém a liderança e hoje controla 30 por cento da produção de aço e cimento dos Estados Unidos. Na diretoria da General Electric tem assento Henry S. Mor-



gan, de modo que não é difícil encontrar a relação entre esse monopólio internacional e a U. S. Steel na exploração de alguns dos mais ricos recursos africanos para alimentar as exigências militares e econômicas do mais perigoso imperialismo do mundo. Operando universalmente, seus interesses localizam-se em cada local de crise no mundo.

Afirma-se que, em consequência de complicadíssima transação, a firma Tanganyika Concessions cedeu a um grupo financeiro intimamente associado às mais importantes casas bancárias dos Estados Unidos um milhão e 600 mil das suas ações, em consequência do que o grupo norte-americano provavelmente tem a maioria nessa companhia britânica, proprietária de 21 por cento das ações da Union Minière, cujo império é o Congo.\*

O interesse norte-americano no Congo é motivado por investimentos muito substanciais, freqüentemente ocultos sob fachadas britânicas, francesas, belgas e alemãs ocidentais, e empregando importantes personalidades políticas dos Estados Unidos. O Sr. Adlai Stevenson, por exemplo, representando o seu Governo na ONU, presidia a firma de Tempelman & Son, especialistas em explorar diamantes no Congo; e o Sr. Arthur H. Dean, que chefiava delegações dos Estados Unidos a conferências de desarmamento, era vice-presidente e ainda é diretor da American Metal Climax, grande consumidor de urânio uma vez que é responsável por dez por cento da produção dos Estados Unidos. American Metal, segundo uma informação não confirmada, forma com suas subsidiárias "um poderoso grupo internacional de mineração, que inclui, principalmente, a Rhodesian Selection Trust Ltd."

As potências da OTAN estão interessadas no Gabão por causa das suas riquezas. Atualmente a American OFFSHORE International teve a oferta de um contrato de perfuração para a Société de Petrol Afrique Equatorial

\* *France Observateur*, 9 de julho de 1964.

(SPAPE), com sede em Port Gentil. Essa companhia emprega mais de 1 200 africanos, que ficam todos subordinados a mais de 400 brancos. Não há uma refinaria de petróleo atualmente no Gabão, mas Gabão, Chad, Congo, Brazzaville, República da África Central e Camarões concordaram em instalar uma refinaria que será financiada pelos respectivos governos e a França. A primeira reunião dos representantes desses governos foi no dia 22 de julho de 1964, em Port Gentil. De acordo com o Ministro, as necessárias investigações estão em desenvolvimento para instalar a refinaria antes do fim de 1965. Há, segundo me informaram, muitas descobertas de lençóis petrolíferos, tanto nas águas territoriais do Gabão como no interior, em quantidades economicamente grandes, para suprir muitas partes da África. A informação de que disponho é de que todas as companhias petrolíferas atualmente distribuindo produtos de petróleo na África de língua francesa têm controle de ações da companhia produtora de petróleo do Gabão. ACIP não tem permissão para possuir ações da companhia. Os leitores recordam-se do que motivou a queda do Sr. Adoula no Congo — política do petróleo. Parece-me, portanto, que duas questões econômicas influenciarão a permanência das forças francesas de ocupação no Gabão durante muitos anos: o urânio e o petróleo.

É muito provável que a África pudesse fornecer suficiente quantidade de fosfatos não apenas para fertilizar a abundante produção agrícola que cobriria suas necessidades futuras de alimentos e industriais, como também para produzir excedentes bastantes para suprir as necessidades de muitas outras partes do mundo. No momento, os importantes centros produtores de fosfatos são os depósitos de Djebel-Onk na Argélia, os de Taiba, no Senegal, de Lac Togo, na República do Togo, e de Khouribga e Youssoufia em Marrocos.

A Société de Djebel-Onk, com um capital de 30 milhões de novos francos, compreende os seguintes interesses:



Bureau d'Investissement en Afrique. . . . .	18,00%
Caisse d'Équipement de l'Algérie	16,00%
Compagnie des Phosphates de Constantine. . . . .	40,00%
Compagnie Financière pour le Developpement Economique, ca. — COFIDAL. . . . .	8,50%
Société Algérienne de Developpement et d'Expansion — SOCALDEX . . . . .	8,50%
Société Algérienne de Produits Chimiques et d'Engrais; Banque Nationale pour le Commerce et l'Industrie Africaine; Compagnie Algérienne; Groupe Schiaffino; outros	9,00%

A Compagnie Sénégalaise des Phosphates de Taïba revela o Governo do Senegal associado ao Bureau de Recherches Géologiques e Minières, Péchiney, Pierrefitte, Compagnie des Phosphates de Constantine, Compagnie des Phosphates d'Océanie, Cofimer e a Société Auxon. O mesmo grupo encabeçado pelo Banque de Paris et des Pays-Bas e os interesses franceses que ele representa, fez um acordo em fevereiro de 1963, sob a assinatura do diretor-geral do banco, J. J. Reyre, com a International Minerals & Chemicals Corporation, pelo qual esta última se associou ao consórcio que explora o que se afirma ser a maior mina de fosfato de alto teor do mundo, perto de Dakar. Há várias coisas que merecem destaque nesse acordo.

Em primeiro lugar, há algo de distintamente omíni- no em um acordo entre duas combinações estrangeiras, uma das quais é participante de uma companhia associada com o Estado cujas matérias-primas está explorando. Isso acentua a atitude de desprezo em relação ao país hospedeiro implícita no objetivo do monopólio. A International Minerals é o principal produtor de fosfato e produtos agrícolas fosfatados no conti-

nente norte-americano, com extensas minerações de fosfato e operações químicas de processamento na Flórida, Estados Unidos. Também possui uma mina de potassa em Carlsbad, Novo México, e uma outra instalação, de 10 milhões de dólares, para a produção de potassa no Canadá. Tem um mercado para os seus produtos em todas as Américas e Europa Ocidental. Para o Governo senegalês, esse projeto de mineração de fosfato, que deverá ter uma produção anual de meio milhão de toneladas, desempenha importante papel no seu plano quadrienal. Deverá expandir e desenvolver a economia. No entanto, o objetivo dos monopólios que controlam o empreendimento é inteiramente oposto. "Essa associação reforça nossa posição mundial no que diz respeito a reservas estratégicas de fosfatos", teria dito o Sr. Reyre ao firmar o acordo de sociedade com a International Minerals (*West Africa*, 17 de fevereiro de 1962).

Depósitos de fosfatos foram descobertos no Togo a cerca de 30 quilômetros do mar, em 1952. As investigações vinham sendo realizadas desde 1884, por interesses franceses e britânicos. Foi um assessor geológico do Comptoir des Phosphates de l'Afrique du Nord que encontrou, na região Akoumape, indicações de depósitos muito importantes, de primeira qualidade, que se estendiam através do lago Togo. A República de Togo associou-se à Compagnie Togolaise des Mines de Benin, que está explorando os depósitos e inclui os interesses já empenhados em monopolizar outros recursos de fosfatos na África. São a Compagnie Constantine, Penarroya, Cofimer, o Banque de Paris, Pierrefitte, e a Compagnie Internationale d'Armement Maritime Industrielle et Commerciale. O capital é de um bilhão e 180 milhões de francos CFA. Os primeiros embarques foram realizados em setembro de 1961, quando partiram do novo cais de Kpeme para os Estados Unidos e para fábricas no Japão sob controle norte-americano. O plano é de produzir inicialmente 750 mil toneladas anuais de concentrado, nível que deverá ser progressivamente elevado



até um milhão de toneladas, se as possibilidades do mercado o permitirem.

Não haveria falta de possibilidade de mercado se os fertilizantes fôses postos à disposição dos países em desenvolvimento a preços compatíveis com o seu poder aquisitivo. Atualmente a competição em fertilizantes entre os Estados Unidos e outras fontes é extremamente aguda e os produtores britânicos, dos quais Fison Ltd. e ICI e Shell praticamente monopolizam o comércio no Reino Unido, foram objeto de investigação pela Comissão Britânica de Monopólios, em 1959. Os fertilizantes no Reino Unido têm sido mantidos em nível de preços subsidiado que provocou sérias queixas. Fison controla 40 por cento do mercado do Reino Unido e agora entrou em um acôrdo com a ICI pelo qual esta lhe fornecerá amônia de sua nova fábrica de Immingham. Isso reduzirá o custo, num esforço para atender às queixas dos acionistas de que os lucros estão diminuindo.

Essa cooperação dos maiores produtores de fertilizantes está sendo levada à frente para monopolizar os suprimentos e mercados de matérias-primas, a fim de sustentar preços que produzirão lucros ainda maiores sobre os consideráveis investimentos necessários. O presidente da Divisão de Billingham da ICI disse que o processo de nafta da companhia transformou completamente a economia da produção de amônia e colocou a companhia em condições de ser um produtor mundial de amônia e não apenas um produtor do Reino Unido.

O transporte é um importante fator no custo dos fertilizantes e é fácil compreender que se os fosfatos da África são levados à Europa para processamento e depois devolvidos sob a forma de fertilizantes à África, encasados, os preços não podem ser econômicos para a agricultura africana. Sob esse aspecto é interessante notar que Fison abriu na Índia, em associação com a destacada firma de aço e ferro de Tata, uma companhia produtora de fertilizante, a Tata-Fison Ltd., que Sir Clavering Fison, presidente da companhia britânica, descreveu como sendo agora a maior companhia da indústria. Fison tem sociedade com a Albatros Super-fos-

faatbrieken N. V., de Utrecht, Holanda, com a qual fundou companhias de fertilizantes e produtos químicos na África do Sul. Durante o seu ano fiscal de 1961/62, a Fison-Albatros admitiu na sua filiada sul-africana Fisons (Pty) Ltd., empreendimento bancário local, a Federale Volksbeleggings Beperk, o que fez com que houvesse fundos disponíveis suficientes para permitir à Fison sul-africana entrar na exploração de depósitos em Phalaborwa, no Transvaal. Fison tem outras companhias na África do Sul ligadas a produtos químicos agrícolas e farmacêuticos. Todas essas companhias prosperaram durante o ano 1961/62, segundo o presidente da Fison que acrescentou que, "apesar das condições difíceis na África Oriental e na Federação de Rodésia e Niasalândia, nossas companhias mantiveram sua posição e obtiveram lucros satisfatórios". Sua subsidiária no Sudão, Fisons Pest Control (Sudan) Ltd., pulverizou uma área recorde de mais de um milhão de acres de cultura de algodão e obteve lucros consideráveis satisfatórios pelo presidente.

Canadá, Nova Zelândia, Austrália, Malaia e Nigéria são todos países em que a Fison criou companhias para a expansão de seus mercados de fertilizantes e produtos químicos e agrícolas, e recentemente a companhia começou a se estender para a América do Sul e Paquistão. Fábricas de fertilizantes foram construídas em Zandvoorde, na Bélgica, em conjunto com a Union Chimique Belge S. A. Além da fabricação de fertilizantes e produtos químicos afins, da produção de aparelhos de horticultura e de aparelhos científicos, a Fison participa da firma John Brown Ltd. de processamento e enlatamento de produtos alimentícios "para o fim de vender *know-how* (conhecimento técnico especializado) químico e fábricas à U.R.S.S."

Petróleo e gás, cujas descobertas na África se tornam cada vez mais importantes, especialmente no Saara, provocam a competição febril entre os interesses financeiros e industriais predominantes, que estão trazendo o monopólio a um círculo cada vez mais fechado. Mesmo interesses menores estão forçando a entrada



nesse campo que, embora exija um capital inicial extremamente forte para a prospecção e perfuração, oferece os lucros fabulosos que fizeram a fortuna da Shell para os Morgan, da Texaco para o grupo de Gulf Oil para os Mellon, da Continental Oil e Dutch-Shell para os Morgans, da Texaco para o grupo de Chicago, Hanover Bank e outros. A Tennessee Corporation, empresa múltipla de Gugenheimer que explora concessões de nitrato e cobre na América do Sul e *holdings* no Congo e outras partes da África, estendeu seus interesses além do urânio, fertilizantes e produtos químicos, entrando no petróleo. Sua subsidiária em Delaware, Tennessee Overseas Co., iniciou a exploração de petróleo em Serra Leoa. C. W. Michel, vice-presidente da Tennessee, já tem ligação com o petróleo através da Dome Petroleum, subsidiária da Americo-Canadian Dome Mines Ltd., interligada com a Tennessee pela posse de ações e pela presidência de Michel.

A África continua sendo, acima de tudo, um continente economicamente inexplorado e a retirada dos dominadores coloniais do controle político é interpretada como um sinal para a corrida dos monopólios internacionais aos recursos naturais do continente. É a nova disputa pela África, sob o disfarce de ajuda e com o consentimento e mesmo a boa vontade de Estados novos e inexperientes. Isso pode ser ainda mais mortalmente perigoso para a África do que a primeira divisão, porque é apoiado por interesses mais concentrados, dotados de muito maior poder e influência sobre governos e organizações internacionais.

## 7. O Império Oppenheimer

O REI da mineração na África do Sul e mesmo na África, é Harry Frederick Oppenheimer. Pode-se mesmo chamá-lo de rei da África do Sul, até de imperador, com um império sempre crescente. Há provavelmente poucos recantos da África meridional em que ele não tenha um dedo próprio ou a garra de alguma filiada ou associada. Esses dedos e garras prendem o império de Oppenheimer firmemente a outros impérios tão grandes ou maiores do que o dele.

O Sr. Harry Frederick Oppenheimer é diretor ou presidente de cerca de 70 companhias. Essas diretorias, assim como aquelas exercidas por importantes colegas e elementos nomeados, cujos nomes se repetem monotonamente nas direções de um complexo sempre crescente de juntas diretoras de companhias, desmentem a ficção da separação respeitável, mesmo quando não há uma ligação financeira evidente. Dominando esse complexo de companhias estão a Anglo-American Corporation of South Africa Ltd. e a Consolidated Gold Fields of South Africa Ltd., das quais se irradiam filiadas, subsidiárias, associadas, com ligações imediatas ou mais tênues, que por si mesmas dariam um catálogo muito



interessante de comércio, investimento e bancos. A lista de interesses diretos, de modo algum completa, incluí-la:

Anglo American Trust Ltd.  
African & European Investment Co. Ltd.  
Amalgamated Collieries of South Africa Ltd.  
Bamangwato Concessions Ltd.  
Central Mining Finance Ltd.  
Consolidated Mines Selection Co. Ltd. (CAST).  
Coronation Collieries Ltd.  
Consolidated Mines of South West Africa Ltd.  
British South Africa Company Ltd.  
Anglo Transvaal Consolidated Investment Co. Ltd.  
De Beers Consolidated Mines Ltd.  
Free State Development Co. Ltd.  
Middle Witwatersrand (Western Areas) Ltd.  
Rand Selection Corporation Ltd.  
Rand Mines Ltd.  
Rhodesian Anglo American Corporation Ltd.  
South African Townships Mining & Finance Co. Ltd.  
Vereeniging Estates Ltd.  
West Rand Investment Trust Ltd.  
Johannesburg Consolidated Investment Co. Ltd.  
Rhodesian Broken Hill Development Co. Ltd.  
Transvaal & Delagoa Bay Investment Co. Ltd.  
Rhokana Corporation Ltd.  
Union Corporation Ltd.  
Tsumeb Corporation Ltd.  
Selection Trust Co. Ltd.  
Tanganyika Concessions Ltd.  
Union Minière du Haut Katanga S. A.

A maioria desses interesses diretos é constituída de *holdings* ou firmas de investimentos, criadas para coordenar um grupo específico de investimentos, mas interferindo em muitos outros campos. É difícil, às vezes quase impossível, distinguir a linha que delimita as operações. Tentar desemaranhar as participações da An-

glo-American Corporation e da Consolidated Gold Fields of South Africa, por exemplo, leva freqüentemente às mesmas implicações. No entanto deve haver uma linha de demarcação, não somente para preservar a aparência de autonomia como para evitar uma duplicação de tarefas e responsabilidades, no interesse da economia industrial e financeira e dos lucros.

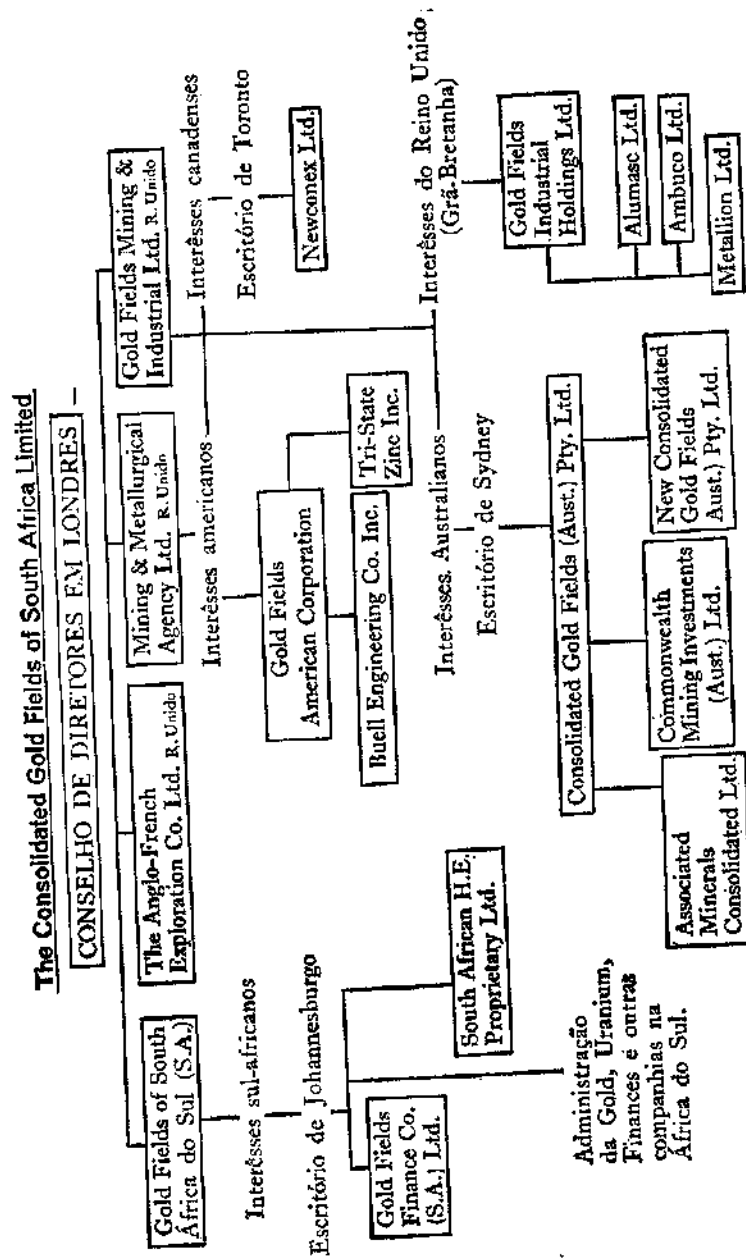
Há, na realidade, uma modificação constante da estrutura de organização, seja como resultado da aquisição de novos interesses e projetos, do abandono de minas exauridas, da expansão de companhias existentes e alianças, mas acima de tudo para impedir ou enfrentar a competição, dinamizar a estrutura e corrigir a situação fiscal.

Em 1961, por exemplo, a Consolidated Gold Fields of South Africa Corporation sofreu uma profunda reorganização com o objetivo de concentrar sua administração nas várias esferas de operação. Apresentado o relatório durante a reunião sobre as atividades da corporação no ano que terminou em 30 de junho de 1961, o presidente, *Sir George Harvie-Watt*, fixou os bens, pelo valor cotado na bolsa, em um total aproximado de 58 milhões de libras. Sessenta e seis por cento desse total eram representados por interesses na África do Sul, dez por cento na América do Norte e seis por cento na Austrália. A maior parte dos restantes 18 por cento correspondia a interesses no Reino Unido.

Para supervisionar esses interesses e a absorção planejada de outros, várias alterações foram feitas nas companhias controladoras, de modo que a estrutura de agrupamento da Consolidated Gold Fields of South Africa Ltd. tem agora a constituição descrita no Quadro 1. (V. pág. 132.)

Explicando a estrutura aos acionistas, na assembléia-geral anual realizada em Londres no dia 13 de dezembro de 1962, o presidente confirmou que a supervisão operacional dos interesses do grupo na África do Sul estava sob a responsabilidade de "nossa subsidiária, inteiramente de nossa propriedade, Gold Fields of South Africa Ltd., com sede em Johannesburg". Quando o





QUADRO I

grupo adquiriu, em 1959, tanto a New Union Gold Fields, desde então denominada Gold Fields Finance (S. A.), Ltd., e a South African H. E. Proprietary Ltd, sua administração foi também entregue à Gold Fields of South Africa, embora as ações dessas duas companhias pertencessem diretamente à companhia materna, em Londres.

Na Austrália, a responsabilidade pelas operações do grupo cabe à Consolidated Gold Fields (Austrália) Pty Ltd. O principal investimento da Gold Fields na Austrália é representado por um interesse majoritário na Commonwealth Mining Investments (Australia) Ltd., "uma companhia de financiamento da mineração com ampla participação em investimentos na Austrália, América do Norte e outros pontos do ultramar", segundo o relatório do presidente.

Um interesse majoritário em outra empresa australiana, Associated Minerals Consolidated Ltd., permite à Consolidated Gold Fields uma invasão em grande escala da indústria de rutilo e zircônio. A Associated Minerals adquiriu todas as ações pendentes de Z. R. Holdings Ltd., uma companhia originalmente formada para tomar posse de Zircon Rutile Pty Ltd., juntamente com a participação dessa companhia em outras e os adiantamentos que lhes tinha feito. Mais ou menos à mesma época, a Associated Minerals adquiriu todo o capital de ações de Titanium Materials e os bens e instalações de Rye Park Scheelite.

Empresas experientes como a Consolidated Gold Fields não permitem que outros lucrem com os seus esforços. Portanto, "enquanto a Associated Minerals aumentava sua participação acionária na indústria do rutilo — disse o presidente da Consolidated — achamos necessário fortalecer nossa posição em Wyong Minerals, outro produtor de rutilo no qual a Commonwealth Mining já tinha um investimento substancial. Conseqüentemente, nossa subsidiária, de nossa inteira propriedade, Consolidated Gold Fields (Austrália) Pty Ltda. propôs, em fevereiro de 1962, a compra de 50 por cento de todas as ações de propriedade da Wyong Minerals que não pertencessem à Commonwealth Mining Invest-



ments. A oferta teve êxito e a Wyong Minerals é hoje uma subsidiária pertencente ao grupo".

A Consolidated Gold Fields merecia parabéns pela sua perspicácia. Sua posição no campo do rutilo é hoje proeminente. Nas palavras do seu presidente, "a capacidade total de produção de rutilo das nossas subsidiárias representa agora quase a metade da capacidade total do mundo livre. O programa de expansão que a Associated Minerals agora iniciou deve sustentar essa posição". Perdoar-nos-ão se o qualificativo "livre" nessa frase nos parecer ligeiramente embotado?

O rutilo é um material muito procurado, utilizado na manufatura de pigmento de titânio. A procura fez com que o seu preço no mercado livre aumentasse de cerca de 50 por cento, no ano financeiro de 1961/62. O preço do zircônio permaneceu estável apesar dos fornecimentos consideravelmente aumentados.

A sociedade com Cyprus Mines Corporation, uma companhia de New York, e com a Utah Construction & Mining Co., de São Francisco, resultou num empreendimento conjunto denominado Mount Goldsworthy Mining Associates, para pesquisar e explorar o potencial de depósitos de minério de ferro no Monte Goldsworthy, no noroeste da Austrália. A construção de uma ferrovia de 180 quilômetros está incluída, terminando em Depuch Island, onde está sendo estudado um grande pôrto marítimo. Sir George Harvie-Watt teve o prazer de informar aos acionistas da Consolidated Gold Fields que "estão em progresso negociações com a indústria japonesa de ferro e aço com vistas ao mercado para êsse minério (do Monte Goldsworthy) que segundo se pensa estará em condições competitivas de preço e qualidade com qualquer que o Japão tenha agora disponível".

Nas palavras do presidente, as operações da companhia no Canadá deram "um nítido passo à frente". Sua companhia subsidiária de exploração, Newconex Canadian Exploration Ltd., foi seguida de outra, a Newconex Holding Ltd. Foi decidido permitir ao público participar de alguns dos frutos da exploração dos recursos do país por empresas estrangeiras e consequen-

temente 36 por cento do capital foi oferecido aos canadenses. Os que compraram ações ficaram sem dúvida muito satisfeitos ao saber que a participação acionária de 28,33 por cento que a Newconex Canadian Exploration Ltd. tem na exploração de Mount Hundere será passada à companhia *holding*. Uma jazida de alto teor de zinco e chumbo (com alguma prata) descoberta nessa região meridional do Yukon inspirou ao presidente a admissão de que era "muito satisfatório que tão cedo após sua criação a Newconex Holdings recebesse da Newconex Exploration uma perspectiva tão encorajadora".

Rumo ao sul, em direção aos Estados Unidos, uma nova companhia denominada Gold Fields American Corporation foi criada em 1961 como subsidiária de inteira propriedade da Gold Fields Mining & Industrial Ltd. Gold Fields American assumiu a organização de New York, criada originalmente em 1911, cuja principal função nos últimos anos vinha sendo a de administrar a Tri-State Zinc Inc., da Gold Fields, e a Buell Engineering Co. Inc., assim como prestar serviços de secretaria à Fresnillo Company.

A Fresnillo Company foi reorganizada em 1961, ano em que transferiu 51 por cento de suas diversas atividades no México para Metalurgica Mexicana Penoles S. A., em face da campanha do Governo mexicano para ter o controle doméstico dos seus principais recursos básicos. Uma bela indenização de cinco milhões e meio de dólares foi concedida à Fresnillo, a ser paga em cinco anos, pela cessão dessas ações à Companhia Fresnillo S. A., na qual tem 49 por cento enquanto a Penoles tem 51. A Fresnillo conserva ainda um interesse de 55 por cento na Somberrete Mining Company, que possui outra propriedade com ouro e prata no Estado de Zacatecas, México. Com "o fim da vida útil" das duas minas da Tri-State Zinc em Illinois e Virgínia, procurou-se um substituto, uma mina nova na área de New Market, em Tennessee. Tri-State está colocando em produção essa mina segundo um acordo de empreendimento conjunto com American Zinc, Lead & Smelt-



ing Co. Sob esse acôrdo, a Tri-State extrairá e processará pelo menos 20 milhões de toneladas de minérios contendo zinco, de propriedade da American Zinc, existentes perto da propriedade da Tri-State em New Market. O lucro obtido com a produção de uma fábrica de processamento, prevista para uma capacidade diária de 3 600 toneladas, será distribuído numa proporção variando entre 50 e 60 por cento para Tri-State e entre 50 e 40 por cento para American Zinc, até que o capital tenha sido retornado, após o que os lucros serão divididos igualmente.

As operações da American Zinc estão estreitamente ligadas à mineração e processamento de minérios de zinco e chumbo em vários Estados norte-americanos. Tem também um interesse de dez por cento na Uranium Reduction Co. e de 50 por cento na American-Peru Mining Co., entre várias outras filiais e companhias de propriedade conjunta. A Buell Engineering Co., a outra beneficiária da Gold Fields American Corporation, foi ajudada na expansão de suas instalações fabris pela aquisição de tôdas as ações ordinárias da Union Boiler & Manufacturing Co.

Os interesses da Consolidated Gold Fields no Reino Unido estão agora agrupados sob a Gold Fields Industrial Holdings Ltd., anteriormente denominada H. E. Proprietary Ltd., como subsidiária de inteira propriedade de Gold Fields Mining & Industrial Ltd. Suas principais operações desenvolvem-se através de suas próprias subsidiárias, Alumasc Ltd., Ambuco Ltd. e Metalion Ltd. Alumasc é produtora de recipientes de alumínio, especialmente para a indústria de cerveja. Estendeu recentemente sua produção a garrafas de alumínio de alta pressão para usos comerciais. Em 1962, a Alumasc, nas palavras do presidente da Consolidated, "ampliou seus interesses geográfica e industrialmente" pela aquisição de uma subsidiária australiana, Laurenson Alumasc Holdings Ltd., e de duas subsidiárias no Reino Unido, a Non-Ferrous Die Casting Co. Ltd. e Brass Pressings (London) Ltd., já estabelecidas nos ramos de estamparia de metais não-ferrosos e latão.

Dois outros instrumentos de organização, no Reino Unido, se irradiam da diretoria de Londres. São a Anglo-French Exploration Co. e Mining & Metallurgical Agency Ltd. Anglo-French Exploration, subsidiária de inteira propriedade da Consolidated Gold Fields, é um empreendimento de investimentos e financeiro, mantendo, entre outros, interesses em muitas das principais companhias auríferas da África do Sul. Esses interesses cobrem também minas de cobre do norte da Rodésia, assim como companhias mineradoras de estanho operando no Reino Unido, África do Sul e Extremo Oriente. Apex Mines Ltd. e Rooiberg Minerals Development Co. Ltd. da África do Sul e Anglo-Burma Tin Co. Ltd. estão entre seus clientes. A Mining Metallurgical Agency Ltd. foi criada para supervisionar a distribuição de minérios e adquirir suprimentos, assim como para funcionar comercialmente como agência de navegação, seguros e agente geral. Cinquenta por cento do seu capital pertence à Consolidated Gold Fields.

Gold Fields of South Africa Ltd. é a subsidiária de inteira propriedade da Consolidated Gold Fields responsável pela administração das operações do grupo em tôda a África do Sul. Estas têm caráter monumental. Pois os investimentos nas minas de ouro e platina da África do Sul continuam sendo a principal propriedade do grupo da Consolidated Gold Fields e sua principal fonte de rendimentos. A 30 de junho de 1961, a mineração de ouro representava 71 por cento dos investimentos dos grupos citados e o presidente assegurava aos acionistas que desde o término da Segunda Guerra Mundial a Consolidated Gold Fields investira somas de capital no valor aproximado de 450 milhões de libras nas minas de ouro da África do Sul. A exploração tem prosseguido na África do Sul e na Rodésia e está sendo realizada em íntima colaboração com West Witwatersrand Areas Ltd., companhia que a Consolidated Gold Fields lançou em 1932. Desde então, West Witwatersrand tornou-se uma importante companhia sul-africana de financiamento e mineração na África do Sul, com forte partici-



pação acionária nas minas de ouro de Far West Rand e Orange Free State.

A West Witwatersrand produziu, em 1962, ouro no valor de mais de 57 milhões de libras, ou seja o dobro de sua produção de dez anos antes. A Harmony Gold Mining Co. Ltd., na qual a West Witwatersrand tem uma participação de 1 247 564 ações, através de sua subsidiária Westwits Investment Ltd., teve também uma produção recorde.

Além desses interesses na minas de ouro e platina do Transvaal e de Orange Free State, a Consolidated Gold Fields tem substancial participação acionária na South West Africa Co. Ltd. e, na Rodésia, na Bancroft Mines Ltd., Nchanga Consolidated Copper Mines Ltd. e Rhodesian Anglo American Ltd. todas também na esfera da Anglo American Corporation. Em Gana, a Consolidated está interessada na Konongo Gold Mines Ltd., que tem uma concessão de cerca de 50 quilômetros quadrados no distrito de Ashanti-Akim. Com um capital autorizado de 675 mil libras, não inteiramente coberto (7 004 175 ações de um xelim emitidas, de um total de 13 500 000), um lucro operacional de 110 587 libras foi alcançado em 1960, elevado para 130 378 em 1961, apesar de um aumento no custo operacional, por tonelada, de 86s.6d. para 88s.2d. Em 1962, Konongo Gold Mines Ltd. informou ao Governo de Gana que a operação da Konongo Gold Mine se tornaria antieconômica depois de abril de 1965. A companhia pretendia, portanto, cessar as operações imediatamente antes desse limite. Em vista da perda de empregos que isso iria significar, o Governo decidiu comprar a mina a fim de dar continuidade de emprego aos trabalhadores ganenses. Depois de demoradas negociações, um preço de compra de 150 mil libras foi pago pelo Governo de Gana e a mina está agora sendo administrada pela Corporação Estatal de Mineração de Ouro.

Capitalizada em 15 milhões, a Consolidated Gold Fields obteve lucros consolidados, antes dos impostos, de 6 826 000 libras para o ano de 1960/61, com os dividendos absorvendo 1 729 299 libras. O ano de 1962 mos-

trou ser, para a Consolidated Gold Fields, o mais rendoso desde que iniciou suas operações, resultando em um lucro consolidado, antes dos impostos, de 7 030 000 libras, enquanto, nas próprias palavras do presidente, "outro ponto satisfatório do balanço é que dividendos e juro excederam a cinco milhões de libras pela primeira vez".

O rendimento da Consolidated Gold Fields vem principalmente de serviços especializados que presta a companhias dentro do próprio grupo e às que estão em grupos associados. Variando consideravelmente quanto ao tamanho, seu número é superior a cem e a capitalização total no mercado, das que estão relacionadas na bolsa de valores, excedia de 170 milhões de libras, no final do ano operacional de 1962 da companhia. É por esses meios de investimento e administração que rendimentos muito maiores são alcançados do que propriamente pela produção das minas e processamento do material bruto. É por isso que muitas das mais importantes companhias mineradoras, não somente na África mas por todo o mundo, fundiram-se a empresas de participação acionária e investimentos por trás das quais e entre as quais figuram as mais importantes personagens do mundo bancário e financeiro.

Tocamos aqui levemente, apenas, na ossatura do esqueleto da Consolidated Gold Fields. As carnes que o recobrem estão dispostas em camadas de gordura opulenta que formaram uma corporação de enorme protuberância orgulhosamente admirada pelo proprietário mas ominosa para o observador africano, magro e faminto.



## 8. Investimento estrangeiro na mineração sul-africana

**C**ALCULA-SE que mais de 50 por cento do capital investido na África foi despejado na África do Sul. Os investidores britânicos atingem provavelmente um total de quase dois bilhões e 800 milhões de dólares e os norte americanos a perto de 840 milhões. Um levantamento feito em 1957 pelo Governo norte-americano dos investimentos no ultramar mostra que a área isolada mais rendosa estava no negócio de mineração e fundição na África do Sul, cujos lucros são mais altos do que os de qualquer investimento comparável nos Estados Unidos. Os altos lucros podem ser em grande parte explicados pelo baixo preço da mão-de-obra africana. Segundo o *Statistical Abstract* de 1962 dos Estados Unidos, os mineiros norte-americanos ganham em média 2,70 dólares por hora, ou seja, 27 vezes mais do que a diária dos mineiros africanos.

Quem domina a economia sul-africana é o grupo Anglo American-De Beers, parte do império de Harry Oppenheimer, que se estende à África do Sudoeste e Zâmbia e está ligado a companhias mineradoras em muitos outros Estados africanos. O valor do império foi



realçado pela descoberta de que o urânio pode ser produzido com os resíduos e a lama que cercam as minas de ouro.

A extração de urânio de minérios de ouro e detritos trouxe a África do Sul ao lugar de principal produtor mundial de urânio. O processamento dos detritos acumulados durante os últimos 60 anos, juntamente com os da produção aurífera atual, está ajudando a prolongar a vida de muitas minas de ouro exauridas. Em 1956, oito milhões de libras-pêso de óxido de urânio foram produzidas na África do Sul, dando exportações avaliadas em 39 milhões de libras. Nessa cifra não foram consideradas as quantidades destinadas ao Conselho de Energia Atômica da África do Sul, com o qual várias das minas têm contrato. O lucro obtido da produção de óxido de urânio está ultrapassando o que dá a extração do ouro. Na realidade, "os lucros operacionais derivados da extração de urânio excederam os derivados da extração de ouro nas 17 minas produtoras, tomadas em conjunto, e em cinco delas chegou a compensar as perdas operacionais sofridas na produção de ouro".\*

Harmony Gold Mining Co. Ltd. é uma das mais importantes companhias produtoras de ouro e urânio dentro da tessitura de interesses da Anglo American Consolidated Gold Fields. Seu capital autorizado, de cinco milhões de libras, foi coberto até o total de quatro milhões e meio. Os serviços e escritórios de secretaria são fornecidos à companhia por Rand Mines Ltd., uma companhia que presta serviços executivos, administrativos e técnicos às companhias sul-africanas do grupo Central Mining-Rand Mines.

O presidente da Harmony é P. H. Anderson, um vice-presidente de Rand Mines. Outros diretores comuns são os Srs. R. E. M. Blakeway e N. W. S. Lewin. O presidente da Rand Mines é C. W. Engelhard, que é também presidente da Rand American Investments (Pty)

\* *África do Sul*, MONICA COLE, págs. 313/15, Methuen 1961. A citação refere-se ao ano de 1955.

Ltd., e evidentemente tem uma procuração de observador dos investimentos dos Estados Unidos, que cada vez se infiltram mais na extração de matérias-primas na África. Todas as 2 371 049 ações de uma libra emitidas pela Rand American são de propriedade da De Beers Investment Trust Ltd. (atualmente Randsel), uma subsidiária de inteira propriedade da Rand Selection Corporation desde a recente reorganização do grupo Rand. Rand American possui quase todas as ações preferenciais e um interesse substancial nas ações ordinárias emitidas pela Central Mining & Investment Corporation Ltd., assim como um interesse substancial no capital ordinário emitido pela Rand Mines Ltd. O elo norte-americano confirma a ligação que forma o grupo Central Mining-Rand Mines.

Os interesses da Consolidated Gold Fields e da Anglo-American Corporation convergem na Harmony, onde ambos têm apreciável participação acionária. Graças ao governo sul-africano, a Harmony conseguiu adquirir os direitos de mineração subterrânea e de minérios sobre cerca de oito mil acres de terreno, assim como a livre propriedade de fazendas cobrindo aproximadamente outros dez mil acres. Como essas propriedades e direitos estavam um pouco acima da capacidade de Harmony, foi considerado rendoso vender os direitos à mineração de metais preciosos, em duas de suas áreas arrendadas até 1967. Os direitos passaram a outra companhia norte-americana, Virginia Orange Free State Gold Mining Co. Ltd. A remuneração da Harmony por esse gesto amistoso para a companhia irmã foram uns mínimos três milhões de libras, pagáveis trimestralmente, sem juros.

A Virginia Orange coloca-nos mais uma vez em contato com o vínculo norte-americano à mineração sul-africana, nosso primeiro exemplo sendo o Sr. C. W. Engelhard, um norte-americano democrata que, como presidente de Engelhard Industries, refinadores de metais preciosos nos Estados Unidos, buscava suprimentos constantes para manter suas fábricas trabalhando. Encontrou-os na África do Sul, onde se ligou a Oppenhei-



mer, e mais tarde ramificou suas atividades, entrando em metais inferiores e outros campos de lucro. O Sr. Engelhard, acompanhando a inspiração do Sr. Oppenheimer, encontrou também um nicho nas indústrias de mineração canadenses, através de companhias sediadas em Paris, Roma e Londres. As qualidades do Sr. Engelhard, assim como seus serviços à extensão dos interesses norte-americanos no exterior são reconhecidos pelo fato de pertencer à Associação de Política Externa dos Estados Unidos.

Com a Virginia Orange, somos levados até a proximidade de uma influência maior do que a que o Sr. Engelhard é capaz de desenvolver isoladamente, pela associação da poderosa Kennecott Copper Corporation com essa companhia de mineração de ouro e extração de urânio. Kennecott tinha interesses na Virginia Orange, que passou — juntamente com os que possuía na Merriespruit (Orange Free State) Gold Mining Co. Ltd. — ao *concern* reorganizado que foi formado em 1961 para adquirir esses interesses. A nova companhia usa o título combinado de Virginia-Merriespruit (Pty) Ltd. e o rearranjo lhe permitirá cumprir um importante contrato de fornecimento de urânio à Comissão de Energia Atômica da África do Sul.

O Sr. Engelhard é membro da diretoria da Virginia-Merriespruit em consequência da participação acionária adquirida diretamente nesta pela sua Engelhard Industries of Southern Africa Ltd. e suas ligações com a Rand Mines Ltd. e Anglo American Corporation, que, juntamente com duas outras associadas, Centramic (South Africa) Ltd. e Anglo Transvaal Consolidated Investment Co. Ltd. formam as partes da nova companhia.

Conjunto de financistas e negociantes em minas e outras propriedades do Transvaal, a Anglo Transvaal tem uma subsidiária, Anglovaal Rhodesian Exploration Co. (Pty) Ltd., que opera na Rodésia do Norte e do Sul, incluindo em suas prospecções carvão, cobre, cromo e níquel. Com capital autorizado de 4 337 500 libras, não inteiramente coberto, a Anglo Transvaal está operando

com um empréstimo a curto prazo, sem garantia, da National Finance Corporation of South Africa, uma organização particular com a qual os amigos da Anglo American Corporation do mundo de investimento internacional estão estreitamente associados, inclusive a Casa Morgan, que tem um interesse financeiro substancial na Kennecott Copper. Entre as extensas ligações da Kennecott com a mineração na África consta um investimento de 50 por cento na Anglovaal Rhodesian.

Instruída por amigos Morgan, a Kennecott sabe como cuidar dos seus muitos negócios. Assim, em consideração pela cessão dos seus interesses nas minas de Virginia e Merriespruit, deverá receber a quantia de três milhões e meio de libras, pagável em cinco prestações anuais. Isso, no entanto, não desfaz a ligação da Kennecott com essas valiosas propriedades de Oppenheimer-Engelhard. Pois a corporação cuprífera norte-americana terá direito ao juro de 20 por cento, até o máximo de dois milhões e meio de libras, sobre qualquer lucro líquido da Virginia-Merriespruit que possa ser obtido depois que o pagamento das parcelas dos três milhões e meio estiver totalmente quitado. Esse direito, no entanto, será abandonado caso a Kennecott receba em data posterior, dos membros da Virginia-Merriespruit, 20 por cento do capital em ações então emitido.

Esses são os meios tortuosos através dos quais são mantidas as garras financeiras. É evidente que está sendo mantido aberto o caminho para a reentrada da Kennecott no âmago da companhia. Enquanto isso, esta pode se banquetear.

A Kennecott é o maior produtor de cobre nos Estados Unidos, cujas ações no mercado de "futuras" são avaliadas por operadores experimentados em cerca de 1,48 bilhões de dólares, embora seu capital atual de 11 053 051 ações sem valor nominal ou ao par, emitidas de um total de 12 milhões autorizado, tenha merecido um valor declarado de apenas 74 806 424 dólares. Possuidora de minas de cobre, usinas de processamento, fundições, refinarias, fábricas e ferrovias, possui acôrdos de fundição para muitos de seus minérios com a



American Smelting & Refining Co., com a qual possui duas subsidiárias em comum. A American Smelting é por sua vez produtora de cobre, assim como de prata, chumbo, zinco e ouro, nos Estados Unidos, México, Canadá e Peru. Seus interesses estendem-se à Austrália e à Nicarágua e tem acórdos com a Cerro Corporation, Newmont Mining Corporation e Phelps Dodge Corporation, tôdas as quais possuem investimentos substanciais em projetos de mineração sul-africanos, inclusive a Tsumeb Corporation of South Africa.

A indústria química norte-americana entra no campo de operações da Kennecott através de um empreendimento conjunto com a importante Allied Chemical & Dye Corporation. A Allied-Kennecott Titanium Corporation deverá produzir e vender o metal titânio e construiu uma instalação-piloto. Outro avanço foi feito com a aquisição de 25 por cento da Western Phosphates Corporation of America e 50 por cento da Garfield Chemical & Manufacturing Corporation. Houve uma ramificação na exploração de mineral no Brasil e no México com duas subsidiárias, Kenrand Pesquisas Minerais S. A. (60 por cento de propriedade da Kennecott) e Cia. Kenmex S. A., respectivamente. Outra subsidiária, Braden Copper Co., explora uma propriedade cuprífera no Chile.

A expansão para o Canadá através da Quebec Columbian Ltda., formada pela Kennecott com a Molybdenum Corporation of America para pesquisar uma propriedade contendo colúmbio perto de Montreal, e a Quebec Iron & Titanium Corporation, que é dois terços de propriedade da Kennecott e um terço da New Jersey Zinc Co. Esta última companhia está ligada à grande organização de petróleo Texaco Inc. em uma empresa conjunta, a Texas-Zinc Minerals Corporation, para a construção e operação de uma usina de processamento de urânio em Utah. Uma mina de urânio em Utah foi adquirida em 1956 e a usina iniciou operações em 1957, tratando também minérios de outras proveniências. O concentrado de urânio produzido é ven-

dido, por contrato, à Comissão de Energia Atômica dos Estados Unidos. Essa incursão da New Jersey-Kennecott através da Quebec Iron & Titanium vai se mostrar extremamente rendosa, pois o titânio é um metal que não se funde a velocidades supersônicas e conseqüentemente está sendo muito procurado para os aviões a jato. A Grécia também figura na esfera de interesses da Kennecott, que possui 95 por cento da Kenbastos Mining Co., produtora de amianto. Na África Ocidental, possui 76 por cento do capital da Tin & Associated Metals Ltd., operando uma propriedade contendo colúmbio e estanho, no norte da Nigéria. O colúmbio dessa mina constitui a maior parte da produção mundial de nossos dias.

Nosso exame da Harmony Gold Mining Co. Ltd. nos levou longe pelo mundo, a regiões de poder e prodigiosa riqueza. Isso parece inevitável quando começamos a acompanhar os interesses externos que interligam a exploração da África com muitas outras partes do globo. Voltando à Harmony, é impressionante notar que essa companhia, possuindo uma usina de redução de ouro capaz de tratar 200 mil toneladas mensais de minério, também ostente uma instalação de extração de urânio cuja capacidade mensal é de 120 mil toneladas. Esta usina começou a operar em abril de 1955. Ligada a ela há uma fábrica de ácido sulfúrico com a capacidade diária de 120 toneladas, que iniciou a produção em janeiro de 1960.

A usina de extração de urânio foi construída sob acôrdo feito com o Export-Import Bank de Washington e o Ministério de Suprimentos da Grã-Bretanha. Um empréstimo foi obtido com a Comissão de Energia Atômica da África do Sul para todo o capital de custo da fábrica, exceto quanto à capacidade de aumento da produção mensal de 80 mil toneladas para 120 mil. A companhia tem contrato com a Agência de Desenvolvimento combinada, assim como com a autoridade britânica, isoladamente, para suprir várias quantidades de urânio a preços fixos, segundo acórdos que lhe permitirão, sem incorrer em novos custos, cobrir até junho de 1965 os gastos de capital investido na fábrica.



Durante o ano encerrado a 30 de junho de 1961, a Harmony processou um total de 2 116 000 toneladas de minério, que produziram 857 794 onças de ouro fino, dando um rendimento de operação de 10 810 496 libras esterlinas e um lucro operacional de 4 090 677 libras; 2 067 100 toneladas de detritos tratados forneceram 974 349 libras (pêso) de óxido de urânio, dando um lucro operacional estimado, de urânio, piritas e ácido, de 2 680 233 libras esterlinas.

Os balanços dos seis meses seguintes, até o final de 1961, mostraram que 2 285 000 toneladas de minério processado deram uma produção de ouro no valor de 4 458 177 libras esterlinas. O tratamento de 2 138 300 toneladas de detritos produziu 953 100 libras (pêso) de óxido de urânio, dando um lucro operacional, de urânio, piritas e ácido, de 2 284 647 libras esterlinas. Para o ano de operações 1961/62, o dividendo pago foi de 55,5 por cento. O lucro líquido no ano de 1960/61 foi de 6 674 739 libras esterlinas e os dividendos pagos representaram 2 497 500 libras. Isso tudo pode ser considerado extremamente satisfatório para acionistas de um capital inteiramente integralizado de quatro milhões e meio de libras esterlinas.

Os Srs. Engelhard e Oppenheimer devem ter uma deferência toda especial para com seus amigos do Export-Import Bank pela sua pronta ajuda a êsse empreendimento, num país que escarnece dos direitos humanos dos seus habitantes que não sejam brancos. Essa facilidade de assistência, se fôsse estendida às nações novas menos desenvolvidas do continente por uma organização bancária internacional, ajudaria a diminuir a brecha que as nações desenvolvidas estão constantemente reprovando mas que, por êsses meios furtivos, prestam-se a alargar entre as nações que "têm" e as que "não têm".

## 9. Anglo American Corporation Limited

O MAIOR polvo no mar de operações da Oppenheimer é provavelmente a Anglo American Corporation Ltd. Seus investimentos são em escala triplicada e a lista dos principais dá apenas uma vaga idéia de seu alcance considerável. A lista contém participações mais ou menos diretas e não inclui os *holdings* mais intrincados que mantêm em comum ou através de subsidiárias e outros em uma extensão de interesses que atinge ainda mais longe. Tendo como campo principal a mineração, êsses interesses no entanto se ramificam em processamento, transporte e comunicações, concessões de terras e propriedades, silvicultura e indústria madeireira, assim como em projetos de hidrelétricas como a Congo Border Power Corporation, da Rodésia.

Ouro, urânio, ferro, amianto e minas de carvão estão entre os empreendimentos mais destacados da corporação na África do Sul, formando a sólida base em que se sustenta o império Oppenheimer. A mineração do cobre é sua ocupação principal nas Rodésias, embora também explore o chumbo, zinco e cádmio e tenha a distinção de ser o único produtor de carvão na Rodésia, onde controla a Wankie Colliery. Através de companhias



associadas, seus interesses estendem-se a Taganica, Uganda, Congo, Angola, Moçambique, Africa Ocidental e mesmo ao Saara e Africa do Norte, como pode ser visto pela seguinte lista de investimentos diretos:

*Companhias de finanças e investimentos*

African & European Investment Co. Ltd.  
African Loans & Investment Ltd.  
Anglo American Investment Trust Ltd.  
Anglo American Rhodesian Development Corporation Ltd.  
Central Reserves (Pty) Ltd.  
Central Reserves Rhodesia (Pty) Ltd.  
Consolidated Mines (Investment) Ltd.  
Consolidated Mines Selection Co. Ltd.  
Consolidated Mines Selection (Johannesburg) Ltd.  
De Beers Holdings Ltd.  
De Beers Investment Trust Ltd.  
De Beers Rhodesia Investments Ltd.  
Epoch Investments Ltd.  
Jameson Mining Holdings (Pty) Ltd.  
Lydenburg Estates Ltd.  
Orange Free State Investment Ltd.  
New Central Witwatersrand Areas Ltd.  
New Era Consolidated Ltd.  
Overseas & Rhodesian Investment Co. Ltd.  
Rand American Investments (Pty) Ltd.  
Rand Selection Corporation Ltd.  
Rhodesian Acceptances Ltd.  
Rhodesian Anglo American Ltd.  
Rhodes Investments Ltd.  
South Africa Mines Selection Ltd.  
South African Townships, Mining & Finance Corporation Ltd.  
Transvaal Vanadium Holdings Ltd.  
Vereeniging Estates Ltd.  
Western Ultra Deep Levels Ltd.

West Rand Investment Trust Ltd.  
South West Africa Co. Ltd.

*Minas de diamante*

De Beers Consolidated Mines Ltd.  
Consolidated Diamond Mines of South West Africa Ltd.  
New Jagersfontein Mining & Exploration Co. Ltd.  
Diamond Abrasive Products Ltd.  
Diamond Development Co. of South Africa (Pty) Ltd.  
Philmond (Pty) Ltd.  
Premier (Transvaal) Diamond Mining Co. Ltd.  
Williamson Diamonds Ltd.

*Minas de carvão*

Amalgamated Collieries of South Africa Ltd.  
Bleebok Collieries Ltd.  
Coronation Collieries Ltd.  
Natal Coal Exploration Ltd.  
Natal Coal Exploration Co. Ltd.  
New Largo Colliery Ltd.  
South African Coal Estates (Witbank) Ltd.  
Springbok Colliery Ltd.  
New Schoongezicht Colliery  
Cornelia Colliery Ltd.  
Springfield Collieries Ltd.  
Transvaal Coal Corporation Ltd.  
Vierfontein Coal Holdings Ltd.  
Vierfontein Colliery Ltd.  
Vryheid Coronation Ltd.  
Wankie Colliery Co. Ltd.  
Witbank Coal Holdings Ltd.

*Minas de cobre*

Brancott Mines Ltd.  
Kansanshi Copper Mining Co. Ltd.



Nchanga Consolidated Copper Mines Ltd.  
Rhodesia Copper Refineries Ltd.  
Rhokana Corporation Ltd.

*Minas de ouro*

Brakpan Mines Ltd.  
Daggafontein Mines Ltd.  
East Daggafontein Mines Ltd.  
Free State Geduld Mines Ltd.  
Jeannett Gold Mines Ltd.  
President Brand Gold Mining Co. Ltd.  
South African Land & Exploration Co. Ltd.  
Spring Mines Ltd.  
Vaal Reefs Exploration & Mining Co. Ltd.  
Wilkom Gold Mining Co. Ltd.  
Western Deep Leves Ltd.  
Western Holdings Ltd.  
Western Reefs Exploration & Development Co. Ltd.  
President Steyn Gold Mining Co. Ltd.  
Free State Saplraas Gold Mining Co. Ltd.

*Outras minas*

Highveld Development Co. Ltd.  
Iron Duke Mining Co. Ltd.  
King Edward (Cuperiferous) Pyrite  
Monasite & Mineral Ventures Ltd. (Solos raros).  
Munnik Myburgh Chrysotile Asbestos Ltd.  
Rhochrome Ltd.  
Rhodesia Broken Hill Development Co. Ltd.  
Transvaal Manganese (Pty) Ltd.  
Transvaal Vanadium Co. (Pty) Ltd.  
Umgababa Minerals Ltd. (Ilmenita, rutilo e zin-  
cônio).  
Vereeniging Brick & Tile Co. Ltd.

*Prospecção*

Anglo American Prospecting Co. Ltd.  
Anglo American Rhodesian Mineral Exploration  
Ltd.

Border Exploration & Development Co. (Pty) Ltd.  
De Beers Prospecting (Rhodesian Areas) Ltd.  
Kaffrarian Metal Holdings (Pty) Ltd.  
Kalindini Exploration Ltd.  
Kasempa Minerals Ltd.  
Lunga Exploration Ltd.  
Prospecting & Mineral Interests Ltd.  
Swaziland Rift Exploration Co. Ltd.  
Western Rift Exploration Co. Ltd.

*Industriais e diversos*

Anglo American (Rhodesian Services) Ltd.  
Anglo Collieries Recruiting Organization (Pty) Ltd.  
Boart & Hard Metal Products (Rhodesia) Ltd.  
Boart & Hard Metal Products S. A. Ltd.  
Clay Products Ltd.  
Easan Electrical (Pty) Ltd.  
Electro Chemical Industries Ltd.  
Forest Industries & Veneers Ltd.  
Hansens Native Labour Organization (Pty) Ltd.  
Hard Metals Ltd.  
Inter-Mine Services O. F. S. (Pty) Ltd.  
Lourenço Marques Forwarding Co. Ltd.  
Northern Rhodesia Aviation Services Ltd.  
Peak Timbers Ltd.  
Pearlman Veneers (S. A.) Ltd.  
Rhoanglo Mine Services Ltd.  
Rhodesia Congo Border Power Corporation Ltd.  
Rhodesia Copper Products Ltd.  
Rhodesian Steel Developments (Pty) Ltd.  
Stone & Allied Industries (O. F. S.) Ltd.  
Veneered Plywoods Ltd.  
Zinc Products Ltd.

*Ferrenos e propriedades*

Anglo American (O. F. S.) Housing Co. Ltd.  
Anmercusa Land & Estates Ltd.  
Cocilia Park (Pty) Ltd.



Falcon Investments Ltd.  
Orange Free State Land & Estate Co. (Pty) Ltd.  
Prestin (Pty) Ltd.  
Welkon Township Co.

É interessante notar que duas entre as companhias se dedicam a contratar "mão-de-obra nativa": a Anglo Collieries Recruiting Organization (Pty) Ltd. e a Hansens Native Labour Organization (Pty) Ltd. Recrutar trabalhadores para as minas sul-africanas foi sempre um problema absorvente, ligado ao qual se desenvolveu há muito tempo uma organização eficiente para importar operários não apenas das reservas da própria África do Sul, mas também dos protetorados, das Rodésias e Niasalândia. Há acórdos a longo prazo com as autoridades de colônias portuguesas, particularmente Moçambique, para o recrutamento de mão-de-obra africana para o trabalho nas minas da África do Sul.

A execução do *apartheid* através da criação de *Bantustans*, como a que foi recentemente realizada no Transkei, forçará os chefes, sob coação, a fornecer quantidades cada vez maiores de homens para as minas. Há agora um plano de suspender o emprego de trabalhadores de Zâmbia, Rodésia e Malawi e mesmo dos protetorados. Pode bem ser que esses homens estarão infeccionados com a "doença" do nacionalismo e portanto significariam lenha na fogueira da inquietação que foi acesa na própria África do Sul. É significativo que os africanos de Moçambique têm ainda direito ao privilégio de enriquecer os proprietários das minas da África do Sul com o seu trabalho e não menos a Anglo American Corporation.

Esta companhia foi incorporada em 1917 para reunir numerosas companhias mineradoras, de investimentos e industriais, já controladas pelo Sr. Harry Oppenheimer e para levá-las a uma organização mais compacta com outros interesses como o Sr. C. W. Engelhard, presidente da Rand Mines, Kennecott Copper Corporation e outras associadas. Como guardião desses interesses, a Anglo American age como gerente técnico e secretário

para um extenso número de companhias de mineração e investimentos que caem no seu amplo perímetro. Em suas capacidades executiva, administrativa e secretarial, também arruma a vida financeira de muitas empresas que estão sob os seus cuidados.

A lista apresentada indica apenas os pontos mais salientes dos inúmeros interesses da Anglo American e se os fôssemos examinar detalhadamente nos encontraríamos em meio a um intrincadíssimo complexo de artérias e tendões. Muitos dos empreendimentos não são somente importantes em si mesmos, mas têm implicações formando a tessitura que une o mundo minerador, industrial e financeiro da África ao do resto do planeta. Organizações como a Rand Selection Corporation, Union Corporation, Rhokana Corporation Ltd. e determinadas outras participam de um conjunto exclusivista e auto-perpetuador. A interação e interpenetração de interesses é uma característica predominante ressaltando a natureza monopolística da indústria de mineração da África, cujos líderes são os árbitros poderosos do crescimento industrial do continente, especialmente ao sul do Saara. Não é difícil compreender como, com essa situação, eles e seus associados e financiadores europeus e norte-americanos possuem uma influência predominante sobre a orientação política dos respectivos governos em relação ao cenário africano.

Um olhar à Rand Selection Corporation Ltd., por exemplo, nos leva imediatamente a um dos principais instrumentos da Anglo American Corporation na operação do seu vasto império. Rand traz imediatamente à memória a visão das corridas febris dos diamantes e do ouro que seguiram os aventureiros de Cecil Rhodes e seu irmão no fim da década iniciada em 1870. A briga de Rhodes com os bóeres foi por causa da luta para penetrar no interior e chegar ao ouro de Witwatersrand. Sua liderança política foi assumida para se tornar o rei da riqueza mineral que fôra descoberta. Segundo o parecer da comissão instalada na cidade do Cabo para examinar a participação de Rhodes no famoso *Jameson*



*raid*, foi "na sua capacidade de controlador das três grandes sociedades anônimas, a British South Africa Company, a De Beers Consolidated Mines e a Gold Fields of South Africa, que ele dirigiu e controlou a combinação que tornou um processo tal como o *Jameson raid* possível".

O *Jameson raid* liquidou politicamente Rhodes na África do Sul. Foi então que ele se voltou para o que é hoje a Rodésia, onde tornou a British South Africa Company a potência nacional que tem sido desde então. E o controle dos assuntos políticos pelas grandes combinações de firmas mineradoras não se abateu, sob qualquer aspecto, desde então. Antes se intensificou, até o ponto em que constituem as potências que controlam e dirigem os assuntos, não apenas na África mas, pela sua integração a outras formidáveis combinações na Europa e América, exercem grande influência também nesses continentes e portanto internacionalmente.

A De Beers e a Gold Fields permanecem. Os anos decorridos, naturalmente, presenciaram uma multiplicação da abertura de minas e de sua exploração, acompanhada de uma constante adaptação de seus arranjos financeiros. A Gold Fields entrou para a periferia da Rand Selection Corporation, mas ainda controla dentro do seu próprio grupo de companhias a produção e distribuição da maioria dos diamantes do mundo.

Por direitos próprios, a Rand Selection possui cerca de 14 890 acres de propriedade livre em algumas das mais ricas áreas de mineração da África do Sul. A companhia criou vários distritos, nos quais mantém direitos de arrendamento de alto valor. Alguns desses direitos estão assegurados através de um interesse de 92 por cento na South African Townships, Mining & Finance Corporation Ltd., e suas subsidiárias de propriedade integral, African Gold & Base Metals Holdings Ltd., Cecilia Park (Pty) Ltd. e Dewhurst Farms Ltd.

A Rand Selection é, no entanto, uma subsidiária da Anglo American, sob cuja direção seu campo de ação foi ampliado, no final de 1960, para lhe permitir participar de qualquer negócio empreendido pela Anglo

American até primeiro de outubro de 1970, em uma base porcentual mais elevada. A ampliação da Rand Selection foi efetivada pela contribuição de empréstimos, ações e dinheiro para a De Beers Investment Trust pela Anglo American, subsidiárias da British South Africa Co., Central Mining & Investments Corporation Ltd., De Beers Consolidated Mines Ltd. e Johannesburg Consolidated Investment Co. Ltd., a quem se juntaram a companhia sul-africana controlada pelos norte-americanos Engelhard Hanovia Inc. e International Nickel Co. of Canada Ltd., controlada pelos grupos norte-americanos Rockefeller-Morgan. A Rand Selection, então, adquiriu todo o capital emitido da De Beers Investment Trust em troca de suas próprias ações para os acionistas do Investment Trust.

Com esse arranjo, a De Beers Investment tornou-se uma subsidiária de inteira propriedade da Rand Selection. Por outro lado, com a aquisição de sua participação acionária na Rand Selection, De Beers tem agora a maioria das 33 085 365 ações emitidas pela Rand e inteiramente pagas, dos 35 milhões de ações autorizados para constituir o seu capital de 8 270 000 libras esterlinas. É inteiramente óbvio que os empréstimos e o dinheiro adiantado à De Beers pelas companhias acima relacionadas tiveram a finalidade de lhe permitir facilitar a própria ampliação e a da Rand.

Como resultado da implementação, em 1962, do gerenciamento acertado a De Beers Investment é agora conhecida como Randsel Investments Ltd. Suas três subsidiárias de propriedade integral, Rand American Investments (Pty) Ltd., Rhodes Investments Ltd. e Jameson Mining Holdings (Pty) Ltd., estão agora consolidadas na organização Rand Selection. As duas companhias *holding*, Rand Selection e Randsel, participaram também em 1962 da ampliação de outra criação anglo-norte-americana, a Consolidated Mines Selection Co. Ltd., registrada no Reino Unido em 1897, cujos interesses cobrem as principais atividades mineradoras da África meridional.



Os bens da Consolidated Mines elevaram-se súbitamente a 15 milhões de libras pela aquisição, de companhias dentro da esfera da Anglo American, de participações acionárias no valor de mais de dez e meio milhões de libras esterlinas da British South Africa Co., Central Mining & Investment Corporation Ltd. e Selection Trust Ltd., assim como de participações menores em Bay Hall Trust Ltd. e Rhodesian Anglo American Ltd. Em troca da cessão de suas ações, as companhias participantes adquiriram ações da Consolidated Mines Selection Co. Ltd.

Ao mesmo tempo, a Rand Selection assumiu, em associação com Anglo American, Consolidated Mines Selection e companhias filiadas, uma opção de compra de 400 mil ações da Hudson Bay Mining & Smelting Co. Ltd., uma das três principais companhias mineradoras de cobre e ouro do Canadá, controlada pela finança norte-americana. O exercício dessa opção foi tornado possível por empréstimos levantados na América do Norte, provavelmente dos mesmos interesses que se encontram por trás da Hudson Bay Mining.

As operações da Rand Selection coincidem também com as da Anglo American na muito importante Swaziland Iron Ore Development Co. Ltd., que fechou contratos com dois importantes produtores de aço japoneses, Yawata Iron & Steel Co. Ltd. e Fuji Iron & Steel Co. Ltd., assim como a General Ore International Corporation, para lhes vender 12 milhões de toneladas de minério de ferro durante um período de aproximadamente dez anos.

A Anglo American permitiu à Rand Selection participar da compra, à British Coated Board & Paper Mills Ltd., uma firma do Reino Unido, de uma grande participação acionária na South African Board Mills Ltd. "Essa companhia — declarou o Sr. H. F. Oppenheimer em seu relatório à 71.<sup>a</sup> assembléia-geral anual da Rand Selection Corporation Ltd., em Joanesburgo, no dia 26 de fevereiro de 1963 — é uma das de maior crescimento na África do Sul e é administrada por Stafford Mayer

& Co., com quem a Anglo American Corporation tem por longo tempo se associado na indústria do carvão".

Os arranjos contratuais com a Anglo American garantiram à Rand Selection a participação em numerosos melhoramentos de propriedades no centro de Joanesburgo. As duas também se empenharam, de mãos dadas, nas extensas atividades de prospecção da Anglo American e em certos projetos de desenvolvimento. Entre eles estão as explorações sobre a viabilidade do complexo ígneo de *bushveld* da África do Sul.

É realmente aí, na Anglo American, que se encontra a estrutura industrial e financeira mais ramificada da África, poderosa e dominadora, a organização que governa o destino de muitos milhões no continente e estende sua influência ao ultramar. Como todos os monopólios, a Anglo American nunca está satisfeita com as fronteiras atuais do seu império e está sempre procurando extensões, em parte porque não pode permitir que as ultrapassem. Daí estar continuamente desenvolvendo um programa previdente de prospecção em muitas partes da África e outros lugares, a fim de localizar fontes novas de recursos minerais que possam ser exploradas com lucro.



## 10. Os grupos do diamante

A INDÚSTRIA do diamante na África do Sul deu uma renda de 93 milhões de libras esterlinas em 1962. Dois terços dessa renda foram provenientes dos diamantes preciosos, cujo preço por quilate foi recentemente elevado pelos controladores da indústria. De tal importância é a indústria do diamante para a África do Sul que não há impostos de exportação sobre os diamantes brutos.

Os diamantes são um dos principais negócios do Sr. Harry Oppenheimer e é através da De Beers e da Diamond Corporation, com suas companhias associadas e alianças, que as operações da sua Anglo American Corporation se estendem da África do Sul à África do Sudoeste, Angola, Congo, África Ocidental e Oriental, para controlar até recentemente a produção e venda de bem uns 85 por cento dos diamantes mundiais. Mesmo a distribuição da produção bem importante da União Soviética foi adicionada à sua, através de um arranjo para vender os diamantes "vermelhos" através da organização de venda da De Beers.

O grupo de companhias De Beers, como vimos, é controlado pela Rand Selection Corporation Ltd. Estreitamente entretecido, interliga-se com as companhias



de pedras preciosas de Angola e Moçambique e o complexo dominante que se estende através das Rodésias e do Congo. A Rand Selection agora domina a administração do grupo pela sua recente aquisição do total das ações da De Beers Investment Trust Ltd., hoje conhecida como Randsel Investments Ltd.

A principal companhia operadora é a De Beers Consolidated Mines Ltd., e na sua diretoria ainda se encontra um membro da família de Solly Joel, o companheiro nascido no East End de Londres que se aventurou com Rhodes e Alfred Beit na busca aos diamantes. O objetivo original da companhia era a consolidação da De Beers, Kimberley e Griqualand West Mines of South-West Africa. Um número considerável de interesses aliados e mesmo diferentes foi acrescentado desde então. Além das minas na África do Sul, De Beers opera usinas de moagem ao longo da costa meridional e em Namaqualand, África do Sudoeste. Mantém um interesse de 50 por cento na Williamson Mine, em Tanganica. A outra metade pertence ao Governo de Tanganica.

Entre suas companhias subsidiárias, a De Beers Consolidated inclui a Premier (Transvaal) Diamond Mining Co. Ltd., a Consolidated Mines of South-West Africa Ltd., a Diamond Corporation Ltd. e a De Beers Industrial Corporation Ltd. Direta e indiretamente mantém cerca de 40 por cento do capital da Diamond Purchasing & Trading Co. Ltd. e 31,5 por cento da Industrial Distributors (1946) Ltd. Todas essas companhias compradoras e distribuidoras são os principais caminhos através dos quais a produção de diamantes preciosos e industriais dos principais produtores do mundo é distribuída. A De Beers Industrial tem também interesses na produção de diamantes através do seu controle da Griqualand West Diamond Mining Co., Dutoitspan Mine Ltd., New Jagersfontein Mining & Exploration Co. Ltd. e Consolidated Co. Bultfontein Mine Ltd.

O que parece ao primeiro relance ser um interesse até certo ponto curioso para uma companhia engajada na indústria do diamante é a posse, pela De Beer Consolidated, de 50 por cento das ações de capital emitidas

pela African Explosives & Chemical Industries Ltd. Examinado mais atentamente, não parecerá tão estranho. A companhia considerou prático e lucrativo ter seus próprios meios para adquirir os explosivos utilizados na abertura de áreas de exploração nas suas próprias minas e nas das companhias associadas. Esse foi o objetivo original, mas uma vez tendo ingressado nos negócios de explosivos, pouco faltava para fabricá-los e expandir-se em uma séria fabricação de produtos químicos, especialmente os que são aliados à manufatura de explosivos.

As operações atuais da African Explosives absolutamente não são limitadas, nem há qualquer coisa de inocente nelas ou na composição da companhia. Através da De Beers Industrial Corporation, ela pertence conjuntamente ao constituinte da De Beers, Anglo American Corporation e ao ramo sul-africano da Imperial Chemical Industries Ltd. As ramificações da icri e seu controle de numerosos processos químicos sintéticos e de fabricação tornam-na um dos mais poderosos monopólios do mundo. Há muito tempo alcançou o estágio de cartelização com outras organizações proeminentes da indústria química e armamentista. Seus arranjos de cartel com a principal companhia de materiais químicos e plásticos do mundo, a I. E. du Pont de Nemours Corporation, ligam-na à moderna indústria de equipamento militar que parece nascer inevitavelmente da manufatura química.

Explosivos forneceram as bases da ascensão da Du Pont ao poder. Sua primeira grande encomenda foi suprir Napoleão na tentativa frustrada de esmagar Toussaint L'Ouverture e o povo de São Domingos e a seguinte foi a da guerra dos Estados Unidos — contra os chamados "Piratas da Barbárie".\* A citação seguinte é de *Cartels in Action*, citada por Victor Perlo em *The Empire of High Finance*, página 195:

"Isso firmou o papel da du Pont, que continua até o presente, quando domina a maior e mais lucrativa corporação isolada do mundo, a General Motors.

\* *O Império da Alta Finança*, VICTOR PERLO, pág. 190.

A associação da du Pont com a ICI data de cerca de 40 anos. Foi em 1921 que mais da metade das ações da General Motors, vendidas pela Casa Morgan, foram adquiridas por Explosivos Trade Ltd., uma subsidiária britânica das indústrias Nobel, com a qual a ICI tinha ligação. Explosivos estavam entre as operações iniciais da ICI e seus interesses nos *concerns* da Nobel nesse e em outros campos foram subseqüentemente absorvidos para o centro do império da ICI.

Desde essa aproximação inicial, a aliança entre a du Pont e a ICI tornou-se mais complexa. Ambas possuíam direitos efetivos de patentes e processos com o grande combinado químico alemão I. G. Farben, e dividiram o mundo entre elas. Tanto a du Pont como a ICI continuaram a respeitar seus acordos com a I. G. Farben durante a guerra. Du Pont e ICI abandonaram qualquer simulacro de rivalidade de negócios em numerosos mercados estrangeiros, inclusive Canadá, Argentina e Brasil. Negociam, ali, como uma só empresa unificada, através de companhias locais de propriedade conjunta... Conseguiram cartelizar esses mercados químicos tributários graças ao seu poder e prestígio combinados."

Se vemos a ICI associada a companhias Oppenheimer na África do Sul, isso não nos deve espantar. Os monopólios estão constantemente se aproximando, alinhados por interesses industriais e financeiros comuns em um dado campo e em um dado momento. A combinação ICI-Oppenheimer não se limita a African Explosives, mas se repete na associação com outros rebentos e grupos da Oppenheimer. A bênção britânica é concedida à empresa através da agregação, à companhia por contrato, de um perito do estabelecimento britânico de armamentos nucleares. O que é mais importante, o equipamento militar produzido nas fábricas segue as especificações exigidas pelas Forças Armadas da Grã-Bretanha.

Embora a African Explosives seja importante para o combinado Oppenheimer e os objetivos militares sul-africanos na África, deve a existência à mineração de diamantes, onde foi originalmente concebida. É apenas

um dos descendentes da De Beers Consolidated. Há vários outros, entre os quais a companhia de investimentos De Beers Holding Ltd., da qual a Consolidated controla 84,5 por cento. Ao falecer J. T. Williamson, a De Beers Holding conseguiu obter uma opção para o total de 1 200 ações que constituía o capital de sua mina em Tanganica. O negócio foi fixado em 4 139 996 libras esterlinas com De Beers responsável por impostos do inventário e juros sobre as ações de Williamson. O cumprimento desses itens foi feito através da cessão de 320 ações da Williamson Diamonds Ltd. ao Governo de Tanganica, que subseqüentemente adquiriu outras 280. O preço de 1 317 272, acordado para estas, foi pago juntamente com juros totais de seis por cento, dos dividendos recebidos pelo Governo referentes ao seu bloco total de 600 ações.

A Consolidated Diamond Mines of South-West Africa Ltd., na qual a De Beers Consolidated possui maioria de ações, tem uma concessão abarcando amplas áreas de depósitos da aluvião diamantífera, na África do Sudoeste, com validade até o final do ano 2010. O prazo foi estendido pelo Governo local, uma vez que a caducidade ocorreria, segundo o contrato inicial, em 1972. Um item valiosíssimo no inventário de rendimentos da De Beers são os *royalties* "De Pass", de propriedade da South-West Financial Corporation Ltd., inteiramente subsidiária à Consolidated Diamond Mines. Esse *royalty* dá ao possuidor oito por cento da renda bruta da venda de diamantes produzidos na área de Pomona da África do Sudoeste, na qual a South-West possui propriedades e outros direitos minerais e *royalties*.

A participação no comércio distribuidor de diamantes chega até a Consolidated Diamond Mines através da propriedade das seguintes ações:

Diamond Corporation Ltd. — 5 996 903 ações.  
Diamond Trading Co. Ltd. — 80 000 ações.  
Diamond Purchasing & Trading Co. Ltd. — 200 000 ações.



Industrial Distributors (1946) Ltd. — 150 000 ações.  
De Beers Holdings Ltd. — 1 150 000 ações.

Sua produção própria de diamantes elevou-se de 895 744 quilates em 1958 para 933 937 em 1960. Tomada em conjunto com seus rendimentos obtidos através de *royalties* e investimentos no mercado de diamantes, não é de admirar que nos últimos 15 anos tenha conseguido declarar os impressionantes dividendos que se seguem:

1946-1949:	40%	mais 10%	de bonificação anual.
1950:	40%	mais 20%	
1951:	125%		
1952-1958:	150%	anuais.	
1959:	200%		
1960:	200%		

O capital da companhia, autorizado e totalmente pago, é de 5 240 000 libras esterlinas. Seu lucro líquido consolidado em 1960 foi de 10 734 460 libras, depois de pagar 4 622 731 libras em impostos. Os dividendos absorveram 5 667 437, sendo seu maior beneficiário a De Beers Consolidated. O lucro estimado para 1961 foi de 12 848 000 libras, depois de pagos 5 410 000 libras de impostos e 168 mil libras de dividendos para as ações preferenciais. A cifra correspondente aos dividendos ordinários não foi incluída mas é provável que seja mais elevada do que no ano anterior.

A Diamond Mining & Utility Co. (S. W. A.) Ltd. é associada à De Beers Consolidated através da cessão, a esta, de uma ampla parte de uma área diamantífera na África do Sudeste, em troca de um interesse de 20 por cento no lucro líquido de diamantes colhidos. A companhia tem 180 mil ações na Diamond Dredging & Mining Co. (S. W. A.) Ltd. Para pagar essa aquisição, a Diamond Mining & Utility emitiu mais 540 mil ações ao par em julho de 1960, ficando então aumentado o capital autorizado de 300 mil libras para 500 mil. Seus outros interesses são 114 400 ações da Industrial Dia-

monds of South Africa (1945) Ltd., que cessou operações na primavera de 1960 mas conserva 148 200 ações da Diamond Mining & Utility, assim como 197 900 da Lorelei Copper Mines Ltd., na qual Diamond Mining & Utility possui também 200 mil ações. Em suma, isso demonstra o que poderia ser qualificado de uma combinação rígida mas interessante.

O centro mais interessante das velozes engrenagens do diamante é a Diamond Corporation, cujo capital de 22 milhões de libras pertence principalmente a De Beers Consolidated Mines, Diamond Mines of South-West Africa e à onipresente Anglo American Corporation. A Diamond Corporation compra, por contrato periódico, a produção de diamantes dos maiores produtores do mundo, usualmente numa base de cotas específicas. Esses diamantes são então colocados no mercado através da Central Selling Organization, juntamente com a produção das minas do grupo De Beers e das escavações que o Governo sul-africano possui e explora por sua própria conta.

Onde entram as outras companhias vendedoras? A Diamond Trading Company Ltd. recebe e vende ao mercado diamantes preciosos ou de valor aproximado. A Industrial Distributors (Sales) Ltd. tem uma participação na venda, ao mercado, de material de perfuração e *boart* para as minas.

Associados íntimos da De Beers também têm interesses nessas companhias tributárias do grupo. A Société Minière du Beceka S. A., companhia pertencente à rede da Société Générale de Belgique, tem ações na Industrial Distributors (1946) Ltd., Diamond Trading Co. Ltd., Diamond Purchasing & Trading Co. Ltd., Diamond Development Co. Ltd. e em outra das pupilas da Société Générale, Société Diamant Boart. A Industrial Distributors, que também faz parte da relação de investimentos diretos da Société Générale, aumentou seus dividendos de 1961 de cerca de 20 por cento em relação aos últimos anos. A associação da Beceka com o Congo é continuada através da Société d'Élevage et de Culture au Congo (CXC) e Cie. Maritime Belge (CMB).

Operando depósitos no rio Lubilash, no Congo, que produzem principalmente diamantes industriais e *boart* para trituração, a Beceka possui uma subsidiária, Société Beceka-Manganese, explorando depósitos de manganês perto de um entroncamento numa estrada de ferro congolosa. No início de 1962, Beceka-Manganese criou uma subsidiária de 500 milhões de francos, a Société Minière de Kisenga, na qual é a principal acionista. Kisenga recebeu determinados direitos de concessão e exploração da Beceka-Manganese, que também participou, em outubro de 1962, da criação da Société Européenne des Derivés du Manganese — SEDEMA. Os principais participantes na formação da Sedema são os associados da Société d'Entreprise et d'Investissements du Beceka — SIBEKA, e a Manganese Chemicals Corporation of U. S. A.

Do relatório de 1962 da Société Générale, dirigente de toda essa segmentação, surge que uma reunião extraordinária da Beceka em 21 de março de 1962 concordou em que a Beceka deveria renunciar a todos os seus direitos de mineração no Congo (principalmente na região de Bakwanga) em favor de uma nova companhia, Société Minière de Bakwanga, e deveria se tornar a Société d'Entreprise et d'Investissements du Beceka, a ser conhecida pela sigla Sibeka. A finalidade da Sibeka foi reformulada, para cobrir a investigação, promoção e financiamento, por quaisquer meios, tanto na Bélgica como no Congo e outros países estrangeiros, de toda espécie de empresas, seja em mineração, indústria, comércio, agricultura ou transporte, especialmente aquelas que tenham ligação com substâncias minerais de todos os tipos, assim como seus derivados e substitutos.

Dentro da estrutura desse novo objetivo, as participações anteriores foram aumentadas e novas participações foram adotadas ou estavam em estudos, particularmente determinadas delas que tinham a ver com a produção de diamantes artificiais. A principal atividade da Sibeka, no entanto, deverá ser a sua importante participação na Société Minière de Bakwanga, co-

nhecida como Miba. A produção da Miba em 1961, seu primeiro ano de trabalhos, foi de cerca de 15 quilates de diamantes, o que o presidente da Société Générale considerou dever ser o seu "ritmo" normal, tendo em vista o mercado de vendas.

Sibeka tem estado atarefada no Kasai meridional, no Congo, onde outros investimentos foram feitos, inclusive a modernização de uma estrada de 150 quilômetros de Bakwanga à estação de Mwene-Ditu. A participação da Société Générale na Sibeka é de 525 mil ações sem valor nominal e ajudou a Beceka-Manganese a colocar dez dos 11 milhões de francos que lhe foram reservados no capital de 81 milhões de francos da Sedema. Sibeka adquiriu outros dez milhões de francos. O objetivo da Sedema é a manufatura de compostos de manganês e metais incluindo manganês no mercado europeu.

Não custa muito para que qualquer esforço de identificar as companhias empenhadas em determinado campo de mineração leve a associações ligando a outros setores da produção de matérias-primas. Esse nosso exame das empresas diamantíferas De Beers nos levou ao mundo ainda mais vasto dos interesses da Société Générale, que tornaremos a encontrar mais de uma vez no curso de nossas jornadas pela teia emaranhada do controle internacional das riquezas básicas africanas. É também significativo que a cada canto encontramos algum elo oculto com importantes interesses industriais norte-americanos. No caso presente, a Manganese Chemicals Corporation surge imediata e diretamente.

Indo adiante na produção diamantífera africana, encontramos outro rebento da Société Générale operando no Congo. A Société Forestière et Minière du Congo, conhecida como Forminière, ocupa-se de objetivos de mineração, comércio, indústria e agricultura, principalmente em Kasai. Sua principal preocupação é a mineração de diamantes.

A Forminière é uma das primeiras concessões originais do Rei Leopoldo, no Congo. Ele formou a companhia em 1906 com a ajuda, entre outros, de dois homens de negócios norte-americanos, Thomas F. Fortune e Da-



niel Guggenheim, o último dos quais fez uma fortuna com a mineração na América do Sul. Hoje a Forminière faz parte do vasto complexo dominado pela Société Générale, Tanganyika Concessions e sua filha, a Union Minière du Haut Katanga, que tem a vida econômica do Congo nas mãos e agora se estendeu gulosamente a Angola e Moçambique. Através de sua subsidiária, Société Internationale Commerciale et Financière de la Forminière — INTERFOR — tem interesses fraternais com a Beceka em várias companhias agrícolas operando plantações no Congo em grande escala.

Outras participações acionárias de propriedade da Forminière são em companhias mineradoras como a Société de Recherches et d'Exploitation des Bauxites du Congo — BAUXICOONGO — relacionada também na extensa lista dos interesses mais importantes da Union Minière. O petróleo faz também parte do império da Société Générale através da Société de Recherches et d'Exploitation des Petroles — SOCORER. Esta encontra-se entre os investimentos da Forminière.

A Diamond Corporation atua como centro de reunião para a mercadoria oferecida à venda por todos os grandes produtores. No seu papel de organização aquisidora central para os compradores internacionais de diamantes, não é de surpreender que tenha participação em algumas das mais importantes companhias produtoras fora do grupo sul-africano. Os Srs. H. F. Oppenheimer e H. J. Joel, da sua própria diretoria, têm assento na da Angola Diamond Co. (Companhia de Diamantes de Angola), que por sua vez tem outros dois de seus diretores, os Srs. Albert E. Thiele e A. A. Ryan, adornando a diretoria da Forminière. O Sr. Thiele tem importantes conexões com poderosos grupos norte-americanos. Iniciou sua carreira em 1909 com os irmãos Guggenheim, um dos quais foi tão útil a Leopoldo II. Daí elevou-se à presidência da diretoria da Pacific Tin Consolidated Corporation e a diretoria na Kennecott Copper Corporation e sua subsidiária, Braden Copper Co. Petróleo e nitratos fazem também parte dos negócios do Sr. Thiele. A Maracaibo Oil e a Barber Oil con-

tam-se entre seus cargos de diretor, assim como a Chilean Nitrates Sales Corporation e a presidência da diretoria da Feldspar Corporation. Como diretor da Angola Diamond e da Forminière, muito certamente não teve a inocência de abandonar suas ligações básicas, prêsas a Guggenheim, Kennecott Copper, petróleo, estanho e nitratos, nos quais está a mão prestativa dos Morgans. O Morgan Guaranty Trust é uma das principais artérias das quais fluem as finanças para o combinado Oppenheimer. Morgan está também associado ao Banque Belge, o principal elo bancário na estrutura da Société Générale e o maior banco da Bélgica. Representada na diretoria da Angola Diamond está outra empresa angolana, Companhia de Pesquisas Mineiras de Angola.

A Angola Diamonds tem direitos monopolistas que lhe permitem extrair diamantes em quase um milhão de quilômetros quadrados de Angola, uma área quase quatro vezes maior do que Gana ou a Grã-Bretanha. Estão em operação 43 minas, três das quais são novas, abertas para substituir outras tantas cujas reservas se extinguíram. A prospeção continua a ser feita, em busca de novos depósitos, com 19 grupos em operação. A companhia é registrada em Portugal e o Governo de Angola tem nela interesse direto, como agente administrativo local do Governo português. O Governo de Angola possui 200 mil ações, ligeiramente acima das . . . . 198 800 pertencentes à Société Générale. Cerca da metade dos trabalhadores africanos da companhia são forçados, reunidos compulsoriamente pelas autoridades e recebem um ordenado mensal de 70 escudos, equivalentes a perto de 16 xelins. Os excelentes lucros da companhia são divididos igualmente entre a Província de Angola e os acionistas, depois de seis por cento terem sido reservados à administração.

O lucro dos acionistas ao final das operações, em 1960, foi de 137 000 931 escudos, depois de ter sido reservada igual soma para a Província de Angola e . . . . 15 341 649 escudos como reserva legal. Os lucros totais, na realidade, elevaram-se a 289 343 511 escudos, dos quais 114 800 000 escudos provenientes de lucros man-

tidos em reserva. Os dividendos parciais e finais absorveram a soma de 136 670 000 escudos, no ano de 1960.

A companhia não paga direitos de importação sobre máquinas e material nem direitos de exportação sobre diamantes. Possui também um empréstimo de cem milhões de escudos, do Governo de Angola, em troca da emissão gratuita de cem mil ações, de 170 escudos cada, à Província de Angola em 1955. A taxa de juros, sem precedentes e antieconômica, sobre esse empréstimo, é de um por cento e o capital deverá ser pago até 1971. Angola Diamond Co. possui 16,266 por cento do capital emitido pela Sociedade Portuguesa de Lapidação de Diamantes.

Diamond Corporation tem acórdos contratuais para a compra da produção da Angola Diamond, que vinha sendo recentemente de mais de um milhão de quilates e poderá ser ainda maior, segundo as estimativas, pois foram instaladas escavadoras mecânicas e máquinas para lavagem depois de verificada a existência de extensos depósitos de aluvião. Os diamantes preciosos representam 65 por cento da produção.

A Diamond Corporation invadiu a Costa do Marfim, com a formação de uma subsidiária local para adquirir diamantes no mercado livre desse país. Até que ponto esse mercado continuará livre, ninguém sabe. Algumas das outras nações africanas recém-independentes estão lutando para fugir ao domínio da Diamond Corporation. Gana criou seu próprio mercado de diamantes em Acra e todos os vendedores, inclusive a Consolidated African Selection Trust Ltd. (CAST), que explora uma concessão de 176 quilômetros quadrados no distrito de Akim Abuakwa, são obrigados a vender através dele. A Sierra Leone Selection Trust Ltd. é a subsidiária do CAST operando em Serra Leoa.

Por incrível que pareça, a Sierra Leone Selection teve direitos exclusivos de mineração de diamantes sobre todo o país, praticamente. Em 1955, em consequência de protestos populares, especialmente na rica região diamantífera de Konor, a extensão da área de concessão foi reduzida para aproximadamente 590 quilômetros qua-

drados, que era a área então explorada efetivamente pela companhia. A diminuição de direitos, no entanto, foi mais aparente do que real. Os direitos de concessão são por 30 anos, mas foram concedidos direitos restritos sobre outros 650 quilômetros quadrados, dos quais cerca de cem foram utilizados desde então. A companhia tem também a permissão para pesquisar qualquer local de Serra Leoa em busca de depósitos profundos de diamantes, durante o período de não menos de dez anos, e explorá-los.

Que o acórdo foi uma farsa está provado pela promessa feita então pelo Governo Colonial de não conceder até 1975 a quaisquer requerentes que não fossem cidadãos do país ou companhias nas quais os interesses beneficiários ou a sua maior parte pertencessem a cidadãos do país, qualquer licença ou arrendamento para prospeção de diamantes sem primeiramente oferecer essas licenças e arrendamentos ao Sierra Leone Selection Trust. Embora isso desse virtualmente liberdade total à companhia, o Governo ainda assim lhe pagou um milhão e meio de libras esterlinas como compensação das oportunidades supostamente perdidas. Todos os seis milhões de ações emitidas, do total de seis milhões e 400 mil autorizadas para formar o capital de um milhão e 800 mil libras, são de propriedade da CAST. Os lucros que a companhia esteja obtendo não são publicamente conhecidos, uma vez que os balanços são revelados apenas aos acionistas.

O presidente da diretoria tanto da CAST como da Sierra Leone Selection é o Sr. A. Chester Beatty, que tem como colegas em ambas as diretorias os Srs. E. C. Wharton-Tigar, T. H. Bradford e P. J. Oppenheimer. O Sr. P. J. Oppenheimer faz parte também da diretoria da Diamond Corporation, juntamente com o Sr. W. A. Chapple, outro colega na diretoria da CAST. Ambos têm assento no Comitê de Londres da De Beers Consolidated Mines e o Sr. Oppenheimer também ocupa um lugar no Comitê de Joanesburgo, no qual está associado com o Major-General I. P. de Villiers, C. B. e o Sr. A.



Wilson, estes últimos também unidos na diretoria da Consolidated Diamond Mines of South Africa Ltd.

O Sr. Thomas Horat Bradford representa a Selection Trust Ltd., da qual é diretor-gerente, em suas principais companhias associadas na América, Rodésias, Canadá e Venezuela. O Sr. Beatty faz companhia ao Sr. Bradford em várias dessas diretorias. A ligação do Sr. Chapple com o mundo dos diamantes é sem dúvida em alto nível, a julgar pelo seu cargo de diretor do Banque Diamantaire Anversoise S. A. Antwerp, que é ainda o maior centro mundial de corte de diamantes, empregando mais de 13 mil pessoas na indústria. O Antwerp Diamond Bank ocupa uma importante posição estratégica. Cêrca de 40 a 50 mil quilates são cortados semanalmente em Antuérpia, principalmente pedras brutas provenientes da Diamond Trading Company, o extremo londrino da Central Selling Organization, pertencente à De Beers. Mas Antuérpia busca outras fontes para seus suprimentos de diamantes e em 1961 obteve cêrca de 30 por cento do pêsco total em quilates de outros fornecedores.

É evidente que o Sr. A. Chester Beatty pertence aos altos escalões do mundo dos diamantes, especialmente àquele seu setor preponderante que é dominado pelo grupo De Beers e gira em tórno da Diamond Corporation e sua Selling Organization. É portanto difícil de entender a manobra que o Sr. Beatty fez em conexão com a lei do Governo de Serra Leoa, aprovada em fins de 1961, obrigando os produtores de diamantes em Serra Leoa a negociá-los através da Agência dos Diamantes, do Governo.

O Sr. Beatty, como presidente da diretoria da Selection Trust Ltd., assim como da Cast e da Sierra Leone Selection, sua subsidiária, afirmou que o contrato expirado que a Cast tinha com a Diamond Corporation não fôra renovado por causa da comissão excessiva de 12 por cento exigida. Cast oferecera quatro por cento, o que foi rejeitado. Um contrato foi feito, portanto, com Harry Winston, Inc., de New York, proprietários e cortadores do famoso diamante Jonker, que segundo

se dizia procuravam uma fonte direta de suprimento que contornasse a Diamond Corporation. Em vista da interligação entre a Selection Trust e as companhias da De Beers, inclusive a Diamond Corporation, através de participações acionárias interdependentes assim como dos elementos comuns em suas diretorias, é estranho ver um dos mais proeminentes elos da corrente, o Sr. A. Chester Beatty, protestando sua ansiedade de proteger os interesses de Serra Leoa contra a Corporação de que êle participa tão profundamente.

O protesto do Sr. Beatty foi no sentido de que, se a Sierra Leone Selection fôsse forçada a entregar sua produção à Agência de Diamantes do Governo, esta iria parar nas mãos da Diamond Corporation, que era o comprador final da Agência, e que isso era precisamente o que êle não admitia. Além do mais, o nôvo sistema significaria romper o contrato com Winston, obrigando a pagar uma compensação por quebra de contrato. O Sr. Beatty ressaltou que a sua solicitude pelos interesses de Serra Leoa o haviam levado a obter uma reavaliação do contrato da Diamond Corporation em 1957, de modo que dois milhões e 700 mil libras esterlinas adicionais haviam sido recebidas nos últimos três anos de operação.

Há nesse ponto uma característica interessante, porque o Sr. Beatty afirma que mais meio milhão de libras em rendimentos seriam recebidos pelo Governo de Serra Leoa sob o contrato com a Winston do que sob o da Diamond Corporation. Quatro perguntas pertinentes decorrem disso: Que aumento percentual do rendimento representaram os dois milhões e 700 mil libras adicionais que o Sr. Beatty disse ter obtido da Diamond Corporation nos últimos três anos do contrato expirado? Que parte disso veio ter às mãos do Governo de Serra Leoa e que percentagem de aumento representou para o rendimento do Governo? Como é que o Sr. Beatty não podia obter têrmos igualmente vantajosos de um nôvo contrato com a Diamond Corporation? O preço de Winston, melhor em oito por cen-

to, estava rigorosamente refletido na estimativa de cerca de meio milhão de libras de rendas adicionais para o Governo em consequência de um acôrdo com Winston?

Mas não será tudo isso apenas uma farsa com o objetivo de manter a ficção de que a Selection Trust e a Diamond Corporation são entidades isoladas entre si, uma ficção repetida mesmo por uma imprensa que seria de esperar que tivesse melhores conhecimentos? Pois temos o correspondente de *West Africa* em Free-town declarando, na edição de 27 de janeiro de 1962 do jornal, que "os dois gigantes europeus na indústria (de diamantes) — Diamond Corporation e Selection Trust — estão evidentemente em desacôrdo". O âmago da questão, realmente, está na queixa do Sr. Beatty de que o regulamento baixado pelo Governo de Serra Leoa interfere com a liberdade de sua companhia, expressamente garantida pelo antigo Governo Colonial em seu acôrdo de concessão, de vender como lhe parecer melhor. O Sr. Beatty, como os interêsses monopolistas que representa tão eficientemente em muitas diretorias, não quer reconhecer os ventos de mudança que vieram com a independência africana, dando às novas nações oportunidade de ordenar suas economias da maneira que considerarem mais interessante para o seu próprio bem.

Houve recentemente a intrusão, no campo diamantífero, de um texano que aparece mais comumente onde quer que haja petróleo borbulhando. O Sr. Sam Collins dedicou-se a colhêr diamantes do fundo do mar, no Chameis Reef, na costa da África do Sudoeste, que se afirma conter uma reserva mínima de 14 milhões de quilates. O Sr. Collins procurou obter capital adicional para sua Sea Diamonds Company, que tem o contrôle acionário da companhia operadora, Marine Diamonds. Foi dito que o Sr. Oppenheimer, depois de observar suas atividades com alguma preocupação, decidiu colaborar com o Sr. Collins. Ao que parece, a General Mining & Finance Corporation e a Anglo Transvaal Consolidated, que já encontramos como parte do com-

plexo da Anglo American, haviam se engajado no empreendimento, Cabia-lhes fornecer fundos adicionais de até meio milhão de libras a fim de igualar a quantia a ser fornecida pelo Sr. Collins e companhias por êle controladas. A General Mining tem um intercâmbio de ações com a Anglo American e a De Beers Consolidated está entre os seus clientes de investimentos, assim como a National Finance Corporation of South Africa, que é tão útil a numerosas companhias de Oppenheimer na questão de empréstimos.

De Beers aparentemente tinha uma opção de 25 por cento nas ações da Sea Diamonds e preferência para o bloco de ações do Sr. Collins, que se disse ser de 80 por cento. Sea Diamonds, por sua vez, possui cerca de 44 por cento do capital de ações da Marine Diamonds, cabendo 25 por cento do restante à General Mining, 16 por cento à Anglo Transvaal e sete e meio por cento a outra companhia de Oppenheimer, Middle Witwatersrand (Western Areas) Ltd., administrada pela Anglo Transvaal. O remanescente ficou de posse dos donos originais da concessão. A Middle Witwatersrand tem direito a dez por cento de participação em quaisquer empreendimentos de prospecção realizados por Anglovaal Rhodesian Exploration Ltd., metade de cujas ações pertence à Kennecott Copper. Tudo parece girar em movimento circular, num carrossel sem fim. O Sr. Sam Collins pode ter agido rápida e argutamente ao registrar seus direitos sôbre um veio de diamantes submarino e com tôda a probabilidade ganhará uma fortuna. Mas os grandes beneficiários acabarão sendo, no fim de contas, o Sr. Oppenheimer e suas coortes. Os movimentos nos bastidores para obter o contrôle do que promete ser um empreendimento altamente lucrativo levaram o correspondente do *The Economist* em Joanesburgo a comentar que "a história completa das recentes negociações, se jamais fôr revelada, poderia descrever uma luta violenta pelo contrôle entre os magnatas da mineração da África do Sul, nas melhores tradições dos primeiros dias, duros e brutais, de Kimberley e do Rand" (16 de março de 1963).



É pouco provável que a De Beers seja capaz de forçar a entrada na companhia japonesa que está atualmente construindo uma fábrica no Japão para manufaturar diamantes sintéticos, que produzirá inicialmente 300 mil quilates anuais, devendo chegar a 600 mil. De Beers, em associação com a Sociéte Minière de Beceka, têm sua própria fábrica de areia de diamante sintética, operada por unidades de pressão ultra-elevada. A General Electric também tem um processo para produzir diamantes manufaturados. Os japoneses afirmam que seu processo não é o mesmo. E já mencionamos anteriormente o interesse de Sibeka na possibilidade de produzir diamantes artificiais. Houve várias tentativas de criar diamantes através de um processo fabril, mas até agora demonstram ser até certo ponto antieconômicos. Com a extrema probabilidade de que as pedras sintéticas em condições de competir em preços e qualidades com o produto natural serão fabricadas dentro em breve, outro golpe poderá ser desfechado contra as nações produtoras da África, em desenvolvimento.

## 11. Interesses mineradores na África Central

**S**E EXAMINARMOS os intrincados detalhes da extensão da Anglo American através da exploração das matérias-primas da África, veremos sua mão forte contendo o enriquecimento da Rodésia, África do Sul e África do Sudoeste, tanto através de participação acionária direta em empresas como através das de suas associadas, American Engelhard e Kennecott Copper e da British South Africa Company Ltd.

A British South Africa Company foi uma criação do gênio de Cecil Rhodes para a construção de impérios. Observando a corrida em busca de terrenos na África do Sul, no início da década de 1890, êle resolveu que, a menos que entrasse logo, outros aventureiros europeus tomariam "grandes extensões de terra valiosa governadas por chefes nativos selvagens no interior da África". Utilizando seus agentes notórios, Rudd, Maguire, Rochford e Thompson, foi provocada uma guerra entre os Matabeles, da região hoje conhecida como Rodésia, e seu chefe, Lo Benguela. Soldados da South African Company, a quem fôra concedida uma patente real em 1889, saíram ostensivamente em apoio ao chefe

contra seu povo. Esse truque de Rhodes, descrito por certos historiadores como "hábil manobra", garantiu à companhia uma concessão para explorar direitos minerais na vasta área de terrenos que atualmente constitui toda a Rodésia.

Quando Lo Benguela despertou e teve a amarga compreensão do truque que o havia privado, assim como seu povo, dos direitos sobre a própria terra, fez um requerimento à Rainha Vitória nos seguintes termos:

"Há algum tempo um grupo de homens entrou na minha terra, seu chefe parecendo ser um homem chamado Rudd. Eles me pediram um local para escavar ouro e disseram que me dariam determinadas coisas pelo direito de fazer isso. Eu lhes disse que trouxessem o que pretendiam dar e então eu lhes mostraria o que eu daria.

Um documento foi redigido e me foi apresentado para assinar. Perguntei o que continha e me disseram que nele estavam minhas palavras e as dos outros homens. Estampej minha mão nele.

Cêrca de três meses depois, ouvi de outras fontes que eu dera naquele documento os direitos a todos os minerais de minha terra. Convoquei uma reunião dos meus Indunas e também dos homens brancos e exigi uma cópia do documento. Provaram-me que eu havia cedido com a minha assinatura os direitos aos minerais de toda a minha terra ao tal Rudd e seus amigos. Tive depois uma reunião dos meus Indunas e eles não aceitaram reconhecer o papel, uma vez que não contém nem as minhas palavras nem as daqueles que o obtiveram.

Depois da reunião, exigi que o documento original me fôsse devolvido. Ainda não chegou, embora já se tenham passado dois meses, e eles tivessem prometido trazê-lo logo. Os homens do grupo que estavam na minha terra então receberam ordem de permanecer até que o documento fôsse trazido de volta. Um deles, Maguire, partiu agora sem meu conhecimento e contra as minhas ordens.

Escrevo-lhe para que possa conhecer a verdade sobre tudo isso e não ser iludida.

Com renovadas e cordiais saudações,

*Lo Benguela.*"

Quem, naqueles dias, iria devolver terra tomada por quaisquer meios escusos a "chefes nativos selvagens"? E quem vai devolver hoje, ao povo de quem foi tomada, a não ser que o povo insista em sua devolução através de sua vontade determinada e unificada, expressa por um Governo Unido?

No fim do século XIX, Rhodes, sonhando com um império que fôsse de Capetown ao Cairo, avançou de Matabeleland para Mashonaland, através do Zambesi, até uma terra que hoje se chama Zâmbia. Com isso, enfiou uma cunha entre as colônias portuguesas de Moçambique e Angola. Tudo isso foi feito com os bucaneiros de sua South Africa Company, que havia recebido três cartas patentes reais suplementares, posteriores à original, de 1889.

Inicialmente a companhia tinha direitos administrativos sobre território na África meridional situado ao norte de Bechuanalândia, ao norte e oeste do Transvaal e oeste da África Ocidental Portuguesa. Possuía direitos também de prolongar os sistemas ferroviário e telegráfico do Cabo em direção ao norte e dar concessões de direitos de mineração, florestas e outros, além de muitas outras coisas. Seus direitos administrativos e monopolísticos na Rodésia do Norte e do Sul foram cedidos ao Governo britânico somente em 1923-24. Os direitos minerais nas Rodésias, no entanto, foram ainda conservados, assim como um interesse de 50 por cento, durante 40 anos, nos processos ulteriores de cessão de terras no noroeste da Rodésia. Em troca, a British South Africa Company recebeu um pagamento em dinheiro, do Governo britânico, de 3 750 000 libras. O cancelamento do seu interesse de 50 por cento foi feito em 1956, em troca de um pagamento anual de 50 mil



libras durante oito anos a partir de 31 de março de 1957.

A aquisição, em dinheiro, dos direitos à mineração foi feita pelo Governo da Rodésia do Sul em 1933 por dois milhões de libras, desta vez provenientes dos contribuintes africanos. Isso deixou ainda à companhia os seus direitos de mineração na Rodésia do Norte que, por acôrdo, deveria manter até 1.º de outubro de 1986. Desde 1.º de outubro de 1949, no entanto, a companhia pagava ao Governo da Rodésia do Norte 20 por cento do rendimento líquido dos seus direitos de mineração, soma que era computada como "despesa" sob o ponto de vista do cálculo de impôsto sôbre a renda nortehodesiano. Além disso, "rendimento líquido" foi definido como os lucros obtidos pela companhia dos seus direitos de mineração calculados da mesma maneira adotada para o cálculo do impôsto sôbre a renda, isto é, depois de deduzidas tôdas as despesas. O arranjo previa a isenção de *royalties* de mineração, especificamente, na Rodésia do Norte, enquanto o Governo de Sua Majestade empenhava-se em assegurar na medida do possível que qualquer governo que se tornasse responsável durante os 37 anos, isto é, até 1.º de outubro de 1986, pela administração da Rodésia do Norte, ficaria obrigado ao cumprimento dêsses acôrdos.

A British South Africa Company, apesar das recentes medidas tomadas pelo Governo de Zâmbia para assegurar direitos minerais, é ainda extremamente poderosa. Possui florestas, propriedades agrícolas e terrenos em Zâmbia, Rodésia e Bechuanalândia. Tem também direitos de mineração sôbre 42 mil quilômetros quadrados de território de Malawi. Constituiu a Cecil Holdings Ltd. a fim de adquirir todo o capital de ações das subsidiárias da British South Africa Company, à exceção da Rhodesia Railways Trust Ltd. Outra criação, a British South Africa Investments Ltd., adquiriu a maior parte dos investimentos da companhia-mãe, em 1958. Outras subsidiárias incluem:

British South African Company Management Services Ltd.  
British South Africa Citrus Products Ltd.  
Charter Properties (Pvt), Ltd.  
Indaba Investments (Pvt) Ltd.  
Beit Holdings (Pvt) Ltd.  
Jameson Development Goldings (Pvt) Ltd.  
British South Africa Company Holdings Ltd. (Reino Unido).

A British South Africa Company foi privada da maior parte de sua participação acionária em companhias que operam primordialmente na República da África do Sul pela sua participação na permuta de ações realizada em 1961 com a De Beers Investment Trust Ltd. Conserva ainda sua participação de 700 mil ações na Union Corporation Ltd.

A estreita associação da companhia com o Sr. Harry Oppenheimer e a Anglo American Corporation nas Rodésias deverá ser tornada ainda mais íntima através de uma operação proposta, pela qual um milhão e 200 mil ações ordinárias de dez xelins da Anglo American serão permutadas por dois e meio milhões, em ações de uma libra esterlina, da New Rhodesia Investments Ltd., uma companhia pública registrada na Rodésia e possuída, em partes iguais, por Brenthurst Investment Trust (Pty) Ltd., do Sr. Oppenheimer e Cecil Holdings, tributária da British South Africa.

A New Rhodesia Investments inclui: financiamento de minas, 45,84 por cento; de ouro, 14,45 por cento; diamantes, 9,38 por cento; de carvão, 2,49 por cento; outras companhias, 1,9 por cento. No dia 31 de dezembro de 1962 o valor de mercado dessas ações foi calculado em dez milhões e meio de libras esterlinas, enquanto os bens líquidos da New Rhodesia Investments valiam 12 milhões e 100 mil libras. Quanto à Anglo American Corporation, seus bens líquidos no fim de 1961 eram de 114 milhões e meio de libras. O importante bloco de ações da Consolidated Mines Selection Trust Ltd. de propriedade da New Rhodesia será aumentado em con-

valiosa fonte de rendimentos em troca de serviços administrativos e outros. Cimento e barro levam-na para a construção e comércio de produtos afins através de 148 961 ações da Premier Portland Cement Co. (Rhodesia) Ltd. e 25 por cento de Clay Products (Pvt) Ltd.

A Bancroft Mines parece dar os bocados mais ricos para a digestão de ferro fundido da hidra Anglo American. Essa companhia somente em 1953 foi formada, para adquirir dos "proprietários dos direitos de mineração, a British South Africa Co.", as concessões especiais de direitos de mineração e direitos de prospecção adquiridos da Rhokana. O capital autorizado é de . . . . 13 750 000 libras. A British South Africa Co. adquiriu três milhões de ações, a Rhokana nove milhões e meio e a Rhodesian Anglo American, 74 700 ações. Houve uma permuta de ações com a Rhokana assim como com a Rhodesian Anglo American. Em 1955, dois milhões de ações adicionais foram subscritas pela Anglo American e British South Africa Co., que forneceram empréstimos de dois milhões e três milhões de libras, respectivamente.

A Anglo American, a Rhodesian Anglo American, Nchanga e Rhokana receberam uma opção sobre três milhões das ações ordinárias da Bancroft, com prazo até 31 de março de 1963. Em dezembro de 1961 o direito foi exercido sobre um milhão de ações, das quais a Rhodesian Anglo American adquiriu 400 mil.

O capital próprio da Rhodesian Anglo American é de sete milhões de libras e seu lucro consolidado para o ano que terminou a 30 de junho de 1961 foi de . . . . 20 590 783 libras esterlinas, depois de reservar 11 541 475 libras para impostos. Os dividendos absorveram . . . . . 5 403 535 libras.

Esses interesses estreitamente ligados concernem especialmente ao povo de Zâmbia e da Rodésia, cuja existência e destino eles dominam. Não é à toa que o Sr. Oppenheimer está ampliando a sua parte pessoal através de propostas de permuta de ações entre a Anglo American e a British South Africa Co., na New Rhodesia Investments, tributária da Cecil Holdings, que é

por sua vez tributária da British South Africa. Pelo acordo, British South Africa terá uma participação maior nas atividades da Anglo American através da criação de uma Diretoria Rodesiana local, sob a presidência de Sir Frederick Crawford, para a companhia portadora de cartas de privilégios reais.

Sir Frederick Crawford é atualmente o diretor-presidente da companhia na Rodésia. Como antigo Governador de Uganda, trouxe consigo uma experiência de procônsul quanto ao governo de "nativos". Uganda fornece também, como diretor local em Zâmbia, C. P. S. Allen, até recentemente Subsecretário de Estado Permanente junto ao seu Primeiro-Ministro. Assim são os agentes imperialistas recompensados pelos serviços aos seus verdadeiros senhores. A oposição à constituição da nova diretoria local foi combatida pelo presidente da British South Africa Co., P. V. Emrys-Evans, com a explicação de que a medida dará maior grau de autonomia à administração local e fortalecerá a representação da companhia em Zâmbia. O próprio Sr. Emrys-Evans é diretor da Anglo American Corporation, assim como da Rio Tinto Zinc Corporation Ltd. O Sr. Emrys-Evans defende os interesses de Barclays Bank D. C. O. pelo seu cargo de diretor do banco e sua solicitude pelo desenvolvimento da Rodésia está implícita na sua condição de diretor da Rhodesia Railways Trust Ltd., subsidiária da British South Africa Company. Outras conexões com o imenso império Oppenheimer são confirmadas pela sua condição de membro do Comitê Londrino da Rand Selection Corporation Ltd. A morte de Lorde Robins elevou-o da vice-presidência à cabeça da diretoria da British South Africa Co., onde se contavam entre seus colegas o finado Sir C. J. Hambro, Harry Oppenheimer, L. F. A. d'Erlanger e outro ex-procônsul, o Visconde Malvern, que traz consigo as bênçãos do Merchant Bank of Central Africa, Scottish Rhodesian Finance Ltd. e Standard Bank of South Africa.

Boa parte do relatório anual de 1962 apresentado por Emrys-Evans aos acionistas foi devotada ao que o documento descreve como críticas mal-informadas à



“política atribuída ao grupo de retirar grandes somas de dinheiro do país ao mesmo tempo que se recusa a intervir no seu desenvolvimento”. A tentativa de rejeitar essas críticas com a afirmativa de que durante dez anos a companhia investira mais de dez milhões de libras no território, uma média de um milhão por ano, não satisfazia os africanos rodesianos, que sabiam muito bem que a companhia recebera em rendimento bruto de seus *royalties* sobre o cobre do norte da Rodésia, somente no ano de 1961-62, a soma de dez milhões e 900 mil libras. Os impostos vão ter ao Reino Unido e à África do Sul, assim como os dividendos que, para o ano de 1959-60, absorveram 4 128 863 libras de um lucro consolidado de 8 148 245 libras, atingido depois de abater quase um milhão de libras para depreciação de investimentos e mais de 5 400 000 libras para impostos.

Os elos originais de Rhodes com as minas de Rand e Kimberley foram ligados mais estreitamente, por uma teia de mil fios, com a Rodésia e Zâmbia, do que lhe poderia ter sido possível prever em seu tempo, embora fôsse essa sua principal esperança e ambição. Esse tecido interligado fornece, em parte, a corda do carrasco que está servindo para tentar estrangular a independência africana e a unificação política da África.

## 12. Companhias e combinados

**D**AR ALGO semelhante à relação completa da complicada rede de companhias estrangeiras que atualmente governa tão grande parte da vida econômica africana seria impossível, no espaço de um único livro. No entanto, é necessária uma referência às mais importantes e em muitos casos seus interesses comuns podem ser demonstrados sob a forma de diagrama. Por trás da fachada de separação, fortes elos de união amarram apertadamente essas poderosas firmas.

Uma das mais poderosas empresas do Leste Africano é Tanganyika Concessions. O nome ilude. Foi realmente registrada em Londres, em fins de janeiro de 1899, e hoje o controle da companhia é exercido de Salisbury, Rodésia, para onde foi transferido no segundo semestre de 1950. As operações em Tanganica não foram ainda totalmente desenvolvidas, embora incluam duas importantes minas de ouro e uma companhia de mineração, além de alguns direitos de prospecção. A escritura da companhia tem significado maior em Zâmbia, onde foi adquirida da British South Africa Co. uma concessão de extensa área, juntamente com determinados direitos de prospecção. De Zâmbia, propagam-se ao Congo, onde a companhia controla uma concessão

de minério de 150 quilômetros quadrados obtida do Comitê Especial (belga) de Catanga. Para dar à Tanganyika Concessions os direitos sobre essa extensão de território do Congo, o Comitê de Catanga tornou-se beneficiário de 60 por cento do *royalty* pago pela Union Minière.

Não devemos, no entanto, admitir por um só momento que nos induzam ao erro de pensar que a Tanganyika Concessions permitiu que o Comitê Especial "levasse a melhor". A companhia tornou-se membro do Comitê. A maneira dos financistas que, cautelosa e argumentadamente, não jogam todos os trunfos numa só cartada, uma nova organização foi criada para cuidar de uma concessão que abarca uma área equivalente a três quintos do território de Gana. Trata-se da famosa Union Minière du Haut Katanga, cuja reputação, com o correr dos anos, tornou-se notória pela exploração impiedosa do Congo.

Outro interesse estratégico de Tanganyika Concessions é a ferrovia que liga a Baía do Lobito, na Angola, à fronteira angolana com o Congo, operada pela Companhia do Caminho de Ferro de Benguela. A companhia ferroviária é uma criação da Tanganyika Concessions, que possui 2 700 000 libras, ou seja 90 por cento de suas ações de duas libras, assim como o capital total de debêntures. A Companhia Caminho de Ferro de Benguela em 1961, construiu um ramal da cidade de Robert Williams para a região de mineração de Guima, que foi inaugurado em agosto de 1962. A Commonwealth Timber Industries Ltd., vasto negócio de silviculturas e madeira, é também controlada pela Tanganyika Concessions, que possui 60 por cento dela.

Novobord (U. K.) Ltd., a filiada britânica da Commonwealth Timber, conseguiu com a assistência das companhias africanas em que a Société Générale é associada, construir uma serraria e uma fábrica para a manufatura de painéis de fibra de madeira em Thetford, em Norfolk. A capacidade da fábrica permitirá produzir cerca de 2,33 milhões de metros quadrados de

painéis, anualmente, com um capital investido de cerca de dois milhões de libras.

Quando a Tanganyika Concessions estava para transferir sua sede de Londres para Salisbury, assumiu um compromisso com o Tesouro de Sua Majestade que nem dúvida teve alguma influência na vacilação política do Governo britânico durante o colapso da Federação Centro-Africana. Deve também esclarecer o seu comportamento quanto ao Congo e ao domínio português na África. O compromisso é o de que, por um prazo mínimo de dez anos, a Tanganyika Concessions não iria, sem o consentimento do Tesouro Britânico, "dispor dos seus interesses, cedê-los ou hipotecá-los em todo ou em parte na Union Minière du Haut Katanga ou na Benguela Railway (Caminho de Ferro de Benguela), exceto, no caso desta, em favor do Governo português nos termos do Acordo de Concessão".

A restrição não terminava com o prazo de dez anos, uma vez que uma cláusula estabeleceu ainda que subsequentemente "nenhuma venda ou outra forma de alienação dos interesses ou de qualquer parte deles (exceto como foi mencionado anteriormente) será feita sem que os valores postos à venda ou de outra forma alienados sejam primeiramente oferecidos ao Tesouro de Sua Majestade ao mesmo preço e nos mesmos termos oferecidos à terceira parte".

Essas cláusulas deram ao Governo britânico um interesse direto, nas operações da Tanganyika Concessions, União Minière e Caminho de Ferro de Benguela, que deverá influenciar seu procedimento em relação à luta pela independência no centro e no sul da África. Ainda mais tendo em vista as relações de tipo especial que a Grã-Bretanha tem mantido com seu mais antigo aliado, Portugal. Do ponto de vista das companhias, em si, estas devem se sentir encorajadas por esse interesse especial do Governo britânico em mantê-las em posição estratégica através do grande cinturão central da África.



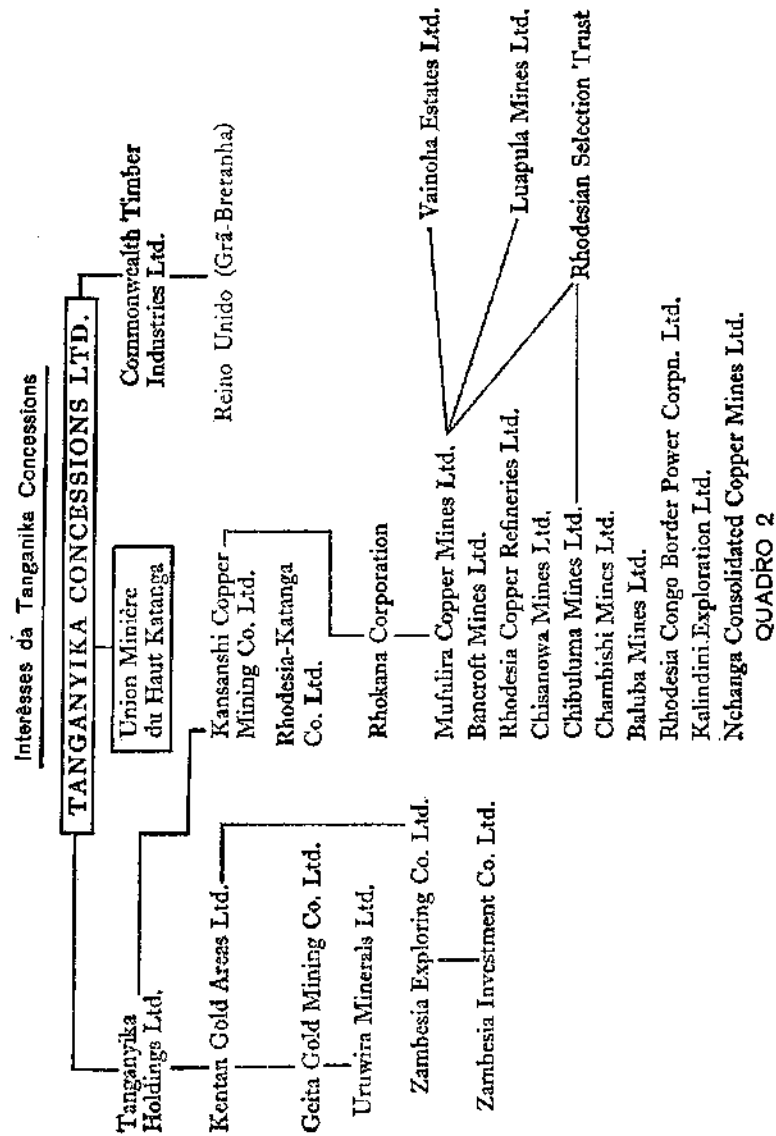
A Tanganyika Concessions, tanto diretamente como através da Tanganyika Holdings, tem uma participação importante na Rhodesia Katanga Co. Ltd, com a qual, em conjunção com Zambesia Exploring, foram adquiridos interesses em Kakamega Gold Fields, no Quênia, depois transferidos a Kentan Gold Areas, na qual a Rhodesia-Katanga tem uma parcela substancial. A Rhodesia-Katanga é devedora da British South Africa Co., por causa dos direitos perpétuos de mineração que esta lhe cedeu sobre quaisquer minerais, inclusive carvão, mas excluídos diamantes e pedras preciosas, que podem ser encontrados em cerca de 6 500 quilômetros quadrados de Zâmbia. Além disso, tem direitos perpétuos à mineração de carvão em 20 áreas de 300 acres, cada uma delas sujeita a 15 por cento de comissão para a British South Africa Co.

O rol completo das subsidiárias da Tanganyika Concessions inclui finalmente a Tanganyika Properties (Rhodesia) Ltd., de inteira propriedade da Concessions e registrada em Salisbury, Rodésia. Fornece escritórios e alojamentos para o pessoal, além de serviços afins, assim como mantém determinados investimentos.

O lucro consolidado da Tanganyika Concessions durante o ano que se encerrou a 31 de julho de 1961 foi de 3 296 325 libras, de um rendimento total de... 4 462 667 libras. Seu ativo atual é de 4 380 163 libras em ações e debêntures da Benguela Railway Co.; 5 300 318 libras em ações e empréstimos à Commonwealth Timber Industries; 1 317 793 libras na Tanganyika Holdings, e 4 019 629 libras na Union Minière, cujas ramificações serão estudadas em um capítulo posterior.

Chegando à South-West Africa Co. Ltd., encontramos a Anglo American Corporation e a Consolidated Gold Fields fundidas para explorar uma vasta parte da riqueza da África meridional.

A South-West Africa Co. Ltd. foi registrada em Londres em 18 de agosto de 1892, e tem uma concessão especial de direitos exclusivos de prospecção e mineração sobre cerca de oito mil quilômetros quadrados da área de concessão de Damaraland, na África do Sudo-



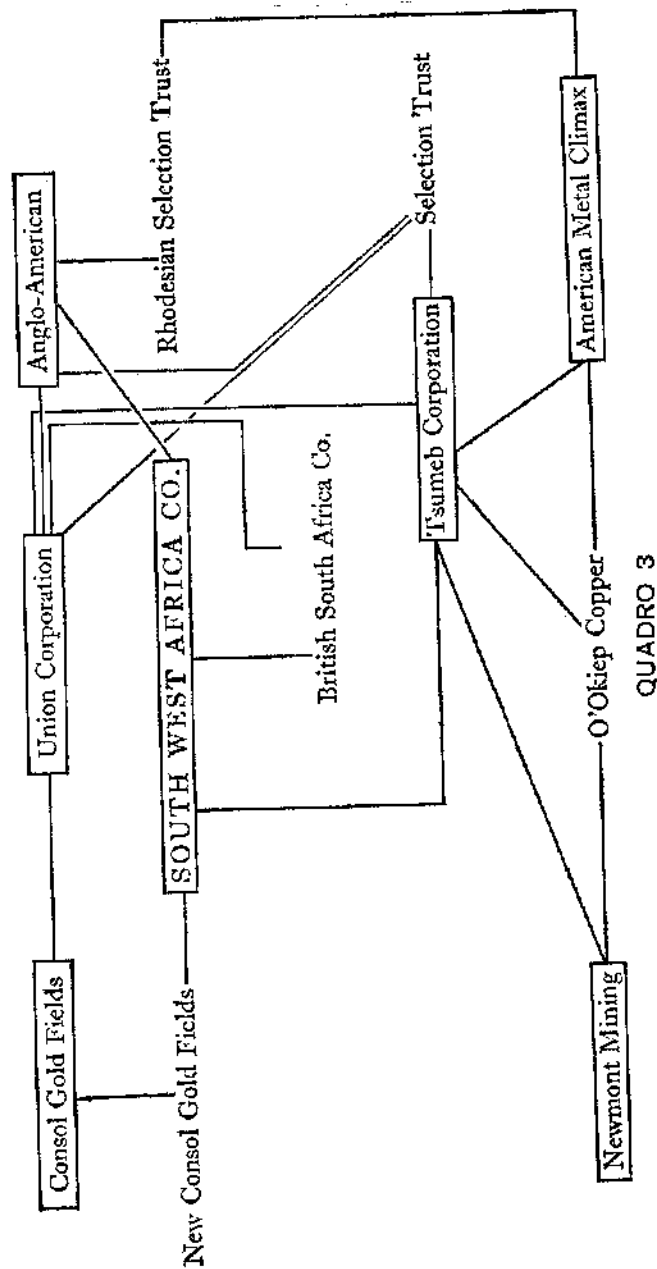
este. Essa concessão foi feita pela administração da África do Sudoeste por um período de cinco anos a partir de dois de janeiro de 1942; posteriormente foi sendo renovada e tem validade até dois de janeiro de 1967. A companhia possui ainda áreas de mineração em vários outros distritos da África do Sudoeste. Produz concentrados de estanho-volfrâmio e zinco-chumbo, assim como vanadiatos.

Várias áreas de terra como as que são possuídas pela South West Africa Co. exigem investimento de capital extremamente pesado para explorar e encorajar a formação de alianças entre grupos desejosos de controlar a produção, distribuição e portanto os preços das matérias-primas. Não somente isso, facilita a canalização do seu processamento através de organizações aliadas. Para seguir essa política de coordenação, a South-West Africa assinou um acordo com um empreendimento conjunto da Anglo-American Consolidated Gold Fields, através do qual subarrendou determinados direitos seus de pesquisar e explorar suas concessões. (Ver o Quadro 3.)

A Newmont Mining Corporation foi formada em Delaware, Estados Unidos, no dia dois de maio de 1921. O objetivo da companhia é adquirir, desenvolver, financiar e operar propriedades mineiras. Para esse fim, um capital acionário de 60 milhões de dólares foi autorizado. Em 31 de dezembro de 1961, 2 824 518 dos seis milhões de ações autorizadas, de dez dólares cada, haviam sido emitidas e pagas. A exploração das minas é realizada pela companhia através da Newmont Exploration Ltd. (Delaware), Newmont Mining Corporation of Canada Ltd. e Newmont of South Africa (Pty) Ltd. O Quadro 4 (pág. 196) dá uma idéia do alcance dos seus interesses.

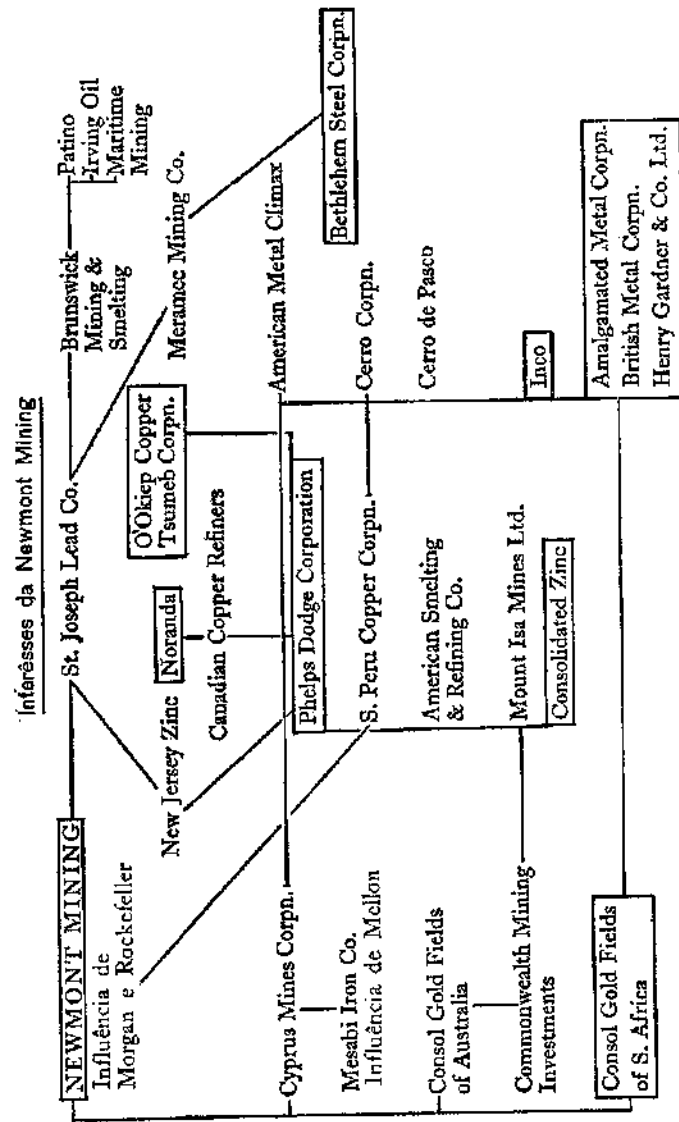
Já encontramos algumas das companhias Rio Tinto em Zâmbia e Rodésia e falamos de outras em conexão com as associações da Société Générale de Belgique com o cenário financeiro e industrial norte-americano. O complexo Rio Tinto é algo que seria difícil omitir em qualquer tentativa de examinar as ramificações do mundo internacional da mineração. Estende-se a partir

Interesses da South West Africa Company



QUADRO 3





QUADRO 4

do Reino Unido, através da Espanha e África e através do Atlântico ao Canadá e Estados Unidos, com incursões pela Alemanha, Bélgica, Austria, Austrália e outros lugares. As mãos da Anglo American Corporation, Consolidated Zinc Corporation e grupos do alumínio de âmbito mundial estão firmemente dadas a ele e representantes dessa combinação de companhias do Congo adornam as diretorias que possuem nomes aristocráticos como Rothschild e Cavendish-Bentick.

Embora seus interesses fôssem originalmente minas de pirita na Espanha, a Rio Tinto Co. Ltd. foi registrada em Londres em 1873. De acordo com a época e a tendência geral para a combinação e o monopólio, a companhia sofreu algumas alterações. Seus diretores estavam entre os mais fervorosos partidários do General Franco à época da Guerra Civil Espanhola. Essa devoção à causa do Caudillo sem dúvida os fez prosperar, de modo que juntamente com seus associados na esfera financeira mais ampla puderam estender seus tentáculos através da indústria de zinco e alumínio até os metais preciosos e o campo dos metais, em geral.

Em 1954, a Rio Tinto transferiu suas posses na Espanha a uma companhia que criou naquele país com um capital de um bilhão de pesetas, sob o título de Companhia Española de Minas de Rio Tinto S. A. Por essa digna prova de sua sensibilidade ao patriotismo espanhol, recebeu uma compensação de 36 666 830 pesetas, em pagamento de lucros acumulados até 1.º de janeiro de 1954 e todas as 333 333 333 ações "B" de mil pesetas cada, da nova companhia. Além disso, foi-lhe concedido um pagamento em espécie de 7 666 665 libras esterlinas. A Rio Tinto tem ainda uma retirada de honorários por serviços técnicos e comerciais prestados em Londres à companhia espanhola, na qual a sua posse de todas as ações "B" lhe dá ainda um interesse direto.

A Rio Tinto é agora uma companhia *holding* de investimentos, levada por suas operações financeiras à vanguarda do empreendimento industrial. A África figura com destaque em suas esferas de atividade e suas

mais importantes participações acionárias no continente são na Rhokana Corporation e na Nchanga Copper Mines, nas quais, como já vimos, se associa à British South Africa Co., Anglo American Corporation, Union Corporation, Tanganyika Concessions, Union Minière e Rand Selection Trust, em suas participações nos importantes empreendimentos mineiros e industriais da Rodésia e África do Sul.

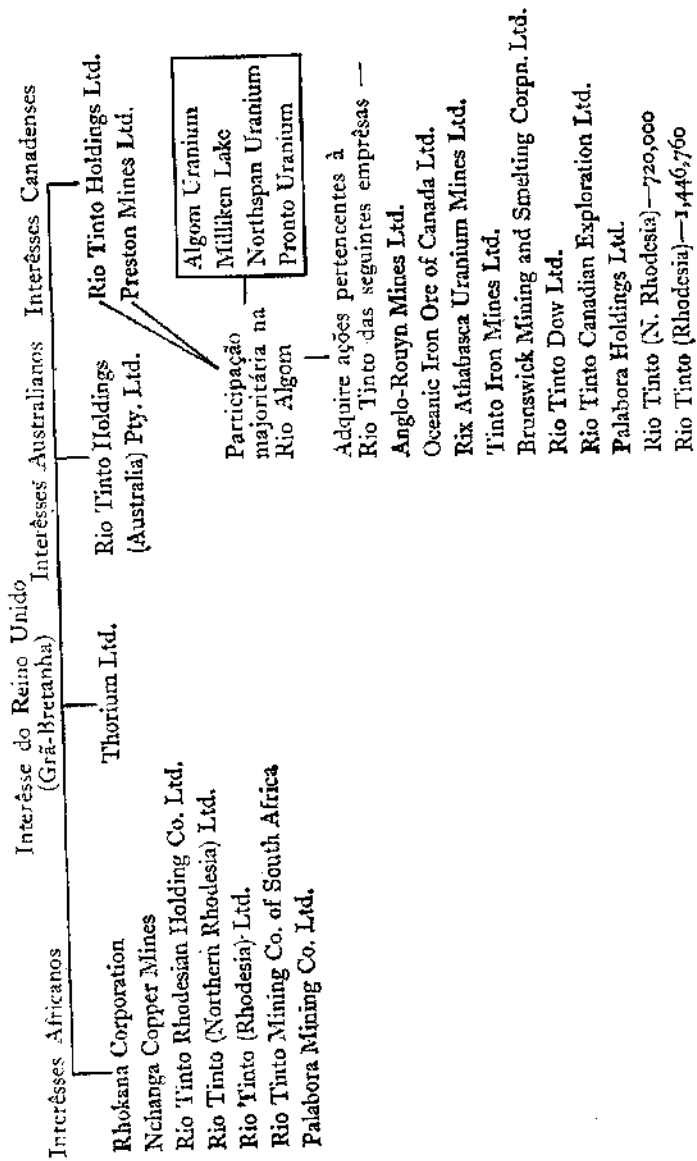
Tão tortuosos e incrivelmente expandidos são os elos que ligam os grupos que exploram os recursos da África aos dos que enriquecem em outros recantos da terra, que nada de extraordinário devemos ver ao seguirmos a Rio Tinto da África, através de algumas das mais poderosas forças financeiras norte-americanas e britânicas, até a Rio Tinto do Canadá.

Uma das molas motivadoras do monopólio mais prontas à ação é a de impedir, em áreas novas ou inexploradas, a entrada de grupos rivais e, onde esse esforço se mostre inútil ou impossível, de colaborar com eles. Veremos, em capítulo posterior, como a Canadian Eldorado forçou a Union Minière a baixar o preço do urânio e como seus interesses se conjugam através da representação de Sogemines na diretoria da primeira. No mundo da livre iniciativa ocidental, a competição está sendo corroída pelo papel do monopólio, de bateador solitário em busca de lucros que não sejam divididos.

Assim as riquezas africanas são levadas a ajudar as ramificações manipulativas do capital financeiro internacional. Entre a Société Générale e a Rio Tinto se interpõe uma sólida falange de poder entrelaçado que avança furtivamente pelo mundo.

Penetrando no mundo do alumínio, a Rio Tinto formou uma aliança com a Consolidated Zinc Corporation Ltd. Essa fusão parecia, superficialmente, unir dois grupos poderosos que não tinham ligações conjuntas. Essa separação ostensiva iludiria apenas o ignorante. Seu subterfúgio é destruído imediatamente, com um simples olhar de relance dirigido à diretoria combinada, que logo mostra as conexões com a mineração e os

**RIO TINTO CO. LTD.**





interesses financeiros sul-africanos. P. V. Emrys-Evans é um membro proeminente e o Rt. Hon. Lorde Baillieu, K. B. E., C. M. G., é o vice-presidente. Lorde Baillieu é também o vice-presidente da Central Mining and Investment Corporation Ltd., importante firma de investimento e finança do grupo de companhias da Anglo American dirigido por Harry F. Oppenheimer e C. W. Engelhard. O Sr. Emrys-Evans é também importante, sendo vice-presidente da British South Africa Co. e diretor da Anglo American.

No entanto a ligação vai além disso. A British South Africa Holdings Ltd. e algumas das suas associadas, segundo um acordo datado de sete de dezembro de 1960, subscreveram dez milhões de libras esterlinas, em ações, para a Consolidated Zinc, sob a forma de um empréstimo a 5,5 por cento em estoque, em troca de opção para adquirir 2 285 714 ações ordinárias de uma libra, cada, na Consolidated Zinc, ao preço de 87 xelins e seis *pence* por ação. Aqui entramos na trama intrincada da política financeira do alumínio, na qual a Consolidated Zinc fez profundas incursões através da sua aliança com a Kaiser Aluminium & Chemical Corporation na Commonwealth Aluminium (Pty) Ltd., comumente conhecida como Comalco. As opções adquiridas pela British South Africa Holdings podem ser exercidas a qualquer tempo entre o dia 1.º de junho de 1966 e 1.º de julho de 1968, ou na data em que a Commonwealth ou suas companhias associadas na operação tiverem produzido um total de 200 mil toneladas longas de lingotes de alumínio na nova refinaria planejada pela Comalco, o que vier por último.

O principal interesse da Kaiser Aluminium está em Kaiser Bauxite Co., Jamaica, de sua inteira propriedade. Além de suas atividades na mineração, a Kaiser opera indústrias de processamento e produtos químicos nos Estados Unidos e Canadá e possui investimentos em instalações de mineração, purificação e produção de alumínio e na indústria de fabricação de artigos de mercado, no Reino Unido, América do Sul, África e Ásia. Opera através de duas subsidiárias de sua inteira pro-

priedade, a Kaiser Aluminium & Chemical Sales Inc. e a Kaiser Aluminium International Corporation. Como a Reynolds Metals, Kaiser Aluminium somente invadiu a indústria do alumínio nos Estados Unidos sob o ímpeto da demanda, em tempo de guerra, de metal para aviões. Antes da Segunda Guerra Mundial, a Aluminium Co. of America — ALCOA — era o único produtor doméstico de alumínio primário.

A Consolidated Zinc, com um capital autorizado de 25 milhões de libras, tem extensos interesses que a tornam um formidável controlador de numerosos metais importantes e produtos químicos importados. Formada há menos de 15 anos, em fevereiro de 1949, suas finalidades eram "desenvolver, expandir e prosseguir ou financiar, seja por si mesma ou através de suas companhias subsidiárias ou associadas, o desenvolvimento, expansão e prosseguimento da mineração de chumbo e zinco e de indústrias produtoras de matérias-primas e outras e a fundição, refino e manufatura e outras indústrias associadas a partir desse ponto, por todo o mundo e particularmente na Commonwealth".

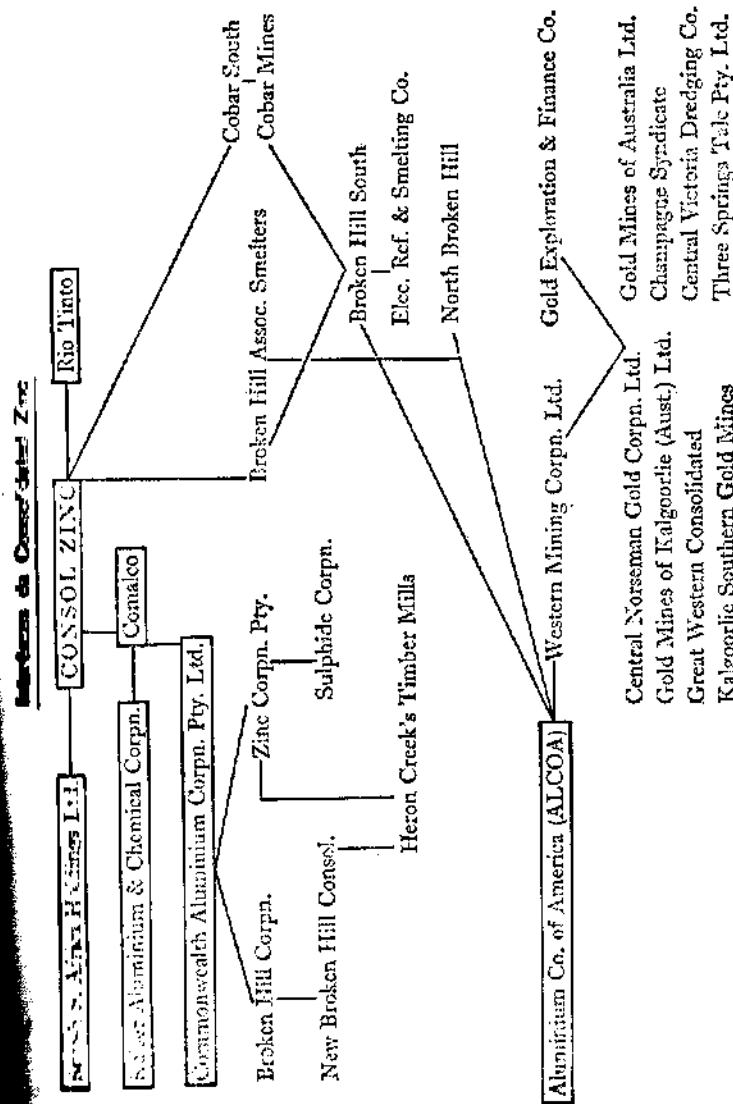
Tudo isso aparentemente não tem ligação com a África, mas é bastante olhar para algumas das diretorias para descobrir imediatamente como são estreitos os laços de união com a rede Oppenheimer e os grupos financeiros a ela associados.

São esses os colossais interesses envolvidos em ouro que estão por trás da fusão Consolidated Zinc-Rio Tinto. A nova companhia *holding*, Rio Tinto-Zinc Corporation Ltd., foi criada por uma operação financeira que deu aos acionistas da Consolidated Zinc 58 ações ordinárias de dez xelins, cada, na nova companhia, em troca de cada 20 ações de uma libra da Consolidated Zinc. Os acionistas da Rio Tinto receberam 41 ações de dez xelins, cada, da nova companhia, em troca de cada grupo de 20 unidades ordinárias de estoque de dez xelins possuídas na Rio Tinto. As ações preferenciais de ambas as companhias foram também trocadas por ações preferenciais da nova.

A fusão colocou a Rio Tinto-Zinc bem na vanguarda do campo do alumínio, acentuando sua posição já importante no campo do zinco-chumbo e metais não-ferrosos. Trouxe a Consolidated Zinc mais completamente para a esfera da exploração mineral na África, através da participação acionária da Rio Tinto em algumas das principais empresas que operam na África do Sul, Rodésia e outros pontos. As conexões com os cenários financeiros e industriais norte-americanos, canadenses e australianos tornam-se evidentes após o breve resumo da situação apresentado. Através desses interesses, o combinado Rio Tinto-Zinc tem cordéis adicionais que o ligam outra vez à África.

Há alguns materiais não-metálicos raros e localizados que são usados em indústrias básicas e secundárias. Entre eles estão incluídos amianto, corindo, mica, vermiculite, rocha fosfatada, gesso, pigmentos minerais, fluorita e sílica. O mais importante é o amianto. É encontrado em três fibras principais: crisolita, crocidolita ou amianto azul e amosita. Todas as três têm características comuns. São incombustíveis, não conduzem o calor ou a eletricidade. São praticamente insolúveis em ácidos e podem ser tecidas.

São as pequenas variações nas propriedades que lhes dão diferentes usos. A crisolita é a mais resistente ao fogo e sua textura forte, de boa flexibilidade, torna-a altamente adequada para tecidos de amianto e para a utilização em lonas de freio, discos de embreagem e encaixes de isoladores. É também usada para placas de amianto e produtos de mistura de amianto. O amianto azul tem maior elasticidade e resistência à tensão e embora não seja tão resistente ao fogo, suporta melhor ácido e água do mar. É usado particularmente na manufatura de tecido de filtro, revestimento de caldeiras, embalagem de isoladores e produtos de amianto. A amosita tem um comprimento de fibra de sete e meio a 15 centímetros e tem maior resistência ao calor do que a crocidolita e maior resistência à água do mar do que o amianto azul. Essas propriedades tornam-na particularmente adequada à utilização em materiais tecidos e na



QUADRO 6



aviação. A África do Sul é atualmente quase que o único lugar onde são encontrados tanto o amianto azul como a amosita. O Canadá é o maior produtor de crisólita; a África do Sul e a Rodésia ficam-lhe muito atrás.

Os depósitos sul-africanos ficam principalmente na Suazilândia e no leste do Transvaal. Estão sob o controle virtual de uma firma britânica, Turner & Newall Ltd., registrada em 1920, que tem em suas mãos 90 por cento do comércio britânico de amianto. Esse fato permitiu-lhe obter um acordo em 1930 com a União Soviética regulando as entregas ao mercado continental. A União Soviética, importante produtor de crisólita de alto teor, cessou de exportar após a última guerra.

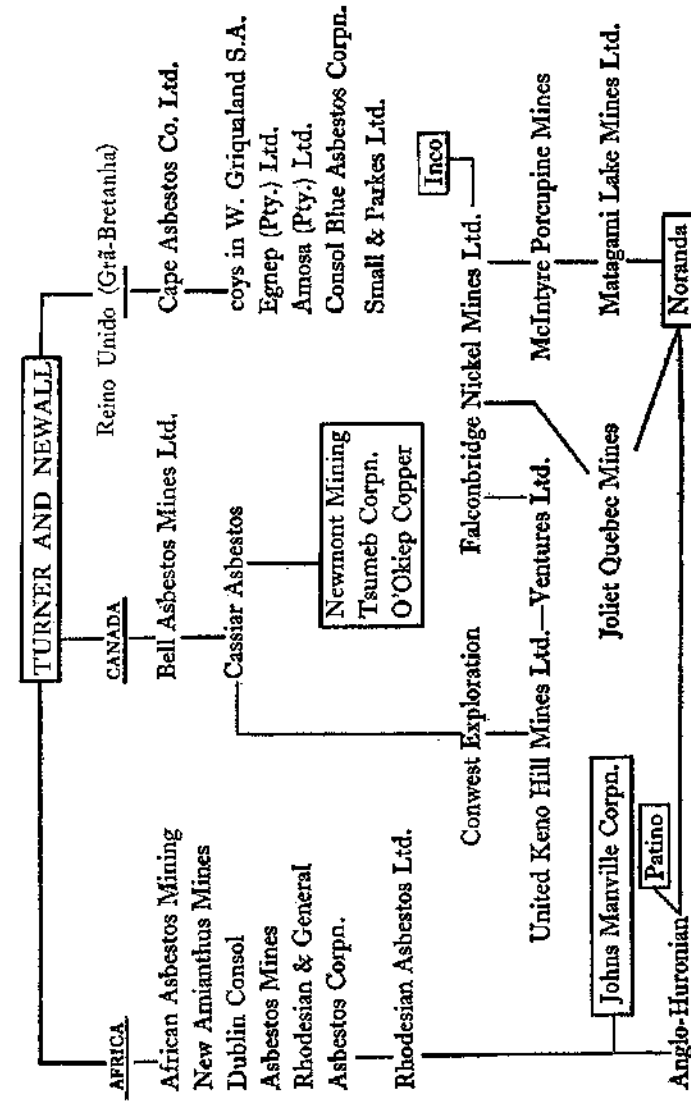
Superficialmente pouco impressionante, a diretoria da Turner & Newall tem como presidente Ronald G. Scothill, que está associado ao mundo dos seguros como diretor da Liverpool and Globe Insurance Co. Ltd. e Royal Insurance Co. Ltd. e com a fiança como diretor do District Bank. Seu capital, no entanto, é impressionante, estando autorizado a 60 milhões de libras com quase 50 pagos. Originalmente de três milhões de libras, o aumento do capital da companhia dá uma indicação da ampliação do seu domínio sobre a mineração de amianto e indústrias conexas.

Essa capitalização torna-se mais clara quando se relaciona com a extensão do reino do amianto, de Turner & Newall, que se baseia nas minas africanas e canadenses. Companhia *holding*, a Turner & Newall tem uma rede de subsidiárias por todo o mundo, que manufaturam e vendem amianto, magnésia e produtos afins. (Ver o Quadro 7).

Um recente levantamento mostra que cerca de 60 a 70 por cento de toda a atividade de negócios do mundo são controlados por menos de dois por cento de todas as companhias do mundo. O colossal Unilever Trust é um exemplo perfeito dessa proporção monopolística de controle.

Para milhões de donas de casa, uma entidade incorporada chamada Unilever é algo que não existe. Há

Alguns dos interesses e ligações da Turner & Newall



QUADRO 7

apenas a rotina diária de escolher entre Lifebuoy e Lux, Pepsodent e Gibbs, Omo e Surf — de comprar chá Lipton, salsichas Wall e alimentos congelados Bird's Eye, Flytox, margarina Stork e cosméticos de Harriet Hubbard Ayer. Também do ponto de vista do coletor de impostos, Unilever tampouco é uma entidade incorporada, mas duas companhias separadas, a companhia britânica Unilever Limited, e a companhia holandesa Unilever N. V. Mas a Unilever tem subsidiárias por toda a Europa, na Bélgica, Austria, Dinamarca, Alemanha, Finlândia, Itália, Suécia e Suíça. Em todas essas nações, tende a controlar a produção de sopas, alimentos congelados, sabão, margarina, inseticidas, detergentes, cosméticos e óleos comestíveis. Tem também interesses poderosos e centenários na América Latina, África do Sul, África Ocidental e Central, Índia, Ceilão, Federação da Malásia, Trinidad, Tailândia e Filipinas.

O mais robusto rebento da Unilever no ultramar é a United Africa Company através da qual o truste se tornou conhecido como o "Rei sem coroa da África Ocidental". A United Africa Company é a maior companhia internacional de comércio do mundo, e contra a crença de que a liberação dos territórios coloniais suprimiria automaticamente o capitalismo monopolista, o império Unilever continua a prosperar. Isso acontece porque soube adaptar sua política ao "desafio dos tempos", nas palavras de um relatório da companhia. E assim, a Unilever está aplicando objetivos de lucro a outros setores mais rendosos. Acelerou sua retirada do comércio de mercadorias e produtos da África Ocidental para se concentrar no desenvolvimento em carros, engenharia e no lado farmacêutico do negócio. O objetivo neocolonialista não é apenas o de exportar capital, mas também o de controlar o mercado do ultramar. Dêsse modo são sutilmente feitas tentativas para evitar que os países em desenvolvimento dêem passos decisivos rumo à industrialização, uma vez que a exploração do crescente mercado indígena é agora o seu objetivo primordial. Se falham os esforços para impedir a industrialização, então é preciso garantir para o truste, a todo

custo, uma participação no desenvolvimento que ele não consegue impedir. E por sua própria natureza essa participação frustra qualquer novo progresso, uma vez que assegura um fluxo regular de pagamentos aos cofres do capital monopolista sob a forma de *royalties*, patentes, acordos de licença, assistência técnica, equipamento e outros "serviços". Dá também prioridade à montagem e embalagem de produtos estrangeiros freqüentemente apresentados sob falsos rótulos de companhias nativas. A preferência dada atualmente pela Unilever às indústrias de embalagem não é coincidência.

O moderno truste se apóia menos no montante de dividendos do que em determinadas cláusulas dos acordos da Companhia que tornam o capital nativo dependente do capital monopolista para a renovação de contratos e a destinação de fundos. É significativo que numa recente edição da *New Commonwealth*, a United Africa Company tenha sido citada como "o gigante gentil". Os métodos monopolistas tornaram-se mais sutis, mas a famosa afirmação de Lever parece ser ainda verdadeira: "Afinal de contas, estamos trabalhando em prol dos interesses permanentes da Grã-Bretanha."



### 13. Os gigantes do estanho, alumínio e níquel

**O** IMPÉRIO estanífero de Patiño of Canada Ltd. e suas associadas estende-se da América do Sul ao Reino Unido e América do Norte e através da África ao Pacífico e à Ásia. Capitalizada em dez milhões de dólares, a Patiño of Canada emitiu e pagou 1 971 839 ações de dois dólares. Destas, 47,2 por cento estão na posse de uma casa financeira panamenha pertencente ao grupo Patiño, Companhia de Bonos Acciones y Negocios Industriales — COBANISA. A aquisição feita por Patiño na General Tin Investments Ltd. em 1962 trouxe a êsse *tycoon* uma parte maior da expansão do Reino Unido no mundo de mineração e comercialização do estanho. A General Tin Investments é acusada de adquirir e possuir ações em companhias mineradoras, financeiras e industriais, sendo suas principais participações acionárias ligadas à indústria do estanho. A General Tin desenvolve suas operações de financiamento através de uma subsidiária de sua inteira propriedade, General Metal Securities (London) Ltd. A Patiño preside ambas as diretorias, onde tem como colegas o Conde G. du Boisbouvray, J. Ortiz-Linares e E. R. E. Carter. Carter é o presidente da Brunswick Mining & Smelting Corpo-

ration e de várias outras companhias associadas ao grupo Patiño. Brunswick entra na esfera de influência de Morgan através do interesse mantido por Saint Joseph Lead Co. Sabemos também que a Sogemines se ligou, com um investimento substancial, à New Brunswick Mines, da Brunswick Mining. Os raios que partem do eixo africano da Société Générale de Belgique rumo aos assuntos dos mais poderosos monopólios financeiros do mundo parecem crescer sem limite.

Os investimentos diretos de Patiño no Canadá incluem substanciais participações na Copper Rand Chibougama Mines Ltd., Advocate Mines Ltd., Nipissing Mines Co. Ltd., e Brunswick Mining. Através de artificios financeiros, a consolidação das principais companhias canadenses do grupo foi alcançada em 1960. Isso foi feito através de um acôrdo entre a Copper Rand, Nipissing Mines, Chibougama Jaculet Mines Ltd., Portage Island (Chibougama) Mines Ltd., Patiño of Canada e Bankmont & Co., uma casa de financiamento. O cobre é o principal mineral extraído, mas ouro e prata são também produzidos. A propriedade da Copper Rand cobre cerca de dez mil acres, em quatro concessões. Portage Island é uma propriedade da Copper Rand contendo ouro e cobre, e a mina Jaculet é produtora de cobre.

A Nipissing entra no quadro como contribuidora financeira para o desenvolvimento da propriedade de Portage Island. Possui numerosos direitos registrados a mineração de áreas em Quebec e diversos interesses acionários. Suas operações se ramificam para os Estados Unidos, através de uma subsidiária de sua inteira propriedade, Apalachian Sulphides Inc., com direitos de mineração sobre depósitos de minério nos estados norte-americanos de Vermont e Carolina do Norte. Nipissing adquiriu a sua participação da Brunswick Mining comprando de uma subsidiária de Patiño, Patiño Mines & Enterprises Consolidated (Inc.), 137 143 ações e 537 429 dólares de títulos de cinco por cento da Brunswick, dando a Patiño 1 061 145 ações da Nipissing. As participações de Patiño no grupo Chibougama e a sua associação

com Maritime Mining Corporation e Irving Oil Co. Ltd. na compra de 40 por cento das ações de mineração da Brunswick ampliam substancialmente o império Patiño em outros campos além do estanho.

Interesses mineradores e financeiros norte-americanos e belgas tão poderosos quanto os de Patiño ligaram-se à Patiño of Canada na investigação e exploração de depósitos de minério, em base de exclusividade, através de 1 950 quilômetros quadrados de terras na costa nordeste de Newfoundland, conforme direitos concedidos à Advocate. No final de 1960 as reservas comprovadas de minério totalizavam 35 milhões de toneladas de material de teor comercial. A Advocate está processando amianto dentro de um projeto empreendido por Patiño of Canada em conjunto com Canadian Johns-Manville Co. Ltd., Amet Corporation Inc. e Financière Belge de l'Asbestos-Ciment S. A. Os participantes concordaram em colocar a propriedade em base operativa através do fornecimento à Advocate da soma total de 17 900 000 dólares. A Canadian Johns-Manville contribuirá com 49,62 por cento, a Patiño com 17,3 por cento, e a Amet e a Financière Belge com 16,54 por cento, cada uma. O capital da Advocate foi estabelecido em 23 milhões de dólares e as partes no acôrdo entram na divisão do capital na proporção de suas contribuições, considerando os múltiplos de cem dólares.

A Canadian Johns-Manville, que é ligada ao Imperial-Commerce Bank, o maior do Canadá e no qual tem assento um diretor de Johns-Manville, é uma subsidiária de inteira propriedade da Johns-Manville Corporation dos Estados Unidos. Seus principais interesses estão no amianto, que processa, produzindo fibra, e fabrica materiais de construção e industriais. Tem o controle da administração da Advocate e possui também um interesse majoritário e controle administrativo de Coalinga Asbestos Co., da Califórnia, eua, um empreendimento conjunto com a Kern County Land Co. A empresa-mãe, Johns-Manville, norte-americana, fabrica produtos de amianto, magnésia e perlite, possuindo fábricas nos Estados Unidos, Canadá e outros países.



A Advocate adiantou determinadas quantias a Maritime Mining, que tem relações íntimas com Patiño em virtude de sua associação na compra dos *holdings* da Saint Joseph Lead na Brunswick Mining. A parte da Maritime nessa compra foi de 46 por cento do custo de 4 840 000 dólares. A Maritime explora o cobre em concessões localizadas em New Brunswick, Canadá, e em propriedades localizadas em Newfoundland, que lhe pertencem diretamente e também indiretamente, através de uma subsidiária de sua inteira propriedade, Gull Lake Mines Ltd., através da qual também possui todas as ações de Gullbridge Mines Ltd. Tem um acordo com a Falconbridge Nickel Mines dando a esta o direito à participação, no máximo de um terço, em qualquer financiamento que a Maritime possa empreender. Maritime e Patiño of Canada possuem um diretor comum em W. F. James, que pertence também à diretoria da Falconbridge.

A Quebec Metallurgical é outra companhia *holding* que tem amplos interesses dentro e fora do Canadá. Entre estes estão incluídos uma propriedade contendo platina, no Transvaal, África do Sul, uma pequena mina de ouro no Brasil, e interesses em níquel e cobalto na Nova Caledônia, onde, através de ligações com Patiño, está associada a Le Nickel.

Infelizmente para Patiño, determinados bens localizados na Bolívia tiveram que ser cedidos sob um programa de nacionalização. A Bolívia foi, por muitos anos mais do que seu povo desejava, sugada em seus recursos minerais por interesses estrangeiros. Esses recursos, em que predomina o estanho, incluem também prata, chumbo, zinco, antimônio e cobre. Suas jazidas de petróleo são suficientemente grandes para atrair a Standard Oil Co., de Rockefeller, que tomou posição explorando uma ampla concessão, enquanto a Guggenheim Brothers, dos Estados Unidos, assim como britânicas, francesas e outras extraíam estanho e cobre por longo tempo, pagando aos trabalhadores índios cerca de seis *pence* diários.

As propriedades de Patiño Mines & Enterprises Consolidated, incorporada em Delaware, foram nacionalizadas pelo Governo boliviano no dia 31 de outubro de 1952 e cedidas à Corporación Minera de Bolivia (Comibol), de propriedade do Estado. Essas propriedades de Patiño consistiam em direitos registrados de mineração e prospecção, direitos de águas, locais de moinhos, usinas de redução, concentração e hidrelétricas, assim como uma estrada de ferro ligando as minas a um ponto no tronco principal da Antofagasta-Bolivian Railroad Co. Ltd. Patiño formou outra subsidiária em Delaware no ano de 1959, Patiño Enterprises Inc.

Como um dos maiores empreendedores da indústria do estanho, A. Patiño tem assento nas principais organizações consolidadas que defendem os interesses dos que se dedicam a esse campo, geralmente em companhia do Conde de Boissbouvray e de J. Ortiz-Linares. Todos os três encontram-se na diretoria da British Tin Investment Corporation Ltd., companhia do Reino Unido fundada em 1932 para assumir a British-American Tin Corporation Ltd. Juntamente com suas subsidiárias de sua inteira propriedade, Tin Industrial Finance & Underwriting Ltd., e BTIC (Overseas) Ltd., a British Tin possui grandes blocos de ações na indústria de mineração do estanho na Maláia, assim como investimentos em companhias que produzem outros metais e minerais.

A General Tin Investments possui um interesse de 55 por cento na Eastern Smelting Co. Ltd., que possui fundições em Penang, Maláia. Uma subsidiária de inteira propriedade da Consolidated Tin Williams Harvey & Co. Ltd. possui 75 por cento do capital de ações emitido por Makeri Smelting Co. Ltd., incorporada na Nigéria, em 1961. Makeri construiu uma fundição de estanho no platô Jos, ao norte da Nigéria, que iniciou a produção em dezembro de 1961. Vivian, Younger & Bond Ltd., os únicos agentes vendedores da Consolidated Tin, estão bem estabelecidos na Nigéria.

A diretoria da London Tin Corporation Ltd. não inclui qualquer dos diretores da Patiño, mas a relação com os interesses Patiño fica claramente evidenciada

quando notamos em sua diretoria C. Waite, presidente e diretor-gerente da Consolidated Tin Smelters e sua subsidiária Williams Harvey & Co. e diretor de British Tin Investment Corporation e General Tin Investments. O Sr. Waite tem assento também à diretoria de subsidiárias da Consolidated Tin: a Penpoll Tin Smelting Co. Ltd., Eastern Smelting Co., Wm. Symington & Sons Ltd., comerciantes de borracha, e de seus agentes distribuidores Vivian, Younger & Bond.

Diretor da Southern Kinta Consolidated Ltd., da Southern Malayan Tin Dredging Ltd., da Kamunting Tin Dredging Ltd., da Malayan Tin Dredging Ltd., o Sr. Waite de fato representa nessas diretorias os interesses (inclusive os de Patiño) da Consolidated Tin. Diretor, ainda, do Chartered Bank e membro da Diretoria de Londres do British & Foreign Marine Insurance Co. Ltd., ele certamente representa os interesses financeiros que os sustentam. Essa conclusão é confirmada pela presença de Francis G. Charlesworth como diretor da British Tin e como presidente da diretoria da Malayan Tin Dredging e da Southern Malayan Tin. O Sr. Charlesworth é também diretor de determinadas outras companhias estaníferas operando na área da Malaia, ou seja a Kramat Pulai Ltd., Ackam Tin Ltd., e Ayer Hitam Tin Dredging Ltd. É, ainda, membro da diretoria da Locana Mineral Holdings Ltd., que tem a honra de incluir um rebento do império austro-húngaro, Sua Alteza o Arquiduque Roberto Carlos, da Austria.

Locana é uma companhia de investimentos e *holdings*, ligada principalmente à indústria canadense de mineração. O Sr. Charlesworth é um elo direto com o mundo de mineração e comercialização do estanho, através de sua associação com British Tin e respectivos interesses na Malaia. Ao lado do Sr. Charlesworth, sentam-se à diretoria da Locana os Srs. N. K. Kindhead-Weekes e J. N. Kiek. Ambos têm assento também nas diretorias de importantes companhias da África do Sul e Rodésia.

O Sr. Kiek é presidente da diretoria da Chicago-Gaika Development Co. Ltd., uma companhia em existência desde 1897, com direitos registrados em 17 ja-

aldas auríferas no distrito Sebakwe de Metabeleland, Rodésia, que já esteve sob a jurisdição da British South Africa Company. Outras associações do Sr. Kiek são com a London and Rhodesian Mining and Land Co. Ltd., que possui diretamente o registro de 384 minas de ouro, jazidas de metais básicos e terrenos abarcando 767 mil acres na Rodésia. Algumas das propriedades são arrendadas à base de *royalties* e também é desenvolvida a pecuária.

As companhias subsidiárias da London & Rhodesian incluem a Mazoe Consolidated Mines Ltd., Lonrho Exploration Co. Ltd. e African Investment Trust Ltd., que assumiu todos os investimentos da companhia em 1958, exceto ações em subsidiárias e investimentos no comércio. Suas associadas incluem a Arcturus Mines Ltd., Homestake Gold Mining Co. Ltd., Coronation Syndicate Ltd. e North Charterland Exploration Co. (1937) Ltd. Entre outros interesses adquiridos pela London & Rhodesian em 1961 estavam 90 por cento da Consolidated Holdings (Pvt) Ltd., cem por cento da Masnaba Gold Mines (Pvt) Ltd., que opera a Empress Gold Mine em Masnaba, perto de Forte Vitória, Rodésia, 36,6 por cento da Kanyemba Gold Mines e 51 por cento da Associated Overland Pipelines of Rhodesia (Pvt) Ltd., em troca de um milhão e meio de ações na London & Rhodesian e de uma opção sobre outros dois milhões.

De que a London & Rhodesian esteja incluída nos interesses do grupo Oppenheimer não pode haver dúvida, apesar da fachada independente que é mantida. G. Abdinor, diretor de Arcturus Mines, Coronation Syndicate, Homestake, Kanyemba e Mazoe; é também membro das diretorias da Calcon Mines Ltd. (Rodésia do Norte), Spaarwater Gold Mining Co. Ltd. e West Spaarwater Ltd., assim como S. F. Dench, que é presidente da diretoria de West Spaarwater e do Coronation Syndicate e Kanyemba. Spaarwater Gold está entre os interesses da Consolidated Gold Fields, enquanto a Henderson's Transvaal Estates Ltd., da qual o Sr. Dench é diretor, inclui-se no grupo de companhias *holding* do African Investment Trust, de Oppenheimer, em cuja



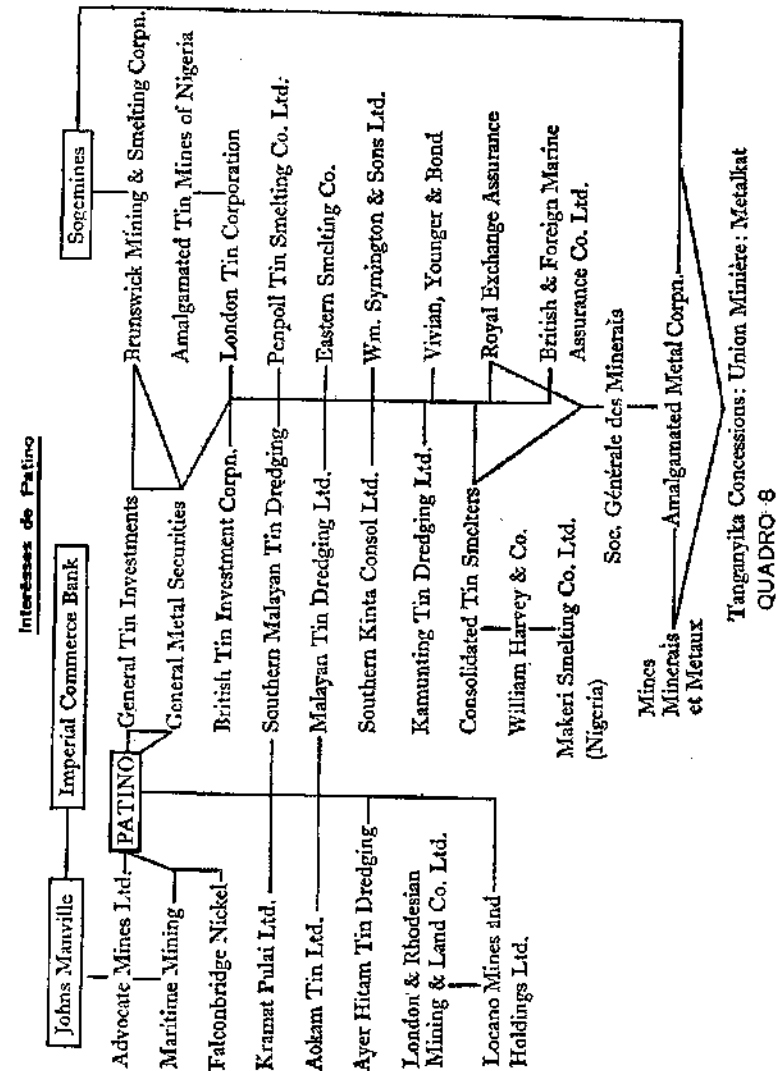
diretoria tem assento o Sr. Kiek. O truste é, na verdade, proprietário absoluto da African Exploration Co. Ltd., que presta serviços de secretaria a West Spaarwater e Coronation Syndicate.

A Henderson's Transvaal Estates, o que é significativo, tem uma subsidiária de sua inteira propriedade, Henderson Consolidated Corporation Ltd., que por sua vez tem uma companhia totalmente subsidiária, Mineral Holdings Ltd., possuindo terras de sua livre propriedade no Transvaal e no Estado Livre de Orange, num total de 3 706 acres, e direitos sobre minérios em outros 689 380 acres. Além disso, tem duas concessões de minérios na Suazilândia, num total de 84 019 acres.

Outra subsidiária de propriedade total da Henderson's Transvaal é a Mineral Holdings Investments Ltd., que possui 720 mil ações de Leslie Gold Mines Ltd. e 200 mil na Bracken Mines Ltd., ambas pertencentes ao grupo Union Corporation do império Oppenheimer. Ambas as minas gozam de um empréstimo de um milhão de libras cada, do National Finance Corporation of South Africa, na qual a Anglo American Corporation e numerosos outros grupos e instituições associados com ela têm substanciais interesses.

J. N. Niek também ocupou a posição de diretor-gerente da Rhodesia Railways Trust Co. Ltd. e de duas outras empresas financeiras de Oppenheimer, Willoughby's Consolidated Co. Ltd. e Willoughby's (Investments) Ewell Ltd. O diretor associado do Sr. Kiek, N. K. Kindhead-Weekes, é diretor de empresas de Oppenheimer da importância de Wankie Colliery (ligada à Tanganyika Concessions e à Union Minière), Chibuluma Mines, Chisangwa Mines e Chambishi Mines, e também de Charterland Exploration Ltd., todas elas na Rodésia. A Charterland recebeu a concessão de direitos exclusivos de prospecção, das mãos da British South Africa Co., sobre áreas num total de 306 mil quilômetros quadrados, em Zâmbia.

A rede de Patiño é apresentada no Quadro 8. Das organizações dominando a indústria do alumínio, notamos em primeiro lugar a Aluminium Co. of America

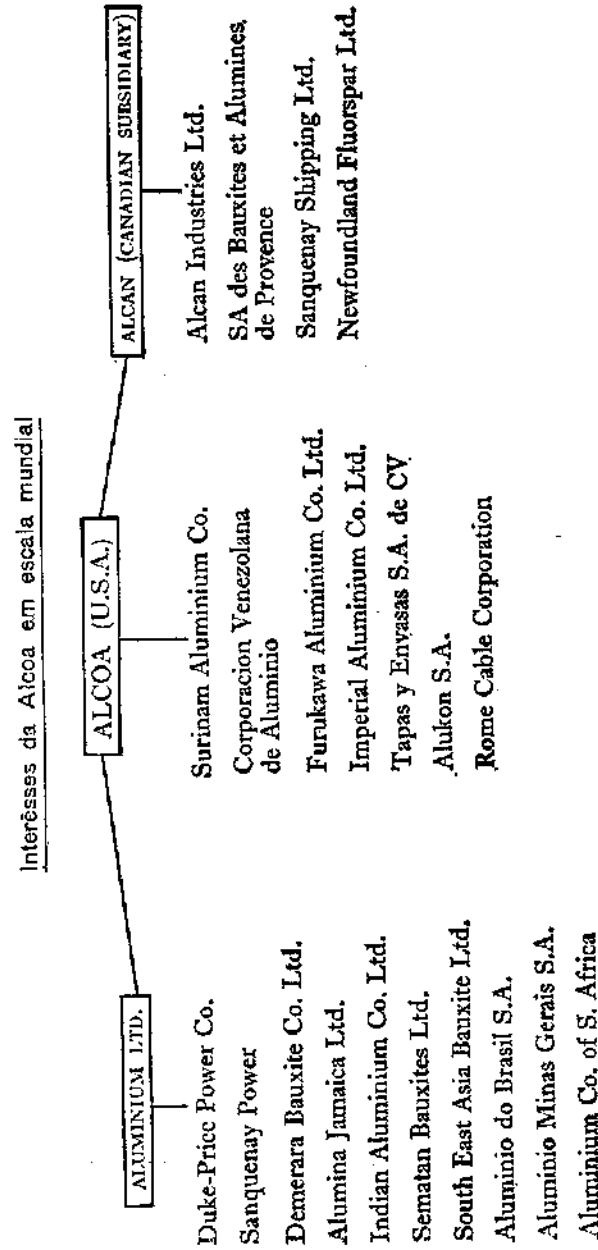


QUADRO 8

(ALCOA) e o império de Mellon. Essa companhia dedica-se à mineração de bauxita em Arkansas e tem subsidiárias escavando e retirando minério de locais longínquos para alimentar as fundições e usinas de processamento nos Estados Unidos. Estas se localizam principalmente nos Estados do Sul, embora haja usinas em Massena, New York. Estabelecimentos de usinagem e fabricação operam em 12 dos Estados norte-americanos, enquanto subsidiárias de inteira propriedade da companhia estão pesquisando a Europa, América Central e do Sul, a região dos Caraíbas, Austrália e a África em busca de matéria-prima.

A Surinam Aluminium Co. é a principal subsidiária produtora do minério. Extrai a bauxita no território holandês de Surinã, parte da Guiana, que se estende pelo canto ao nordeste do continente Sul-Americano e fica ao norte do Amazonas e sul do Orinoco. Segundo um acôrdo com o Governo do Surinã, a Surinam Aluminium tem uma concessão de 75 anos para a mineração de bauxita. Está construindo instalações de fôrça e vai construir uma fundição com capacidade para 60 mil toneladas de alumínio. A construção eventual de uma refinaria de bauxita utilizando minérios locais está prevista, de acôrdo com o material de publicidade distribuído pela companhia. Outra plena subsidiária está extraindo bauxita na República Dominicana e, em maio de 1960, foram adquiridos os direitos de mineração em 30 mil acres da Jamaica. O Quadro 9 mostra a extensão dos interesses da Alcoa no estrangeiro.

Por causa das leis antitruste não há conexão legal direta entre a Alcoa e a Aluminium Ltd., mas são ambas de propriedade do mesmo grupo de acionistas norte-americanos dominado por Mellon-Davis. Dois irmãos, Arthur V. Davis, da Alcoa, e Edward K. Davis da Aluminium Ltd., foram por muitos anos presidentes das respectivas companhias. Quando este último morreu, em 1947, foi sucedido pelo filho, Nathaniel V. Davis. O bloco de ações dos Davis nas companhias de alumínio Mellon é aproximadamente um terço do bloco dos Mellons. Em 1957, o *Fortune*, jornal norte-americano lido





por todos os que desejam estar bem informados sobre assuntos dos grandes negócios, citava Arthur V. Davis como uma das sete pessoas com fortunas entre 400 e 700 milhões de dólares. Das outras seis pessoas, quatro eram Mellons. O Davis da Aluminium Ltd. é um dos diretores do Mellon Bank.

No Reino Unido está a subsidiária Alcan Industries Ltd., e a França apresenta mais uma subsidiária de propriedade integral, a S. A. des Bauxites et Alumines de Provence, na qual a Aluminium Ltd. investiu cerca de cem milhões de dólares. Suas minas produziram em 1960 300 mil toneladas, de onde é tirada a alumina. Para alcançar a independência na esfera do transporte, a Alcan criou a Saquenay Shipping Ltd., inteiramente financiada por ela, que possui e freta uma frota de cargueiros para levar a bauxita, alumina e lingotes do grupo.

Embora Kaiser e Reynolds tivessem organizado companhias com o objetivo de obter a independência do império Mellon, no caso do primeiro a aliança financeira foi logo criada. Reynolds também não conseguiu se manter inteiramente a salvo dos tentáculos de Mellon. Formada em meados de 1928, a Reynolds Metals Co. criou em 1940 sua subsidiária, Reynolds Mining Corporation, para explorar 6 100 acres de terrenos possuídos de bauxita que obtivera em Arkansas e para extrair a fluorita no México, que é embarcada para processamento nas usinas da companhia, nos Estados Unidos.

No exterior, Reynolds possui minas de bauxita e áreas de exploração no nordeste da Guiana Britânica, assim como no Haiti e Jamaica. Os minérios secos são embarcados para fábricas em Massachusetts, Delaware, Arkansas e Texas, nos Estados Unidos, e mais de três milhões de toneladas foram extraídos e embarcados durante o ano de 1961. Outras subsidiárias e filiais operam em Bermudas, Venezuela, Filipinas, México, Canadá, Austrália, África, Colômbia e outras partes do mundo. A Reynolds Jamaica Mines Ltd. adquiriu em 1957 do Governo da Jamaica o direito à mineração de bauxita durante 99 anos em todas as terras que então pos-

sua ou sobre as quais possuía opção, em troca de royalties sobre o minério e impostos. Essas terras totalizavam 74 mil acres. Arrendamentos para mineração foram obtidos em 5 822 acres.

No Reino Unido, as atividades de Reynolds no alumínio são realizadas através da British Aluminium Ltd. Houve época em que parecia que Mellon ia tomar conta da companhia britânica, mas uma aliança entre Tube Investment Ltd. e Reynolds garantiu-lhe o controle de 86 por cento da British Aluminium, cabendo 49 por cento à T. I. e 47 por cento a Reynolds. A Commonwealth, Europa, Ásia e África são abarcadas na esfera de atividades da companhia, com suas subsidiárias e afiliadas controlando recursos hidrelétricos, jazidas de bauxita, usinas de processamento, até um Grande Hotel e um truste de aposentadorias, todos eles relacionados entre os interesses da Tube Investments, como empresa-mãe principal.

A British Aluminium adquiriu em meados de 1961 a Reynolds T. I. Aluminium, que na época pertencia à Tube Investment e à Reynolds, na proporção, respectivamente, de 51 e 49 por cento. Membros da família Reynolds têm assento à diretoria da British Aluminium, que inclui W. B. C. Perrycoste, diretor da Ghana Bauxite Co. Ltd., uma subsidiária de inteira propriedade da companhia, registrada em Londres em 1933. Outros interesses africanos são representados por E. F. O. Gascoigne, presidente da diretoria de Tanganyika Holdings, Kentan Gold Areas, Zambesia Exploring e Zambesia Investment, todas dentro da esfera da Tanganyika Concessions. A imprensa "objetiva" britânica também está representada pela presença, na diretoria da British Aluminium, de Sir Geoffrey Crowther, ex-editor de *The Economist* e seu atual diretor-vice-presidente. A Commercial Union Assurance está também entre as diretorias a que pertencem Sir Geoffrey e Lorde Plowden.

FRIA, Cie. Internationale pour la Production de l'Alumine, na Guiné, é um dos maiores interesses da British Aluminium na África, na qual possui dez por cento das ações. Os planos são de produzir de início 480 mil tone-

ladas anuais, das quais dez por cento estarão à disposição da British Aluminium.

Os Mellons foram o grupo original, diretamente interessado em desenvolver a exploração dos recursos de bauxita da Guiné, mas não tendo condições para pressionar o novo Estado independente africano, seus prepostos foram obrigados a se retirar, depois de despendido sem resultado, segundo seus próprios cálculos, cerca de vinte milhões de dólares. Outros associados na FRIA são:

Olin Mathieson Chemical Corporation, EUA ...	48,5%
Péchiney-Ugine, França .....	26,5%
Aluminium Industrie Aktiengesellschaft, Suíça	10,0%
Vereinigte Aluminium-Werke A. G., Alemanha	5,0%

Olin Mathieson está dentro da esfera de influência de Rockefeller, representado na diretoria da companhia por Lawrence Rockefeller, que atua em nome da família nas atividades alheias ao petróleo. O controle, no entanto, é partilhado com os Morgans. Assim, o grupo Mellon cedeu caminho a um grupo compacto de interesses esmagadoramente mais poderoso, oculto atrás da fachada de Olin Mathieson.

O segundo maior acionista da Fria é um combinado das companhias Péchiney e Ugine. Péchiney é uma abreviatura de Compagnie des Produits Chimiques et Electrometallurgiques. Entre seus diretores conta-se Paul Gillet, um governador honorário da Société Générale de Belgique, presidente da diretoria da Union Minière e associado de muitos dos mais importantes negócios que exploram os recursos africanos. Seu diretor-presidente é Paul de Vitry, diretor do Banque de Paris et des Pays-Bas. Esse banco, do qual Henry Lafond também foi diretor, além de participar com Paul de Vitry da diretoria da Péchiney, opera no Congo e África do Sul. Na verdade, está em toda parte, nos novos empreendimentos iniciados na África, especialmente nos novos Estados à beira do Saara.

Péchiney, registrada em Paris no início do ano de 1896, em continuação a uma companhia formada há

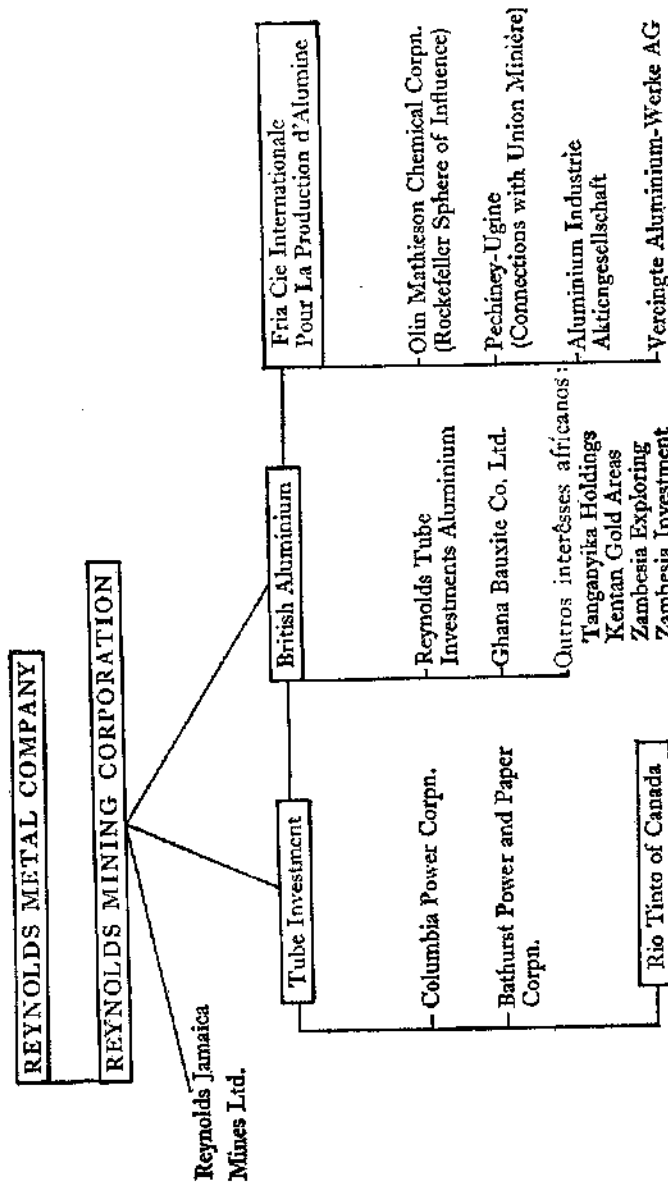
mais de cem anos, em 1855, tem como outras importantes companhias de mineração e metalurgia na França, ligações com as principais casas bancárias do país. Suas proliferações são numerosas, cobrindo a produção de bauxita, baritos e lignita, manufatura de produtos químicos, processamento de alumínio e outros metais e produtos eletrometalúrgicos. Fabrica quase tudo, desde plásticos e ligas de ferro, produtos de grafite, até novos metais e produtos nucleares. Tem posse parcial ou total de companhias filiadas na França e outras companhias na Europa, África e outras regiões. Suas operações de mineração se estendem do norte ao sul da França e à África.

Responsável, hoje, por quatro quintos da produção francesa de alumínio, o comércio do metal pela Péchiney responde por quase 60 por cento do seu fornecimento. Seu único competidor francês digno de nota é a Ugine, que colabora com a Péchiney na política de investimento, como vimos acima, e numa subsidiária conjunta de vendas, Aluminium Français. As duas firmas estão se expandindo rapidamente e a Péchiney tem operações tão extensas quanto as companhias de alumínio britânicas e norte-americanas, embora estas últimas tenham maior produção. Espera-se que a capacidade da Péchiney-Ugine possa alcançar 300 mil toneladas até 1963. Péchiney utiliza 15 por cento da produção total francesa de força, de modo que a descoberta de gás natural em Lacq, no sudoeste da França, representa uma considerável contribuição para a sua expansão. Tinha elevado para 37 por cento o setor do alumínio em suas exportações e espera baixar o custo de produção pela introdução de um novo processo de reduzir a bauxita a alumínio. Uma fábrica-piloto foi posta em operação e seu êxito permitirá à Péchiney se expandir em novas indústrias de alumínio.

Através do Banque de Paris, que segundo se diz é o maior acionista da importante companhia química franco-norueguesa Norsk Hydro, na qual o Governo norueguês tem o controle majoritário, a Péchiney pode se ligar ao projeto. Os noruegueses estão ansiosos por



Interesses da Reynolds



QUADRO 10

aumentar sua produção do nível atual de 200 mil toneladas para 600 mil até 1970. A Pechiney já participa de consórcios operando na Grécia, Espanha e Argentina e tem participações em projetos no Senegal e Madagascar. Na realidade dificilmente aparece um novo consórcio hoje na África, particularmente na região do Magreb, no qual a Pechiney não tenha alguma participação. Sem a menor dúvida, observa atentamente os vastos depósitos de gás natural do Saara, que não ficam a uma distância antieconômica dos campos de bauxita de Mali.

O campo internacional do níquel reúne uma seleta coleção de companhias de extração, processamento e financiamento, cujo controle o conserva dentro de limites numéricos bem exclusivos. Agrupados em torno de International Nickel Co. of Canada Ltd. — INCO — Falconbridge, Sherritt Gordon Mines Ltd. do Canadá e Faraday Uranium Mines Ltd. e Freeport Sulphur Co., dos Estados Unidos, não confinam geograficamente. Desfazendo a trama de seus compromissos, encontramos suas penetrações na África, assim como em outras partes do mundo.

A ligação direta da Inco com os interesses mineiros de Oppenheimer na África já foi evidenciada pela interligação das funções diretivas de Sir Ronald L. Prain e Sir Otto Niemeier. Veremos ainda como, através de seus interesses em determinadas minas, estes estão ligados indiretamente com combinados que possuem laços definidos com a exploração dos recursos minerais da África. É ao examinarmos os interesses financeiros por trás deles que encontramos a continuidade do poder.

O nome Mond traz imediatamente à lembrança o níquel, assim como explosivos, produtos químicos e armamentos, e o encontramos ligado à mais poderosa organização internacional do níquel, sob a forma de International Nickel Co. (Mond) Ltd. Foi o fundador de Brunner Mond & Co. Ltd., Ludwig Mond, quem, tendo inventado o processo de soda de amônia e encontrado uma fonte barata de força no carvão miúdo, descobriu um método de recuperar o níquel de minérios de baixo

teor. Isso levou à descoberta, aquisição e exploração de minas no Canadá, atualmente a principal fonte mundial, vindo os minérios, em sua quase totalidade, do distrito Sudbury de Ontario. A Brunner Mond, juntamente com Novel Industries, United Alkali Co. Ltd. (fusão de 48 usinas) e British Dyestuffs Corporation Ltd., foram reunidos em dezembro de 1926 para formar a Imperial Chemical Industries Ltd.

Mond Nickel Co. Ltd. foi fundada em 1914 para explorar a mina vizinha às propriedades da Inco, na cadeia de Sudbury. Os interesses de ambas as companhias se fundiram em 1928. A mudança de nome para a forma atual foi feita em fevereiro de 1961, e a companhia é uma subsidiária da Anglo Canadian Mining & Refining Co. Ltd., que possui os nove milhões de ações emitidas, dos 11 milhões autorizados para formarem o capital de cinco milhões de libras. A Anglo Canadian, em si, é uma subsidiária de inteira propriedade da Inco.

Entre as extensas propriedades e instalações pertencentes à International Nickel Mond no Reino Unido estão uma usina de refino no Sul de Gales e uma refinaria de metais preciosos numa zona industrial de Londres, e numerosas usinas de laminação em várias partes da Grã-Bretanha, assim como todo o capital de ações de Henry Wiggin & Co. Ltd., fabricantes de níquel e de ligas de níquel e outros produtos. Dois itens interessantes do tesouro da Nickel Mond são o capital total de Clydach Estates Ltd. e Mond Nickel (Retirement System) Trustees Ltd. Este é o ramo da Inco no Reino Unido e a Inco designou sua diretoria e conselha as contas desta firma com as suas próprias.

Para manter suas fábricas funcionando a plena capacidade, a Inco tem acórdos com associados para o tratamento de seus produtos. Daí certos concentrados de níquel, acima das próprias instalações de processamento, serem tratados para a Sherritt Gordon Mines, e há um acórdo com a Texas Gulf Sulphur Co. sobre a operação de uma fábrica-piloto para investigar processos de recobrar o enxófrê elementar. Esses acórdos

decorrem de certas participações comuns que produzem a identidade de interesses entre empresas aparentemente competidoras, ligadas ao petróleo e seus grupos financeiros aliados.

Os interesses controladores da Inco não são evidentes, uma vez que não há uma companhia-mãe norte-americana visível, embora o capital norte-americano da maioria dos principais grupos financeiros predomine e a Inco tenha a posse de todo o estoque de capital da The International Nickel Co. Inc., que possui as instalações de operação localizadas nos Estados Unidos e da Whitehead Metal Products Co. Inc., distribuidores norte-americanos de metais não-ferrosos. Lawrence Rockefeller faz parte da diretoria da United States Inco. O presidente da companhia canadense é H. S. Wingate, diretor da casa bancária norte-americana de J. P. Morgan & Co., e da Canadian Pacific Railway. William C. Bolenius, diretor da Inco, faz parte também das diretorias de várias companhias da Bell Telephone, assim como da diretoria do Guaranty Trust Co., de New York, controlada por Morgan. Outro diretor da Inco, R. S. McLaughlin, é diretor da General Motors e participa da diretoria do Toronto-Dominion Bank, que se liga a interesses da du Pont. A própria du Pont está profundamente sob a influência de Morgan. Donald Hamilton McLaughlin é o presidente da American Trust Co., que tem três cargos de diretoria interligados com bancos e companhias de seguros de Morgan. Também preside a diretoria da Homestake Mining Co., ligada através de sua participação na Idarado Mining Co. à Newmont Mining Co., que se inclui na esfera de influência de Morgan. Cerro de Pasco, outra das diretorias a que pertence D. H. McLaughlin, possui numerosas companhias que operam minas e propriedades petrolíferas no Peru. A Newmont Mining tem um interesse substancial em Cerro de Pasco.

Theodore Giles Montague, outro norte-americano na diretoria da Inco, é o diretor-presidente da Borden Co., administrador do Bank of New York e diretor da American Sugar Refining Co. Cada uma dessas três



companhias está sob o controle da família Rockefeller. John Fairfield Thompson reflete também os interesses dos Estados Unidos na diretoria da Inco. Outro administrador do Bank of New York, ele representa os mesmos interesses na organização distribuidora norte-americana da Inco, Whitehead Metal Products Co., e indica a ligação com a Texas Gulf Sulphur, sob o domínio de Morgan e da Standard Oil (Rockefeller). J. F. Thompson revela os interesses africanos desses grupos pelos cargos de diretoria que ocupa na American Metal Climax, e suas associadas britânicas, Amalgamated Metal Corporation e Henry Gardner & Co. Ltd., que estão também ligadas a interesses franceses de estanho e níquel. Estas são algumas das gigantescas combinações envolvendo o estanho, o alumínio e o níquel, que estão esgotando os recursos minerais da África.

## 14. Union Minière du Haut Katanga

**D**IFÍCILMENTE haverá, talvez, uma organização no mundo que tenha tido uma publicidade tão ampla nos últimos cinco anos quanto a Union Minière, por causa do papel que representou na independência do Congo e na sua unificação. Essa grande companhia mineradora tem sido, desde a independência do Congo, o centro da disputa entre o Governo do Congo e a província separatista de Catanga. De propriedade principalmente de pequenos acionistas, o controle da companhia cabia a financistas belgas e britânicos.

O maior bloco de ações da companhia, 18,4 por cento das 1 242 000 ações, que anteriormente pertencia à administração colonial belga, passou com a independência ao Governo congolês e foi conservado durante algum tempo em custódia pelo Governo belga, na dependência da solução de problemas políticos. Em novembro de 1964, Moise Tshombe, que havia então regressado do exílio para se tornar o Primeiro-Ministro do Congo, publicou um decreto que tinha o efeito de transferir o controle da Union Minière, dos interesses bancários belgas e outros, para o Governo congolês, sem compensação. O decreto dava ao Governo do Congo o domínio total de 315 675 ações da Union Minière mantidas pelo Comitê

Special du Katanga, uma companhia a quem cabia dar concessões, dois terços da qual pertencem ao Governo congolês e um terço a interesses belgas.

O Governo belga considerou que 123 725 dessas ações pertenciam à Compagnie du Katanga, que é um rebento da Société Générale de Belgique. O efeito que teve o decreto foi o de reduzir a força de votação, na Union Minière, da Société Générale e sua associada, a Tanganyika Concessions Ltd., de 40 por cento para menos de 29 por cento, enquanto os votos do Governo do Congo passavam de quase 24 por cento para quase 36 por cento. Isso significava que qualquer divergência de orientação colocaria os belgas na necessidade de reunir o apoio dos pequenos acionistas, que representavam cerca de 36 por cento.

Durante semanas o Governo belga e o do Congo falaram em realizar reuniões para discutir a situação. Cada um tinha um trunfo. O Governo belga mantinha todo o bloco de ações em custódia, enquanto a força do Governo congolês estava na data de expiração do arrendamento da Union Minière, em 1990.

No dia 28 de janeiro de 1965, Tshombe chegou a Bruxelas para conferenciar com o Ministro do Exterior belga, Sr. Spaak. Pediu a entrega imediata do bloco de ações avaliadas em 120 milhões de libras. Estas incluíam 21 por cento dos direitos de voto na Union Minière. Os belgas, por sua vez, exigiam compensação por propriedades belgas danificadas nos conflitos congolezes e pelas companhias detentoras de cartas de privilégio que haviam perdido concessões em consequência do decreto de novembro. Insistiram também em que o acôrdo deveria cobrir os juros devidos por títulos congolezes recusados.

Depois de dias de dura barganha, Tshombe conseguiu o que parecia ser um grande triunfo. Recebeu o lote de ações de 120 milhões de libras e também um cheque da Union Minière de 660 mil libras, representando os *royalties* e dividendos das 210 450 ações da Union Minière pertencentes ao Congo e que lhe davam 24 por cento dos votos da companhia. Com essa vitória

diplomática, Tshombe retornou a Leopoldville, com a posição fortalecida para enfrentar os permanentes problemas políticos e militares do país. Desde então, tem tido motivos para pensar sobre até que ponto o que êle obteve foi uma vitória.

Em minha mensagem à Assembléia Nacional de Gana, no dia 22 de março de 1955, dei os detalhes da situação existente no Congo:

“Nos cinco anos que precederam à independência, o fluxo líquido de capital para a Bélgica, somente, foi de 456 milhões de libras.

Quando Lumumba assumiu o poder, foi retirado tanto capital do Congo que houve um *deficit* nacional de 40 milhões de libras.

Tshombe foi notificado agora de que o Congo tem uma dívida externa de 900 milhões de dólares. Essa cifra é completamente arbitrária — significa uma exploração evidente, baseada em puro colonialismo. Os 900 milhões de dólares seriam devidos a monopólios dos Estados Unidos e da Bélgica depois que êles roubaram o Congo de somas de dois bilhões e meio de libras, 464 milhões de libras e 40 milhões de libras. Imaginem o que isso teria significado para a prosperidade e bem-estar do Congo.

Mas a tragicomédia continua... Para reforçar politicamente Tshombe, os monopólios decidiram que, dessa dívida fictícia de 900 milhões de dólares, somente 250 milhões precisam ser pagos. Que generosidade, esta!

Títulos avaliados em 1959 a 267 milhões de libras, representando riqueza extraída do Congo, deverão ser devolvidos ao Congo após a ratificação por ambos os parlamentos. Mas os monopólios decidiram que o valor dos títulos é agora apenas de 107 milhões. Então o lucro desses monopólios é de 160 milhões de libras.

Os monopólios anunciaram, ainda, um programa fraudulento para liquidar alegadas dívidas externas congolezas de cem milhões de libras. Ao anunciar isso, declaram que o Congo será responsável por mais uma dívida interna de 200 milhões de libras.



Em suma, estão privando o povo congolês de mais cem milhões de libras. E chamam isso de generosidade!

Ficamos sabendo que os monopólios declararam um encargo adicional para o povo sofredor do Congo: uma dívida interna de 200 milhões de libras, pela qual o Congo precisará pagar a compensação adicional de 12 milhões e meio de libras a interesses privados belgas.

Além disso, uma organização conjunta belgo-congoleza foi formada. Está recolhendo os títulos antigos e substituindo-os por uma emissão de 40 anos avaliada em cem milhões de libras. Estes pagaram um juro anual de três e meio por cento.

Note-se: como os títulos antigos não têm valor, a nova organização precisa pagar todos os juros dos títulos antigos, de 1960 a 1965, aos monopólios e *cada possuidor dos títulos antigos sem valor* deverá receber um título novo por cada um dos antigos. Em suma, a organização é um instrumento para tirar mais, para enriquecer mais os monopólios e fraudar o povo sofredor do Congo.

Tshombe prometeu não nacionalizar investimentos avaliados em 150 milhões de libras e conservar oito mil belgas no Congo. Ele montou um Banco de Investimentos para administrar todas as participações acionárias. O valor é estimado em 240 milhões de libras. É controlado por belgas.

Em um ano, os lucros da Union Minière foram de 27 milhões de dólares. Mas embora a produção nacional do Congo aumentasse de 60 por cento entre 1950 e 1957, o poder aquisitivo africano baixou de 13 por cento... Os congolezes foram taxados em 280 milhões de francos para pagar funcionários públicos europeus, em 440 milhões de francos para fundos especiais da Bélgica, em um bilhão e 329 milhões de francos para o exército. Foram taxados até para a Exposição de Bruxelas.

Apesar da independência política, o Congo continua sendo uma vítima do imperialismo e do neocolonialismo... Mas o controle econômico e financeiro do Congo por interesses estrangeiros não se limita apenas ao Congo. Os países em desenvolvimento da África estão

todos sujeitos a essa influência doentia, de um modo ou de outro."

Se essa citação parece conter muitos detalhes, os povos recém-independentes e seus líderes não têm hoje tarefa mais urgente do que gravar em suas consciências exatamente esses detalhes. Pois é esse material que constitui a dura realidade desse mundo em que estamos tentando viver e no qual a África está emergindo para encontrar o seu lugar.

O significado pleno do papel representado pela Union Minière nos assuntos congolezes só pode ser compreendida através de um exame dos interesses envolvidos nessa poderosa companhia. Quase todas as grandes empresas dedicadas à exploração das inúmeras riquezas do Congo estão diretamente abarcadas por ela ou têm com ela relações indiretas. Não constituem, no entanto, a extensão total dos compromissos da companhia. Suas conexões com destacadas casas seguradoras, financeiras e industriais da Europa e dos Estados Unidos são demonstradas na seguinte lista, assim como suas conexões com o cinturão de cobre da Rodésia:

Compagnie Foncière du Katanga.  
Société Générale des Forces Hydro-electriques — SOGEFOR.  
Société Générale Africaine d'Electricité — SOGELEC.  
Société Générale Industrielle et Chimique de Jadotville — SOGECHIM.  
Société Métallurgique du Katanga — METALKAT.  
Minoteries du Katanga.  
Société de Recherche Minière du Sud-Katanga — SUDKAT.  
Ciments Métallurgiques de Jadotville — CMJ.  
Charbonnages de la Luena.  
Compagnie des Chemins de Fer Katanga-Dilolo-Leopoldville. — KDL.  
Société Africaine d'Explosifs — AFRIDEX.  
Compagnie Maritime Congolaise.  
Société d'Exploitation des Mines du Sud-Katanga — MINSUDKAT.

Société d'Elevage de la Luilu — ELVALULU.  
Compagnie d'Assurances d'Outremer.  
Société de Recherches et d'Exploitation des Bauxites du Congo — BAUXICONGO.  
Exploitation Forestière au Kasai.  
Centre d'Information du Cobalt.  
Société Générale Métallurgique de Hoboken.  
Société Anonyme Belge d'Exploitation de la Navigation Aérienne — SABENA.  
Société Générale d'Enterprises Immobilières — SEI.  
Compagnie Belge pour l'Industrie de l'Aluminium — COREAL.  
Foraky.  
Compagnie Belge d'Assurances Maritimes — BELGAMAR.  
Société Auxiliaire de la Royale Union Coloniale Belge — SARUC.  
Wankie Colliery Co. Ltd.  
Belgian-American Bank & Trust Co., New York.  
Belgian-American Banking Corporation, New York.  
Compagnie Générale d'Électrolyse du Palais S. A., Paris.  
Trefileries et Laminoire du Havre S. A., Paris.  
Société Belge pour l'Industrie Nucleaire — BELCO NUCLEAIRE.

A Tanganyika Concessions é um dos pais da Union Minière du Haut Katanga. O outro é o Comitê Especial de Catanga (belga). A Union Minière foi formada entre eles com o propósito declarado de reunir os interesses das duas organizações nas descobertas de minérios que a Tanganyika Concessions fizera sob a vigência de uma concessão recebida do Comitê, na província congolense de Catanga. A concessão, cujo prazo de vigência vai até 11 de março de 1990, cobre uma área de 20 mil quilômetros quadrados, contendo ricas jazidas de cobre, assim como jazidas de zinco, cobalto, cádmio, germânio, rádio, ouro, prata, além de calcário. Incluída na concessão há uma área estanífera de cerca de 10 500 quilômetros quadrados.

O minério extraído é processado em numerosas usinas, passando pelos estágios de fundição e concentração. A força hidrelétrica é fornecida por quatro usinas principais de força, uma das quais foi instalada por uma subsidiária da Union Minière, a Société Générale des Forces Hydro-electriques. As três outras pertencem à própria Union Minière. Essas três usinas estão ligadas a uma rede distribuidora, parte da qual se destina a fornecer força elétrica ao cinturão do cobre da Rodésia do Norte, à razão de 600 milhões de quilowatts anuais. Parte dessa rede é de propriedade da Société Générale Africaine d'Electricité — SOGELEC — na qual a Union Minière possui substancial interesse. As fábricas da companhia, em Elizabethville, Jadotville, Kolwezi e Kpushi consumiram 75 milhões de quilowatts em 1962, ano durante o qual certos danos causados às instalações em dezembro de 1961 foram completamente reparados.

A maioria das empresas em que a Union Minière tem interesse são mantidas pela Société Générale de Belgique. Muitas também têm conexões com a Anglo-American Corporation, seja diretamente ou através da Tanganyika Concessions e da Union Minière e suas subsidiárias. A Société Générale tem a posse direta de 57 538 ações, do total de 1 242 000 sem valor nominal que constituem o capital autorizado e emitido de oito bilhões de francos da Union Minière. Outros acionistas principais são o Comitê Especial de Catanga e a Tanganyika Concessions. O *royalty* pela concessão é pago ao Comitê de Catanga através de uma soma equivalente a dez por cento de qualquer dividendo distribuído superior ao total de 93 150 000 francos, em qualquer ano. A Tanganyika Concessions, mediante acordo com o Comitê, participa em 40 por cento desse benefício especial. Originalmente incorporada no Congo, a companhia transferiu sua sede administrativa e todos os fundos para a Bélgica em 1960, quando o Congo estava alcançando a independência e precisava do apoio daqueles que, durante anos, lhe haviam arrancado tão pesado tributo.

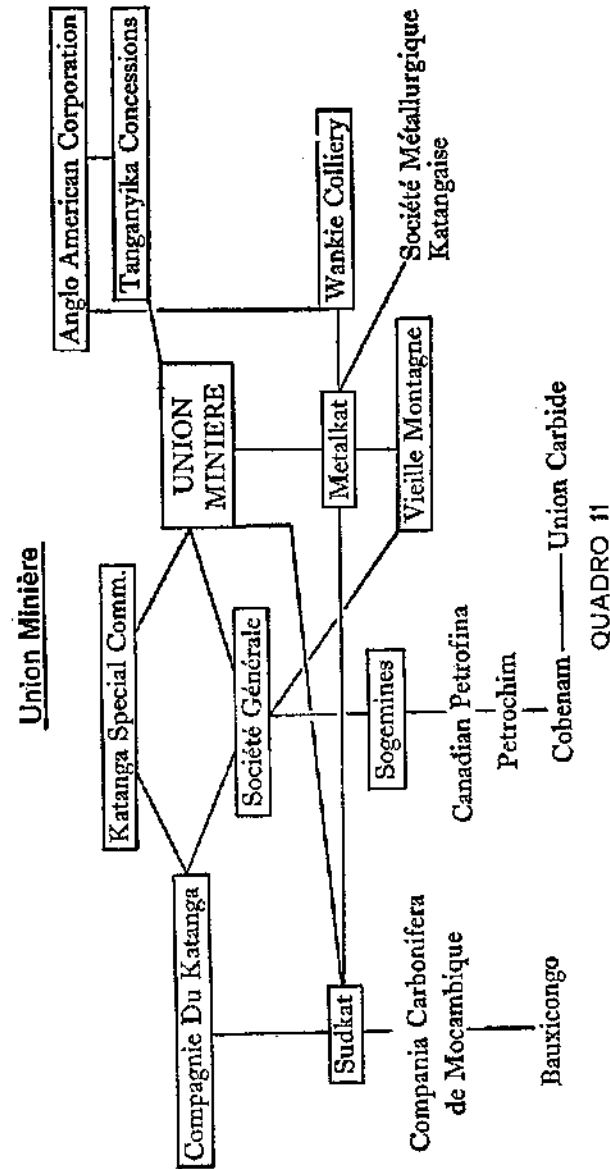
O patronato da Société Générale vigia de bem perto a Union Minière. Ligada ao Comitê Especial de Catanga



está a Compagnie du Katanga. Esta companhia pertence ao grupo da Compagnie du Congo pour le Commerce et l'Industrie — cccr — constituída em 1886, quando Leopoldo II criava o seu império pessoal no Congo. Foi sob a iniciativa de um dos valentões de Leopoldo, o Capitão Thys, que a cccr, segundo o diretor-presidente da Société Générale, se tornou a primeira empresa belga estabelecida no coração da África. Seu nome está ligado à estação de reparos da primeira estrada de ferro de Matadi a Leopoldville. Thysville é hoje um importante elo no sistema ferroviário e a cccr, nas palavras do diretor-presidente da Société Générale, tem se ligado, desde a sua criação, diretamente ou através de filiações, a todos os setores de atividade econômica do Congo, pela criação de empresas de transporte, indústrias agrícolas, fábricas de cimento, companhias de construção civil, companhias administradoras de propriedades, indústrias alimentícias, assim como firmas comerciais. A companhia, afirmou o diretor-presidente, "contribuiu para dotar o Congo de um equipamento que coloca o país nas primeiras filas dos Estados africanos negros".

Várias dessas empresas interligadas estão incluídas na lista dos interesses da Union Minière, que frequentemente se juntam aos da Société Générale. Assim, a Société Générale Métallurgique de Hoboken, uma companhia da qual a Société Générale possui 50 mil ações, processa determinados produtos semi-acabados das minas da Union Minière para o mercado, em metais acabados de alta pureza e especificação individual. Em conjunção com a Fansteel Metallurgical Corporation of Chicago, a Hoboken criou uma subsidiária conjunta, Fansteel-Hoboken, em dezembro de 1962, com um capital de 360 milhões de francos. Essa nova companhia produzirá metais refratários, especialmente tântalo, colúmbio, tungstênio e molibdênio, em várias formas comerciais.

Wankie Colliery Co. Ltd. representa a participação da Union Minière nas minas de carvão da Rodésia do Sul. Embora seu bloco de ações não seja destituído de importância, a Anglo-American Corporation predomina



e age como secretária da companhia e como engenheiro-assistente. Capitalizada em seis milhões de libras, das quais 5 277 810 foram cobertos, a companhia possui direitos de mineração do carvão sobre 42 mil acres e direitos de superfície sobre cerca de 29 mil acres de terreno no distrito Wankie da Rodésia do Sul. Os meios através dos quais os interesses mineradores dominam o governo das "colônias de povoadores" são muitos mas a maneira pela qual a terra é concedida pela administração e depois arrendada de volta pelos proprietários ou concessionários evidencia uma das mais desavergonhadas e francas manobras possíveis. Assim, a Wankie Colliery obteve um arrendamento a longo termo, por acôrdo com o Governo da Rodésia, de direitos de superfície sobre 26 mil acres de terras, além dos terrenos acima mencionados em troca do que, a Wankie graciosamente arrendou quatro mil acres de seus terrenos originais ao Governo.

Um elo na diretoria, o Sr. Van Weyenbergh, associou a Wankie Colliery à Société Métallurgique du Katanga — METALKAT —, uma subsidiária da Union Minière, fundada na Bélgica em 1948 em conjunção com a S. A. des Mines de Fonderies de Zinc de la Vieille-Montagne, para construir em Kolwezi uma fábrica capaz de produzir anualmente 50 mil toneladas de zinco eletrolítico utilizando concentrados fornecidos pela mina Príncipe Leopoldo, da Union Minière. A usina Metalkat produz zinco, cádmio e cobre refinado. Com um capital de 750 milhões de francos, representados por 150 mil ações sem valor ao par, a companhia obteve um lucro líquido de 160 831 393 francos em 1961, depois de satisfazer várias obrigações, entre as quais dividendos contabilizados em 120 milhões de francos (quase três quartos do lucro líquido) e percentagens de diretores no valor de 7 857 517 francos.

O sócio da Union Minière na Metalkat, Vieille-Montagne, é um dos maiores negócios europeus de mineração, produtor de zinco, chumbo e prata. Companhia belga, fundada em 1837, possui propriedades de prata-

chumbo-zinco na Bélgica, França, Argélia, Tunísia, Alemanha e Suécia e usinas metalúrgicas na Bélgica, França e Alemanha. Das 405 mil ações sem valor ao par que constituem seu capital de um bilhão de francos, a Société Générale possui 40 756. Suas contas relativas ao ano encerrado a 31 de dezembro de 1961 demonstram um lucro líquido de 143 287 506 francos, depois de separadas várias verbas, a maior das quais para o reequipamento, que se elevou a cem milhões de francos. Os dividendos levaram 101 250 000 francos e os impostos sobre eles 27 700 000 francos. As percentagens de diretores levaram 14 327 760 francos. As reservas legais parecem responder por somas consideráveis que essas grandes companhias deixam de lado. Esse item foi creditado com cem milhões de francos, nas contas da Vieille-Montagne relativos a 1961.

A Compagnie du Katanga, como a Union Minière ligada ao Comitê Especial de Catanga, juntou-se à Union Minière para criar no Congo, em 1932, a Société de Recherche Minière du Sud-Katanga — SUDKAT. Tanto a Compagnie du Katanga como a Union Minière tinham interesses em ampla área adjacente às propriedades desta última, que decidiram operar em combinado. Com a independência do Congo, o contrôle da Sudkat, assim como seus fundos, foram transferidos para a Bélgica. As jazidas de cobre em Musoshi e Lubembe e os minérios de zinco-chumbo-enxôfre de Kenger e Lombe de propriedade da Sudkat foram transferidos para a Société d'Exploitation des Mines du Sud-Katanga — MINSUDKAT — formada no Congo em junho de 1955, com capital de 50 milhões de francos congolezes.

A Sudkat tem interesses na Companhia Carbonífera de Moçambique, dedicada à mineração de carvão, assim como na Bauxicongo e na Metalkat. Esta última criou em 1962 uma companhia local, a Société Métallurgique Katangaise, com um capital de 600 milhões de francos representado por 150 mil ações, para a qual transferiu suas instalações de Catanga. Os lingotes de zinco produzidos estão sendo processados pela Metalkat.



Um dos mais importantes investimentos da Metallatkat está na Sogemines Ltd. Essa companhia, embora registrada em Montreal e operando no Canadá, é tão intimamente ligada à Société Générale que tem em sua diretoria seis dos diretores da Société, dois dos quais pertencem também à diretoria da Union Minière. O investimento da Société Générale na Sogemines cobre 259 250 ações preferenciais de dez dólares e 1 281 250 ações ordinárias de um dólar, representando um quinto do capital emitido pela companhia canadense. Subsidiária de propriedade integral, a Sogemines Development Co. Ltd. desenvolve o trabalho de exploração em várias partes do Canadá e possui interesses minoritários em outras empresas de mineração. Sogemines Ltd. é uma companhia de investimentos e *holdings* que participa de empreendimentos mineiros, petrolíferos e industriais. L. C. e F. W. Park, em *The Anatomy of Big Business*, demonstraram gráficamente que as "relações entre o capital canadense e belga se baseiam nas alianças que operam ao mesmo tempo na Bélgica ou no Congo e no Canadá" (p. 157).

A progenitora da Sogemines, Société Générale, devota um espaço considerável em seu relatório anual às operações da subsidiária. A mais importante empresa em que estão interessadas é a Canadian Petrofina Ltd. Em 1961, a Canadian Petrofina obteve o lucro recorde de 5 516 926 dólares. Petrofina é uma companhia petrolífera belga com associações internacionais, especialmente nos novos Estados africanos, tanto dentro como fora da indústria petrolífera. Suas conexões com a Société Générale não se limitam a participação acionária e interligação de diretorias. São mantidas associações com vários bancos importantes, inclusive o Banque Belge, o Banque de l'Union Française, o Crédit Foncier de Belgique, o Banque de Paris et des Pays-Bas, e várias companhias de seguros.

Sob o impulso da Société Générale e de certas associadas, uma subsidiária da Petrofina, Société Chimique des Derivés du Petrols — PETROCHIM — sofreu uma reorganização financeira durante 1962, quando determi-

nados bens lhe foram passados, principalmente pela Petrofina. A Société Générale utilizou a oportunidade para entrar com uma participação de 29 milhões de francos no capital da companhia, "na qual várias outras empresas do grupo possuem igualmente interesses". A participação acionária da Société Générale é de 58 mil ações sem valor nominal. Cobenam, um empreendimento conjunto de Petrochim e Union Carbide, une os interesses da Société Générale com aqueles interessados na grande corporação química norte-americana, a Continental Insurance Co., e o Hanover Bank, que está envolvido com a Anglo-American Corporation e o consórcio bancário que atualmente se empenham em empreendimentos nos novos Estados africanos. Há alguma influência de Rockefeller no Hanover Bank e este está ligado por operações financeiras comuns ao grupo da American Fire de New York, uma importante companhia de seguros de incêndios e acidentes.

A Union Carbide & Carbon fabrica urânio enriquecido e através da influência dos seus financiadores diretos, Hanover Bank, e associações indiretas com o grupo Rockefeller-Mellon, tornou-se o principal contratante das usinas de energia atômica de propriedade do Governo em Oak Ridge, Tennessee, e Paducah, Kentucky. Para esse fim uma divisão separada foi criada, a Union Carbide Nuclear Company, e minas de urânio e vanádio estão sendo exploradas em Colorado, e uma mina e usina de processamento de tungstênio na Califórnia. A extensão dos interesses da Union Carbide no campo da química é grande, tendo a companhia um amplo setor de materiais sintéticos. Uma subsidiária canadense da Union Carbide é Shawinigan Chemicals, que a Union possui a meias com Monsanto Chemical Co. e Canadian Rosins & Chemicals Ltd. Uma filiada, B. A.-Shawinigan Ltd., é de propriedade da British American Oil, ligada ao Bank of Montreal e a Mellon. Shawinigan Chemicals tem várias subsidiárias que são da mesma forma controladas por companhias norte-americanas. A Société Générale tem seu próprio negócio nuclear, Société Belge

pour l'Industrie Nucleaire — BELGONUCLEAIRE — na qual apontamos o interesse da Union Minière.

Este é apenas um curto trecho da emaranhada teia que liga os interesses bancários predominantes na Europa e América a empreendimentos industriais na África e em outras partes do mundo. Dá apenas uma leve indicação do caráter elástico desses interesses.

As incursões da Société Générale no mundo do petróleo não se limitam à Petrofina e suas associadas. Petrobelge, outra companhia dedicada à prospecção no norte da Bélgica em associação com a Société Campinoise de Recherches et d'Exploitations Minérales, tem uma filial operando na Venezuela, Petrobelge de Venezuela. A Petrobelge está ligada à Petrofina e ao Bureau de Recherches et de Participations Minières Marocain em prospecções no Marrocos, os primeiros estágios das quais estarão completos em 1963. A Itália é outro cenário das atividades da Petrobelge, onde, em colaboração com a companhia italiana, Ausonia Mineraria, e a organização francesa, Société Française de Participations Pétrolières — PETROBAR — investiga hidrocarbonetos nas concessões obtidas pela Ausonia. Além disso, a Petrobelge associou-se ao consórcio italo-franco-alemão num empreendimento de prospecção de regiões sísmicas na costa do Adriático. A Petrobelge e a Petrofina uniram-se à companhia espanhola Ciepsa para pesquisar hidrocarbonetos numa concessão de propriedade da Ciepsa.

As ligações diretas com o programa militar belga e, portanto, com o da OTAN, são operadas estreitamente através de Poudreries Réunies de Belgique, cujo capital foi aumentado, em 1962, de 203 900 000 francos para 286 700 000. No início do ano a companhia absorveu a Fabrique Nationale de Produits Chimiques et d'Explosifs em Boncelles, Bélgica, cuja compra incluiu uma participação no capital da S. A. d'Arendonk. A aquisição da organização de vendas desta última ampliou o âmbito de atividades civis da companhia. Essas empresas belgas estão ligadas à Société Africaine d'Explosifs — AFRIDEX — na qual a Union Minière tem interesses. A

interpenetração militar e nuclear dá uma ênfase especial à produção de urânio do complexo da Union Minière, que nos anos do pós-guerra sustentou a economia belga e ajudou a recondicionar seu equipamento industrial. Do Congo vieram os despojos que financiaram a continuação da exploração do território e o alto nível de produção que o país recentemente devastado pela guerra e ocupado pelos nazistas alcançou tão rapidamente. Mesmo antes da Segunda Guerra Mundial, o urânio já tornava a mina Shinkolobwe uma propriedade muito importante para a Union Minière e o Governo belga. Como diz um escritor, "a Union Minière alcançou uma certa notoriedade nas décadas dos 20 e dos 30 por forçar eventuais compradores de rádio a pagar 70 mil dólares pela grama, até que a competição da companhia Canadian Eldorado forçou o preço a baixar para uns meros 20 mil dólares a grama, nível em que ambas as companhias conseguiram obter lucro." (*Anatomy of Big Business*, p. 156). De acordo com os cálculos dos peritos, os lucros da Union Minière foram estimados em três bilhões de francos anuais, equivalentes a 60 milhões de dólares ou 20 milhões de libras esterlinas.

Apesar da situação perturbada em Catanga e dos protestos da companhia de que seus negócios haviam sido seriamente prejudicados, o balanço da Union Minière durante o ano encerrado a 31 de dezembro de 1960 demonstrou um lucro líquido de 2 365 280 563 francos. Os dividendos absorveram não menos do que ..... 1 863 000 000 francos, bem mais que a metade dos lucros líquidos, produzindo impostos sobre dividendos que deram ao Governo belga 381 578 313 francos. Os emolumentos a diretores, auditores e fundos para o pessoal (europeu) absorveram 84 609 333 francos, enquanto os membros do Comitê Permanente recebiam 7 111 567 francos.

A Eldorado Mining & Refining Ltd. absolutamente não é independente do *big business* e dos interesses financeiros que têm sob seu controle a indústria do Canadá e cujas associações com a África e outras áreas menos desenvolvidas do mundo são interligadas. Um an-



tigo secretário particular de um ex-ministro tem assento à diretoria, que é ligada à Canadian Aluminium, cuja diretoria inclui um ex-Governador-Geral do Canadá. A medida que prosseguimos, veremos como essas interligações da finança internacional com personalidades públicas de realce e "os representantes do povo" criam uma oligarquia de poder buscando e alcançando seus interesses especiais, que não têm qualquer relação com "o bem público" do qual são apresentados como sinônimos. Veremos que o Royal Bank of Canada, representado na diretoria da Eldorado por W. J. Bennett, tem conexões com a Sociéte Générale e a Union Minière através de interligações via Sogemines e grupos proeminentes seguradores e bancários.

Wankie Colliery Co. Ltd., por exemplo, nos dá o Sr. Van Weyenbergh, diretor da Union Minière, Metalkat e Sociéte Générale, vários de cujos colegas de diretorias têm assento na Sogemines, que tem como diretor-presidente W. H. Howard que além de vice-presidente do Royal Bank e diretor-presidente da Montreal Trust, está ligado ao grupo jornalístico Rothermere na Grã-Bretanha e é diretor da Algoma Steel Corporation Ltd., que possuem quatro minas de carvão em West Virginia e jazidas de potassa e dolomita no Estado de Michigan. A Algoma forneceu o aço para a construção de uma fábrica de 20 milhões de dólares em Sault Ste. Marie, Ontário, para a Mannesmann Tube Co., subsidiária da siderúrgica Mannesmann, que é proeminente membro da indústria do Ruhr alemã-ocidental. Afirma-se que a Mannesmann está aumentando rapidamente sua penetração na indústria canadense. Sua diretoria inclui representantes do Deutsche Bank e do Dresdner Bank, ambos muito em evidência nos consórcios empenhados na África e ligados primordialmente à Anglo-American Corporation. O diretor-presidente da Mannesmann desde 1934 é W. Zanger, "antigo membro do partido nazista e das S.S.; fez parte do grupo de grandes industriais alemães que financiaram a subida dos nazistas ao poder e forneceram os armamentos à máquina de guerra nazista. Nos dias da invasão da União Soviética pelos nazistas, a Mannes-

mann abriu filiais em Kiev e Dniepropetrovsk que pouco tempo tiveram de existência" (*Anatomy of Big Business*, págs. 109-110).

São essas forças que se ligam aos magnatas e industriais da África do Sul, Rodésia, Congo, Angola e Moçambique e agora as vemos penetrar nos projetos de desenvolvimento de muitos dos novos Estados africanos, ocultando sua identidade por trás de agências governamentais e internacionais, cujo caráter real se evidencia imediatamente ante um exame cuidadoso. São os diretores reais do neocolonialismo.

## 15. Pressões econômicas na República do Congo

No DIA 30 de junho de 1960, quando o Congo alcançou a independência, teve início o que sem dúvida será considerado pelos historiadores como o capítulo mais tempestuoso e mais complexo da história daquele país e, por sinal, de toda a África. Em poucas semanas desmoronaram a lei e a ordem quando os soldados da Força Pública, desapontados porque a independência não havia significado imediata melhoria em suas condições, pegaram em armas, aprisionaram os oficiais brancos e os suboficiais e finalmente se dividiram em bandos de arruaceiros. Foi nesse ponto que Moise Tshombe, com a ajuda de assessôres belgas, iniciou o processo que levou à secessão da província de Catanga. A recém-independente República do Congo estava arruinada pela desordem e inquietação.

As histórias da intervenção das Nações Unidas e do assassinio de Lumumba são bem conhecidas. Menos comentados, por motivos óbvios, têm sido os aspectos econômicos envolvidos em toda a tragédia do Congo. No entanto, são de muitas maneiras os aspectos mais significativos e certamente os mais sinistros, uma vez que



estão sob o domínio de interesses estrangeiros cuja maior preocupação foi sempre o seu lucro particular.

Não havia muitos investimentos norte-americanos no Congo antes de 1960. O que havia era um grande investimento indireto, através de Tanganyika Concessions e da Union Minière e da participação acionária do grupo Oppenheimer na Anglo-American, e provinha principalmente do grupo Rockefeller. Esse grupo tinha também participação na importante companhia têxtil Filatures et Tissages Africains, criada em 1946 pela Cotton Union e Société Générale. A família Rockefeller possui 60 mil ações, das quais mil estão nas mãos de Nelson Rockefeller e 26 438 pertencem a Laurence Rockefeller, que tem também interesses minoritários em duas outras companhias do grupo da Société Générale, a Companhia Générale d'Automobiles et d'Aviation au Congo e a Les Ciments du Congo. Ele possui cerca de 14 por cento do capital da companhia para a manufatura, no Congo, de caixas metálicas e todos os outros artigos de folhas esmaltadas, e a mesma na participação na companhia congoleza para a produção e comércio de abacaxi, ANACONGO. Em 1952, tanto Laurence como David Rockefeller participaram da aquisição de cerca de 30 por cento do Syndicat pour l'Étude Géologique et Minière de la Cuvette Congolaise. Todos os produtos de petróleo utilizados no Congo continuam a ser importados e o gigantesco truste Rockefeller, Esso-Standard, criou uma subsidiária distribuidora no Congo em 1956, a Esso Congo Belge, rebatizada de Esso Central Africa em 1960. Outra subsidiária, a Socony Vacuum Petrol Company e Texas Petroleum, tem participações minoritárias na Société Congolaise d'Entre Posage des Produits de Pétrole.

Há algumas companhias norte-americanas produzindo madeira compensada, como a United States Plywood Corporation, com Agrifor e Korinacongo, e no Syndicat du Papier, Pluswood Industries tem um acordo com a Cominière, que formaram juntas a Société Congolaise Belgo-Américaine pour la Transformation du Bois du Congo — SOCOBELAM. A Olin Mathieson In-

dustries, que tem interesses na Poudreries Réunies de Belgique, participou com a Union Minière e diversos outros grupos da Société Générale na criação da Société Africaine d'Explosifs — AFRIDEX. Olin Mathieson tem um quinto do capital. Outros investidores locais são a Industrial and Investing Corporation, de New York, Armco Steel, Bell Telephone, General Motors e Otis Elevators.

Desde 1960 o Bank of America adquiriu 20 por cento do Socobanque, do grupo Lambert Bank; Ford fundou a Ford Motors (Congo); a Union Carbide adquiriu uma participação dominante na Somilu, criada em 1960 para explorar uma mina de pirocloro. Esse mineral contém nióbio, um metal raro utilizado na fabricação de aços especiais. David Rockefeller fez uma viagem ao Congo em 1959, buscando "informação", depois que o seu grupo adquiriu 1 030 das 28 mil ações da Société de Recherches et d'Exploitation de Bauxites au Congo — BAUXICONGO. Em junho de 1960, ele anunciou que adquiriria cerca de oito por cento dos 65 milhões de capital da Compagnie du Congo pour le Commerce et l'Industrie, e C. C. C. I. Dillon Read & Co. e J. H. Whitney & Co., banqueiros de New York, criaram uma companhia de investimentos para examinar as possibilidades de investimento norte-americano no Congo. Trata-se do Fundo Eurafriano Norte-americano.

Por interessante que seja essa penetração norte-americana no Congo, o continuado domínio belga de tão grande parte da economia congoleza traz uma preocupação mais imediata. No livro *Les Trusts au Congo*, de Pierre Joye e Rosine Lewin, é apresentado um quadro claro dos acontecimentos imediatamente anteriores e posteriores à independência.

Segundo esse relato, o Estado independente do Congo, sob Leopoldo II, possuía uma grande parte do capital das companhias originais, assim como das "companhias com carta de privilégio" criadas na época e de empresas privadas. Depois que o Governo belga assumiu a administração do Congo, essas participações foram aumentadas de várias maneiras: através de intervenção direta

na criação de novos órgãos de natureza paraestatal; assumindo certos direitos como recompensa pelas concessões dadas; pelo exercício do direito de subscrição no aumento de capital de companhias em que o Estado do Congo já possuía ações.

Como resultado disso, o Congo Belga tinha um considerável volume de investimentos que, pelas estimativas mais moderadas, eram avaliados em cerca de 40 milhões de francos. Além disso, possuía várias prerrogativas, como o direito de voto e o direito de designar representantes nas diretorias de uma série de empresas em que não tinha participação acionária. Essas participações e direitos incluíam:

1. Empresas de caráter paraestatal, tais como o Banque Centrale du Congo Belge; Société de Crédit au Colonat; Caisse d' pargne du Congo Belge; Offices des Cit s Africaines OCA, OTTACO; R gie de Distribution d'Eau e d' lectricit  Regideso, etc.
2. As companhias com carta de privilégio: Comit  Special du Katanga (CSK), Comit  National du Kivu (CNKI); Compagnie des Chemins de Fer des Grands Lacs.
3. Companhias de investimentos como a Unatra; Compagnie du Katanga, etc.
4. Companhias mineradoras como a Formini re; Mines d'or de Kilo-Moto, etc.
5. Empresas de transporte como Cicicongo; Transport en Commun de Leopoldville-Chemin de Fer K. L. D.; Sabena, etc.
6. Produ o e distribui o; empreendimentos como a fôrça elétrica, do tipo de Forces de l'Est e Forces du Bas-Congo.
7. Empresas privadas nas quais o Congo possuía apenas interesses minoritários.

A posse desse importante conjunto de títulos permitia às autoridades, em princípio, exercer uma influência considerável sôbre a economia do Congo e mesmo controlar completamente alguns setores de importância. Mais

do que isso, declara es oficiais justificavam essas participa es porque permitiam ao Estado desempenhar o seu papel de "guardião do interesse público e tutor dos nativos".

O exemplo do CSK   significativo, a êsse respeito. Leopoldo II havia controlado êsse órgão semip blico reservando ao Estado o direito de nomear quatro dos seis membros da sua dire o. Mas depois que a Bélgica assumiu o domínio sôbre o Congo, o CSK foi, durante 20 anos, um instrumento dócil da Union Mini re, embora tivesse tôdas as oportunidades para controlar o grande truste de Catanga. O CSK era, destacadamente, o maior acionista da Union Mini re e os estatutos elaborados em 1906 lhe conferiam importantes direitos na Union Mini re, especialmente o de designar o conselho administrativo e um determinado número de diretores. O CSK jamais utilizou êsses direitos e, pelo contrário, confiou sua representa o aos mais óbvios líderes do capital privado. O domínio dos trustes sôbre o Governo do Congo era total, tanto mais porque as grandes companhias puderam assegurar consideráveis vantagens materiais aos representantes do Estado que passaram para o seu serviço.

Os trustes aceleraram suas manobras, antes de junho de 1960, para impedir que o povo congolês tomasse posse do seu patrim nio.   época da Conferência de Mesa Redonda, a imprensa financeira insistia enf ticamente em que o Governo belga obtivesse garantias da futura República do Congo. "Em primeiríssimo lugar   necessário abrigar as empresas contra uma eventual nacionaliza o". Os partidos nacionalistas congol ses foram, no entanto, unânimes em se oporem   manuten o, pelos grupos financeiros belgas, de um protetorado econômico sôbre o Congo depois do dia 30 de junho de 1960.

Conseqüentemente, insistiram em que os títulos e direitos pertencentes ao Congo fôssem transferidos integralmente e sem condi es   jovem República, que estaria capacitada a exercer os direitos conseqüentes de nomear seus próprios representantes nos órgãos paraestatais e, se fôsse o caso, nas companhias privadas



congolesas. Foi isso que amedrontou os círculos financeiros belgas; a perspectiva de ver a República do Congo exercendo os direitos incontestáveis que a posse dos títulos lhe conferia.

Para evitar isso, Raymond Scheyven tentou em vão uma manobra logo reconhecida pelos líderes congoleses: propôs atender às necessidades financeiras do Congo através da criação de uma "companhia de investimento mista", à qual o Congo conferiria a administração dos títulos. A Bélgica, por sua parte, daria uma contribuição anual de um bilhão de francos. Se essa tentativa falhou, o Governo belga ficou bem mais satisfeito com o caso das companhias com carta de privilégio, cuja dissolução *in extremis* ia decretar alguns dias antes do 30 de junho. A Bélgica decidiu também dissolver o C.S.K. e o C.N.Ki. antes que o Congo alcançasse a independência.

Por ocasião da Conferência da Mesa Redonda, Scheyven parou com determinados delegados congoleses, que tentou persuadir de que seria melhor que o próprio Governo belga tomasse a medida, antes do dia 30 de junho. Conseguiu que acreditassem que isso era preferível porque se o Governo congolês o fizesse mais tarde isso poderia criar uma impressão má no exterior, provocando a crença de que o Congo tinha alguma coisa contra as companhias privadas.

A manobra foi inteligente. Foi mais fácil convencer os delegados congoleses, uma vez que a maioria deles demonstrava uma compreensível desconfiança em relação às companhias com carta de privilégio. Haviam freqüentemente afirmado que as companhias faziam o jogo dos grandes trustes. Quanto a estes, alguns partidos congoleses haviam pedido a dissolução das companhias e a transferência dos seus direitos para o Estado congolês.

Os funcionários belgas encarregados de dar esclarecimentos técnicos aos participantes da Conferência da Mesa Redonda tiveram abertamente o cuidado de indicar que a República do Congo poderia indenizar os colonialistas pela parte que lhes cabia, utilizando no inte-

rêsse do povo congolês as prerrogativas nas companhias, que deveriam ser devolvidas ao Estado.

Um apressado decreto de 27 de junho de 1960, três dias antes da declaração de independência, sancionava a dissolução do Comité Spécial du Katanga e a divisão dos seus bens entre o Congo e a Compagnie du Katanga. De uma tacada, a República do Congo perdeu a possibilidade de utilizar os poderosos instrumentos de comando de que disporia assumindo a direção do C.S.K. e assim as prerrogativas da Union Minière foram preservadas.

Através do intermediário C.S.K., que se teria tornado de fato um órgão paraestatal congolês, a República do Congo teria na realidade obtido o direito estatutário de designar o presidente do truste de Catanga e um certo número de outros membros de sua diretoria. E o Governo congolês poderia mesmo ter imposto previamente os seus pontos de vista nas assembléias gerais da Union Minière através do C.S.K., que era o maior acionista da companhia.

A dissolução do C.S.K. não apenas retirou à República do Congo a possibilidade de se beneficiar das prerrogativas do órgão. A convenção de 27 de junho de 1960 concedeu consideráveis vantagens adicionais à Compagnie du Katanga, que recebeu plena propriedade de um terço das terras valorizadas pelo C.S.K. (zonas de loteamento), seus imóveis e negócios bancários, assim como o direito a um terço das rendas que teriam sido obtidas futuramente pelo C.S.K. através da distribuição de concessões de mineração.

Se os direitos sobre terrenos e os direitos sobre mineração ainda não concedidos reverterem ao Congo, essa restituição de direitos sobre a terra e o patrimônio mineral congolês não se efetuará sem compensação, uma vez que a convenção estipula que a República do Congo precisará pagar em compensação uma indenização, por confisco, de cem milhões à Compagnie du Katanga.

O C.N.Ki. foi criado por um prazo que expirará no dia 31 de dezembro de 2011. Aqui, mais uma vez, bastaria que o Governo congolês utilizasse os direitos que

lhe são conferidos estatutariamente para exercer uma influência preponderante no órgão paraestatal. As autoridades belgas, no entanto, concluíram com os funcionários do C.N.Ki. uma convenção que decidiu que o Congo Belga se retiraria pura e simplesmente como um sócio na concessão e ao mesmo tempo renunciaria a todos os seus direitos na associação.

Um decreto emitido no dia 30 de maio de 1960 aprovou essa convenção e, de um golpe, o C.N.Ki. deixou de ser um órgão semi-oficial. No dia 21 de junho de 1960 seus acionistas decidiram, além disso, transformá-lo em uma companhia por ações ordinárias denominada Societé Belgo-Africaine du Kivu — SOBAKI. Essa companhia reservou-se o direito de explorar para seu exclusivo lucro particular as minas do C.N.Ki., assim como a propriedade integral do conjunto de títulos que esse órgão constituía. Se as autoridades governamentais assumirem a administração das terras da coroa, a convenção estabelece que os acionistas da SOBAKI receberão “uma justa indenização”.

Para dar uma aparência de legalidade a essas convenções, os representantes do Governo belga declararam estar agindo “de acordo com os desejos expressados pela conferência econômica, financeira e social realizada em Bruxelas nos meses de abril e maio de 1960”. Na realidade, ao pronunciar a dissolução do C.S.K. e do C.N.Ki., as autoridades belgas queriam, acima de tudo, colocar o novo Estado congolês ante um fato consumado.

Para demonstrar quanto era indispensável o apoio financeiro da Bélgica, as companhias belgas haviam, de fato, cuidado de fazer retiradas maciças de capital ao mesmo tempo que forçavam ao máximo a exportação de produtos congolezes e, por outro lado, limitavam ao extremo suas importações. A balança comercial congoleza resultante dessas medidas deu um superavit excepcionalmente alto em 1959 (13 bilhões e 417 milhões de francos), que nada fez para salvar o Congo de enormes dificuldades financeiras. De fato, uma alta proporção das somas antecipadas pela venda de produtos congolezes não

foi devolvida à colônia e mais de sete bilhões de capital privado deixaram o Congo no curso desse exercício.

Essas manobras custaram ao jovem Estado africano tristes convulsões e o levaram à beira do caos. E nada fizeram para resolver o problema essencial para o futuro do Congo: como se livrar do seu subdesenvolvimento.



## 16. Zonas monetárias e bancos estrangeiros

O Comitê Permanente de Comércio da Comissão Econômica das Nações Unidas para a África descreveu recentemente o continente africano como estando "criado de diferentes regimes de comércio e sistemas de pagamento, em muitos casos suplementados por laços econômicos específicos com nações ou grupos de nações de fora da África".\* Uma das maneiras mais eficientes pelas quais a Grã-Bretanha e a França conservaram laços econômicos com antigos territórios coloniais é através de medidas que asseguram que os novos Estados permaneçam nas zonas monetárias centralizadas em Londres e Paris.

Há sete grupos correspondentes a sistemas monetários importantes na África: a zona do franco francês, a área da libra esterlina, a área do franco belga, as áreas da peseta espanhola e do escudo português, a área do rand sul-africano e as nações como a República Árabe Unida e o Congo (Leopoldville) com unidades próprias de moeda. A parte maior do comércio da África, bem supe-

\* *Background Paper on the Establishment of an African Common Market*, 13 de outubro de 1963.

rior ao restante, realiza-se na zona da libra e na zona do franco africanas.

A área esterlina tem sido de algum modo menos es- trita do que o bloco francês. Por exemplo, Nigéria e Gana criaram suas próprias moedas e seus próprios bancos centrais, embora continuem, na maior parte, a manter suas reservas internacionais sob a forma de libras ester- lina. Quando fundei o Banco de Gana, em fins de ju- lho de 1959, falei do papel decisivo representado por um banco central na vida econômica de um país: "Nossa independência política não terá significação a menos que a utilizemos para alcançar o autogoverno e a inde- pendência econômicas e financeiras. A fim de obter isso é de absoluta e suprema importância que um banco central seja instituído pelo Governo". Para instituir o Banco de Gana, tivemos a assistência do Banco da In- glaterra, mas nosso banco sempre seguiu uma orienta- ção com o objetivo de assegurar nossa independência econômica e incrementar o desenvolvimento geral do país. O Banco de Gana, como outros bancos instituídos de maneira semelhante, não faz reivindicações sobre as reservas de divisas estrangeiras da Grã-Bretanha, mas tem completo controle sobre seus próprios ganhos em divisas estrangeiras.

A Junta Monetária da África Oriental é a principal instituição monetária multinacional na área da libra esterlina. Inclui Quênia, Tanzânia\* e Uganda, na Áfri- ca, e Aden, fora da região, com uma moeda livremente conversível em libras esterlinas a uma taxa fixa. As na- ções-membros da Junta Monetária não têm controle sobre os suprimentos de moeda doméstica. Estes acabam sendo controlados pelos níveis de importação e expor- tação e fluxos de investimentos do exterior, a longo prazo, e a curto prazo pela política de empréstimos dos bancos de Londres. Dentro desse arranjo, o crescimento dirigido nacionalmente muitas vezes leva a uma escas- sez de moeda que restringe a expansão.

\* Tanzânia anunciou planos para instituir sua própria moeda.

Na Grã-Bretanha os nomes dos "Cinco Grandes" bancos são termos familiares domésticos. Esses bancos, com seus imensos recursos, são intimamente ligados aos grandes industriais para formar um grupo pequeno e especialmente poderoso, com interesses de âmbito mun- dial. Em 1951, os 147 diretores dos Cinco Grandes ban- cos mantinham entre si 1 008 cargos de diretoria, dos quais 299 em outras instituições financeiras, como ou- tros bancos, empresas de seguros e trustes de investi- mento. Muitas das maiores companhias têm diretores na administração de mais de um dos grandes bancos. "Quanto maior interligação houver, menos se poderá dizer que fulano é um financista e sicrano um indus- trial. Está emergindo um grupo de capitalistas finan- ceiros que dominam tanto a finança como a indústria.\*

Os perigos, portanto, de laços demasiadamente es- treitos com bancos estrangeiros são evidentes. No en- tanto a ampla participação de bancos estrangeiros nos bancos africanos pode se aquilatar em vista do seguinte:

*República do Congo:* O Crédit Congolais é um sub- sidiário do Barclays Bank D.C.O. através de seu filia- do em Antuérpia, o Banque de Commerce; o Banque Internationale pour le Commerce et l'Industrie du Congo é subsidiário do B.N.C.I., Paris, através do B.N.C.I. (Afrique); o Banque Commerciale Congolaise é subsidiário do Crédit Lyonnais; a Société Générale de Banques au Congo é constituída por Bayerische Vereins- bank (cinco por cento), Société Générale de Paris (51 por cento), Banco Nazionale del Lavoro, Banque de l'Union Parisienne e Bankers International Corporation (Morgan Guaranty).

*Congo (Leopoldville):* O Banque Internationale pour le Commerce é subsidiário do B.N.C.I.; a Société Congolaise de Banque é também uma subsidiária do B.N.C.I.; o Banque Belge d'Afrique (Banque de Bru- xelles e Brufina); Banque Centrale du Congo Belge et

\* *Monopoly: A Study of British Monopoly Capitalism*, de SAM AARONOVITCH, pág. 54.



du Ruanda-Urundi (Société Générale de Belgique); Banque du Congo Belge (Société Générale de Belgique e Compagnie du Congo pour le Commerce et l'Industrie); Banque Belgo-Congolaise (Société Générale de Belgique e C.C.C.I.).

*República dos Camarões:* A Société Camerounaise de Banque (Deutsche Bank — cinco por cento — e Crédit Lyonnais); o Banque Internationale pour le Commerce et l'Industrie (B.I.C.I. du Cameroun é subsidiário do B.N.C.I.); a Société Générale de Banques en Cameroun é composta do Bayerische Vereinsbank (cinco por cento), Société Générale de Paris (51 por cento), Banque de l'Union Parisienne, Banco Nazionale del Lavoro e Bankers International Corporation (Morgan Guaranty).

*Gabão:* Union Gabonaise de Banque (Deutsche Bank — dez por cento — e Crédit Lyonnais).

*Libéria:* O Bank of Monrovia é de propriedade total do First National City Bank of New York (Morgan); o Liberian Trading & Development Bank é constituído por Mediobanca (60 por cento) e Bankers International Corporation (Morgan).

*Líbia:* O Sahara Bank (Tripoli) é constituído por Bank of America International N.Y., Bank of America, California, Banco de Sicília, Palermo (associado ao Bank of America).

*África Central:* A Union Bancaire en Afrique Centrale é de propriedade da Société Générale de Paris e Crédit Lyonnais.

*Nigéria:* Barclays Bank D.C.O.; Bank of West Africa; Philip Hill (Nigéria) Ltd. é constituído por Philip Hill (40 por cento) Banca Commerciale Italiana (30 por cento) e Crédit Lyonnais (30 por cento); o United Bank for Africa (B.N.C.I., Rotterdamsche Bank, Banco Nazionale del Lavoro e Bankers Trust Corporation — Morgan); Nigerian Industrial Development Bank (Chase International Corporation, Bank of America, Northwest International Bank, Irving International Finance Corporation, Bank of Tokyo, Instituto Mobiliare Italiano e Commerzbank adquiriram, em conjunto, ações

no valor de 480 mil libras); a Société Financière pour les Pays d'Outremer é constituída por International Finance Corporation (490 mil libras), Bank of Nigeria (490 mil libras), investidores particulares nigerianos (20 mil libras) e a Investment Company of Nigeria (meio milhão de libras). Um empréstimo do Governo eleva o total dos fundos a quatro e meio milhões de libras.

*Ruanda Burundi:* O Banque de Ruanda Urundi é subsidiário do B.N.C.I.

*Sudão:* O Nilein Bank (Banque des Deux Niles) é subsidiário do Crédit Lyonnais.

*Costa do Marfim:* A Société Générale de Banques en Côte d'Ivoire é constituída por Bayerische Vereinsbank, Société Générale de Paris, Banque de l'Union Parisienne, Banco Nazionale del Lavoro e Bankers International Corporation (Morgan Guaranty); o Banque Ivoirienne de Crédit é subsidiário do Crédit Lyonnais; B.I.C.I. du Côte d'Ivoire é subsidiário do B.N.C.I. e a Société Ivoirienne de Banque é constituída por Deutsche Bank (16 por cento), Crédit Lyonnais (42 por cento), International Banking Corporation (16 por cento), Banca Commerciale Italiana (16 por cento) e o Governo da Costa do Marfim (dez por cento).

*Daomé:* A Société Dahomienne de Banque é subsidiária do Crédit Lyonnais.

*Mali:* O Banque Mallienne de Crédit et de Dépôts é subsidiário do Crédit Lyonnais.

*Marrocos:* O Banque Franco-Suisse pour le Maroc é constituído por Swiss Bank Corporation (50 por cento) e Crédit Commercial de France (50 por cento); o Banque Nationale pour le Developpement Économique é constituído por Deutsche Bank, Banco Nazionale del Lavoro e Commerzbank; a Caisse Marocaine des Marchés é em parte propriedade do Crédit Foncier de France; o Banque Foncière du Maroc é em parte propriedade do Crédit du Nord; o Banque Commerciale du Maroc é constituído por Cie. Industrielle et Commerciale (C.I.C.), Crédit Lyonnais du Maroc, Union Africaine et

Financière Maroc e a Union Européenne Industrielle et Financière.

**Chad:** O Banque Tchadienne de Crédit et de Dépôts (Governo de Tchad e Crédit Lyonnais).

**Tunisia:** Union Bancaire pour le Commerce et l'Industrie (B.N.C.I. e Banco di Roma); Banque de Tunisie (C.I.C.); Union Internationale de Banque (Société Tunisienne de Banques, Banca Commerciale Italiana, Commerzbank e Bank of America); o Banque d'Escompte et de Crédit à l'Industrie en Tunisie (B.E.I.T.) é constituído por Banque Industrielle pour l'Afrique du Nord (Banque de l'Indochine, cinco por cento), International Banking Corporation (Morgan Guaranty) e Comptoir National d'Escompte de Paris.

**Madagascar:** Banque Malgache d'Escompte et de Crédit (Governo malgaxe e Comptoir National d'Escompte de Paris).

**Africa do Sul:** Além do Barclays D.C.O., Crédit Lyonnais e outros grandes bancos britânicos e franceses, há o French Bank of South Africa (Banque de l'Indochine), First National City Bank of New York (S.A.) Ltd., Banque Commerciale Africaine (C.I.C., 12 631 ações) e o Standard Bank.

Além disso, há numerosos outros bancos funcionando por toda a África, como o British Bank of the Middle East, que opera na Tunísia, Marrocos e Líbia, e o National and Grindlays Bank, com ramificações e agências na República do Somalí. Um banco de criação recente é o Merchant Bank of Central Africa, fundado pelo grupo bancário Rothschild. O Banque Lambert tem participação, assim como o Mediobanca.

Os relatórios de importantes bancos franceses relativos ao ano financeiro de 1963/64 indicam a maneira pela qual se adaptam às novas condições dos Estados independentes sem perder parte alguma de sua antiga influência. O seguinte relatório, do Comptoir National d'Escompte de Paris, foi publicado em *Le Monde*, no dia 16 de junho de 1964:

"Firmamos de nova forma nossa orientação na

África. Abrimos em abril, como havíamos indicado no ano passado, o Banque d'Escompte et de Crédit à l'Industrie en Tunisie (BERT), que fundamos em Túnis com o Banque Industrielle de l'Afrique du Nord (BIAN) e o Morgan Guaranty International Banking Corporation; esse novo estabelecimento absorveu nossas ramificações locais e as do BIAN. Decidimos também criar, com o Governo malgaxe, o Banque Malgache d'Escompte et de Crédit (BAMES), ao qual desde então cedemos nossas agências em Madagascar, e que é presidido por uma personalidade malgaxe, administrado por uma junta comum e gerido por nosso representante. Esperamos dar a esse setor tradicional de nossa influência um novo impulso e realçar assim a posição que mantemos em Madagascar desde 1885. Na Argélia estamos conservando apenas uma agência em Argel, onde, apesar das circunstâncias, mantivemos alguma atividade."

Três dias antes, a 13 de junho, *Le Monde* continha o relatório das atividades do Crédit Lyonnais:

"Em Marrocos, durante o mês de fevereiro de 1963, com a ajuda do Banque Marocaine du Commerce Extérieur, passamos a transformar nossas agências em uma companhia, de acordo com a lei marroquina. O BMCEE adquiriu uma participação importante no capital registrado de seis milhões de *dirhams* da nova companhia, que funciona sob o título registrado de Crédit Lyonnais-Maroc.

Na Tunísia, onde nossas agências alcançaram resultados satisfatórios, as conversações encetadas com a Société Tunisienne de Banque, a Banca Commerciale Italiana, o Commerzbank A. G. e o Bank of America, finalizaram com a criação da Union Internationale de Banques, com um capital de 700 mil dinares, que assumiu, a partir do dia dois de janeiro de 1964, a operação de nossas agências.

Com a associação da República do Chad foi criado em fevereiro de 1963 o Banque Tchadienne de Crédit et de Dépôts, com um capital de cem milhões de francos CFA. Essas duas participações ajudam a completar nos-



sa representação na África Negra, onde nosso estabelecimento está agora interessado em 11 companhias bancárias."

Os franceses têm mantido estreitos laços monetários com as nações da antiga África Ocidental Francesa e África Equatorial Francesa. O Banque Centrale des États de l'Afrique de l'Ouest (BCEAO) controla as moedas da Mauritânia, Senegal, Costa do Marfim, Volta Superior, Daomé e Nigéria. A moeda emitida pelo banco é ainda chamada de franco CFA, mas agora, em lugar de "Colônias Francesas da África", as iniciais significam Comunidade Financeira Africana. Comissões monetárias foram formadas em vários Estados e há um grau limitado de representação africana no conselho administrativo.

O mesmo não se aplica ao Banque Centrale des États de l'Afrique Equatoriale et du Cameroun (BCEAC) que se ocupa do Congo (Brazzaville), Gabão, República da África Central, Chad e Camarões. As comissões monetárias nacionais têm os mesmos poderes que as que existiam na antiga África Ocidental Francesa, mas os administradores do banco central as dominam e o conselho administrativo é composto de franceses.

Como ressaltou um grupo de pesquisas do Departamento Econômico da Universidade de Gana, "o aspecto mais significativo nesses blocos monetários é o de que as reservas de divisas estrangeiras das nações da zona do franco ainda são acumuladas na própria França. Podem ser calculadas individualmente para cada membro, mas não podem ser sacadas além de uma certa margem de crédito governada, em cada caso, por um acordo bilateral com o Governo francês. A política monetária local, o controle cambial e a política fiscal... precisam funcionar dentro do esquema dessa distribuição central feita pelos franceses".

Determinadas colônias antigas da França, como Tunísia, Marrocos, Argélia, Mali e Guiné criaram desde a independência seus próprios bancos centrais e moedas, mas ataram suas moedas ao franco.

A existência de zonas monetárias separadas está tendo um efeito prejudicial sobre o crescimento do comércio na África. Está provocando o comércio ilegal e perdas fiscais em várias nações e dificulta a criação de um Mercado Comum Africano. Como as fronteiras políticas, antigas e artificiais, que são uma relíquia do período colonial, as várias zonas monetárias ajudam a ressaltar diferenças quando os Estados africanos independentes deviam estar todos trabalhando para o desenvolvimento econômico unificado. Perpetuam laços com antigas potências coloniais e aumentam as forças do neocolonialismo.

Um passo adiante significativo, na cooperação econômica continental, foi dado em setembro de 1964, quando foi fundado o Banco Africano de Desenvolvimento. Sua sede fica em Abidjan, na Costa do Marfim, e os membros são limitados aos Governos africanos independentes. Todos os poderes do banco estão nas mãos da Junta de Governadores, cada Governador sendo um representante de um Estado-membro. O objetivo do banco é acelerar o desenvolvimento econômico e o progresso social de seus países-membros e para conseguir isso o banco está autorizado a promover o investimento de capital público e privado na África.

Embora o investimento privado estrangeiro deva ser encorajado, precisa ser cuidadosamente regulamentado de modo a que seja orientado para importantes setores de crescimento sem deixar o controle desses setores em mãos estrangeiras. Aqui, mais uma vez, vemos a necessidade de planejamento unificado. Com o apoio de um governo central e um código continental para orientar o investimento estrangeiro, o Banco Africano de Desenvolvimento seria capaz de acelerar o estímulo que já está dando ao desenvolvimento econômico do continente.

## 17. Novas indústrias: os efeitos sobre nações produtoras de materiais primários

A SEGUNDA Guerra Mundial, com a escala quase global que alcançou, exigiu gênio científico e inventivo em medida sem precedentes, tudo com um único objetivo: o de destruição. A necessidade de enormes quantidades de equipamento e os serviços de suprimento que são parte inseparável do objetivo de exterminar povos e cidades, animaram — como jamais fez a paz — o apoio governamental à investigação e pesquisa de meios mais velozes e mais racionais de produção em massa. Os Estados Unidos, que se tornaram o principal arsenal e fornecedor dos seus aliados ocidentais, foram naturalmente os primeiros a adaptar sua maquinaria industrial aos novos métodos, ao fim da guerra. Desde então, as exigências de reconstrução de cidades arruinadas e a reedificação de economias abaladas aceleraram essa tendência. A política de contenção, aventuras militares como a do Vietnã, Chipre e Coréia, o armazenamento de armas para a guerra fria e a corrida na montagem de foguetes e construção de naves espaciais adicionaram a



sua parte. A automação e o uso da eletrônica se expandem rapidamente e, como nos Estados Unidos, se estabelecem onde quer que a produção em grande escala demonstre que são mais lucrativas, substituindo a mão-de-obra humana por mecanismos controlados por botões e necessitando de poucos cuidados humanos.

O tremendo salto conseqüente, no potencial de produção, criou uma crescente demanda de materiais básicos da indústria e surgiu uma série rapidamente crescente de materiais sintéticos brutos, muitos dos quais suplementando os produtos naturais e freqüentemente os substituindo. Isso está tendo conseqüências sobre os preços de mercado dos produtos primários naturais, fato ressaltado pelo presidente da diretoria da Union Minière du Haut Katanga na assembléia de acionistas de 1964. A London Metal Exchange, que ainda controla os preços mundiais dos metais, está grandemente sob a influência dos principais produtores e processadores, como a própria Union Minière, e seus associados, Rhodesian Selection Trust, Conzinc-Rio-Tinto, Amalgamated Metal Corporation, Minerals et Métaux e London Tin Corporation.

Os utilizadores do cacau, por sua vez, estão constantemente ameaçando as nações produtoras de usar substitutos sintéticos e as nações plantadoras de borracha enfrentam a utilização crescente do produto artificial. Assim como as altas cotações e flutuações dos produtores primários são influenciados pelos produtores monopolistas, a ameaça da utilização de sintéticos não é uma advertência vã, uma vez que os controladores dos produtos naturais são também os principais produtores dos materiais artificiais. Pelo mesmo motivo, os produtores de sintéticos terão o cuidado de não competir demasiado vigorosamente com os produtos naturais. Por exemplo, já se afirmou que a Dunlop custou a iniciar a produção de borracha sintética por causa dos seus grandes interesses em plantações na Malaia.

Todos os quatro gigantes da produção de borracha dos Estados Unidos, Firestone, B. F. Goodrich, Goodyear e United States Rubber, estão engajados na produção

de borracha artificial. A United States Rubber opera 90 mil acres de plantações de borracha na Malaia e Indonésia, assim como concessões no Brasil, Venezuela, Colômbia e outras nações latino-americanas. Suas fábricas de borracha sintética e produtos afins, à exceção da de Naugatuck, Connecticut, estão localizadas, como as de sua divisão têxtil, nos Estados sulistas dos Estados Unidos, onde a mão-de-obra é mais barata do que no Norte. Em 1962 houve uma "expansão significativa" nas instalações de plásticos da companhia, em conseqüência da qual a capacidade de produção do seu material, *Kvalastic*, foi aumentada. Esse material é descrito como uma "mistura resistente de plástico e borracha", para a qual utilizações cada vez mais freqüentes estão sendo encontradas em automóveis e vários outros artigos, todos originalmente fabricados em borracha.

A Goodyear, entre as primeiras 20 companhias nos Estados Unidos, tem suas próprias plantações de borracha na Indonésia, Costa Rica, Brasil e Guatemala. Opera com fábricas de borracha sintética em Houston, Texas, e Akron, Ohio. Um aumento de 30 por cento foi feito nas instalações da companhia para a pesquisa sobre borracha, plásticos e outras investigações científicas em 1961, pois a companhia se interessou, desde então, em produtos químicos e aeronáutica.

Firestone é uma palavra muito conhecida na África Ocidental, onde até o recente aparecimento das companhias extratoras de minério de ferro dominava a economia da Libéria. É ainda a "Rainha da Borracha" ali e, como outros gigantes da borracha, obtém sua matéria-prima também de seringais nas nações latino-americanas, assim como em Ceilão. Tem 58 fábricas por todo o território norte-americano, inclusive quatro de borracha sintética e uma trabalhando para o que é chamado de "defesa nacional dos Estados Unidos". Outras 53 fábricas estão espalhadas por todo o mundo, principalmente no hemisfério ocidental.

A B. F. Goodrich Company funciona da mesma maneira mas tem interesses maiores em plásticos, uma vez que é a produtora de resinas de vinyl sob a marca regis-

trada Geon e, entre uma longa lista de subsidiárias e de outros interesses, controla a British Geon, em colaboração com a Distillers Company, um combinado controlando o comércio de uísque e gim na Grã-Bretanha, com mais de uma centena de companhias subsidiárias empenhadas em bioquímica, álcool industrial, plásticos, ligas de magnésio para motores a jato e muitas outras operações. B. T. R. Industries, que controla entre outras companhias a British Tyre & Rubber Company, está incluída entre as filiadas de Goodrich. Os seringais operados pela Goodrich Company encontram-se na Libéria, assim como na América Latina e Malaia. Essa companhia está ligada à A. K. U. (Algemene Kunstzijde Unie) da Holanda, numa companhia que manufatura borracha sintética para fins especiais e controla os importantes fabricantes franceses de borracha, Kleber-Colombes. Como a Firestone e a United States Rubber, tem também companhias no Japão.

Essas e outras principais companhias internacionais da borracha, como a Pirelli italiana, as companhias alemãs Continental e Phoenix, as francesas Michelin e Kleber-Colombes e a britânica Dunlop, completam, mais ou menos, o pequeno círculo de trustes que dominam a produção mundial de borracha. Estão, todas elas, empenhadas na fabricação de borracha artificial e de outros produtos sintéticos. A furiosa campanha de publicidade que se desenvolve em todos os países do mundo para impor seus produtos individuais não permite dúvidas quanto à competição acirrada pelos mercados e todas elas têm fábricas assim como uma multidão de agentes e representantes espalhada por todo o globo.

Essa breve revista dos monopólios da borracha ilustra suas inter-relações e seu domínio tanto da borracha sintética como da natural, em todo o mundo. Isso se torna cada vez mais evidente à medida que nos aprofundamos nas operações dos monopólios industriais com que eles mantêm as nações em desenvolvimento em posição de absoluta desvantagem.

Como fornecedores dos novos produtos básicos tanto para novas como para antigas indústrias em escala

continuamente crescente, as nações altamente industrializadas são os grandes investidores e concessionários dos materiais iniciais, obtidos primariamente de fontes largamente subindustrializadas. Entre estas, incluímos a Austrália e o Canadá, mais avançados que são, para todos os fins práticos, colônias financeiras do capital ocidental dominado pelos Estados Unidos.

Por causa dos custos de capital extremamente altos necessários para descobrir e aperfeiçoar novos produtos e suas utilizações e construir usinas e fábricas para sua manufatura e processamento, a produção desses materiais sintéticos tornou-se monopólio de umas poucas organizações internacionais gigantescas como a Imperial Chemical Industries (ICI), Dupont de Nemours, Union Carbide, Courtaulds, Snia Viscosa, Montecatini, AKU, Unilever, o grupo tripartite da antiga I. G. Farben — Bayer, Hoechst e BASF — Dow Chemical, Texas Gulf Sulphur, Lonza e Seichime. O importante rebento do complexo Mitsui, Toyo Rayon Company, liga-se aos maiores gigantes norte-americanos e europeus, Du Pont, ICI e Montecatini, por acordos de patentes, tendo a Du Pont adquirido um interesse direto na companhia durante a ocupação norte-americana do Japão imediatamente após a guerra. Esses gigantes unem as forças em determinados pontos focais, na luta por domínio. Desenvolvem permanentemente uma feroz competição para assegurar os mercados monopolísticos e suprimentos de material de fontes originais, não apenas para sua produção de sintéticos como para as indústrias metalúrgica, eletrônica e nuclear que se tornaram parte integrante de sua expansão no pós-guerra. Não é de surpreender, portanto, que mesmo um relance superficial aos seus interesses revele a participação na exploração de materiais primários africanos, embora suas manobras financeiras possam parecer superficialmente estar muito longe desses empreendimentos.

Quando a fusão de Courtauld com a ICI foi debatida em 1961, teve "repercussões de âmbito mundial", o que não é de surpreender quando suas próprias ra-



mificações são recordadas e se reconhece a influência da ICI nos mercados industrial e comercial do mundo. Representando mais de 30 por cento da indústria química britânica, a ICI obtém 88 por cento dos seus rendimentos no exterior, em cerca de 50 países. Seu capital emitido é várias vezes maior do que os orçamentos da maioria dos Estados africanos, elevando-se, no final de 1962, a 303 393 910 libras, maior ainda do que o orçamento da África do Sul, a nação mais industrializada do continente. Com químicos, corantes, tintas, produtos farmacêuticos, fibras, plásticos, produtos químicos orgânicos pesados, explosivos e fertilizantes, essa vasta organização criou uma nova companhia *holding* em 1962, a Imperial Metal Industries Ltd., a fim de alcançar — segundo a literatura distribuída pela companhia — maior concentração de esforço sobre um aspecto dos negócios da companhia que é materialmente diferente de suas atividades principais de fabricação de produtos químicos: seus interesses em metais não-ferrosos diversos do alumínio. Neste último campo, a ICI está ligada, em bases de igualdade, na Imperial Aluminium, à ALCOA (Aluminium Company of America), o império dos interesses de Mellon.

A Imperial Metal Industries tem um interesse na Extended Surface Tube Company. O mesmo sucede a Stewarts & Lloyds, uma companhia de 60 milhões de libras fabricando desde barras de ferro simples e fundidas até tubos de todas as variedades. Através de subsidiárias, companhias associadas e agentes por todo o mundo, Stewarts & Lloyds tem uma parte de todos os mercados internacionais. Entre estas estão um interesse de 70 por cento na Stewarts & Lloyds of South Africa Ltd., que controla seis companhias operando na África do Sudoeste, Rodésia e a própria África do Sul; e uma participação acionária de 13 por cento no importante projeto de conversão de aço em Zâmbia, a Rhodesian Iron & Steel Company, subsidiária da Rhodesian Anglo-American Ltd., que é controlada pela Anglo-American of South Africa. A Stewarts & Lloyds enfrenta a competição do monopólio norte-americano na África do Sul,

onde sua subsidiária estava há alguns meses negociando com grupos dos Estados Unidos e ditos brasileiros para a criação de uma fábrica ao lado da que existe em Vereeniging, perto de Joanesburgo. Os norte-americanos e seus vassalos brasileiros estavam tentando levar a melhor através da imposição de uma cláusula que reduziria a participação de Stewarts & Lloyds de 51 por cento para 25, no caso de a indústria britânica do aço ser nacionalizada ou, na opinião dos dois sócios de fora, de ser provável que venha a ser nacionalizada.

A ICI está ajudando o Governo sul-africano a fortalecer suas indústrias de produtos químicos e armamentos através da ICI (South Africa) Ltd. e da African Explosives & Chemical Industries, nas quais se associa a De Beers. A African Explosives fornecerá, do seu complexo em construção em Sasolburg, muitos dos materiais para alimentar de polímeros a fábrica de fios de nylon que está sendo erguida pela British Nylon Spinners, ao custo de três milhões de libras, no terreno adquirido por ela em 1963 em Belville, perto da Cidade do Cabo. A subsidiária rodesiana da African Explosives está por trás da planejada fábrica de fertilizantes, de dois milhões de libras, a ser construída em Livingstone, Zâmbia, com o apoio do Governo, em conexão com a qual a companhia está construindo outra fábrica em Dorowa, Rodésia, para a exploração de jazidas de fosfato.

O uso de combustível, energia e minerais comuns aumentou fenomenalmente desde a guerra e as nações capitalistas ocidentais, como também o Japão, recorreram às não-industrializadas para as quantidades rapidamente crescentes. Antes da guerra, as nações industrializadas dependiam em grande parte de suas próprias reservas de minérios de ferro ou das de outras fontes ocidentais. Hoje as gigantescas corporações de ferro e de aço da Europa, América do Norte e Japão, além de seus investimentos no Canadá e Austrália, estão se voltando cada vez mais, em busca de seus materiais básicos,

para a África, onde a mão-de-obra barata, as concessões fiscais e o apoio do Governo abriram novos caminhos de maiores lucros para enormes fontes inexploradas. M. D. Banghart, vice-presidente da Newmont Mining, importante companhia *holding* em mineração e petróleo cru, disse que essas firmas norte-americanas poderiam obter maiores lucros na África do que de quaisquer investimentos comparáveis nos Estados Unidos. O Sr. Banghart deve conhecer intimamente o assunto, uma vez que a Newmont Mining participa de consórcios operando os maiores empreendimentos de exploração no Norte e no Sul da África, como a O'Okiep Copper Co., a Tsumeb Corporation, Palabora Mining, Société N. A. du Plomb e Société des Mines de Zellidja. Tem uma participação de 12,1 por cento na Cyprus Mines, o que lhe dá um interesse local na manutenção de Chipre para a causa da OTAN. O fato de os mineiros norte-americanos ganharem, em média, 2,70 dólares por hora em comparação à média de menos de dez centavos paga aos mineiros africanos na África do Sul torna evidente a maneira pela qual são obtidos êsses superlucros. Não admira que o investimento original da Newmont em Tsumeb tenha multiplicado 20 vezes o seu valor, no espaço de três anos.

As nações africanas têm a necessidade de transformar economias de subsistência em organismos que criem condições viáveis e melhores de vida para suas populações. No entanto, muitos governos africanos, em lugar de se juntarem em uma ação unida que estimulasse a máxima acumulação de capital e a construção de uma sólida economia global africana, estão dando concessões para a exploração de recursos minerais, agrícolas e de silvicultura cujo objetivo é a retirada de recursos da produção para sustentar e ampliar as indústrias e economias das nações imperialistas. Nenhum dos sindicatos investidores tem qualquer intenção de fundar em qualquer dessas nações um complexo industrial integrado que dê impulso a um genuíno crescimento econômico. Nem é provável que os rendimentos obtidos com a exportação de produtos primários da mineração, agri-

cultura e silvicultura constituam, em volume de alguma importância, o esperado capital para investir na fundação industrial.

Os rendimentos das nações produtoras obtidos da exportação dos produtos primários são mínimos em comparação aos lucros obtidos pelos concessionários monopolistas, que são ao mesmo tempo vendedores e processadores. Um bom exemplo a tomar em relação a isso é a Union Minière. Em Catanga, a Union opera em 34 mil quilômetros quadrados de concessões, nos quais explora três minas de cobre, uma de cobre e zinco, cinco minas de cobre e cobalto, uma de ferro e uma jazida de potassa. Todas elas são ligadas por rodovias ou ferrovias pertencentes à companhia. Os concentrados de cobre, cobalto e zinco, em seu estágio inicial, são processados em seis usinas. A companhia possui quatro usinas geradoras de energia que alimentam a fundição em Lubumbashi e as usinas eletrolíticas em Jadotville-Shituru e Kolwezi-Luilu para a refinação do cobre e do cobalto, dos quais produziu 295 236 toneladas e 9 683 toneladas, respectivamente, no ano de 1962. A maior parte do cobre e do cobalto, no entanto, vai sob a forma de concentrado para a refinaria eletrolítica de sua associada, Sté. Générale Métallurgique de Hoboken, Bruxelas, que também trata os resíduos de rádio e metais de urânio de Catanga, assim como refina o germânio que também vem da produção da Union Minière. O zinco é exportado de Catanga sob a forma de concentrado bruto.

A produção de Catanga é remetida através do Congo pela Cie. des Chemins de Fer Katanga-Dilolo-Leopoldville, e embarcada para o ultramar pela Cie. Maritime Congolaise. O seguro é feito pela Congolaise d'Assurances ou Société Auxiliaire de la Royale Union Coloniale Belge. O movimento bancário é realizado através da Société Belge de Banque, Banque du Congo Belge, Belgian-American Banking Corporation. O pessoal é transportado de avião pela Sabena. A Union Minière tem participação acionária em todas essas empresas, assim como em muitas outras.



É costume desses grandes monopólios — e devemos recordar que a Union Minière é o terceiro produtor mundial de cobre e o primeiro de cobalto — fixar preços de acordo com sua noção de lucro, sujeitos a certas oscilações nos mercados mundiais, que freqüentemente eles operam e provocam. A produção inferior à capacidade e a retenção de fornecimentos são táticas utilizadas com freqüência. A maioria dos produtores de cobre, nos três últimos anos, vem operando a não mais de 85 por cento de sua capacidade, mas voltam agora gradualmente a se aproximar do regime de plena produção. Após a greve em Mufulira durante 1963, a Rhodesian Selection Trust fez funcionar sua usina em regime de plena capacidade, a fim de reconstituir seu estoque, mas limitou as vendas a 85 por cento. No final de 1963 havia, segundo estimativas, cerca de 300 mil toneladas anuais de capacidade de mineração não utilizada, em todo o mundo, em consequência da limitação deliberada de produção. Os estoques acumulados fora dos Estados Unidos com a finalidade de manter os preços eram calculados em 130 a 150 mil toneladas. O preço havia sido estabilizado por volta de 234 libras esterlinas a tonelada, para 1962/3. Havendo aumentado a demanda de cobre, os estoques se esgotaram em meados de janeiro de 1964 e o preço subiu na Bolsa de Metais de Londres. Os produtores da Rodésia, no entanto, elevaram seu preço para 236 libras e pelas declarações do diretor-presidente da Union Minière parece que a Bolsa foi forçada a ceder, embora os produtores estivessem reduzindo a limitação da produção a dez por cento. Apesar da greve e da produção reduzida, as transações e lucros líquidos da Rhodesian Selection Trust foram mais elevados em 1963 do que em 1962 e consideravelmente superiores aos de 1960, quando os preços eram mais altos. O volume de transações em 1960 foi de 31 019 000 libras; em 1962, de 46 298 000 libras e em 1963 de 50 931 000 libras. Os lucros após retirados os impostos foram de 7 600 000 em 1960, 7 735 000 em 1962 e . . . . . 8 273 000 em 1963. Isso ocorreu em consequência da descarga de estoques.

Constantemente lemos sobre os altos preços que são obtidos pelo cobre, estanho, zinco, etc. O que poucos percebem é que são os preços dos artigos no mercado industrial, sob forma já processada. Os metais deixam os países de origem geralmente em sua condição primária de minérios ou concentrados e às vezes no primeiro estágio de transformação, o que resulta em rendimentos apenas simbólicos para esses países. Os rendimentos são ainda mais insignificantes quando comparados com valores que são adicionados quando o material é colocado a bordo do veículo de transporte, no ponto de saída; esse cargueiro, como já vimos no caso da Union Minière, estando relacionado direta ou indiretamente com o próprio produtor. Os numerosos outros acréscimos que se acumulam no trânsito do país produtor até os centros estrangeiros de transformação e através dos subseqüentes estágios de conversão cabem aos combinados concessionários e às organizações de transporte marítimo, transporte terrestre, bancos, seguros, manufatura e vendas, com as quais, na maioria dos casos, têm ligação. Como dramaticamente sintetiza Victor Perlo em *American Imperialism*, "países fracos, sem indústria adequada para construir navios e aviões, precisam pagar taxas aos monopólios imperialistas de transporte pelos bens que importam e exportam. Nações sem recursos financeiros adequados precisam pagar taxas aos centros de capital financeiro pelo uso de instalações bancárias e pelo seguro" (pág. 62).

As quantias que permanecem nos países produtores sob a forma de salários são tristemente fracionárias. Mais de 50 por cento da renda nacional do Congo ia regularmente para residentes europeus e firmas estrangeiras. O restante ficava para ser distribuído entre os vários setores da economia. Não é de surpreender que os 14 milhões de habitantes do território vivam na mais extrema pobreza. No Gabão, um terço da renda vai para a população não africana. Dois quintos da renda total da Libéria cabem a firmas estrangeiras (*Relatório das Nações Unidas E/CN. 14/246*, sete de janeiro de 1946). E quando as nações independentes da África tentam in-

troduzir uma certa retificação criando impostos sobre os lucros das companhias, provocam um ressentimento que ecoa em advertências medonhas da imprensa imperialista, de que sufocarão os investimentos estrangeiros se persistirem em tais usurpações sobre os direitos do capital expatriado.

"Ashanti golpeada por imposto de Gana", bradava um entretítulo num jornal da *City* de Londres datado de 28 de janeiro de 1964, apresentando em seguida cifras para demonstrar que o imposto decretado pelo Governo de Gana reduzira os lucros de 1962/63 da Ashanti Gold Fields de 1 111 162 libras para 609 142. Apesar de tudo a companhia ainda foi capaz de declarar um dividendo total de 37,5 por cento, evidentemente uma queda em relação aos 50 por cento e mais que vinham sendo mantidos durante vários anos anteriores, mas ainda assim um elevado lucro para um capital original de 250 mil libras que fora sendo multiplicado, até chegar aos atuais três milhões de libras, mediante a acumulação de reservas retiradas dos lucros passados e atuais. Que a companhia fosse capaz de pagar o dividendo, é prova de reservas bem fornidas, acumuladas durante um determinado período de operações, além das que foram incluídas no capital.

Os diamantes estão dando um rendimento suplementar às nações do Oeste da África, através de novos acordos de venda que estão tomando uma parte do lucro que ia anteriormente para CAST (Consolidated African Selection Trust) e seus chefes da De Beers. Gana tem o seu próprio mercado de diamantes e uma junta governamental de vendas que recebe a comissão que anteriormente cabia aos intermediários que agiam para De Beers. Em Serra Leoa os lucros do CAST são mais elevados, mas uma taxa de serviços paga à junta governamental "sob protesto" e custos de produção mais altos os reduzem, de certo modo. No entanto, CAST pôde declarar um dividendo final que deixou o dividendo total do ano de 1962/63 inalterado, ao nível de três xelins e cinco pence para cada ação do valor de cinco xelins

(70 por cento), das quais havia 18 198 654, emitidas e pagas, dos vinte milhões de ações autorizadas. Esse capital emitido, no valor de 4 549 663 libras e dez xelins, foi constituído em menos de 20 anos, com reservas obtidas do capital original de 250 mil libras. Além do mais, os estoques de diamantes mantidos pelo grupo ao fim do ano de operações, tinham um valor estimado em seis milhões de libras.

Outros lucros, ainda, são retirados à força da África sob a forma do custo inflacionado de produtos acabados, equipamento e serviços que ela é forçada a adquirir das fontes monopolistas que extraem as matérias-primas. Esse é o grande apêto em que se acha a África e que se agravou desde as vésperas da Primeira Guerra Mundial. Os peritos das Nações Unidas calcularam que os países dependentes tiveram que pagar de 2 ½ a três milhões de dólares mais pela importação de produtos manufaturados em 1947 do que teriam que pagar por eles se os índices de preços fossem os mesmos de 1913. Para o período de 1950 a 1961, segundo a FAO, Organização de Alimentação e Agricultura das Nações Unidas, o índice de rendimento para matérias-primas caiu de 97 para 91 (70, para cacau, café e chá), enquanto que para os produtos manufaturados se elevava de 86 para 110. Para o aço, artigo indispensável em escala crescente às nações em desenvolvimento, alcança a cifra muito mais alta de 134. Em termos de troca entre as nações produtoras de matérias-primas e as exportadoras de produtos manufaturados, houve um declínio, em dez anos, de 113 para 82, em desvantagem para as primeiras. O valor das exportações de Gana em 1962 foi o mesmo de 1961, mas o volume havia aumentado em cerca de seis por cento. O valor das importações em 1962 foi reduzido de 16 por cento, mas o volume caiu em 14 por cento, apenas. Na República do Congo (Brazzaville), enquanto em 1962 houve um aumento de 77 por cento nas exportações, em relação a 1961, e as importações baixaram em 15 por cento, o valor das exportações mal cobriu a metade do valor das importações (E/CN.14/239, Parte A, dezembro de 1963).



## 18. O mecanismo do neocolonialismo

**P**ARA sustar a interferência estrangeira nos assuntos das nações em desenvolvimento é preciso estudar, compreender, revelar e combater ativamente o neocolonialismo sob qualquer disfarce que este possa usar. Pois os métodos dos neocolonialistas são sutis e variados. Operam não apenas no campo econômico, mas também nas esferas política, religiosa, ideológica e cultural.

Frente aos povos militantes dos antigos territórios coloniais na Ásia, África, região dos Caraíbas e América Latina, o imperialismo simplesmente muda de tática. Sem qualquer escrúpulo, dispensa as bandeiras e mesmo determinados dos seus funcionários mais odiados no estrangeiro. Isso significa, segundo afirma, que está "dando" independência aos seus antigos súditos, que será seguida de "ajuda" para o desenvolvimento. Sob essas frases, no entanto, imagina meios inumeráveis para alcançar os objetivos que eram anteriormente atingidos pelo colonialismo sem reboços. É a soma dessas tentativas modernas para perpetuar o colonialismo, ao mesmo tempo que falam em "liberdade", que veio a ser conhecida como *neocolonialismo*.

Em primeiro lugar entre os neocolonialistas estão os Estados Unidos, que há muito exercem o seu poder na América Latina. A princípio tateando, voltou-se para

a Europa e depois, com mais firmeza após a Segunda Guerra Mundial, quando a maioria das nações daquele continente era sua devedora. Desde então, com perfeição metódica e comovente atenção aos detalhes, o Pentágono dedicou-se a consolidar sua ascendência, podendo-se encontrar evidências disso por todo o mundo.

Quem manda realmente, em lugares como a Grã-Bretanha, Alemanha Ocidental, Japão, Espanha, Portugal ou Itália? Se o General de Gaulle está "desertando" do controle monopolístico dos Estados Unidos, que interpretação pode ser dada às suas "experiências" no Saara, aos seus pára-quedistas no Gabão, às suas viagens ao Camboja e à América Latina?

Ocultos atrás dessas questões encontram-se os tentáculos do polvo de Wall Street. E suas ventosas e força muscular são providos por um fenômeno apelidado de "O Governo Invisível", nascido da conexão entre Wall Street, o Pentágono e vários serviços de informações. Passo a citar:

"O Governo Invisível... é um agrupamento frouxo e amorfo de indivíduos e órgãos tirados de muitas partes do governo visível. Não se limita à Agência Central de Inteligência embora a CIA seja o seu coração. Nem está confinada aos nove outros órgãos que constituem o que é conhecido como a comunidade de informações: o Conselho de Segurança Nacional, a Agência de Informações da Defesa, a Agência de Segurança Nacional, o Serviço de Informações do Exército, o Serviço de Informações e Pesquisas da Marinha, a Comissão de Energia Atômica e o Bureau Federal de Investigações."

"O Governo Invisível inclui também muitas outras unidades e agências, assim como indivíduos, que aparentam externamente ser parte normal do governo convencional. Inclui, mesmo, firmas comerciais e instituições aparentemente privadas."

"Até certo ponto que apenas principia a ser aqui-latado, esse governo secreto está orientando as vidas de 190 milhões de norte-americanos. Um cidadão bem informado poderia vir a suspeitar de que a política externa dos Estados Unidos freqüentemente opera numa di-

reção, publicamente, e secretamente em direção exatamente oposta, através do Governo Invisível."

"Esse Governo Invisível é uma instituição relativamente nova. Nasceu em consequência de dois fatores conjugados: a elevação dos Estados Unidos, após a Segunda Guerra Mundial, a uma posição de potência mundial proeminente, e o desafio a esse poder pelo comunismo soviético..."

"Em 1964, a rede de informações se desenvolvera até constituir um mecanismo maciço, oculto, empregando secretamente cerca de 200 mil pessoas e despendendo bilhões de dólares por ano."\*

Aqui, partindo da própria cidadela do neocolonialismo, está uma descrição do aparelho que dirige agora todas as outras organizações ocidentais de informação, seja pela persuasão ou pela força. Os resultados foram alcançados na Argélia, durante o complô de abril de 1961, dos generais contrários a De Gaulle; assim como na Guatemala, Irã, Iraque, Suez e na famosa intromissão de espionagem dos U-2 no espaço aéreo soviético que fez fracassar a Conferência de cúpula programada, depois na Alemanha Ocidental e nos tumultos de 1953 na Alemanha Oriental, na crise abortada em 1959 na Hungria, na Polônia em setembro de 1956, e na Coreia, Birmânia, Formosa, Laos, Camboja e Vietnã do Sul. São evidentes na crise do Congo (Leopoldville) iniciada com o assassinio de Lumumba e que continua até hoje, em acontecimentos em Cuba, Turquia, Chipre, Grécia e outros lugares, demasiadamente numerosos para serem inteiramente catalogados.

E com que objetivo ocorreram esses inumeráveis incidentes? O objetivo geral foi mencionado: obter o colonialismo de fato pregando, ao mesmo tempo, a independência.

Na frente econômica, um forte fator favorecendo os monopólios ocidentais e agindo contra o mundo em

\* *O Governo Invisível*, DAVID WISE e THOMAS B. ROSS, Ramdon House, N.Y., 1964. (Editado em português pela Civilização Brasileira S. A., em 1966. N. do T.)



desenvolvimento é o controle do mercado mundial pelo capital internacional, assim como dos preços de artigos nele comprados e vendidos. De 1951 a 1961, sem levar em consideração o petróleo, o nível geral de preços para produtos primários caiu de 33,1 por cento, enquanto os preços de produtos manufaturados subiam em três e meio por cento (entre estes últimos, os preços de maquinaria e equipamento subiram de 31,3 por cento). Nessa mesma década, isso causou uma perda às nações asiáticas, africanas e latino-americanas, usando como base os preços de 1951, de cerca de 41 milhões e 400 mil dólares. No mesmo período, enquanto crescia o volume de exportações dessas nações, os rendimentos em divisas obtidos de tais exportações decresciam.

Outra técnica do neocolonialismo é a utilização de altas taxas de juros. Dados publicados pelo Banco Mundial em 1962 mostram que 71 nações asiáticas, africanas e latino-americanas tinham dívidas externas de cerca de 27 bilhões de dólares, sobre as quais pagaram, em juros e taxas de serviços, cerca de cinco bilhões. Desde então, essas dívidas externas foram estimadas em mais de 30 bilhões de libras, nessas áreas. Em 1961, as taxas de juros de quase três quartos dos empréstimos oferecidos pelas grandes potências imperialistas atingiam a mais de cinco por cento e em alguns casos até a sete ou oito por cento, enquanto os prazos eram penosamente curtos.

Embora tivesse sido exportado capital no valor de 30 bilhões de dólares para cerca de 56 nações em desenvolvimento entre 1956 e 1962, estima-se que somente o juro e o lucro extraídos das nações devedoras sobre essa soma elevaram-se a mais de 15 bilhões de libras. Esse método de penetração pela ajuda econômica adquiriu notoriedade, recentemente, quando várias nações começaram a recusá-la. Ceilão, Indonésia e Camboja estão entre os que rejeitaram. Essa "ajuda" teve sua média anual calculada em dois bilhões e 600 milhões de dólares, entre 1951 e 1955; em 4 bilhões e sete milhões entre 1956 e 1959 e em seis bilhões entre 1960 e 1962. Mas as somas médias retiradas dessas nações por esses

doadores num ano de amostra, em 1961, são calculadas em cinco bilhões de dólares em lucros, um bilhão em juros e cinco bilhões e 800 milhões em câmbio não equivalente, num total de 11 bilhões e 800 milhões de dólares extraídos contra seis bilhões empregados. Assim a "ajuda" demonstra ser outro meio de exploração, um método moderno de exportação de capital sob um nome mais atraente.

Outra armadilha neocolonialista na frente econômica veio a ser conhecida como "ajuda multilateral" através de organizações internacionais: o Fundo Monetário Internacional, o Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento (conhecido como Banco Mundial), a Corporação Internacional de Finança e a Associação Internacional de Desenvolvimento são exemplos, todos eles, significativamente, tendo o capital norte-americano como seu maior financiador. Esses órgãos têm o hábito de forçar os candidatos a empréstimo a se submeterem a várias condições ofensivas, como o fornecimento de informações sobre suas economias, submeter sua orientação e planos a exame pelo Banco Mundial e aceitar a supervisão do uso dado aos empréstimos. E quanto ao desenvolvimento alegado, entre 1960 e meados de 1963 a Associação Internacional de Desenvolvimento prometeu um total de 500 milhões de dólares a candidatos, dos quais apenas 70 milhões chegaram realmente a ser recebidos.

Nos últimos anos, como destaca Monitor, no *The Times* de 1.º de julho de 1965, houve um aumento substancial nas atividades de ajuda técnica e econômica comunista nas nações em desenvolvimento. Durante o ano de 1964, o total de assistência oferecida foi de aproximadamente 600 milhões de libras. Isso representou quase um terço do total de ajuda comunista fornecido durante a década anterior. O Oriente Médio recebeu cerca de 40 por cento do total, a Ásia 36 por cento, a África 22 por cento, e a América Latina o restante.

O aumento de atividade da China foi responsável até certo ponto pela maior quantidade de ajuda oferecida em 1964, embora a China contribuisse apenas com

a quarta parte. A União Soviética entrou com a metade e as nações da Europa Oriental com o restante.

Embora a ajuda dos países socialistas ainda hoje seja inferior à que é oferecida pelo Ocidente, é muitas vezes mais impressionante, uma vez que é rápida e flexível e as taxas de juros nos empréstimos comunistas são apenas de cerca de dois por cento, em comparação aos cinco ou seis por cento cobrados em empréstimos das nações ocidentais.

E toda a história da "ajuda" não é contada em números, pois há condições que a dificultam: a conclusão de tratados de comércio e navegação; acordos de cooperação econômica; o direito à intromissão em finanças internas, inclusive a moeda e o câmbio, a fim de baixar as barreiras comerciais em favor dos artigos e do capital do país doador; a proteção aos juros dos investimentos privados; a determinação de como serão empregados os fundos; forçar o receptor a entrar com fundos, em contrapartida; a fornecer matérias-primas ao doador; e o uso de tais fundos — a maior parte deles, de fato — para adquirir artigos da nação doadora. Essas condições aplicam-se à indústria, comércio, agricultura, navegação e seguros, além de outras que são políticas e militares.

O chamado "comércio invisível" dá aos monopólios ocidentais ainda outro meio de penetração econômica. Mais de 90 por cento do transporte marítimo mundial é controlado pelas nações imperialistas. Controlam os preços de transporte e, de 1951 a 1961, os elevaram por cinco vezes, num aumento total de cerca de 60 por cento que ainda continua. Assim as despesas líquidas anuais com fretes da Ásia, África e América Latina elevam-se a não menos do que um total estimado de um bilhão e 600 milhões de dólares, bem superior a todos os outros pagamentos de lucros e juros. Quanto aos pagamentos de seguros, somente em 1961 representaram uma balança desfavorável, na Ásia, África e América Latina, de outros 370 milhões de dólares.

Após termos visto tudo isso, no entanto, começamos a compreender apenas os métodos básicos do neo-

colonialismo. A extensão plena de seu espírito de iniciativa está longe de ser alcançada.

No campo operário, por exemplo, o imperialismo opera através de instrumentos sindicais como os partidos social-democráticos da Europa, liderados pelo Partido Trabalhista britânico e através de instrumentos como a Confederação Internacional dos Sindicatos Livres, que agora parece estar sendo superada pelo Centro Trabalhista Africano-Americano de New York sob a orientação do chefe da AFL-CIO, George Meany, e do conhecido agente da CIA nos altos escalões sindicais, Irving Brown.

Em 1945, na euforia da vitória antifascista, a Federação Mundial dos Sindicatos havia sido formada, incluindo todo o sindicalismo mundial à exceção da Federação Americana do Trabalho (AFL), dos Estados Unidos. Em 1949, no entanto, liderados pelo Congresso dos Sindicatos (TUC) britânico, vários órgãos sindicais pró-imperialismo romperam com a Federação Mundial por causa da questão da liberação anticolonialista e formaram a Confederação Internacional de Sindicatos Livres.

Durante dez anos esta continuou sob a liderança do TUC britânico. Seu passado na África, Ásia e América Latina poderia satisfazer apenas os grandes monopólios internacionais que extraíam superlucros dessas áreas.

Em 1959, em Bruxelas, a central sindical norte-americana AFL-CIO lutou pelo controle da Junta Executiva da Confederação Internacional de Sindicatos Livres e conseguiu obtê-lo. A partir de então, uma enxurrada de máquinas de escrever, mimeógrafos, carros, suprimentos, prédios, salários e, ao que se afirma ainda, subornos diretos a líderes sindicais em várias partes do mundo em desenvolvimento rapidamente associaram a Confederação Internacional, aos olhos dos trabalhadores, à Agência Central de Informações (CIA) norte-americana. De tal modo sofreu o prestígio da organização sob seus patrões norte-americanos que em 1964 os cérebros da AFL-CIO acharam necessário criar um



nôvo órgão. Formaram a Central Sindical Africano-Americana (AALC) em New York, bem defronte à sede das Nações Unidas, do outro lado do rio.

"Como decidido campeão da independência nacional, democracia e justiça social — diz descaradamente o boletim publicado por essa Central em abril de 1965 — AFL-CIO aumentará seus esforços para ajudar a melhoria das condições econômicas dos povos africanos. Para êsse fim foram tomadas medidas para expandir a assistência aos sindicatos livres africanos através da organização da Central Sindical Africano-Americana. Essa assistência ajudará os trabalhadores africanos a desempenhar um papel vital no soerguimento econômico e democrático de seus países."

O número de março desse boletim, no entanto, denunciou a manobra: "Ao mobilizar recursos de capital para investimento em Educação de Trabalhadores, Treinamento Vocacional, Cooperativas, Clínicas de Saúde e Habitação, a Central operará com instituições privadas e públicas. Também *encorajará a cooperação entre os sindicatos e a direção das empresas para expandir o investimento de capital norte-americano nas nações africanas*". Os *itálicos* são meus. Poderia haver maior clareza?

Seguindo uma orientação previamente estabelecida pela Confederação Internacional dos Sindicatos Livres, a Central já iniciou aulas: uma para motoristas e mecânicos na Nigéria, outra para alfaiates em Quênia. Bolsas sindicais estão sendo oferecidas, a africanos que queiram estudar sindicalismo na Austria — local inesperado — ostensivamente pelos sindicatos austriacos. Em outros lugares o sindicalismo, organizado em partidos políticos dos quais um Partido Trabalhista britânico é um exemplo destacado e típico, demonstrou aptidão semelhante para encorajar "a cooperação entre os sindicatos e a administração das empresas para expandir... o investimento de capital nas nações africanas".

Mas à medida que se acentua a luta, mesmo essas medidas neocolonialistas estão demonstrando ser demasiadamente brandas. Assim, a África, Ásia e América Latina começaram a sofrer uma série de golpes de estado e tentativas de golpe, juntamente com uma seqüência de assassinios políticos que destruíram no início da carreira alguns dos melhores líderes das nações recentemente surgidas. Para assegurar o êxito desses esforços, os imperialistas fizeram uso amplo e astucioso de armas ideológicas e culturais sob a forma de intrigas, manobras e campanhas de calúnias.

Alguns desses métodos utilizados pelos neocolonialistas para se infiltrarem pela nossa defesa precisam agora ser examinados. O primeiro é a retenção, pelos colonialistas em retirada, de várias espécies de privilégios que infringem nossa soberania: o de instalar bases militares ou aquartelar tropas em antigas colônias e de fornecer "conselheiros" de um ou de outro tipo. Às vezes vários "direitos" são exigidos: concessões de terras, direitos de prospecção de minerais e/ou petróleo; o "direito" de recolher impostos, de exercer a administração, de emitir papel-moeda; à isenção de tarifas alfandegárias e/ou de impostos sobre empresas transferidas para o exterior; e acima de tudo o "direito" de fornecer "ajuda". Também são solicitados e concedidos privilégios no campo cultural; que os serviços ocidentais de informação sejam exclusivos e que os das nações socialistas sejam excluídos.

Mesmo as histórias de cinema da fabulosa Hollywood são viciadas. Basta ouvir os aplausos de uma audiência africana aos heróis de Hollywood massacrando índios peles-vermelhas ou asiáticos para compreender a eficiência dessa arma. Pois nos continentes em desenvolvimento, onde a herança colonialista deixou uma grande maioria ainda analfabeta, até a criança mais nova aprende a mensagem contida nas histórias de sangue e violência saídas da Califórnia. E juntamente com o assassinio e o *Wild West* vai uma barragem incessante de propaganda anti-socialista, na qual o sindicalista, o revolucionário ou o homem de pele escura recebem

geralmente o papel do vilão, enquanto o policial, o secreta, o agente federal — em suma, o espião tipo CIA — é sempre o herói. Aí está realmente o fundamento ideológico desses assassinios políticos que tão comumente usam gente do local como instrumentos.

Enquanto Hollywood se encarrega da ficção, a enorme imprensa monopolista, juntamente com o fluxo de revistas macias, hábeis e caras, cuida do que prefere chamar "notícias". Uma ou duas agências de notícias controlam, em países distintos, o fornecimento de notícias, de modo que é obtida uma uniformidade fatal, não importa qual seja o número de jornais individuais ou revistas; enquanto internacionalmente a preponderância financeira dos Estados Unidos é sentida cada vez mais através de seus correspondentes estrangeiros e agências no exterior, assim como através de sua influência sobre o jornalismo capitalista internacional. Sob esse disfarce, uma enxurrada de propaganda antilibertária emana das principais cidades do Ocidente, dirigida contra a China, Vietnã, Indonésia, Argélia, Gana e todas as nações que desbravam o próprio caminho rumo à independência. O preconceito domina. Por exemplo, onde quer que haja luta armada contra as forças da reação, os nacionalistas são chamados de rebeldes, terroristas ou freqüentemente "terroristas comunistas".

Um dos métodos mais insidiosos dos neocolonialistas é talvez o evangelismo. Em seguida ao movimento de libertação houve uma verdadeira enchente de seitas religiosas, em sua grande maioria norte-americanas. Exemplo típico são as Testemunhas de Jeová, que recentemente criaram dificuldades em algumas nações em desenvolvimento ensinando diligentemente os seus cidadãos a não saudar as bandeiras nacionais. "Religião" era uma desculpa muito fraca para abafar o protesto que se elevou contra essa atividade e houve em seguida uma calmaria temporária. Mas o número de evangelistas continua a crescer.

O evangelismo e o cinema, no entanto, são apenas dois ramos de uma árvore muito maior. Desde fins de 1961, os Estados Unidos vêm ativamente aperfeiçoando

um imenso plano ideológico para invadir o chamado Terceiro Mundo, utilizando todos os seus meios, desde a imprensa e o rádio ao Corpo da Paz.

Durante 1962 e 1963, numerosas conferências internacionais foram realizadas com esse fim em vários locais, como Nicósia em Chipre, São José da Costa Rica e Lagos, Nigéria. Entre os participantes incluíam-se o CIA, a Agência de Informações dos EUA (USIA), o Pentágono, a Agência de Desenvolvimento Internacional, o Corpo da Paz e outros. Foram estudados programas que incluíam a utilização sistemática de cidadãos norte-americanos no exterior em atividades de informação, virtualmente, e trabalho de propaganda. Métodos para recrutar agentes políticos e de forçar "alianças" com os Estados Unidos foram estudados. No centro desses programas estava a exigência de um monopólio absoluto dos Estados Unidos no campo da propaganda, assim como a de combater qualquer esforço independente de países em desenvolvimento no domínio da informação.

Os Estados Unidos procuravam e procuram ainda, com êxito considerável, coordenar à base de sua própria estratégia as atividades de propaganda de todas as nações ocidentais. Em outubro de 1961, foi realizada uma conferência das nações da OTAN, em Roma, para discutir problemas de guerra psicológica. As conclusões solicitavam a organização de operações ideológicas combinadas, nas nações afro-asiáticas, por todos os participantes.

Em maio e junho de 1962 os Estados Unidos convocaram um seminário sobre guerra ideológica em Viena. Este seminário adotou uma decisão secreta de lançar uma ofensiva de propaganda contra as nações em desenvolvimento, seguindo orientação traçada pelos Estados Unidos. Ficou aprovado que as agências de propaganda da OTAN se mantivessem, na prática, se não de público, em contato estreito com as embaixadas norte-americanas em seus respectivos países.

Entre os instrumentos dessa guerra psicológica ocidental contam-se as agências de informação de na-



ções ocidentais, lideradas pelas do "Governo Invisível" dos Estados Unidos. Mas os mais significativos dentre eles são o Rearmamento Moral, o Corpo da Paz e a Agência de Informações dos Estados Unidos (USIA).

O Rearmamento Moral é uma organização fundada em 1938 pelo norte-americano Frank Buchman. Nos últimos dias antes da Segunda Guerra Mundial, advogava o apaziguamento de Hitler, freqüentemente enaltecendo Himmler, o chefe da Gestapo. As incursões do Rearmamento na África tiveram início ao findar a Segunda Guerra Mundial. Em face da maré montante de anticolonialismo que se seguiu à vitória em 1945, o Rearmamento gastou milhões aconselhando a colaboração entre as forças que oprimiam os povos africanos e esses mesmos povos. Não é pouco significativo que Moise Tshombe e Joseph Kasavubu, do Congo (Leopoldville), fôssem ambos defensores do Rearmamento. George Seldes, em seu livro *One Thousand Americans* (Mil Norte-Americanos) caracterizou o Rearmamento como uma organização fascista "subvencionada por... fascistas e com uma longa história de colaboração com fascistas em todo o mundo..." Essa descrição é apoiada pela participação ativa de gente como o General Carpentier, antigo comandante das forças de terra da OTAN, e do General Ho Ying-chin, um dos mais destacados generais de Chiang Kai-shek, no Rearmamento. Para completar, vários jornais, alguns deles pertencentes ao mundo ocidental, afirmaram que o Rearmamento é na verdade subvencionado pelo CIA.

Quando a influência do Rearmamento Moral começou a cair, desejou-se ter algum novo instrumento para cobrir a arena ideológica. Este veio com a criação do Corpo de Paz norte-americano pelo Presidente John Kennedy, em 1961, entregue ao seu cunhado Sargent Shriver Junior. Shriver, um milionário que fez a fortuna em especulação de terrenos em Chicago, era também conhecido como o amigo, confidente e colaborador do antigo dirigente da Agência Central de Informação (CIA), Allen Dulles. Os dois haviam trabalhado juntos

tanto no Departamento de Serviços Estratégicos (OSS), o órgão de informação norte-americano durante a guerra, como no CIA.

O passado de Shriver torna ridículas as instruções atribuídas ao Presidente Kennedy de que Shriver devia "manter o CIA afastado do Corpo da Paz", assim como o fato de que embora o Corpo da Paz seja anunciado como uma organização de voluntários, todos os seus membros sejam cuidadosamente selecionados pelo Bureau Federal de Investigações norte-americano (FBI).

Desde sua criação em 1961, membros do Corpo da Paz têm sido desmascarados e expulsos de muitas nações africanas, asiáticas e do Oriente Médio, por atos de subversão ou preconceito. Indonésia, Tanzânia, Filipinas e mesmo nações ocidentalistas como a Turquia e o Irã queixaram-se de suas atividades.

O principal executor da guerra psicológica norte-americana, no entanto, é talvez a Agência de Informação dos E.U.A. (USIA). Mesmo para a nação mais rica do mundo, os Estados Unidos gastam generosamente uma quantidade incomum de homens, material e dinheiro nesse veículo para seus objetivos neocolonialistas.

O USIA tem um corpo de empregados de mais de 12 mil pessoas, no montante de mais de 130 milhões de dólares anuais. Possui mais de 70 corpos editoriais trabalhando em publicações no exterior. Da sua cadeia de 110 estações de rádio, 60 ficam fora dos Estados Unidos. Programas são irradiados para a África por estações norte-americanas localizadas em Marrocos, Eritreia, Libéria, Creta e Barcelona, assim como por emisoras situadas em navios ao largo do litoral africano. Somente na África, o USIA transmite cerca de 30 programas territoriais e nacionais de rádio cujo texto exalta os Estados Unidos enquanto tenta desacreditar as nações que adotam uma política externa independente.

O USIA ostenta mais de 120 sucursais em cerca de cem nações, 50 das quais somente na África. Tem 250 centros em nações estrangeiras, cada um deles associa-

do a uma biblioteca. Emprega cerca de 200 cinemas e oito mil projetores que se servem de suas quase 300 filmotecas.

Essa agência é dirigida por um corpo central que atua em nome do Presidente dos Estados Unidos, planejando e coordenando suas atividades em estreito contato com o Pentágono, o CIA e outros órgãos da Guerra Fria, inclusive os centros de informação das Forças Armadas.

Em países em desenvolvimento, o USIA procura ativamente impedir a expansão dos meios de informação nacionais, de modo a capturar para si o mercado das idéias. Inverte enormes somas na publicação e distribuição de cerca de 60 jornais e revistas na África, Ásia e América Latina.

O Governo norte-americano apóia o USIA através de pressões diretas sobre as nações em desenvolvimento. Para assegurar à sua agência o monopólio absoluto da propaganda, por exemplo, muitos acordos de cooperação econômica oferecidos pelos Estados Unidos incluem a exigência de que sejam concedidos a norte-americanos direitos preferenciais à disseminação de informações. Ao mesmo tempo, ao tentar vedar às nações novas outras fontes de informações, emprega outras pressões. Por exemplo, depois de concordar com a criação de centros de informação do USIA em seus países, tanto Togo como Congo (Leopoldville) esperavam originalmente adotar o não-alinhamento, permitindo a criação de centros de informação russos para equilibrar. Mas Washington ameaçou suspender toda a ajuda, forçando assim os dois países a renunciarem aos seus planos.

O estudo imparcial do USIA por autoridades como o Dr. R. Holt, da Universidade de Princeton, o Coronel aposentado R. Van de Velde, os ex-agentes de informações Murril Dayer, Wilson Dizard e outros, ressaltou as íntimas ligações entre a agência e a Informação dos E.U.A. Por exemplo, o Vice-Diretor Donald M. Wilson era um agente de informação política no Exército norte-americano. O Diretor-assistente para a Europa, Joseph

Phillips, era um agente de espionagem bem sucedido em várias nações da Europa Oriental.

Algumas das obrigações do USIA revelam mais claramente sua natureza de importante instrumento de informação dos imperialistas norte-americanos. Em primeiro lugar, deve analisar a situação em cada país, fazendo recomendações à Embaixada norte-americana, e portanto ao Governo, sobre modificações que possam alterar o equilíbrio local em favor dos Estados Unidos. Em segundo lugar, organiza redes de monitores para radioemissões e conversas telefônicas, ao mesmo tempo que recruta informantes nas repartições governamentais. Contrata pessoas, também, para distribuir propaganda norte-americana. Em terceiro lugar, coleta informações secretas, especialmente relativas a defesa e economia, como um meio de eliminar seus competidores internacionais militares e econômicos. Em quarto lugar, penetra financeiramente em publicações locais a fim de influenciar sua orientação, e disso a América Latina fornece numerosos exemplos. Tem-se mostrado ativo no suborno de personalidades públicas, por exemplo no Quênia e na Tunísia. Finalmente, financia, dirige e freqüentemente supre de armamentos todas as forças antineutralistas nas nações em desenvolvimento, como demonstram Tshombe no Congo (Leopoldville) e Pak Hung Ji na Coreia do Sul. Numa palavra, com meios financeiros virtualmente ilimitados, não parece haver fronteiras à sua capacidade inventiva em matéria de subversão.

Um dos mais recentes desenvolvimentos na estratégia neocolonialista é a sugestão da criação de um Corpo de Homens de Negócios que atuará, como o Corpo da Paz, nas nações em desenvolvimento. Num artigo sobre "A espionagem norte-americana e os monopólios", publicado em *International Affairs* (Moscou, janeiro de 1965), V. Chernyavsky afirma: "Dificilmente pode haver qualquer dúvida de que esse Corpo é uma nova organização de informações dos Estados Unidos criada por iniciativa dos monopólios norte-americanos a fim de utilizar o *Big Business* para espionagem".



Não é absolutamente fora do comum que a Informação dos E.U.A. crie suas próprias firmas de negócios que são meramente centros de espionagem mal disfarçados. Por exemplo, segundo Chernyavsky, o CIA criou uma firma em Formosa conhecida como Western Enterprises Inc. Por trás dessa fachada, envia espões e sabotadores ao sul da China. A New Asia Trading Company, uma firma do CIA na Índia, tem também ajudado a camuflar agentes de informações norte-americanos operando no Sudeste da Ásia.

Eis assim o catálogo das atividades e métodos do neocolonialismo em nossos dias. Ao lê-lo, os tímidos poderiam achar que devem desistir, desanimados ante tamanho aparelhamento de força aparente e recursos que dão a aparência de serem inexauríveis.

Felizmente, no entanto, a história fornece inúmeras provas de uma das suas leis mais importantes: de que o futuro em germinação é *sempre* mais forte do que o passado que vai murchando. Isso tem sido amplamente demonstrado em todas as revoluções importantes, através da história.

A Revolução Norte-Americana de 1776 alcançou a vitória lutando através de um emaranhado de ineficiência, má administração, corrupção, subversão direta e contra-revolução que se tem repetido, em certo grau, em todas as revoluções subsequentes até hoje.

A Revolução Russa, durante o período de Intervenção, de 1917 a 1922, parecia condenada. A Revolução Chinesa, em determinado momento, foi forçada a abandonar as bases existentes, de maneira total e absoluta, e realizar a Grande Marcha sem precedentes; e no entanto triunfou. Os mercenários brancos imperialistas que com tanta confiança caíam dos céus sobre Stanleyville depois de uma viagem aérea iniciada na Ilha de Ascensão, pensavam que sua tarefa seria "uma sopa". No entanto, até hoje as forças nacionalistas do Congo (Leopoldville) continuam o seu caminho de luta. Não falam em *se* vencerem, mas apenas em *quando* vencerem.

A Ásia fornece mais um exemplo da força da decisão de um povo em determinar o próprio futuro. No Vietnã do Sul, a "guerra especial" está sendo travada para conter a maré de mudança revolucionária. A "guerra especial" é um conceito do General Maxwell Taylor e uma extensão militar do credo de John Foster Dulles: que asiáticos combatam asiáticos. Em resumo, a técnica manda que a potência estrangeira forneça dinheiro, aviões, equipamento militar de todos os tipos e o comando estratégico e tático, desde um Quartel-General até os oficiais "assessôres", enquanto as tropas do governo títere suportam o embate da luta. E no entanto, apesar dos bombardeios e da imensa concentração de força estrangeira na área, o povo tanto do Vietnã do Norte como do Sul está se revelando inconquistável.

Em outras partes da Ásia, Camboja, Laos, Indonésia e agora as Filipinas, Tailândia e Birmânia, os povos das nações ex-coloniais se mantiveram firmes e estão vencendo batalhas contra o inimigo imperialista supostamente superior. Na América Latina, apesar das expedições punitivas "finais", as crescentes insurreições armadas na Colômbia, Venezuela e outras nações continuam a consolidar terreno ganho.

Na África, nós, de Gana, temos resistido aos esforços do imperialismo e seus agentes; Tanzânia esmagou complôs subversivos no nascedouro, assim como Brazzaville, Uganda e Quênia. A luta se desenvolve, avançando e recuando. As forças populares emergentes poderão ser ainda embaraçadas pela herança colonialista, mas mesmo assim avançam inexoravelmente.

Todos esses exemplos comprovam, fora de dúvida, que o neocolonialismo *não* é um indício de força do imperialismo, mas seu último e repugnante estertor. Demonstra sua incapacidade de dominar por mais tempo utilizando os métodos antigos. A independência é um luxo que ele não pode mais admitir nos povos sujeitados, de modo que mesmo o que ele afirma ter "concedido", procura agora tomar.

Isso quer dizer que o neocolonialismo *pode ser* e *será* derrotado. Como pode ser feito isso?

Até agora todos os métodos do neocolonialismo se orientaram numa direção, a antiga e comprovada orientação de todas as classes dirigentes através da história — *dividir e dominar*.

Como é óbvio, portanto, a *unidade* é o primeiro requisito para destruir o neocolonialismo. A necessidade de um governo de união geral, neste muito dividido continente africano, é básica e fundamental. Juntamente com isso, o fortalecimento da Organização de Solidariedade Afro-Asiática e do espírito de Bandung já se faz. Para isso, precisamos buscar a adesão, em base cada vez mais formal, dos nossos irmãos latino-americanos.

Além disso, todas essas forças liberadoras têm, em todas as questões de importância e em qualquer instância possível, o apoio do crescente setor socialista do mundo.

Finalmente, precisamos encorajar e utilizar plenamente esses ainda muito poucos mas crescentes exemplos de apoio à libertação e ao anticolonialismo dentro do próprio mundo imperialista.

Para executar tal programa político, precisamos todos apoiá-lo com planos nacionais com o objetivo de nos fortalecermos como nações independentes. Uma condição externa para esse desenvolvimento independente é a neutralidade ou *não alinhamento político*. Isso foi afirmado em duas conferências das *Nações Não Comprometidas* realizadas recentemente, a última das quais, reunida no Cairo em 1964, se mostrou clara e inevitavelmente de comum acordo com as forças emergentes de libertação e dignidade humana.

E a condição prévia para tudo isso, a que frequentemente se dedicam palavras exaltadas mas raramente ação, é promover o esclarecimento ideológico entre as massas antiimperialistas, anticolonialistas, pró-libertação de nossos continentes. Elas e somente elas podem sustentar ou interromper revoluções.

Com a maior rapidez, o neocolonialismo precisa ser analisado em termos simples e claros para o pleno entendimento da massa, pelas organizações nascentes dos

povos africanos. A Federação dos Sindicatos de Toda a África (AATUF) já iniciou um movimento nesse sentido, enquanto o Movimento da Juventude Pan-Africano, as mulheres, jornalistas, fazendeiros e outros não estão muito atrás. Apoiadas em clareza ideológica, essas organizações, estreitamente ligadas aos partidos governantes onde as forças de libertação estão no poder, comprovarão que o neocolonialismo é o sintoma da fraqueza do imperialismo e que pode ser derrotado. Pois no final das contas é o chamado homem comum, com as costas curvadas, explorado, mal nutrido, o ensanguentado lutador pela independência que decide. E ele invariavelmente decide a favor da liberdade.



## Conclusão

NA INTRODUÇÃO procurei apresentar o dilema que o mundo enfrenta atualmente. O conflito entre ricos e pobres na segunda metade do século dezenove e na primeira metade do século vinte, após o combate entre ricos e pobres nas nações desenvolvidas do mundo, terminou em transigência. O capitalismo é um sistema desaparecido de grandes áreas do mundo, mas onde o socialismo foi estabelecido, isso ocorreu em suas partes menos desenvolvidas e não nas mais desenvolvidas e de fato a revolta contra o capitalismo teve seus maiores êxitos nessas áreas onde o neocolonialismo inicial não fôra mais ativamente praticado. Nas nações industrialmente mais desenvolvidas, o capitalismo, longe de desaparecer, tornou-se infinitamente mais forte. Essa força só foi adquirida através do sacrifício de dois princípios que haviam inspirado o capitalismo primitivo, ou seja a subjugação das classes trabalhadoras dentro de cada nação individual e a exclusão do Estado de qualquer ingerência no controle da empresa capitalista.

Ao abandonar êsses dois princípios e substituí-los por "estados prósperos", baseados em alto nível de vida para as classes trabalhadoras e num capitalismo regulado pelo Estado no setor doméstico, as nações desen-

volvidas conseguiram exportar seu problema interno e transferir o conflito entre ricos e pobres do palco nacional para o internacional.

Marx havia sustentado que o desenvolvimento do capitalismo produziria uma crise dentro de cada Estado capitalista, individualmente, porque em cada Estado a brecha entre os que "têm" e os que "não têm" se alargaria até o ponto em que um conflito fôsse inevitável, e que os capitalistas seriam os derrotados. A base do argumento não é invalidada pelo fato de que o conflito, que êle previu como nacional, não ocorreu em tôda parte em escala nacional, mas foi em lugar disso transferido para o palco mundial. O capitalismo mundial adiou sua crise mas isso somente ao custo de transformá-la em crise internacional. O perigo agora não é a guerra civil dentro de estados individuais, provocada por condições intoleráveis dentro desses Estados, mas a guerra internacional, provocada finalmente pela miséria da maior parte da humanidade que cada vez se torna mais pobre.

Quando a África se tornar economicamente livre e politicamente unida, os monopolistas se encontrarão face a face com sua própria classe trabalhadora, em seus próprios países, e uma nova luta surgirá, dentro da qual a liquidação e o colapso do imperialismo serão totais.

Como êste livro procurou demonstrar, da mesma maneira que a crise interna do capitalismo no mundo desenvolvido surgiu através da ação sem controle do capital nacional, uma crise maior está sendo provocada hoje por uma ação incontrolada similar do capitalismo internacional nas partes do mundo em desenvolvimento. Antes que o problema possa ser solucionado, precisará pelo menos ser compreendido. Não pode ser solucionado meramente por fingir que o neocolonialismo não existe. É preciso compreender que os métodos atualmente empregados para resolver o problema da pobreza mundial não terão provavelmente outro resultado senão o de ampliar a crise.

Falando em 1951, o então Presidente Truman, dos Estados Unidos, disse que "a única espécie de guerra que buscamos é a boa e velha luta contra os antigos inimigos do homem... pobreza, doença, fome e analfabetismo". Sentimentos de natureza semelhante foram repetidos por todos os líderes políticos do mundo desenvolvido, mas o simples fato permanece: de quaisquer guerras que possam ter sido vencidas desde 1951, nenhuma é uma guerra contra a pobreza, a doença, a fome e o analfabetismo. Por menor que fôsse o objetivo buscado por outros tipos de guerra, foram estas guerras as únicas desencadeadas. Nada se ganha em assumir que os que apresentam êsses pontos de vista são insinceros. A situação dos líderes das nações capitalistas desenvolvidas do mundo, em relação aos grandes combinados financeiros internacionais neocolonialistas é muito semelhante à que Lorde Macaulay descreve como existindo entre os diretores da Companhia das Índias Ocidentais e seu agente, Warren Hastings, que no Século Dezoito se dedicou ao saque em larga escala, na Índia. Escreveu Macaulay:

"Os diretores, é verdade, jamais ordenaram ou aplaudiram qualquer crime. Longe disso. Quem quer que examine suas cartas redigidas na época verá que há muitos sentimentos humanos e justos, muitos preceitos excelentes, em suma, um admirável código de ética política. Mas cada exortação é alterada ou anulada por uma solicitação de dinheiro... Absolutamente não acusamos ou suspeitamos de hipocrisia dos que redigiram êsses documentos. É provável que, escritos a 24 mil quilômetros do local onde suas ordens deveriam ser executadas, jamais perceberam a crassa inconsistência de que eram culpados. Mas a inconsistência se tornou imediatamente evidente ao seu representante em Calcutá."

"... Hastings viu que lhe era absolutamente necessário desprezar ou os discursos morais ou as requisições pecuniárias dos seus empregadores. Forçado a desobedecer-lhes em alguma coisa, teve que ponderar que espécie de desobediência lhe perdoariam mais pronta-



mente; e concluiu corretamente que o caminho mais seguro seria o de negligenciar os sermões e buscar as rúpias."

A necessidade atual de manter um estado próspero, isto é, um estado parasita, internamente, e ao mesmo tempo, sustentar um peso enorme e cada vez maior de despesas de armamentos, torna absolutamente essencial às nações capitalistas desenvolvidas obter o máximo retôrno em lucro das partes do complexo financeiro internacional que controlam. Por mais que o capitalismo privado seja exortado a promover o rápido desenvolvimento e o aumento do nível de vida nas áreas menos desenvolvidas do mundo, aquêles que manipulam o sistema compreendem a inconsistência entre fazer isso e produzir ao mesmo tempo os fundos necessários à manutenção do vigor bélico e do estado próspero na frente interna. Sabem que quando chegar a hora serão perdoados se deixarem de promover um aumento do nível de vida em escala mundial. Sabem que jamais serão perdoados se traírem o sistema e produzirem uma crise interna que destrua o Estado afluente ou interfira com sua preparação militar.

Os apelos ao capitalismo para promover uma cura para a divisão do mundo em ricos e pobres provavelmente não terão melhor resultado do que os apelos dos diretores da Companhia das Índias Ocidentais a Warren Hastings para que assegurasse a justiça social na Índia. Ao ter que escolher, o capitalismo, a exemplo de Hastings, tenderá para o lado da exploração.

Não há, então, um método de escapar ao inevitável conflito mundial ocasionado por uma guerra de classes internacional? Aceitar que o conflito mundial é inevitável é rejeitar qualquer crédito à coexistência ou à política de não-alinhamento como é praticada atualmente por muitas das nações que procuram escapar ao neocolonialismo. Há uma saída possível.

Para começar, pela primeira vez na história da humanidade os recursos materiais potenciais do mundo são tão grandes que não há necessidade de haver ricos e pobres. O que está faltando é apenas a organização

para manejar êsses recursos potenciais. Uma efetiva pressão mundial pode forçar êsse remanejamento, mas a pressão mundial não é exercida por apelos, embora eloqüentes, ou por argumentos, embora convincentes. Só é alcançada por atos. É necessário garantir um realinhamento mundial para que aquêles que são no momento as vítimas impotentes de um sistema sejam capazes, no futuro, de exercer uma contrapressão. Essas contrapressões não levam à guerra. Pelo contrário, é freqüentemente sua ausência que constitui uma ameaça à paz.

Um paralelo pode ser estabelecido com os métodos pelos quais o colonialismo direto foi terminado. Nenhuma potência imperial jamais concedeu a independência a uma colônia a não ser que as forças fôssem tais que não houvesse outro caminho possível e há muitos casos em que a independência só foi alcançada através de uma guerra de libertação, mas há muitos outros em que não houve tal guerra. A própria organização das forças de independência dentro da colônia foi suficiente para convencer a potência imperial de que a resistência à independência seria impossível ou que as consequências políticas e econômicas de uma guerra colonial excediam qualquer vantagem a ser obtida pela conservação da colônia.

Em capítulos anteriores dêste livro, apresentei o argumento a favor da unidade africana e expliquei como essa unidade destruiria o neocolonialismo na África. Em capítulos posteriores expliquei como é forte a situação mundial dos que lucram com o neocolonialismo. Apesar de tudo, a unidade africana é algo que está ao alcance do povo africano. As firmas estrangeiras que exploram nossos recursos de há muito compreenderam a força que pode ser obtida através da ação em escala pan-africana. Por meio de diretorias interligadas, participações acionárias mútuas e outros artifícios, grupos de companhias aparentemente diferentes formaram, de fato, um enorme monopólio capitalista. O único meio efetivo de desafiar êsse império econômico

e recuperar a posse de nossa herança é agirmos também em escala pan-africana, através de um Governo Unido.

Ninguém poderia dizer que se todos os povos da África combinaram formar a sua unidade, sua decisão poderia ser revogada pelas forças do neocolonialismo. Pelo contrário, ante a nova situação, os que praticam o neocolonialismo se adaptariam a esse novo equilíbrio de forças mundiais exatamente da mesma maneira pela qual o mundo capitalista se adaptou no passado a quaisquer outras alterações no equilíbrio de poder.

O perigo para a paz mundial surge, não da ação dos que procuram acabar com o neocolonialismo, mas da inação dos que permitem que continue. Argumentar que uma terceira guerra mundial não é inevitável é uma coisa, supor que pode ser evitada fechando os olhos ao desenvolvimento de uma situação que tem probabilidade de provocá-la é inteiramente outra.

Se a guerra mundial não deve ocorrer, precisa ser evitada por ação positiva. Essa ação positiva está dentro das possibilidades dos povos dessas áreas do mundo que atualmente sofrem sob o neocolonialismo, mas sómente se agirem imediatamente, resolutos e unidos.

#### BIBLIOGRAFIA

- Aaronovitch, Sam, *Monopoly: a study of British Monopoly Capitalism*, Lawrence & Wishart, Londres, 1955.
- African-American Labour Centre (AALC), *Bulletins*, Março e Abril, 1965.
- Chernyavsky, V., *United States Intelligence and the Monopolies*, International Affairs, Moscou, Janeiro, 1965.
- Clausewitz, *Vom Krieg*, 1832.
- Cole, Monica Mary, *South Africa*, Methuen, Londres, 1961.
- Coston, Henry, *L'Europe des Banquiers*, Coleção "Documents et Témoignages", La Librairie Française, 1963.
- Courteney, Frederic Charles, *Economic Aid to Underdeveloped Countries*, Oxford University Press, Londres, 1961.
- Department of Economics, *The Economics of African Unity*, Universidade de Gana, 1964.
- Dizard, Willson P., *The Strategy of Truth: the Story of the United States Information Service*, Public Affairs Press, 1961.
- Dutt, Rajani Palme, *British Colonial Policy and Neo-colonialist Rivalries*, International Affairs, Moscou, Abril, 1965.
- Hilferding, Rudolf, *Marx Studien*, volume 3: *Das Finanzkapital*, Viena, 1910.
- Hobson, J. A., *Imperialism*, Londres, 1902.
- Holt, Robert T., e Van de Velde, Robert, W., *Strategic Psychological Operations and American Foreign Policy*, University of Chicago Press, Chicago, 1960.
- Jeanneney, Relatório, *La Politique de Coopération avec les Pays en Voie de Développement*, 1964.
- Joye, Pierre e Lewin, Rosine, *Les Trusts au Congo*, Société Populaire d'Éditions, Brussels, 1961.
- Lênin, *Imperialism: the Highest Stage of Capitalism*, 1961.



Macaulay, Thomas Babington, *Warren Hastings*, Edinburgh Review, Outubro, 1841.

Machyo, B., *Chango, Aid and Neo-colonialism*, Africa Study Group, 1964.

Marx, *Capital*, 1887.

N'krumah Kwame, *Africa Must Unite*, Heinemann, Londres, 1963.

Park, L. C., e F. W., *The Anatomy of Big Business*, Toronto Progress Books, 1962.

Perlo, Victor, *American Imperialism*, International Publishers, New York, 1951.

Perlo, Victor, *The Empire of High Finance*, International Publishers, New York, 1957.

Organização das Nações Unidas, Comitê Africano de Comissão Econômica Permanente para Comércio, *Background Paper on the Establishment of an African Common Market*, 13 de Outubro de 1963.

Organização das Nações Unidas, *Statistical Year Book*, 1945, 1959, 1960.

Organização das Nações Unidas, *Relatório E/CN 14/239, Parte A*, Dezembro, 1963.

Organização das Nações Unidas, *Relatório E/CN 14/246, 7 de Janeiro*, 1964.

Relatório da Comissão Econômica para a África das Nações Unidas, Parte 3: *Industrial Growth in Africa*, New York, 1963.

Relatórios da Comissão Econômica para a África Industrial — Coordenação das Missões para diferentes regiões da África.

Seldes, George, *One Thousand Americans*, Boni & Gaer, New York, 1947.

Wilson, Harold, *The War on World Poverty: an Appeal to the Conscience of Mankind*, Gollancz, Londres, 1953.

Wise, David, e Ross, Thomas B., *The Invisible Government*, Random House, New York, 1964.

Referências feitas aos seguintes relatórios de companhias:

*Anglo-American Corporation*, AGM, 1962.

*Anglo-Transvaal Consolidated Investment Company*, Informe Anual, 6 de Dezembro de 1963.

*Consolidated African Gold Fields of South Africa Corporation*, AGM, 30 de Junho, 1961.

*Grangesberg*, Relatório Anual, 18 de Maio, 1962.

*Harmony Gold Mining Co. Ltd.*, AGM, Junho, 1961.

*Rand Selection Corporation Ltd.*, 71st AGM, 26 de Fevereiro, 1963.

*M. Samuel Co.*, AGM, 1963.

*Société Générale*, Relatório de 1962.

Referência *passim* aos seguintes jornais e periódicos:

*The Economist*, *Europe (France) Outremer* (Novembro, 1961), *Nouvel Observateur*, *The Financial Times*, *Fortune*, *International Affairs*, *Le Monde*, *Modern Government* (Março/Abril, 1962), *New Commonwealth*, *The Sunday Times*, *Wall Street Journal*, *West Africa*.

ESTA OBRA FOI EXECUTADA NAS OFICINAS  
DA COMPANHIA GRÁFICA LUX, RUA FREI  
CANECA, 224 — RIO DE JANEIRO, PARA  
EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.

Não temos elementos para julgar com objetividade a atuação de N'krumah como dirigente político e administrador de Gana. É possível que ele tenha cometido erros, porém é quase impossível para nós, brasileiros, avaliar com segurança a extensão de tais erros. Há, contudo, um plano em que a atividade de N'krumah pode ser desde já apreciada: o plano ideológico.

Este livro põe ao alcance do público brasileiro a expressão mais amadurecida da evolução ideológica de N'krumah. Nêlc já não encontramos as desmedidas ambições filosóficas do livro anterior do ex-Presidente de Gana: o *Conscientismo*. As generalizações teóricas demasiado abstratas deram lugar a uma análise concreta, factual, da realidade africana.

Poucos meses antes da sua deposição, N'krumah conseguiu apresentar, no presente trabalho, uma autêntica radiografia da África, um admirável quadro clínico dos males que afligem os povos africanos e lhes estorvam o desenvolvimento. Servindo-se de farto e precioso material informativo, pondo a nu as conexões dos trustes, nomeando expressamente seus representantes e suas ramificações, N'krumah nos mostra com nitidez o mecanismo do neocolonialismo e nos indica a direção em que é preciso lutar para vencê-lo.

Sua perspectiva ideológica é tão realista e suas conclusões tão justas que temos o direito de duvidar de que a carreira política de N'krumah esteja encerrada.

LEANDRO KONDER